



Os Portuguezes em Africa, Asia, America, e Occeania

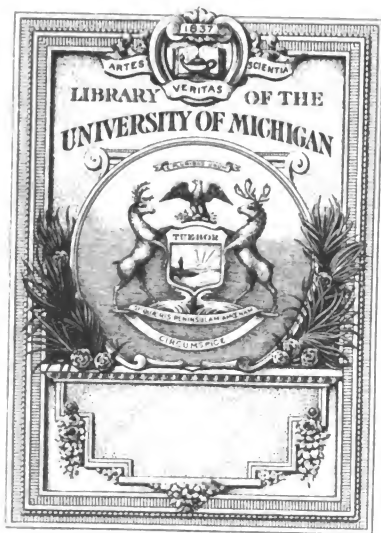
Manuel Pinheiro Chagas, José Maria
de Sousa Monteiro



Os Portuguezes em Africa, Asia, America, e Occeania

Manuel Pinheiro Chagas, José Maria
de Sousa Monteiro

C. A.



JV
4211
.P853
1849





G. B. P. in

1. 11. 23

D. FRANCISCO S. LUIZ
Cardenal Patriarcha.

OS
PORTUGUEZES

EM

AFRICA, ASIA, AMERICA, E OCCEANIA.

OBRA CLASSICA.

VOLUME I.

Segunda Edição.

LISBOA:

Typographia de Bonezi, Rua da Oliveira (ao Carmo) N.º 65.

1849.

Leite

8101

Hist. - So. Amer.

3-12-1923

3 vols.



DESCREVER os brilhantes feitos dos Portuguezes, dar testemunho ás virtudes religiosas e civicas, que de fracos mortaes fizeram heroes, é tarefa que só por um coração todo Portuguez póde ser apprehendida e acabada! E' preciso que a mão, que houver de traçar a historia d'essas idades homericas e dos homens que as illustraram, seja dirigida por um coração que palpita aos doces nomes de Christo, de Patria, de Liberdade; que seja esta trilogia divina quem inspire a sua penna, e lhe dicte a escriptura.

Quem, senão um Portuguez, póde extasiar-se diante do Infante Santo, que preferiu a morte, em martyrisado captiveiro, á deshonra de Portugal, d'essa Patria tão chara, cuja voz foi a ultima que dos labios lhe escapou de envolta com a de Jezus?

Quem, senão um Portuguez, póde bem comprehender e avaliar esses prantos que os Indios perseguidos hiam chorar diante da estatua de Affonso d'Albuquerque?

Quem, senão um Portuguez, póde achar louvores condignos a esse magistrado popular, tão inaccessible aos carinhos e promessas como aos ferros e ameaças; que sem faltar ao respeito, que a seu Rei devia, foi fiel ao que o Povo lhe incumbira; a João Mendes Cecioso, emfim!

Entre diversòs, e muitos, esses trez typos de patriotismo, de fidelidade religiosa, de amor da liberdade, se offereceram espontaneos á nossa veneração, e como outros tantos defensores de nossa these. A elles pois nos ativemos.

Portuguez somos, de Portuguez nos presamos, nestes tempos, mesmo, em que alguns que em Portugal nasceram, só para a Gallia, ou para Albion, ou ainda para Castella voltam os olhos, como quem as inclinações alli tem apprehendidas; e porque de tal ser muito nos konramos, não temos hesitado um só instante em metter hombros á empreza de narrar as principaes acções de nossos maiores, tornando popular a antiga historia Portugueza, o que será tambem como um solemne protesto a favor da nossa nacionalidade.

A Cruz, a Patria, a Liberdade nos tornaram a admiração, a inveja, a gloria da Europa, — a Religião, e o Patriotismo nos fizeram temidos e respeitados; serão por tanto esses tambem os sentimentos que guiarão a nossa penna, quando transmittirmos ao Seculo 19 a herança dos Seculos que já lá vão.

Bardos das glorias da Patria nestes tempos de

scepticismo e de desconfiança, a nossa voz ha-de ser escutada, porque já melodiosa, suave e meiga, já grave, austera e forte erguer-se-ha acima do clamor das discussões politicas, do murmurio dos cosmopolitas, e do troar dos invejosos: os tectos dourados dos palacios, o estuque das casas do habitante das cidades, assim como o còlmo da cabana das aldêas, ecchoarão os nossos cantos, e imporrão silencio a tudo o que possa privar seus moradores do gosto de ouvir o que fizeram seus antepassados por esta nobre terra.

Sabemos quanto são grandes os'deveres que contrahimos — temos a consciencia da importancia de nossa missão, e isso nos anima a esperar que não nos será difficil elevar-mo-nos á altura d'esses deveres, e que não fraquejaremos sob a importancia do mandato, porque o patriotismo nos dá a necessaria dedicação, a liberdade inspirações, e a Religião forças, para bem os desempenharmos.

A' voz da Patria acompanharemos em suas aventurosas e arriscadas viagens os Dias, os Gama, os Corte-Real, os Alvares Cabral e tantos outros nautas arrojados:

Com D. João Primeiro, o Conde de Alcoutim, e os Duques de Vizeu e de Coimbra, lidaremos em Ceuta estas batalhas tão feridas, apoz as quaes as Quinas eclipsaram o Crescente, e a Cruz foi has-teada no alto das mesquitas:

Demandaremos a China com Fernando de Andrade; com Magalhães a Terra do Fogo, as Ilhas

dos Ladrões e as Filippinas; e com Côrte Real a Terra Nova:

Seguindo Affonso de Albuquerque entraremos Gôa e Malaca, levando ao centro das hostes inimigas o terror de nossas armas, e o castigo da perfidia de seus Reis:

Defenderemos com D. João de Mascarenhas a heroica Diu; e prestando homenagem á sua valentia, lançaremos um crepe negro sobre o seu nome para chorarmos a traição que enodou seus vellos dias:

Onde quer que um esforçado Capitão Portuguez commettesse uma acção heroica,ahi nos acharemos ao seu lado para lhe cantarmos o triumpho.

A' voz da liberdade contaremos essas luctas em que o Rei e o Povo, de mãos dadas, levaram de vencida a theocracia e o feudalismo, que contra elles se alevantavam, conduzindo a escravisação dos communs, o ludibrio da realeza, a anarchia e a guerra civil, e a dominação da Thiara:


Contaremos ainda ess'outros certames em que os Reis, illudidos pelos Cortezãos e Palacianos, não duvidaram entrar contra o Povo, de que tão pres tante auxilio havião antes recebido; e como auxiliando-se da gloria e da riqueza conseguiram adormecer, sob ramagens de louros, a passada vigilancia, e pelo fulgor dos brocados e do ouro obscurecer os furos populares:

A' voz da Religião Santa, que professamos, mostraremos os adoradores do Fogo, e os de Brahma

e Vichnou, os sectários de Confúcio e os do Grão-Lama — essas Seitas, que nos seus pagodes sacrificam victimas humanas a hediondas e obscenas divindades, virem correndo aos Templos de Jezus, que os Portuguezes por toda a parte erguiam, para abjurarem seus êrros, e pedirem a regeneração e a vida eterna ás aguas do Baptismo; ou refugiassem-se tranzidas de medo nos subterraneos mais escuros e profundos para assim occultarem suas ceremonias lascivas ou sanguinolentas, que não podiam supportar o esplendor da Cruz:

Daremos relação das escripturas e costumes dos gentios da India Oriental; de seu *Parabramá*, e da trindade que em si encerra; das encarnações de *Ramá* em peixe, tartaruga, porco, homem-leão, anão, e homem; de sua morte e ressurreição; e finalmente de seu Eucupurí (purgatorio), Cumbapacá (inferno), e Amaravotí (Ceo); assim como de outras cousas que dizem respeito à sua lithurgia, e doutrina.

Narraremos tambem as formalidades do culto, a disciplina, e crenças da religião dos Abexis; daremos sufficiente noticia do seu Rei Sacerdote ou Preste-João; e falaremos sobre outras curiosidades d'este povo tão digno de ser conhecido, quer social, quer pelítica, quer religiosamente fallando.

 Eis manifesto o plano da nossa obra, que procuramos fosse o mais interessante possivel.

Interessante para o homem religioso que nella encontrará uteis ensinos, e curiosas novidades,

mesmo na discripção d'essas seitas politheistas que ainda sujeitam ao dominio de Satanaz tantos milhares de almas, que poderiam ser conquistadas para o Ceo, se os dominadores actuaes d'aquelles paizes não tivessem substituido o arcabuz ao Evangelho; e se a propaganda Italiana com seus escandalos e intrigas não tivesse conseguido expellir os missionarios portuguezes do meio d'estes infelizes;

Interessante para o patriota, que assim verá compendiadas as acções heroicas pelas quaes não só conquistamos, conservamos e defendemos a nossa independencia, mas egualmente conseguimos dominar sobre os dous hemispherios;

Para o politico, que pela comparação dos Portuguezes de então e os de agora, mais forte se lhe apresentará a influencia das Leis sobre os costumes — e assim com maior efficacia procurará os meios de reformar e melhorar estes pela reforma e melhoramento d'aquellas;

Para o homem dos salões e da boa sociedade, cujo espirito se lhe deleitará pela contemplação dos brilhantes quadros da nossa historia, que deixam obscurecidas essas peripecias ingenhosamente inventadas para os romances modernos; que condemnam esses lances de um heroismo satanico com que a litteratura actual confrange o coração, em vez de suavemente o dilatar, com que tortura febrilmente o espirito, em vez de o enriquecer e alegrar;

Para o homem sabio, que nesla leitura deparará com o util e o agradável, travados ambos em doce ligação, e ajudando-se mutuamente;

Para a mocidade . que na leitura d'esta obra encontrará bellos exemplos que seguir, nobres acções que imitar ; pois que a sua alma ainda noviça, isenta ainda das paixões que na idade adulta lhe empannam a louçania, saberá comprehender tão bem os feitos , como tomar para modello os que os acabaram.

Esta Obra, enriquecida com os retratos dos Heróes , que elevaram a Patria Lusitana á maior veneração e que tão respeitavel fizeram o nome Portuguez, constará do seguinte :

PRIMEIRA PARTE.

Judice Chronologico das Navegações, Viagens, Descobrimientos, e Conquistas dos Portuguezes nos Paizes Ultramarinos desde o principio do Seculo XV. até 1811 — enriquecido com a exacta discripção das forças navaes de Portugal pela qual se mostra o grande poder maritimo d'este Reino em diversas épocas.

SEGUNDA PARTE.

Resumo Historico das Descobertas e Conquistas dos Portuguezes n'Africa, Asia, América, e Oceania, accompanhada de noções sobre os usos, religião, costumes, e legislação dos povos indigenas; e de diversos apontamentos historicos do nosso distincto litterato o Ex.^{mo} Visconde de Santarem, e outros sabios antigos e modernos.

VOL. I.

2

TERCEIRA PARTE.

Diccionario Geographico das Cidades, Villas, Aldeas, Praças, e Presidios, que Portugal actualmente possui em Africa, Asia, e Occeania; importancia d'estas possessões, sua população, riqueza, e commercio.



Ex.^{mo} e Revd.^{mo} Sr.



e contemplarmos a nossa Patria desde as suas origens politicas e litterarias, e atravessarimos por essa mansão dos seculos, que lá nos ficão já andados, folgaremos de vêr, se tivermos portuguez o coração, que ella dera nesses tempos, embora lhe chamem rudes, á Europa e ao mundo inteiro lições cheias de saber, de valor, de honra, e de patriotismo. No seu berço creou animos, creou coração; e posto que min-goada em forças, não receou entrar em profiosas lides com seus pelejadores, sempre temidos em numero, atrevidos no poder.

O estandarte lusitano arvorado nos peitos diamantinos dos extremados companheiros d'armas do grande Viriato, lá ameaça Roma de o fazer tremular sobre os seus muros, e de vêr as legiões do aurifero Tejo, conduzidas por um segundo Annibal, pisar as margens do vetusto e veneravel Tibre. Cobiçados thesouros, primazias d'um bonissimo solo lá fazem brotar desejos de conquista n'outros povos: á porfia se desenrolão essas massas colossaes, apresentando uma continuada arêna de sanguinolentas lides. Mas todos os seus dominadores bem caro tiverão de comprar usurpados direitos:

*

por certo quando a justiça da causa é a mesma, o valor não tem differença; recuperar a liberdade usurpada ou morrer por ella, eis a estrella polar, que dirigiu sempre os Portuguezes, e que nelles fez animar as esperanças da victoria; é por isso que o nosso Homero, immortalisando com apollinêa lyra seus dignos feitos, brada em altisono canto

..... não é das forças lusitanas
Temer poder maior por mais pequeno,

Quem firmou de Portugal a independencia, dirigindo os bellicos esforços de doze mil Portuguezes na campina Euriquea contra os cerrados esquadrões e forças innumeradas dos filhos d'Agar, factó espantoso, que, dando logar á fundação da monarchia collocou Portugal na lista das nações? Portugal não adquire egualmente singulares titulos na gloria das armas ganhados nas famosas acções dadas nos campos de Aljubarrota, e de Montes-Claros, escalamentos da soberba Ceuta, d'Arzila, dos muros e baluartes d'Ormuz, de Diu, de Malaca? Todas as gerações no tributo do seu mudo assombro, e da sua admiração silenciosa com justiça pagão aos nossos avoengos hem cabido premio pelas suas façanhas, e gentilezas d'armas,

Na verdade a patria dos Viriatos, e dos Affonsos sobra em filhos, que sempre a ennobreceram por serviços inimitaveis e illustres feitos: esses monumentos de gloria assás os proclamão, erigidos nos diversos angulos do globo, que illustrados brilham pelas armas portuguezas, não deixando jamais a mão dos seculos vindouros de gravar com delicado cinzel os seus triumphos, que um só momento contemplados, já exceedem as forças d'exultador prazer. Ah!

Possão tão felices recordações reanimar na geração presente esse patriotismo o mais ardente, virtude civica, tão solida, e a unica, que sempre trouxe ás nações, onde predomina, a sua grandeza e estabilidade. — Poderião acaso raiar dias tão brilhantes em nosso horisonte politico, e verem-se dos seculos respeitadas essas padrões eternos, que altamente denunciação o nosso Portugal como uma Nação amiga das letras, da independencia, e da victoria, se não alimentasse em seu seio genios verdadeiramente imitadores das virtudes dos Regulos, e dos Aristides, e do merito litterario dos Livios, dos Sallustios, dos Polybios, e dos Virgilio?

Bellos com razão dizemos serem os monumentos, que apresenta em diversas epochas o estado das letras portuguezas a par da gloria das armas. Um esclarecido Infante D. Henrique já recommendavel por seus militares feitos, toma debaixo de seus auspicios a arte nautica, explanando assim o passo para as victorias das armas portuguezas; genio brilhante e talhado para grandes empresas, e que fez florescer outros debaixo da sua influencia, talvez superiores nos conhecimentos d'astronomia e geographia aos dos povos contemporaneos; genio raro, que, attrahindo a veneração dos sabios, mereceu na restauração da liberdade o tributo indelevel da nossa gratidão, erigindo-se-lhe em Sagres um padrao perpetuo á sua memoria. — Um Pedro Nunes adquire nome immortal, abrindo com a descoberta de novos instrumentos, e aperfeiçoamento de outros, um vasto campo ás sciencias mathematicas, e á importante arte da navegação: é bem conhecida a elegantissima divisão ou graduação do astrolabio, simplificação assás obvia, e da qual ainda se usas alidades de todos os instrumentos astronomicos, que ser-

vem para medir distancias angulares, divisão, que ficou conservando para honra do seu auctor a denominação de *No-nius*, do appellido do nosso geometra. — Um Barros com brilhante pluma illustra a litteratura nacional. — Um Couto lá consagra seus dias á gloria das letras, e tambem á nação vota um braço valoroso, servindo longo espaço na militar carreira. — Bernardes, o primeiro dos bolicos portuguezes, que embocou com feliz successo a tuba campeзина, se com elegantes poemas se faz mimoso das muzas e valido d'Apollo, não se distingue menos na pratica de guerreiras virtudes; regressando á patria do cargo de secretario d'embaixada em Hespanha, levado do seu genio cavalheiresco, deixa o seu decantado Lima pelas costas arenosas d'Africa adusta, e alli sopêsa a lança e com denodo na celebre batalha de Alcaçar-Kebir. Certamente não foi só o Lacio, que produziu os Fabios, os Scipidões, os Regulos e outros varões d'intrepida constancia, cujos animos jamais repousaram em buscar honra, nome e gloria á chara patria.

A cadeia heroica dos lusitanos fastos é interminavel; novos seculos trazem triumphos novos, e novos genios. Collocados os Portuguezes no ultimo occidente, e alongando as suas vistas para a immencidade do oceano, que mil idéas concobião de grandeza e sublimidade! Impellidos pelo desejo de conhecer regiões ignotas, se determinão a encarar os grandes perigos, superar as maiores difficuldades, e vencer os abismos do procelosas syrtes. Eis surgem os celebres descobridores Zarco, Diogo Cam, Bartholomeu Dias, Pedro d'Alemquer, Pedro Alvares Cabral, Fernando Magalhães, e o heroe dos Lusiadas. Laboriosas e reiteradas expedições, descobertas longinquas são sua partilha, seguidas

sempre de maravilhosos resultados. Entregues á inconstancia d'um terribil elemento dencdados partem e se entrenhão pelo vasto oceano, audaces na empreza, e de esforço aparelhados, deixando na amada terra os olhos e coração. — Lá se alongão e crescem pelas costas d'Africa: ávente levão custosas derrotas, demandando á custa de peniveis vigalias e fadigas as regiões remotas e a cabo d'ellas esse tormentoso promontorio, que vencêl-o, valia então o mesmo, que passar incolume pelo imperio da morte, des naufragios, das tormentas, das perdições. Afoutos assomão além d'esse padrão assustador, e logo os olhos fitão no horisonte d'oriente: é para esse centro de unidade heroica, que os corações gravitão com força irresistivel. Certamente os Gamas, sulcando as vagas de indomitos mares, e fazendo a nação portugueza avassalladora de vastos potentados, abrem a gloriosa arena para os Albuquerque, os Castros, os Mascarenhas, os Noronhas, e os Pachecos cingirem a fronte de immarcessiveis louros, sopesando a honrosa espada pelo engrandecimento do paiz natal, e fazendo scintillar illustra no universo o nome lusitano. Pelo que o nosso Livio, quando falla de seus compatriotas com sensatez e justiça diz que — «Se Deus tivesse creado outros mundos, lá terião tambem erigido monumentos á victoria.» — E o nosso Épico, em cujo espirito fermentavão as mais sãs idéas, zelo ardente, e amor pela patria, bem os exalta com digno plectro; não lhe estorvando o peso da ferrea cota, e de bellicas fadigas a dextra, para eternisar em altisona lyra a gloria lusitana.

Tão gloriosas emprezas, tão dignos feitos! resultados protentosos de assignaladas viagens e descobrimentos, que de tão reconhecida utilidade se notão em todos os ramos da ci-

vilisação, e progresso do mundo moderno, jámais podião deixar de occupar profundamente o espirito esclarecido e sobremaneira patriótico de V. Ex.^a Assás meritorios e reconhecidos são os titulos que já ha muito a patria possui, e que venera na Pessoa de V. Ex.^a; olhando-o, não só como o primeiro e mais digno Ministro na jerarchia prelaticia, mas também como firme sustentaculo da Religião dos nossos pais; eximios e relevantes predicaos, que tanto se recomendão, e attrahem os suffragios e sympathias publicas. Entre tantos monumentos litterarios, com que V. Ex.^a tem enriquecido a republica das letras, mais se encontra na sua carreira laboriosa e digna este padrão de grande valor e importancia, que mais vem perpetuar o merecido credito, e fama da Nação Portugueza = *Indice Chronologico das Navegações, Viagens, Descobrimentos, e Conquistas dos Portuguezes nos Paizes Ultramarinos desde o principio do seculo XV.* = Na verdade esta obra sobremodo estimavel bem mostra a apreciação das vantagens, que alardea; e que a todas as luzes se manifestão reaes e permanentes.

* * * vendo esta obra de V. Ex.^a, este monumento unico na Historia das nações modernas, dedicado á gloria nacional, e ao seculo XV. portuguez, rogou a V. Ex.^a se dignasse conceder-lhe a propriedade d'esta preciosa producção, que hoje vem locupletar a Litteratura portugueza, mercê que felizmente foi concedida por V. Ex.^a e pela qual tributa cordealmente seus eternos agradecimentos. . . .

Queira pois V. Ex.^a acolher com a benevolencia, que tanto o caracteriza, este testemunho do nosso zêlo, com que muito folgamos corresponder aos desejos do publico illustrado. Só nos cumpre, a par das mais vivas emoções, que ger-

minhão em nosso animo grato, testemunharmos a V. Ex.^a os nossos puros desejos pela conservação da preciosissima saúde de V. Ex.^a por dilatados annos; profundos desejos, que ardentemente nos animão, como todos os seus mais sinceros admiradores.

Somos com a mais alta consideração e respeito

De V. Ex.^a

Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Patriarcha Arcebispo Eleito.

Veneradores e subditos fieis

* * *

Ill.^{mas} Srs.



inda agora me é possível responder á obsequiosa , e mui lisongeira carta, que de V. S.^{as} ha muitos dias recebi. O estado pouco firme da minha saude , e as incessantes obrigações do cargo , que exercito , devem obter de V. S.^{as} indulgente desculpa.

Seria difficil e ao mesmo tempo desnecessaria empreza minha , se eu pertendesse accrescentar cousa alguma ao brilhante e pomposo elogio , que V. S.^{as} na sua carta tecem á *Nação Portuguesa* , já pelas nobres virtudes , estremado valor , constancia heroica , e aventurosas emprezas de seus illustres Filhos , já pelo amor das Sciencias e das Letras , de que sempre se mostraram animados , e de que em todos os tempos tom dado abonadas provas nos diversos ramos dos humanos conhecimentos.

Limitando-me por tanto ao que diz especial respeito á *minha pessoa* , e reconhecendo ingenuamente quam superiores são ao meu merecimento os louvores , com que V. S.^{as} me acreditão e exaltão , devo comtudo confessar , que aceito com grande satisfação , e não sei se diga com alguma vaidade , o testemunho que V. S.^{as} dão na sua carta ao

constante e apaixonado empenho, com que desde os meus primeiros annos desejei promover (se me fosse possível) o adiantamento da Litteratura Patria, e fazer conhecidos os merecimentos de todo o genero, com que os nossos compatriotas tanto se tem illustrado.

A este principal fim foi dirigida a publicação do *Indice Chronologica*, a que V. S.^{aa} querem agora dar maior publicidade e credito: honra, que eu não podia esperar para tão imperfeita composição, e que me constitue em grande divida de gratidão para com V. S.^{aa}

Dignem-se V. S.^{aa} de aceitar com benevolencia esta minha confissão, e com ella as expressões da distincta estimação e respeito, com que sou

De V. S.^{aa}

Ill.^{mas} Srs. * * *

Muito Attento Venerador e Obsequioso Servo

F., Patriarcha Arcebispo Eleito.

S. Vicente 1.^o de Setembro de 1842.

INDICE CHRONOLOGICO.

*Das Navegações, Viagens, Descobrimentos, e Conquistas dos
Portuguezes nos Paizes Ultramarinos desde o
principio do seculo XV.*

PREFAÇÃO.

Damos á luz pública neste escripto o *Indice Chronologico* das Navegações, Viagens, Descobrimentos, e Conquistas dos Portuguezes nos Paizes Ultramarinos, desde os principios do seculo XV,

Este titulo não inculca, por certo, obra de grande valor e importancia, nem nós o escrevemos com esse intento: mas pareceu-nos o mais accommodado á natureza e fins do nosso trabalho, e o mais proprio das circumstancias que o motivaram,

Muito tempo havia que nós desejavamos, e procuravamos ter uma idéa geral, mas fiel e exacta, das grandes e gloriosas empresas ultramarinas dos nossos compatriotas, que n'aquelle tempo derão tanto credito e fama á Nação Portuguesa, e forão de tanta e tão reconhecida utilidade para o mundo moderno, em todos os ramos do seu progresso, e civilisação. Mas ainda que para o conseguir não poupassemos nenhum dos meios, que estavam ao nosso alcance, a cada passo comtudo nos viamos ou embaraçados no nosso estudo, ou frustrados nas nossas diligencias.

Os escriptores nacionaes, que podiamos consultar erão poucos, incompletos, ás vezes discrepantes em suas narrações, e sempre diminutos nas particulares noticias do seculo XV, que mais convinha indagar o apurar.

Dos Roteiros, Relações e Memorias, que necessariamente se havião de escrever logo naquelle tempo de nossas primeiras navegações e descobrimentos, mui pouco nos resta hoje, salvo as relações de Cadamosto, e essas mesmas impressas um seculo depois em Italia, e em lingua italiana, e não de todo isentas de imperfeições e erros. (*)

E' natural que o prudente e cauteloso segredo, em que os nossos Principes, ao principio, reservavão aquellas Memorias, e Relações; a perda de muitas d'ellas nas mãos dos chronistas, ou nos proprios gabinetes dos Principes por occasião da sua morte; o descuido de recolher estes e outros documentos ao Archivo geral do Reino; a difficuldade de multiplicar as copias, por não haver ainda a Arte Typographica, ou por não ter chegado a Portugal, logo nos primeiros annos da sua invenção; é natural, digo, que estas ou outras semelhantes causas produzissem a falta, que depois se experimentou, logo que se quiz escrever em corpo de historia a serie de nossas empresas ultramarinas.

O certo é que o illustre Barros, quando tomou sobre si esta difficil incumbencia, já se queixava da falta de memorias antigas; e bem mostrou, que as não tinha, pois tão breve e imperfeitamente fallou dos successos, que precodêram á expedição do grande Vasco da Gama,

Castanheda começou a sua Historia da India por essa mesma expedição, e nada diz dos tempos anteriores.

(*) Quando isto escreviamos ainda não tinha apparecido a edição da *Obra de Azurara*, ha pouco publicada em Pariz pelo Sr. Visconde de Santarem.

Nos outros nossos escriptores (pela maior parte mais modernos) achão-se na verdade algumas noticias do objecto de que tratamos; mas são ellas tão dispersas por differentes obras, tão apoucadas em suas circumstancias, e assim mesmo escriptas com tanta falta de coherencia, exacção e alinhio, que é de mui difficil, e impertinente trabalho reduzir-as a alguma ordem, e tirar d'ellas um resultado, qual se deseja, liquido, seguro, e aceitavel.

Nos escriptores estrangeiros não ha que procurar neste assumpto nem a conveniente miudeza e exacção, nem (as mais das vezes) a devida imparcialidade. Omitem factos, e circumstancias substanciaes; alterão datas; errão ou desfigurão nomes; e alguns deixão-se dominar de tão desarrazoado ciúme, que parece que ainda hoje lhe fazem sombra os relevantes serviços, que os Portuguezes fizerão ao mundo n'aquelles antigos tempos, e o immenso louvor, que por elles merecêram, e lhes é devido. E não se tenha por apaixonado este nosso juizo; porque muito teriamos com que o justificar se tanto fosse necessario.

Em tal estado de cousas resolvemos começar a escrever, para nosso uso particular, o *Indice Chronologico*, que agora damos á luz, apontando nelle mui summariamente os factos que nos pareceram mais importantes, e collocando-os na sua ordem puramente chronologica, como para nos servirem de guia, quando quizessemos dar maior extensão ao nosso estudo, ou instruir-nos mais amplamente neste ramo da nossa historia, que reputamos de tanto interesse para o publico litterato, quanto glorioso para os Portuguezes.


Com este intuito lemos as obras, escriptos, memorias, ou documentos, nacionaes, ou estrangeiros, que se offerecêram á nossa indagação, combinando (quando nos pareceu necessario) uns com outros, comparando os grãos de credito que cada um podia merecer, e tirando de todos, não

sem grande trabalho, aquelles resultados, que tivemos por bem assentados, ou que pelo menos se nos apresentaram fundados em maiores, e mais certas razões. Artigo ha no *Indice*, que contendo-se em poucas linhas, nos levou algumas horas de leitura, e talvez alguns esforços de reflexão: e nem por isso nos gloriamos de haver evitado erros e defeitos, hoje inevitaveis em semelhante materia.

Decorrêram os tempos, e a nossa situação pessoal soffreu por vezes graves e penosas mudanças, privando-nos de alguns dos meios, que podião concorrer para que o nosso trabalho fosse menos imperfecto. Por fim pareceu-nos, ou nos persuadiram, que assim mesmo seria útil a sua publicação, já por não se perder de todo o tempo que nisto tínhamos consumido, já porque o nosso trabalho poderia aproveitar a quem com o mesmo intento, e zêlo, e com mais meios e capacidade quizesse levantar á gloria nacional, e ao seculo XV. portuguez um monumento unico na historia das nações modernas.

Começámos a escrever o *Indice* em 1832, e fizemos-lhe depois retoques, correcções, e additamentos. A *Memo-ria* sobre as viagens por terra foi escripta posteriormente. Hoje, ser-nos-hia impossivel rever estes trabalhos, e dar-lhes mais algum aperfeiçoamento. O Publico medirá pelo uosso zêlo, e amor da patria, a sua benigna e favoravel indulgencia.

ANNO DE 1412.

s nossos escriptores, que trataram dos descobrimentos, e emprezas maritimas, de que foi primeiro autor o grande e inclito Infante D. Henrique, filho de El-Rei D. João I, notão commumente este anno de 1412 como principio de seus uteis e gloriosos trabalhos; e dizem que então começou este sabio Principe a mandar alguns navios ao descobrimento da costa africana, desde o cabo *Nam* para as partes do Sul, e pólo antarctico.

João de Barros nas suas *Decadas*, e Faria e Souza, tanto na *Azia Portuguesa*, aonde faz o extracto d'ellas, como na *Relação das armadas*, que colligio de listas, e memorias antigas, assignão a referida época. O mesmo seguiram muitos escriptores nossos; e muitos outros o suppõem,

VOL. I.

4.

quando dizem, que depois da conquista de Ceuta (em 1415), e das informações, que o Infante ali houvera dos Mouros, viera muito mais animado a *proseguir* nos seus projectos.

Assim, posto que não tenhamos individual noticia dos navios, que então sahiram ao descobrimento, nem dos capitães, ou pilotos que os governaram, não julgamos dever por isso alterar a época estabelecida; antes havemos por mui provavel, que por aquelles annos é que os nossos navegadores passaram o cabo *Nam*, que era até então o termo das navegações europeas, e chegaram ao *Bojador*, aonde por muito tempo encontraram depois obstaculo a seus repetidos esforços.

Se alguém comtudo duvidar de que o Infante, já no referido anno de 1412 começasse a executar os seus particulares projectos, ainda assim se pode, e deve sustentar a mesma época, reflectindo-se que nesse anno se deu principio aos preparativos para a grande expedição de *Ceuta*, que foi sem duvida um passo importantissimo para os descobrimentos, não só pela ampla informação, que ali se houve das terras, costas, e gentes de Africa, mas tambem e especialmente, porque sendo a praça de *Ceuta* como chave dos mares adjacentes, e abrigo das armadas barberescas, mal podião os nossos navios frequentar com segurança as costas, visitar os portos, e navegar para as partes do Sul, em quanto *Ceuta* estivesse em poder dos Mouros.

Notemos ainda mais, que na Bulla de Nicoláo V. do anno de 1455, de que em outro lugar fallaremos, se diz que o Infante começára de mui pequena idade (*ab ejus ineunte ætate*) as suas empresas: e esta fraze mais conyem ao anno de 1417, em que já contava 23.

ANNO DE 1415.

Neste anno foi a gloriosa expugnação de *Ceuta*, concluida por El-Rei D. João I., acompanhado dos Infantes seus Filhos, em um só dia, a 21 de Agosto.

Alguns dos nossos escriptores se equivocaram assignalando a esta conquista o dia 14 de Agosto. Outros muitos porém, mais bem informados, a poserão em 21, e este é o dia, que se collige do epitafio de El-Rei, gravado sobre o seu tumulo em tempo de El-Rei D. Duarte seu filho, e successor, aonde se nota, que El-Rei depois de tomada a praça de *Ceuta*, a presidiára por 18 annos, menos oito dias, e que fallecêra a 14 de Agosto de 1433; por onde se vê que os 18 annos seriam completos, se elle vivesse mais oito dias, isto he, até 21 de Agosto.

Em *Ceuta* procurou o Infante D. Henrique, e alcançou dos Mouros, algumas importantes informações para a execução dos seus designios, e teve mais certo e individual conhecimento do deserto, que os arabes chamão *Çahará*, dos povos *Azenegues*, confinantes pelo Sul com os *Gelofos*, do commercio que d'aqui se fazia para e costa septemtrional, e de muitas circumstancias d'aquellas terras, costas, e gentes, com o que se animou muito mais (como já dissemos) e de todo se resolveu a preseguir na empresa, que o seu grande espirito, auxiliado dos conhecimentos cosmograficos, lhe havia inspirado.

A armada, que El-Rei levou á expedição de *Ceuta*, constava de 220 vasos de guerra e transporte, a saber 33

nãos, 59 galeras; e varios galeões, caravellas, e outros baixéis de differentes grandezas, em numero de 128.

Logo depois d'esta conquista tomou El-Rei o titulo da *« Rei de Portugal, e do Algarve, e Senhor de Ceuta. »*

ANNOS DE 1416 E 1417.

Por estes annos, logo depois da conquista de *Ceuta*, começaram as tentativas, que o Infante mandava fazer para dobrar o cabo *Bojador*, e passar ávante para o Sul, as quaes forão continuadas, mas sem fructo, por alguns annos.

O grande lançamento que o Cabo fazia ao mar, as correntes impetuosas das agoas, a sua apparente effervescencia, e outras semelhantes circumstancias, forão causa de se mallograrem por muito tempo estas tentativas, temendo, os ainda então inexperitos navegantes, que os mares os engolissem, ou que as correntes os não deixassem voltar ao rumo de Norte.

ANNO DE 1418.

Neste anno foi mandado Bartholomeu Perestrello, Cavalheiro da Casa do Infante D. João, á empreza de dobrar o *Bojador*; mas sendo assaltado de tempestade, perdeu a

derrota que levava, e foi arrojado a uma Ilha desconhecida, a que deu o nome de *Porto Santo*, por ter achado nella abrigo, e descanso de sua trabalhosa navegação.

Damião de Goes, e Soares da Silva põem este descobrimento no anno seguinte de 1419.

Alguns negão que Perestrello fosse o descobridor d'esta Ilha, e sómente dizem que o Infante lhe dera a *Capitania* d'ella: mas a pratica geral d'aquelle tempo nos parece persuadir o contrario.

ANNOS DE 1419 E 1420.

No anno seguinte de 1419 voltou Perestrello com os outros dous navegantes João Gonçalves Zarco, e Tristão Vaz, Cavalleiros da casa do Infante D. Henrique, cada um em seu pavier á Ilha de *Porto Santo*, levando Perestrello ordem, e alguns preparos para começar a sua cultura.

Dizem os escriptores antigos, que lançando-se na Ilha uma coelha, que no mar havia parido, fôra a criação destes animaes em tanto augmento, que destruíão as searas, e por algum tempo retardaram, ou embaraçaram o projecto da colonisação da Ilha.

Perestrello voltou a Portugal: mas João Gonçalves, e Tristão Vaz, tendo observado uma especie de nevoeiro, que constantemente se lhes offerecia no mar, e sempre no mesmo sitio e direcção, suspeitaram o que poderia ser, e dirigindo-se para aquella parte, descobriram a Ilha da *Madeira*, a que derão este nome pelo alto e basto arvoredo, de que a acharam coberta.

Algumas antigas memorias dizem que Francisco Alcorado, Cavalleiro da Casa do Infante D. Henrique, fôra neste descobrimento, e o descrevera em uma exacta *Relação*.

De João Gonsalves Zargo se diz que foi o primeiro Portuguez, que usou da polvora, e artilheria nos navios. Manuel Thomaz, na *Insulan*. I. 1.^o est. 83 fallando d'elle diz.

*« Bem é verdade, que este o Lusitano
Primeiro foi, no mar com nome eterno,
Que usou da dura fruta de Vulcano,
E o salitrado aljofar do inferno; »*

ANNO DE 1425.

Por este anno começou o Infante a mandar povoar as Ilhas da *Madeira*, e *Porto Santo*, e tambem a *Deserta*, que sem duvida foi descoberta com as primeiras.

Elle mesmo na doação que fez do espirital d'estas Ilhas á ordem de Christo em 18 de Setembro de 1460, quasi dous mezes antes do seu fallecimento, diz *« comecei de povoar a minha Ilha da Madeira, haverá ora trinta e cinco annos, e isso mesmo a do Porto Santo, e deshi, proseguindo, a Dezerta »* por onde parece fazer-se verosimil, ao menos em parte, o que uniformemente referem os nossos escriptores, que lançando-se fogo aos bosques da Ilha da *Madeira*, este se ateára de tal modo, que por alguns annos não fôra possivel povoal-a. Os annos devem neste caso contar-se desde 1419, anno do descobrimento, até 1425. E dizemos, *ao menos em parte*, porque algum tempo era preciso para

se prepararem as familias ; e os mais objectos necessarios á povoação e cultura d'aquellas Ilhas.

O Infante dividio a Ilha da *Madeira* entre os seus dous descobridores. Mandou vir da Ilha de *Candia* a preciosa planta da malvazia, que tanto alli prosperou, e tão util tem sido ao commercio, e riqueza da *Madeira*. Mandou tambem vir da *Sicilia* a canna do assucar, e mestres, que a ensinassem a plantar e cultivar, e a fabricar o assucar. E foi esta cultura tão bem recebida do terreno, que em 1501 se participava a El-Rei D. Manuel haverem-se fabricado, nesse anno, na Ilha, 63:800 arrobas de assucar. Quando Barros escrevia as suas Decadas, diz elle, que uma porção de terra de trez leguas dava ao quinto mais de 60:000 arrobas. E Bluteau, nos principios do seculo passado, escrevia que na Ilha houvera algum tempo 150 engenhos de assucar os quaes rendião 400:000 arrobas.

Da Ilha da *Madeira* sahiram depois os mestres, que forão introduzir o fabrico do assucar na Ilha de *S. Thomé*, e de ambas estas Ilhas se propagou mais depois no Brazil, por industria dos Portuguezes, tanto a cultura da canna, como a factura do assucar.

O grande Infante D. Henrique, posto que applicado á povoação e cultura da *Madeira*, *Porto Santo*, e *Dezerta*, nem por isso se esquecia de continuar, e promover a sua primeira, e principal empreza, da qual porém sabemos, que por espaço de doze annos se não tirou fructo algum, não se conseguindo em todo este tempo dobrar o *Cabo Bojador*.

ANNOS DE 1429 E 1430.

Gil Eannes, natural de Lagos, dobrou enfim o formidável *Bajador*.

Dizem os antigos escriptores portuguezes, que esta passagem do cabo fôra então reputada como uma façanha igual a algum dos *trabalhos d'Hercules*: expressão, que hoje parece nimiamente exagerada, mas que ouão era tanto naquelles tempos, vistas as difficuldades, os medos, e os perigos, que ou se tinham experimentado, ou se imaginavam e sopunhão na mesma passagem, e que por tanto tempo a havião retardado.

Parece-nos não se ter ainda determinado com bastante precisão, e certeza, a época d'este notavel acontecimento: Muitos dos nossos escriptores a referem ao anno de 1433: alguns ao de 1432: outros ao de 1434: e outros finalmente ao de 1428.

Se nesta materia pôde haver lugar a conjecturas, nós temos por mui verosimil, que a passagem do *Bojador* se executou em 1429, ou quando mais tarde em 1430. As razões, em que nos fundamos, são as seguintes:

Primeira: que os nossos antigos uniformemente dizem, que o Infante D. Henrique, por mais de doze annos, fize-
ra tentativas para dobrar este cabo, mandando a elle frequentemente os seus navios. E como estas tentativas começaram logo depois da expedição de *Ceuta*, isto he, em 1416, ou ao mais tardar em 1417, parece que a passagem do cabo seria em 1429 ou em 1430.

Segunda: que o Papa Martinho V, permittiu por uma sua bulla, que se podesse contractar e commerciar com os infieis. Esta permissão, cuja verdadeira data ignoramos, não podia ser posterior a 20 de Fevereiro de 1431, em que aquelle santo Padre falleceu. Tinha pois sido pedida, e póde ser que concedida pelo menos em 1430. Por outra parte é de presumir, que o Infante sómente a pediria depois de se ter vencido a grande difficuldade do *Bojador*; porque até então nem sabemos que os nossos navegadores sahisses em terra a negociar, ou procurassem ter communição e commercio com os habitantes; nem é verosimil que o intentassem a respeito dos Mouros, com quem os Portuguezes estavam em actual, e continua guerra. D'onde se collige, que antes de 1430, ou quando muito nesse mesmo anno, já se tinha vencido o *Bojador*.

Terceira: que na bulla do Papa Nicoláo V. (já citada) dos principios de Janeiro do anno da *Encarnação* de 1454, que é anno vulgar de 1455, se diz que o Infante, havia vinte e cinco annos, (*a viginti quinque annis citra*, isto é, *ha vinte e cinco annos a esta parte*) não cessava de mandar navios ao descobrimento das *terras, e costas do Bojador para as partes do Sul*. Logo o *Bojador* já tinha sido dobrado, e já se navegava além d'elle para o Sul *vinte e cinco* annos antes da data da bulla, o que vem a dar em Janeiro de 1430, e mui provavelmente no anno antecedente de 1429.

ADVERTENCIA.

Pareceu-nos aqui lugar proprio para notar em geral, que algumas das differenças que se encontrão nos antigos escriptores a respeito de datas, e que talvez parece que embaração a chronologia dos descobrimentos, se devem attribuir, segundo o nosso juizo, a que uns tomavão por época de tal, ou tal expedição e descobrimento o anno em que

os navegantes sahião de Portugal: outros o anno em que chegavão á costa d'Africa, e effectivamente tocavão o ponto descoberto, o que muitas vezes succedia no anno seguinte ao da sahida: e outros finalmente o anno em que voltavão ao reino, e se divulgava a noticia. Por onde entendemos, que quando a differença das datas é pequena, e de annos immediatos, se não deve fazer conta com ella para ali arguir alguma incerteza no acontecimento, ou alguma variação essencial na sua época.

ANNOS DE 1431 E 1432.

O Infante D. Henrique mandou no anno de 1431, que o Commendador de Almourol na O. de Chr. Fr. Gonçalo Velho Cabral fosse correr os mares a Oeste, em demanda de novas terras. O navegador encontrou os *baixos das Formigas*, situados entre as Ilhas de *Santa Maria* e *S. Miguel*, mas não deu fô de alguma d'ellas, e voltou a Portugal a informar o Infante do que tinha observado.

Foi outra vez mandado no anno seguinte de 1432 a explorar os mares, em que existião aquelles baixos, e então com melhor fortuna descobrio a Ilha de *Santa Maria*, primeira descoberta no archipelago dos Açores a 15 de Agosto, e pela circumstancia da festividade do dia lhe deu aquelle nome.

O Infante fez a Gonçalo Velho Capitão-donatario da Ilha, e elle a começou logo a povoar, e cultivar com grande proveito e interesse.

ANNOS DE 1434 E 1435.

O mesmo Gil Eannes, que dobrára o cabo *Bojador*, voltou em 1434 áquellas paragens com Affonso Gonsalves Baldaya, Copeiro do Infante. Passaram obra de 30 leguas adiante do cabo, e descobriram uma angra, ou bahia, a que posérão o nome de *Angra de ruivos* por acharem alli muitos dos peixes, a que os Portuguezes chamão *ruivos*.

No anno seguinte ou estavam ainda nas mesmas paragens, ou a ellas voltaram. Adiantaram mais 12 leguas pela costa, e sahindo em terra Heitor Homem, e Diogo Lopes de Almeida, encontraram alguns barbaros, que á vista dos nossos se poserão em fugida.

Passaram ainda depois um pouco mais adiante, e chegaram á fóz de um rio, aonde mataram muitos lobos marinhos (especie de *phocas*, segundo parece) cujas pelles trouxerão a Portugal.

Este lugar é o que nas antigas relações se ficou denominando posto o dos lobos marinhos: e o rio tomou logo depois o nome de *Rio do ouro* pelo resgate que ali se fez d'este metal.

Sobre o *Rio do ouro*, segundo a observação de um antigo piloto Portuguez, *corre a linha do tropico de Cancer*, pelo que se vê que denotava o rio a 23.^o e 30' septentr., que era a posição que algumas antigas cartas davão á linha do tropico.

ANNOS DE 1437 E 1438.

Em 1437 foi a infeliz expedição de *Tanger*, em que esteve o Infante D. Henrique. E como além do desgosto que ella causou no Reino, se seguisse logo em 1438 o fallecimento do sabio, e virtuoso Rei D. Duarte, e apoz elle sobreviessem as perturbações publicas, occasionadas da tutoria da Rainha D. Leonor; não parece verosímil que se tentasse nestes annos cousa alguma importante para adiantar os descobrimentos. Comtudo o Infante nunca deixava de mandar os seus navios á costa de Africa.

Ao mesmo anno de 1438 attribuem alguns a vinda de *Mestre Jacomo de Maiorca* para Portugal, chamado pelo Infante para dar regularidade e direcção á sua *Escola de Sagres*. D'elle diz um douto Geografo moderno, que era *versadissimo na navegação, e na arte de fabricar instrumentos e de projectar Cartas nauticas*, e que o immortal Infante o posera á frente da *Academia*, que havia fundado, com o fim de propagar tão uteis conhecimentos.

ANNO DE 1439 OU 1440.

Diniz Fernandes, Escudeiro do Infante D. João, chegou em algum d'estes annos a um grande rio, que os naturaes da costa chamavão *Quedec*, (*) e a que os nossos de-

(*) Damião de Goes na *Chron. do Principe D. João*, edição

rão o nome de *Sanagá*, do nome de um senhor da terra, com quem fallaram, arromando a sua fóz a 16^o de latit. septemtr.

Cadamosto que fez a sua primeira viagem em 1445, diz expressamente que o *Senegal* tinha sido descoberto cinco annos antes,

(*Navegações de Cadamosto, Relação 1.^a*)

ANNOS DE 1440 E 1441.

Nuno Tristão, e Antão Gonsalves, criados do Infante D. Henrique, hindo ao posto dos lobos marinhos, tomaram alguns barbaros.

Antão Gonsalves, que ainda era mancebo, foi alli armado cavalleiro, e por esta circumstancia se deu áquelle lugar o nome de *Porto do Cavalleiro*, que parece ser o mesmo, que Ortelio em suas Taboas designa «*P. de Cavalli*» alterando o nome, como faz outras muitas vezes, ou por ignorancia do idioma portuguez, ou por se ter já perdido de vista o facto, que motivára a denominação.

Gonsalves voltou a Portugal, e Nuno Tristão, proseguindo, chegou a *Cabo branco*, que os nossos arruinavam a 20^o septemtr., e lhe deu o nome.

de 1724, em lugar de *Quedec* escreve *Sonedech* — Manuel Corrêa, nos Commentarios a Camões, escreve *Quedec*, e diz que é o nome que os Mouros dão ao rio na entrada do mar. E Barros l. 1. 13, diz que o verdadeiro nome do rio, alli na sua fóz, é *Ovedech*, segundo a lingua dos negros que habitão o paiz; e que subindo por elle toma differentes nomes.

ANNO DE 1442.



Antão Gonsalves depois de armado cavalleiro no *posto dos Lobos marinhos* voltando a Portugal, como dissemos, trouxe alguns barbaros que alli captivára, dos quaes o Infante não cessava de tirar novas informações sobre as costas, terras, e gentes que por alli habitavão.

Como estes Mouros promettessem dar alguns negros de *Guiné*, em seu resgate, *cousa que o Infante muito desejava, pelo que o vulgo fabulava d'aquellas terras*, voltou Gonsalves com elles á Africa neste anno de 1442.

Os Mouros cumpriram a promessa, e derão em preço da sua liberdade *algum ouro, e dez negros de diferentes terras*.

Este (dizem os nossos escriptores) foi o *primeiro ouro que veio d'aquellas partes*, assim como os negros foram os primeiros escravos, que da *Costa Occidental de Africa vieram a Portugal*.

ANNO DE 1443.



Nuno Tristão, a quem ha pouco deixámos no *Cabo branco*, proseguindo as suas explorações, descobriu a *Ilha de Adeger*, e a *das Garças* (no golfo de *Arguim*) á segun-

da das quaes deu o nome das muitas aves assim chamadas, que alli achou.

Depois voltou a Portugal, trazendo mais de quarenta negros captivos, *que muito se estimáram* (diz um antigo escriptor portuguez) *por sua estranha figura.*

ANNO DE 1443 OU 1444.

Diniz Fernandes (de quem fallámos ao an. 1439) descobriu o *cabo*, que fórma o ponto mais occidental de Africa, denominado pelos antigos geographos gregos « *hesperion keras (occidental cornu)* » e arruinado pelos antigos navegadores portuguezes em *pouco mais de 14º septemtr.* (hoje em 14º 48').

A este cabo derão o nome de *Cabo Verde*, pelo aspecto, que mostrava, todo coberto de verdura: e parece que era ornado, na sua maior elevação, da grande arvore *baobab*, a que alguns naturalistas chamão *colosso do reino vegetal*: a qual extendendo ao largo seus grandes ramos, desce com as folhas até á superficie da terra, e a cobre de verdura mui agradável. O seu tronco cavernoso serve talvez de sala de assembléa a uma povoação inteira.

Os nossos escriptores varião sobre a época d'este descobrimento entre os annos de 1440 e 1446. Nós adoptamos os annos de 1443 ou 1444, porque Cadamosto diz que o cabo fôra descoberto por Portuguezes um anno antes da sua primeira viagem, e como esta foi em 1445, vem o descobrimento do *Cabo Verde* a cair em algum dos ditos

dous annos, confôrme o maior, ou menor rigôr, em que tomarinos as palavras de Cadamosto.

(*Cordeiro*, na Hist. Insulan. assigna o anno de 1443)
 Vej. o liv. 2. cap. 8. pag. 57. e liv. 6. cap. 1.
 pag. 241, aonde diz que as Ilhas de Cabo Verde
 forão descobertas em 1443, e muito mais em
 1445.

ANNO DE 1444.

No anno de 1444 se organisou, e estabeleceu com a authoridade, e aprazimento do Infante, a Companhia de Lagos, destinada a continuar os descobrimentos, e o commercio de Africa, debaixo da direcção do illustre Príncipe, e com certas condições, que elle lhe prescreveu.

Esta companhia aprestou logo algumas caravellas, em que sahirão ao mar Lançarote, Gil Eannes, Estevão Affonso, Rodrigo Alvarez, João Dias, Martim Vicente, João Vasquez &c. os quaes descobriram a Ilha de Nar, e de Tíder, e outras.

(*Barros: Faria e Sousa: Vid. do Inf. D. Henr. &c.*)

AÇORES.

Parece que neste mesmo anno o Commendador Gonçalo Velho Cabral mandado pelo Infante continuar os des-

cobrimentos nos mares de Oeste , descobriu a segunda Ilha do archipelago dos Açôres, a que pôz o nome de *S. Miguel* pela ter tocado a 8 de Maio , dia da apparição do Santo Archanjo. E comò obtivesse do Infante a capitania d'esta nova Ilha, assim como já tinha a de *Santa Maria* , passou no anno seguinte de 1445 a povoal-a , e cultivar-a , como já tinha feito á primeira.

ANNO DE 1445.

Em 1445 a 22 de Março sahio de Portugal ao descobrimento de novas terras em Africa uma caravella do Infante D. Henrique , de que era Patrão Vicente Dias de Lagos, e nella, com licença e aprazimento do Infante, se embarcou o Veneziano Luiz de Cadamosto, que para isso se offerecêra.

Abordou á Ilha de *Porto Santo*, que diz ter sido descoberta *haveria vinte e sete annos*.

Passou á Ilha da *Madeira* , da qual diz que o Infante a fizera *povoar ha vinte e quatro annos para cá*.

D'ahi foi ás *Canarias* , e d'estas Ilhas passou ao *Cabo branco* , já descoberto pelos Portuguezes.

Entrou no golfo de Arguim , aonde diz elle que erão já conhecidas 4 Ilhas : a saber, a 1.^a chamada de *Arguim*, que deu nome ao golfo : a 2.^a que os Portuguezes tinham denominado *Ilha Branca* , por ser toda arenosa : a 3.^a das *Garças* : e a 4.^a que elle diz ter sido denominada *dos Corações* , todas pequenas, arenosas, deshabitadas, e sem agoa doce , excepto a 1.^a

Continuando a navegar chegou ao *Senegal*, que, segundo elle diz, tinha sido descoberto *cinco annos antes* por trez caravellas do Infante, que entraram por elle acima.

D'ahi passou á terra de *Budomel*, tambem já conhecida dos Portuguezes, aonde esteve em terra muitos dias, tratando, e commerciendo com os senhores do lugar, e com os negros que alli concorrião.

Estando para partir d'aqui, e navegar ávante, teve o encontro de duas caravellas, em que hião *Antonio de Nola*, grande navegador e gentil homem genovêz, e alguns Portuguezes criados do Infante: e acordando-se todos, resolveram hir em conserva adiantar os descobrimentos.

Chegaram ao *Cabo verde*, que Cadamosto diz haver sido descoberto pelos Portuguezes *um anno antes*, que elle fosse áquellas partes.

Correndo pela costa para o Sul, descobriram a bôca de um rio, a que derão o nome de *rio Barbacim* a 60 milhas do *Cabo verde*: e este foi o primeiro descobrimento novo, que fizeram as trez caravellas.

Passando ainda adiante avistaram outro rio; que lhes pareceu menor, que o *Senegal*; mas não sendo bem recebidos dos négros, navegaram mais ao Sul, e descobriram o paiz de *Gambia*, e o rio do mesmo nome, pelo qual entraram algum espaço. *Este era o paiz, que determinadamente buscávão por expressa ordem do Infante*, que d'elle tinha informações pelos negros que já havia em Portugal.

Os navegantes quizerão entrar mais acima pelo rio; mas como a gente do mar repugnasse a este intento, resolveram voltar ao Reino.

(*Relação 1.^a de Cadamosto.*)

Neste mesmo anno um criado do Infante, por nome Gonçalo de Cintra, descobriu adiante do *rio do Ouro* a angra, que do seu nome se ficou chamando *Angra de Gonçalo de Cintra*, notada nas taboas de Ortelio com as palavras « *G. de Gancintra* » querendo dizer, segundo parece, « *golfo de Gonçalo de Cintra*. »

Este infeliz navegante, entrando por um esteiro na Ilha de *Arguim*, e ficando em sêcco á vasante da maré, foi accommettido pelos barbaros, e morto com alguns seus companheiros.

ANNO DE 1446.

Neste anno fez Luiz de Cadamosto a sua segunda viagem em uma caravella, acompanhado de outra em que hia Antonio de Nola, e de outra do Infante D. Henrique, tudo com licença, e aprazimento d'este Principe. Sahiram de Lagos no principio de Maio.

Na altura de *Cabo verde* descobriram quatro das Ilhas, que do mesmo cabo se denominão, e diz Cadamosto, *que outros, que depois alli forão, as reconheceram, e acharam serem dez, entre grandes, e pequenas, e todas deshabitadas.*

Das quatro que agora se descobriram, derão á primeira o nome *da Boa-vista* por ter sido a primeira que naquelles mares avistaram; a outra, *(que lhes poreceu a melhor das quatro)* chamaram de *Santiago*. As outras duas, a que Ca-

*

damosto aqui não dá nome, serão provavelmente a de *S. Philippe*, e de *S. Christovão*, que também se chamou *do Sal*. Parece que todas forão descobertas no dia 25 de Julho.

Deixadas estas Ilhas, vierão em demanda do *Cabo verde*. Tocaram o lugar *das duas palmas* (entre o *Senegal* e o *Cabo*), assim chamado das que alli collocou ou designou Diniz Fernandes, como marco para denotar o sitio em que os povos *Azenegues*, se apartão dos *negros idolatras*. Forão ao *Gambia*, e entraram por elle *mais de 60 milhas*, até o senhorio de *Battimanza*, aonde estiveram 11 dias, permutando as fazendas, que levayão, por *ouro*, e *escravos*.

De *Gambia*, navegando ao Sul, descobriram o rio que chamaram de *Casamanza*, do nome do senhór, que alli governava, o qual ficava 25 *leguas ou cem milhas*, além do *Gambia*. O seu nome, segundo Damião de Goes, era *Rha*.

D'aqui correndo sempre a costa no rumo do Sul, descobriram, a cousa de vinte milhas de distancia, um cabo a que derão o nome de *Cabo vermelho*, pela apparencia da côr da terra (ou *Cabo roxo*).

Pouco adiante chegaram a um rio, que denominaram de *Santa Anna*.

D'aqui navegando descobriram outro rio, a que derão o nome de *S. Domingos*, e por estimativa julgaram distar do *Cabo vermelho* obra de 55 a 60 milhas.

Continuando a navegar mais uma *jornada* pela costa, descobriram outro rio grandissimo, que tinha na bocca mais de 20 milhas de largura. Este se ficou chamando o *Rio Grande*. Defronte d'elle avistaram ao mar algumas Ilhas, que estarião a cousa de 30 milhas de distancia da terra.

D'esta paragem voltando ao reino fizeram caminho ~~por~~

aquellas Ilhas, e observaram que duas d'ellas erão grandes, e habitadas de negros', e as outras duas mais pequenas; mas não se podendo entender com os habitantes, continuaram viagem para Portugal.

Vê-se pois, que nas duas viagens, em que foi Cadamosto, se descobriu a costa desde o rio *Barbacim*, 60 milhas ao Sul de *Cabo verde*, até o *Rio Grande*, e no mar as quatro Ilhas de *Cabo verde*, e as outras quatro, de que acabamos de fallar, e que são sem duvida as que formão o archipelago dos *Bissangos*.

Os nossos navegadores denotavão a embocadura do *Rio Grande* em 11° de lat. septemtr., e parece que o remontaram por espaço de algumas 90 leguas até chegarem a uma cataracta, que os não deixou hir ávante. Pelo tempo adiante se fundaram nas suas margens alguns estabelecimentos portuguezes.

(2.^a *Relação das navegações de Cadamosto — Cordeiro Hist. Insulan. &c.*

ANNOS DE 1446 E 1447.

No anno de 1446 achamos mencionada a expedição de trez navios, em que forão Antão Gonsalves, Diogo Afonso, e Gomes Perez, encarregados de propôr aos habitantes do rio do *Ouro* a sua conversão ao christianismo, e alliança de commercio com os Portuguezes.

Nesta occasião veio um d'aquelles habitantes, por sua propria vontade, a Portugal; e lá quiz ficar, tambem es-

pontaneamente, um Portuguez, por nome *João Fernandes*, que aprendeu a lingua do paiz, observou os costumes dos povos, e veio depois informar de tudo o Infante D. Henrique, com inexplicavel gosto e satisfação d'este grande Principe.

Em 1447, entrando Nuno Tristão pelo *Rio Grande*, e sendo acommettido de grande numero de barbaros, foi morto no conflicto.

Alvaro Fernandes, que tinha descoberto o *Cabo dos mastos*, passou adiante do *Rio Grande*, e descobriu o rio do *Tabite*.

Já a navegação dos Portuguezes para aquellas partes era tão frequente, que por estes annos chegaram a achar-se lá reunidos, alguns 27 navios, sahidos de Portugal, e da Ilha da Madeira.

No mesmo anno em que Nuno Tristão foi morto no *Rio Grande*, ou no antecedente de 1446, descobriu elle o rio, que se ficou chamando *Rio de Nuno*, a poucas leguas do *Rio Grande* ao Sueste.

ANNO DE 1448.



Neste anno foi mandado Fernando Affonso como Embaixador a um Rei chamado *Farim*, na costa, ao Sul de *Cabo verde*, convidando-o a abraçar a religião christã, e assentar commercio com os Portuguezes.

Notão os antigos escriptores, que d'aqui vierão a Por-

tugal os primeiros *dentes d'elefante*, trazidos d'aquellas regiões.

Notão também, que Diogo Gil Homem, encarregado de estabelecer commercio com os Mouros, passando além do Cabo de *Gué*, trouxera a Lisboa o primeiro *leão*, que veio d'Africa.

ANNO DE 1449.



Soeiro Mendes foi neste anno de 1449 lançar os fundamentos ao castello de Arguim, de que ficou sendo capitão, ou governador. Foi o primeiro castello, que levantamos naquellas conquistas, para segurança do commercio e da navegação.

AÇORES.

A este anno se attribue com grande probabilidade o descobrimento da Ilha *Terceira*, que no anno seguinte de 1450 se dizia *ter sido descoberta pouco tempo antes*. O nome que se lhe deu ao principio foi o de *Ilha de Jesus-Christo*; mas pelo tempo adiante tomou, e hoje conserva, o de *Terceira*, que parece allusivo á ordem do descobrimento.

A capitania d'esta Ilha foi dada pelo Infante em 1450 a Jacomo de Bruges, cavalleiro Flamengo, que tendo vindo para Portugal, entrou no serviço do Infante, e cazou com uma dama da Infante D. Brites Elle a povoou com

alguns cazes que levou do Reino, e da Madeira, e assim começou a sua cultura.

A este Jacomo de Bruges, e a este mesmo anno de 1449, se attribue tambem o descobrimento da Ilha de S. Jorge, que se julga ser a quarta que se descobriu no archipelago dos Açores, posto que alguns dão a preferencía do descobrimento á *Graciosa*.

A do *Corvo*, é fóra de duvida que estava descoberta em 1453; porque nesse anno a doou El-Rei D. Affonso V. ao Duque de Bragança por Carta de 20 de Janeiro, dada em Evora. E parece verosimil, que ao mesmo tempo se descobriu a das *Flôres*, situada a tão pequena distancia.

Das duas que restão, e pertencem a este archipelago, chamadas do *Fayal*, e do *Pico*, não temos noticia exacta de quando fossem descobertas; mas parece provavel que o serião dentro do periodo em que forão achadas todas as-mais.

NOTA.

Neste proprio anno em que estamos, de 1449, succedeu a fatal catastrophe de *Alfarrobeira*, em que perdeu a vida o illustre e infeliz Infante D. Pedro, Duque de Coimbra, irmão do nosso Infante D. Henrique. É natural que os desgostos, de que foi acompanhado, e seguido, este infausto successo, cauzassem alguma interrupção no progresso dos descobrimentos, maiormente attendendo-se á idade já adiantada do Infante, aos seus assiduos e incessantes trabalhos, e aos muitos e variados objectos que dividião, e demandavão a sua attenção; já para os estabelecimentos do commercio, já para a colonisação, povoação e cultura das Ilhas novamente descobertas, já para o seu bom governo; e administração, &c.

ANNO DE 1458.

Em 1458 conquistou El-Rei D. Affonso V. a praça de *Alcacer-ceguer*, na Mauritania Tingitana, levando a esta facção uma armada de mais de 200 baixeis de todos os portes.

Em consequencia d'esta conquista tomou logo o dictado de « *Rei de Portugal e do Algarve, Senhor de Ceuta, e de Alcacer em Africa.* » (*Dissert. Chron. e Crit.* tom. 2. pag. 207).

ANNO DE 1460.

Neste anno, a 13 de Novembro, falleceu o inclito, immortal Infante D. Henrique autor d'estes descobrimentos, na sua villa « *Villa nova do Infante* » por elle mesmo fundada no promontorio de *Sagres*, aonde fizera sua ordenaria habitação.

Alguns escriptores, e entre elles João de Barros, alargaram a vida d'este grande Principe até ao anno de 1463, mas com manifesta equivocação, como se poderia provar (se necessario fosse) por documentos authenticos. Bastará porém lembrar aqui sómente a doação, que El-Rei D. Affonso V. fez a seu irmão o Infante D. Fernando, de varias Ilhas;

que tinham sido de D. Henrique, a qual doação o suppõe já fallecido, e é datada de 3 de Dezembro de 1460, como adiante notaremos.

Além dos grandes serviços, que o Infante D. Henrique fez á Corôa de Portugal, principalmente na expugnação de Ceuta, e nas guerras d'Africa, trabalhou incessantemente, e com admiravel preserverança, por mais de 40 annos contínuos, na grande e gloriosa empreza dos descobrimentos maritimos, deixando descoberta em seu tempo toda a costa occidental de Africa desde o cabo *Bojador* em 26° e 23', quazi até *Serra Leôa* em 8.º septemtr., e além d'isso as muitas Ilhas, que deixamos referidas, cuja povoação, cultura, e commercio fundou, e promoveu com grande intelligencia, e com incriveis despezas da sua fazenda.

Fundou tambem a Escôla mathematica, cosmografica e nautica de Sagres, aonde se fazião as *observações* astronomicas uteis e applicaveis á navegação; se projectavão *Cartas* hydrograficas; se fabricavão *instrumentos* proprios para observar o sol e os astros; se trabalhava em aperfeiçoar a construcção naval, &c.: e donde sahiram os habéis navegadores portuguezes, que neste e no seguinte seculo admiraram a Europa, e levaram o nome portuguez até ás mais remotas extremidades do mundo.

E' muito para sentir, que os nossos antigos nos não conservassem escripto algum, d'este grande Principe. nem os commentarios, que necessariamente havia de fazer, ácerca do resultado de seus utilissimos trabalhos, e sabias fadigas.

O elegante chronista dominicano Fr. Luiz de Souza diz que vira em Valença de Aragão «um livro dos descobrimentos do Infante D. Henrique que parecia ser obra sua, mandado pelo Infante a um Rei de Napoles, d'onde pas-

sára ao poder do Duque de Calabria, ultimo descendente da linha masculina d'aquelles Principes, e Vice-Rei de Valença de Aragão. Na portada (continúa ainda o chronista) se vião debuxadas umas pyramides, e a conhecida letra do Infante « *talent de bien fuire* » letra que este heroico Principe tão completamente desempenhou. Esta preciosa obra perdeu-se como muitas outras, que servirão para illustrar as épocas de nossos primeiros descobrimentos, firmar, e augmentar a gloria da Nação, e arguir o affectado e ingrato silencio dos estrangeiros.

Apezar d'isso não se poderá jámais negar, que todas as vantagens procedidas do descobrimento de uma boa parte de Africa, e das Indias Oriental e Occidental, e todas as que d'ellas se derivarem até ao fim dos seculos, bem como os progressos da Geografia, das Sciencias, e das Artes, e em fim o estado actual da civilisação Europêa se deve em grande parte ao genio d'este Principe, e á sua infatigavel diligencia, e constancia.

PERIODO 2.º


DESDE O ANNO DE 1460 ATÉ AO DE 1495

COMPREHENDE O RESTO DO REINADO D'EL-REI D. AFFONSO
V. DESDE O FALLECIMENTO DO INFANTE D. HENRIQUE,
E TODO O REINADO D'EL-REI D. JOÃO II.

REINADO DE EL-REI D. AFFONSO V.

ATÉ AO ANNO DE 1481.

ANNO DE 1460.

o anno de 1460, a 3 de Dezembro, estando El-Rei D. Affonso V. em Evora, fez doação a seu irmão o Infante D. Fernando, para elle, e para o seu filho maior barão, de varias Ilhas *para as possuir* (diz El-Rei) *do mesmo modo, como as de nós havia o Infante D. Henrique meu Tio, que Deus haja,*

Fazemos aqui lembrança d'este documento, para noticia das Ilhas, que nelle vem expressamente nomeadas, e são pela ordem do texto, as seguintes:

- | | |
|-------------------------|--------------------------|
| 1 <i>Madeira.</i> | 10 <i>Graciosa.</i> |
| 2 <i>Porto Santo.</i> | 11 <i>S. Miguel.</i> |
| 3 <i>Dezerta.</i> | 12 <i>Santa Maria.</i> |
| 4 <i>S. Luiz.</i> | 13 <i>S. Jacobe.</i> |
| 5 <i>S. Diniz.</i> | 14 <i>S. Philippe.</i> |
| 6 <i>S. Jorge.</i> | 15 <i>De las Mayaes.</i> |
| 7 <i>S. Thomaz.</i> | 16 <i>S. Christovão.</i> |
| 8 <i>Santa Eyréa.</i> | 17 <i>Ilha Lana.</i> |
| 9 <i>Jesus-Christo.</i> | |

Aqui achamos as trez Ilhas primeiro descobertas, *Madeira*, *Porto Santo*, e *Dezerta*.

Aqui achamos cinco das do archipelago dos *Açores* « *S. Jorge*, *Jesus-Christo*, *Graciosa*, *S. Miguel*, e *Santa Maria*.

Aqui achamos quatro das de *Cabo verde*, a saber: *S. Jacobe*, *S. Philippe*, das *Mayaes*, (de Maio) e *S. Christovão* (ou do Sal).

E achamos finalmente algumas outras, cuja situação não temos podido averiguar, como são: *S. Luiz* (que póde ser a do *Senegal*), *S. Diniz*, *S. Thomaz*, *Santa Eyréa*, e *Ilha Lana*.

(Veja-se o documento que citamos, no tom. 1. das *Prov. da Hist. Genealog. da Casa Real Portuguesa*.)

ANNO DE 1460 OU 1461.



Depois da morte do Infante D. Henrique, despachou El-Rei D. Affonso V. a Pedro de Cintra, dando-lhe por re-

gimento correr a *costa dos negros*, e descobrir novas terras.

O primeiro descobrimento d'este navegador foi o *Rio de Bessegue*, 40 milhas do *Rio Grande* por costa.

D'ahi a mais 140 milhas descobriu o *Cabo*, que se chamou da *Verga*.

D'ahi a 80 milhas descobriu outro *cabo* muito alto, e coberto de arvores viçosas, a que deu o nome de *Cabo de Sagres de Guiné*.

Defronte d'este cabo ao mar descobriu *duas Ilhas*, deshabitadas, e sem nome.

Do mesmo cabo a 40 milhas descobriu o rio, que se chamou de *S. Vicente*: e mais adiante 5 milhas o rio que se denominou *Rio verde*.

A 24 milhas do *Rio verde* achou o cabo a que deu o nome de *Cabo ledo* por ser mui viçoso.

Por esta costa se estende em longura de mais de 50 milhas uma altissima montanha cheia de verde e copado arvoredo, a que se deu o nome de *Serra leôa*, pelo grande rugido, que continuamente fazem as trovoadas, de que está cercado o seu cume.

Defronte da extremidade meridional d'esta serra estão trez ilhotas, que os navegantes denominaram *Selvagens*.

A 30 milhas adiante da ponta da montanha descobriram o *Rio vermelho* (ou roxo), a que derão este nome, por que a sua agoa, correndo por terreno avermelhado, mostrava a mesma côr.

Além d'este rio está um *Cabo*, que também denominaram *vermelho*; e defronte d'elle ao mar uma ilhota deshabitada que igualmente ficou com o nome de *Ilha vermelha*.

Passado o Cabo vermelho descobriram um rio grande, que chamaram de *Santa Maria das Neves*, pelo avistarem a 3 de Agosto.

Além d'este rio está uma ponta, e defronte d'ella a *Ilha* que chamaram *dos Bancos*, pelos muitos que alli faz a arêa.

Além d'esta *Ilha* descobriram um cabo grande que chamaram *Cabo de Santa Anna*, pelo avistarem a 30 de Julho.

Do *Cabo de Santa Anna* a 60 milhas, descobriram um rio, a que dêram o nome *das Palmas*, por haver alli muitas.

Navegando ainda outras 60 milhas, acharam o rio, a que pozêrão o nome *dos Fumos*, por verem muitos na costa quando alli passaram.

Mais adiante 24 milhas descobriram o *Cabo do Monte*, assim denominado porque o cabo entrando muito ao mar mostra um elevado monte.

D'ahi a 60 milhas achárão outro cabo, e outro monte mais pequeno, a que por isso chamarão *Cabo Mesurado*:

Navegando ainda mais 16 milhas notaram um bosque grande com arvores mui verdes que vinhão até ao mar, e lhe chamaram o *Bosque de Santa Maria*.

D'aqui voltou Pedro de Cintra ao Reino; trazendo da ultima terra um negro, conforme a ordem de El-Rei, que depois o mandou restituir ao seu paiz.

A *Relação* d'esta viagem foi escripta por *Cadamosto*, e della se vê:

1.º Que Pedro de Cintra, passando além dos ultimos descobrimentos, explorou mais de 629 milhas de costa para o Sul.

2.º Que a sua viagem foi executada logo depois da morte do Infante D. Henrique, e provavelmente no anno de 1461, ou quando mais tarde em 1462, porque Cadamosto, concluindo a narração diz « *E d'este ultimo lugar (que era o Bosque, ou Matta de Santa Maria) não tinha passado navio algum até á minha partida de Hespanha, que foi no primeiro dia do mez de Fevereiro de 1463.*

(Vej. *Navegação do Capitão Pedro de Cintra escripta por Cadamosto, impressa na collecção de noticias para a hist. e geograf. das nações ultramarinas da Academia R. das Scienc. de Lisboa, tom. 2. n.º 1.*

ANNO DE 1469.

Neste anno de 1469 mandou El-Rei arrendar o commercio da costa d'Africa a Fernam Gomes por cinco annos, e por 500 cruzados em cada anno, ficando reservado para a Corôa o marfim, e impondo-se ao arrendatario a obrigação de descobrir cada anno *cem leguas de costa.*

Fernam Gomes encarregou o descobrimento a João de Santarém, e Pedro de Escobar, criados de El-Rei, os quaes partiram em dous navios, levando um d'elles por piloto Martim Fernandes de Lisboa, e o outro Alvaro Esteves de Lagos, *um dos homens mais entendidos e accreditados em sua arte por aquelles tempos.*

Estes navegantes descobriram o resgate do ouro, a que chamaram a *Mina*, e dizem alguns escriptores, que chegaram ao *Cabo de Santa Catharina*, que os nossos antigos pu-

nhão a 2.^o de lay. austr. Outros porém dizem que o cabo fôra descoberto por um *N. Sequeira*, um pouco mais tarde em 1471.

Fernam Gomes, por conta do qual se fazião estes descobrimentos, teve depois o appellido *da Mina*, e por armas *um escudo em campo de prata, com três meios corpos de Ethiopes, ornados de collares de ouro ao pescoço, e arrecadas nas orelhas e narizes*. Estimavão então os Portuguezes este genero de premios, com que os Principes honravão e perpetuavão o seu nome, e a memoria de seus serviços, e por isso erão tão frequentes entre elles as acções generosas, grandes, e uteis.

ANNOS DE 1469 E 1471.

Parece, que a algum d'estes annos, com pouca differença, se deve referir o descobrimento do *Cabo*, que do nome do seu descobridor se chamou *de Lopo Gonsalves*, o qual fica ao norte do de *Santa Catharina*, a pouco menos de 1.^o austr., á boca do rio *Gabam*.

Tambem alguns põem no anno de 1469, e outros em 1471 o descobrimento da Ilha, que se chamou *Formosa*, no golfo de Guiné, e que depois tomou o nome de *Illa de Fernando Pó*, que foi o seu descobridor.

Finalmente as outras Ilhas do *Corisco*, *Anno bom*, *S. Thomé*, e *Príncipe*, parece natural terem sido descobertas pelos mesmos tempos, visto serem situadas naquelles mares, tão frequentados então dos navegantes portuguezes. E' certo porém, que todas forão achadas em tempo de D. Afonso V.

N. B. As duas Ilhas de *Fernando Pó*, e *Anno bom* foram cedidas a Castella pelo Art. 13 da Convenção ou Tratado de 11 de Março de 1778, e parece que o Gabinete de Madrid tinha em vista, por este meio, livrar-se da dependencia dos estrangeiros, que, por os Castelhanos não terem possessão alguma na costa d'Africa, crão os que fornecião de negros as colonias hespanholas da America.

ANNO DE 1471.

Neste anno conquistou El-Rei D. Affonso V. *Arzilla e Tangere* na Mauritania, levando a esta expedição mais de 300 vazes de todos os portes, e cousa de 30:000 homons de guerra, e marinagem.

Depois d'estas conquistas alterou El-Rei o seu dictado: e se intitulou « *Rei de Portugal e dos Algarves d'aquem e d'além mar em Africa* » (*).

Este Principe entretido nas conquistas da Mauritania, e embaraçado depois com a mal fadada guerra de Castella, e com os outros pouco felizes successos que d'ella se origina-

(*) *V. as Dissert. Chronol. e Criticas do Sr. João Pedro Ribeiro, aonde tracta dos Titulos ou dictados dos Soberanos de Portugal*, tom. 2. pag. 207, e Ruy de Pina, ali citado, *Chronica de El-Rei D. Affonso V.* cap. 167.

ram, não adiantou mais os descobrimentos. Os nossos escriptores dizem uniformemente que no seu tempo se não passou do *Cabo de aSnta Catharina*.

El-Rei falleceu em 1481, e em seu lugar subio ao throno seu filho, D. João II., cujo reinado se póde reputar como uma das épocas mais gloriosas dos nossos descobrimentos, e sem duvida a mais gloriosa d'este *Periodo*.

REINADO DE EL-REI D. JOÃO II.

DESDE 1481 ATE' OUTUBRO DE 1495.

ANNOS DE 1481 E 1482.



El-Rei D. João II. (denominado com razão pelos Portuguezes o *Principe Perfeito*) concebeu toda a extensão, e grandeza das idéas e projectos de seu Tio, o immortal Infante D. Henrique, e conheceu a fundo as grandes vantagens, que Portugal, e o mundo inteiro havia de tirar da sua execução. Assim, foi este um dos principaes cuidados e empenhos do seu saudozo, posto que infelizmente pouco dilatado, governo.

Logo no anno de 1481, em que subio ao throno,

mandou á costa d'Africa Diogo de Azambuja, commendador do Castello de Vide na Ordem de Aviz: o qual sahindo de Portugal em 12 de Dezembro com 10 caravellas e 2 urcas, aportou em *Guiné* a 19 de Janeiro do anno seguinte de 1482.

Sahio em terra a 20, e começou logo a levantar o Castello, que El-Rei quiz se denominasse de *S. Jorge da Mina*, cujos materiaes hião apparelhados de Portugal.

Em roda d'este Castello se ajuntou logo uma povoação notavel, a que El-Rei deu o nome, e foro de *cidade*, por Carta de 15 de Março de 1486.

Azambuja assentou paz e commercio com *Casamanza*, Rei d'aquella costa, e tentou (posto que sem effeito) persuadi-lo a abraçar o christianismo.

(*Garcia de Resend. Chron. de El-Rei D. João II.*)

ANNO DE 1485.

Neste anno despachou El-Rei a Diogo Cam aos descobrimentos da costa d'Africa, aonde já tinha hido outra vez de seu mandado, no anno anterior de 1484, ou pouco antes.

O illustre navegador chegou na primeira viagem aos 13° lat. aust., descobriu o grande rio *Zaire*, e o reino de *Congo*, e collocou nessa paragem um dos padroes que para isso levava preparados.

Na segunda viagem adiantou até os 22° austr. e collocou segundo padrão não longe do *Cabo Negro*.

Os padrões erão delineados por El-Rei. Consta cada um de uma columna de pedra com 14 ou 15 palmos de altura, e em cima d'ella uma cruz: tinha esculpidas as armas de Portugal, e dous letreiros, um em lingua portugueza, e outro em latim, nos quaes se declarava o nome de El-Rei, a data do descobrimento, e o Capitão que o fizera, e alli collocara aquelle padrão.

Diogo Cam e os Portuguezes que o acompanhavão, e com elle sahiram em terra no *Congo*, houverão-se de tal modo com o Rei que governava aquellas terras, que elle não só ficou inclinado a favorecer a religião christã, mas também quiz que logo viessem a Portugal alguns dos seus para se instruirem, e doutrinarem na lingua, nos costumes, e nas artes dos Portuguezes; e pedia a El-Rei, que lhe mandasse ministros da religião, officiaes de algumas artes mechanicas, lavradores que lá ensinassem a amansar os bois, e a cultivar, e aproveitar as terras, mulheres que ensinassem a arte de amassar, e fabricar o pão, &c.

Os moços Conguezes, que o Rei mandou, chegaram a Portugal, e estiverão a aprender as primeiras letras na Casa de Santo Eloy até Dezembro de 1490, em que voltaram ao *Congo*, hindo juntamente alguns religiosos, varios officiaes para a construcção de uma igreja, e para os exercicios de algumas artes, muitos ornamentos, e vasos sagrados, livros, &c.

Esta missão chegou ao Congo a 29 de Março de 1491. O Rei, a Rainha, e muitos dos grandes, e povo receberam o baptismo. Lançaram-se os fundamentos á igreja a 6 de Maio de 1491. Um dos negros que tinha vindo a Portugal começou logo a ensinar a lêr, e escrever, &c. Finalmente a armada Portugueza voltou ao reino em 1492, fi-

cando lá muitos Portuguezes, uns para o tracto do commercio, e para a defensão da fortaleza, que se levantára no paiz; e outros destinados particularmente por El-Rei para descobrirem o interior das terras; passarem, se possível fosse, até ao *Preste João* (de que aqui parecia terem-se achado novos indícios); indagarem os caminhos d'aquelle imperio, &c.

Por estes tempos, ou pouco depois, accrescentou El-Rei ao seu dictado o de « *Senhor de Guiné* » intitulando-se « *Rei de Portugal e dos Algarves d'aquem e d'além mar em Africa, Senhor de Guiné.* »

(Veja-se a respeito d'este *Título*, ou *Dictado*, o que diz o Sr. João Pedro Ribeiro, nas *Dissert. Chronol. e Criticas*, tom. 2.º pag. 207.)

ANNO DE 1486.

No anno de 1486 descobriu João Affonso de Aveiro o reino, e terras de *Benin*, subindo pelo rio *Formoso*. D'ahi veio a primeira *pimenta de Guiné*, que sendo levada pelos Portuguezes a Flandres, foi muito bem acolhida, e estimada no commercio.

Os governadores, e habitantes de *Azamor* na *Mauritania*, se mandaram submeter á obediencia de El-Rei de Portugal, obrigando-se a um tributo annual.

ANNO DE 1486.

Neste mesmo anno de 1486 sabiu do Téjo a fausta, e feliz expedição mandada ao descobrimento do grande *cabo*, que termina a Africa ao Sul, arrumado por alguns dos nossos antigos em 35°, e por outros em 34° e 30' lat. austr. Da qual expedição diz um moderno geografo estrangeiro. que foi « *a mais delicada, e a mais difficil que se tem tentado nos tempos modernos.* »

Encarregou o grande Rei D. João II. esta tão importante, como arriscada empreza a Bartholomeu Dias, e Lopo Infante (que alguns chamão João Infante) cada um em seu navio.

Corrêram os illustres e ousados navegadores a costa occidental desde o *Cabo Negro*, aonde tinha chegado Diogo Cam, (como ha pouco dissemos) para o Sul.

Aos 24° assentaram o padrão *Santiago* no lugar chamado *Serra Parda*.

A 29° descobriram a *Angra das Voltas*, assim denominada das muitas voltas que os navegantes andaram dando nessa paragem por espaço de cinco dias.

Apartados d'este lugar navegaram ao Sul treze dias: e como comesassem a sentir grandes frios, e tivessem já corrido por tanto tempo n'aquelle rumo, mandou Bartholomeu Dias demandar a terra pelo rumo de Leste, cuidando que a costa ainda alli correria Norte-Sul.

Passados dias, e não se encontrando terra, mandou velejar ao Norte, e nesta direcção foi ter a *Angra dos Vaqueiros*, a que deu este nome pelos que ali viram pastoreando seus gados. Já os navegantes estavam *além do grande cabo*, que hião buscando, e que muito por largo tinham rodeado sem o avistarem.

Correndo ainda ávante pela costa na mesma direcção, chegaram a um ilhéu, que denominaram *da Cruz*, pelo padrão que nelle collocaram, a 33° e 45' austr.

Bartholomeu Dias mandou ainda navegar ávante, obra de 25 leguas, e chegaram com effeito ao *Rio do Infante*, a que derão este nome do appellido de um dos navegadores. Os nossos antigos marinheiros arrumavão este rio em 32° e 20' austr.

Nesta paragem foi Bartholomeu Dias obrigado (com grande magoa sua) a retroceder, por a isso o forçarem os clamores da gente dos navios.

Retrocedeu com effeito, avistou o grande Cabo, a que chamou *das Tormentas*, pelas que nelle experimentára, e ali collocou o padrão *S. Filippe*.

Entrou finalmente em Portugal em Dezembro de 1487, havendo 16 mezes e 17 dias que tinha sahido.

Dando conta da sua viagem a El-Rei, este grande Principe, com admiravel penetração de espirito, quasi presagiando o futuro, quiz que o *Cabo* se chamasse da *Bóia Esperança*, nome que conserva até ao dia de hoje; e que seria em todas as idades, para o Monarca Portuguez, e para toda a Nação, um titulo incontestavel de gloria, superior ao despeito, ao baixo ciume, e á inveja dos estrangeiros.

ANNO DE 1487.

Quando El-Rei D. João II. mandava por mar descobrir o *Cabo da Bôa Esperança*, despachava tambem por terra, e por differentes vias, varios descobridores, qua tentassem chegar á India, penetrar até os estados do *Preste João*, indagar a possibilidade de navegar para aquellas partes, examinar os caminhos por onde vinhão as especiarias, e drogas orientaes, informar-se de alguma passagem pelo interior da Africa pãra a costa oriental, &c.

Entre estes viajantes descobridores são dignos de especial memoria os dous, João Peres da Covilhã, e Affonso de Paiva.

Pelo mesmo tempo, e annos seguintes entretinha El-Rei correspondencia com alguns Principes e Senhores de Africa, e mandava estabelecer feitoria Portugueza em *Huadem*.

Entre os descobridores, que foram ao interior, e viram reinos e gentes até então desconhecidas, ficaram em lembrança da Historia os nomes do Pedro de Evora, e Gonçalo Annes, mandados a *Tucuroi*, e *Tombucutum*; Rodrigo Rebello, Pedro Reynel, e João Collaço a *Mandimanza*, a *Tamala dos Fulos*, ao *Rei de Songo*, e dos *Moses*, &c.

Em uma Nota particular ajuntaremos as noticias que se conservão nos escriptores, ácêrca d'estas viagens.

ANNOS DE 1487 E 1488.

No mesmo anno de 1487, estando alguns Portuguezes na fôz do *Sanagá* (Senegal) por elles mandou *Bemohi*, Rei negro de Gelofo, embaixada a El-Rei, com um rico presente, de que fazião parte *cem escravos negros*.

No anno seguinte de 1488 veio o mesmo Principe em pessoa a Portugal, implorar o auxilio de El-Rei D. João II, contra alguns seus vassallos rebeldes. Em Lisboa recebeu o baptismo, elle e outros senhores, que o acompanhavão; e quando quiz voltar a Africa, mandou El-Rei uma frota, que o escoltasse, auxiliasse, e restituisse aos seus estados, e nella ecclesiasticos, que ensinassem e prégassem o evangelho, e a doutrina christã; obreiros, que edificassem um templo, &c. E ordenou ao mesmo tempo, que na fôz do *Sanagá* se levantasse uma fortaleza, pôr ser informado, que este rio passava por *Tambucutum* e *Mombarce* que erão as maiores feiras do interior, de que toda a Berberia de levante e poente se provia, e abastecia.

Como El-Rei tinha em diversas partes do *levante* pessoas encarregadas de o informarem, e avisarem de tudo quanto podesse ser conducente á execução das suas vastas idéas, o S. P. Innocencio VIII. lhe enviou por estes annos um Sacerdote Ethiope, recém-chegado da Ethiopia, e residente no Collegio de Santo Estevão dos Indianos em Roma, para dar informação a El-Rei das cousas do Preste João, de que tanto desejava noticias. Este Sacerdote se chamava *Lucas Marcos*, e tinha vindo a Roma de mandado do Im-

perador da Ethiopia sobre o Egipto, isto é, do proprio Principe a quem se applicava o nome de *Preste João*. El-Rei o recebeu e acolheu com grande prazer, e depois de haver d'elle muitas importantes noticias, o despedio contente, e lhe deu cartas suas para o Imperador.

ANNO DE 1490.

Em 1490 chegou João Peres da Covilhã (v. anno de 1487) á Córte da Abyssinia, sendo Imperador *Escander* (Alexandre) a quem entregou as cartas de El-Rei de Portugal.

El-Rei, logo que teve noticias certas d'aquellas partes, começou a preparar uma armada para hir ao descobrimento da India; ordenou o Regimento por que ella havia de governar-se; e designou para Capitão-mór da expedição o grande Vasco da Gama, como refere o seu chronista Garcia de Rezende. A morte prevenio este Principe no meio de seus gloriosos trabalhos, e o descobrimento ficou reservado para o seu successor.

No mesmo anno forão expugnadas na Mauritania as villas de *Targa*, e *Camice*.

ANNO DE 1491.

A este anno, e aos nove seguintes, até o de 1500, se devem referir as grandes viagens do Dr. Martim Lopes, Jurisconsulto, Filosofo, e Medico, pelas terras do Norte da Europa, até aos confins d'esta parte do mundo, aonde confronta com a Asia. D'estas viagens dá elle mesmo succinta noticia a El-Rei D. Manuel em carta que lhe escreveu de Roma no 1.º de Fevereiro de 1500, e de que existe original no Archivo da Torre do Tombo, Corp. Chronol. P. 1. maço 3.º Docum. 5.º

ANNO DE 1493.

Neste anno aportou a Lisboa Christovão Colombo, já de volta do seu primeiro descobrimento, a que fôra debaixo dos auspícios dos Reis Catholicos.

Foi opinião mui corrente entre os nossos antigos, e referida por muitos eccriptores nacionaes e estrangeiros, que o primeiro descobrimento do *Novo Mundo* fôra feito por um piloto Portuguez, arrojado pelo temporal até ás terras occidentaes, o qual communicára a Colombo as suas cartas, notas, e derrota.

Pareceu-nos pois que esta memoria se devia aqui con-

servar tal como a recebemos dos antigos, sem contudo ser nosso animo roubar ao navegador Genovéz a sua gloria, ou diminuir um só ponto da honrosa fama, e nome illustre, que tão justamente adquirio, e a Historia lhe conserva.

No mesmo anno de 1493 mandou El-Rei povoar a Ilha de *S. Thomé*, dando a capitania d'ella de juro e herdade a Alvaro de Caminha, cavalleiro da sua Casa.

ANNO DE 1494.

A 7 de Junho d'este anno se assignou o celebre *Tractado de Tordesilhas* entre El-Rei de Portugal, e os Reis Catholicos, pelo qual se ajustou, que contando 370 leguas desde as Ilhas de *Cabo verde* para occidente, e tirando por esse ponto uma linha imaginaria, que passasse pelos pólos da terra, e dividisse o globo em dois hemisferios, ficasse o occidental pertencendo aos Reis Catholicos, e o oriental aos Portuguezes, para nelles continuarem livremente os seus descobrimentos.

ANNO DE 1495.

A 25 de Outubro d'este anno de 1495 falleceu El-Rei

D. João II. com o que terminámos o 2.º Periodo do Indice dos nossos descobrimentos.

Não é aqui lugar proprio para fazer o elogio d'este Soberano, a quem os portuguezes, mui avisadamente, denominaram « o Grande » e deram a qualificação de « *Principe Perfeito.* » Lembraremos tão sómente pelo que toca ao nosso assumpto:

Que em seu tempo se descobriu toda a costa occidental de Africa desde o *Cabo de Santa Catharina* para o Sul; se dobrou o grande *Cabo da Boa Esperança*, e se passou ainda além d'elle até ao rio do Infante.

Que no seu reinado se fundou o castello e cidade de *S. Jorge da Mina*, e se lançaram os primeiros fundamentos aos estabelecimentos do *Congo*, plantando-se alli a Religião Catholica, que depois foi em tanto crescimento, e introduzindo-se n'aquelles barbaros paizes as artes, os officios, e uma parte da civilisação europêa.

Que este grande Rei não poupou diligencias algumas, nem despesas, para obter por meio de viagens terrestres o conhecimento dos paizes orientaes, e das terras do interior da Africa, deixando por este modo ao seu successor as informações, e planos que tão uteis lhe foram para o progresso de nossas emprezas.

Que no tempo d'este Principe, por sua ordem, e com auxilio de suas proprias luzes e instrucção, os dous Astronomos Portuguezes Mestre Rodrigo, e Mestre José Hebreu, e o outro tambem habil Astronomo Martim Behaim conseguiram melhorar o instrumento nautico, de que usão os navegantes para tomar a altura do sol, com o que se facilitou muito a navegação pelo alto mar, e puderam os navios desviar-se das costas, que até então seguião com grandes delongas, e inconvenientes.

Que elle mesmo, com a grande intelligencia que tinha em todos os officios, e em particular nas artilherias (como se explica Rezende) achou e inventou o modo de trazer mui grossas bombardas em pequenas caravellas, cousa até então desconhecida, conseguindo com isto defender as costas, e a navegação dos seus navios com menos despeza, e mais segurança.

Que foi elle o primeiro que poz no mar uma Náo de mil toneladas, a maior, mais forte, e mais bem acabada, que até áquelle tempo se havia construido, armada de grossas bombardas, e outras artilherias, e de tão forte, e basta liança, e tão grosso taboado, que a artilheria a não podia passar (Rezende).

Tambem não parecerá improprio d'este lugar referir, como este illustre Principe, já pelos annos de 1483, ordenára que seu primo D. Manuel, ainda então muito moço, e apenas com direito muito eventual ao throno portuguez, a que depois subio, tomasse por deviza a *Esfera do mundo*, que com effeito começou logo a usar, e conservou ainda depois de Rei. O que nos parece ser grande prova da perspicacia e penetração de El-Rei, das suas vastas idéas, e esperanças, e do presentimento que tinha dos futuros gloriosos feitos dos Portuguezes.

Este Principe, diz um geografo estrangeiro moderno, fixou a soberania de Portugal em *Guiné*, região profunda em ouro, marfim, e outras ricas produções; e legou á sua Nação uma grande herança de gloria, abrindo caminho ás acções heroicas que depois d'elle se praticaram na conquista maritima das Indias Orientaes.

Finalmente ao tempo do seu fallecimento deixou quasi prompta a armada que havia de hir ao descobrimento da India (como já dissemos) e muitas importantes memorias para ulterior execução de seus vastos projectos.

PERIODO 3.º

DESDE O ANNO DE 1495 ATÉ AO DE 1578.

**COMPREHENDE OS REINADOS D'EL-REI D. MANUEL — DE
EL-REI D. JOÃO III. — E DE EL-REI D. SEBASTIÃO.**

REINADO DE EL-REI D. MANUEL.

1495 — 1521.

ANNO DE 1497.

El-Rei D. Manuel, achando quasi prompta a armada, que seu antecessor apparelhára para o descobrimento da India, cuidou logo em expedil-a, tendo em pouco os obstaculos, que a ignorancia, e o timido receio lhe quizerão ainda oppôr.

Constava a armada de trez Nãos, a saber:

1.ª A Náo *S. Gabriel*, capitania, em que foi Vasco da Gama, Capitão mór da expedição. Piloto, Pedro de

Alemquer, o mesmo que tinha sido com Bartholomeu Dias ao descobrimento do Cabo da Boa Esperança.

2.^a A *Não S. Rafael*: Capitão, Paulo da Gama irmão de Vasco da Gama. Piloto, João de Coimbra.

3.^a A *Não Berrio*: Capitão, Nicolao Coelho. Piloto, Pedro de Escobar.

Hia mais uma barca com mantimentos: Capitão, Gonçalo Nunes.

Todos estes vasos levavam não mais que 160, ou 170 homens, tanto de armas, como de marinhagem, entre os quaes se nomêão Fernam Martins e Martin Alfonso, linguas, e também pilotos.

Esta pouco numerosa, mas ousada e feliz companhia sahio do Tejo em um sabbado 8 de Julho de 1497.

Ao quinto mez de sua navegação, a 4 de Novembro, também dia de sabbado, descobriram uma bahia, que denominaram *Angra de Santa Helena*, situada ainda na costa occidental, pouco antes de se chegar ao resto do cabo. Aqui se demoraram doze dias, e na quinta feira 16 de Novembro continuaram viagem.

A 22 de Novembro dobraram o *Cabo da Boa Esperança*.

A 25, dia de Santa Catharina, chegaram ao lugar, a que se deu o nome de *Aguada de S. Braz*, d'onde partiram a 8 de Dezembro.

A 25 de Dezembro avistaram a terra, a que se deu o nome de *terra de Natal*, com respeito á festividade do nascimento de Jesus-Christo. As antigas cartas portuguezas punhão o principio d'esta *terra de Natal* em 32° e meio austr.

A 10 de Janeiro de 1498 descobriram o *Rio dos Reis*, a que derão este nome, por ser então o oitavario da festa

da Epiphania. Este rio se chamou tambem *Rio do Cobre*, e á terra se deu o nome de *terra da boa gente*. Os antigos a denotavão a 25°. O Gama deixou neste lugar dous degradados dos que levava para exploradores das terras barbaras, e continuou viagem a 15 de Janeiro.

A pouca distancia do *Rio dos Reis* denotaram a *Agoada da boa paz* em 24° e meio austr.

A 25 de Janeiro descobriram um rio grande, que denominaram *dós bons signaes*, pelos bons auspicios que o Gama tirou de algumas circumstancias favoraveis á sua empreza. Aqui se deu pendôr aos navios, e se collocou o padrão *S. Rafael*, e teve o Gama o desgosto de lhe morrer alguma gente por effeito de uma terrivel, e ascorosa doença. Passados 32 dias, e deixando em terra outros dous degradados, continuaram a navegar a 24 de Fevereiro.

No 1.º de Março descobriram 4 Ilhas, e tomaram terra na de *Moçambique*, aonde collocaram o padrão *S. Jorge*. Levantaram ferro a 13 de Março, terça feira.

No 1.º de Abril, hindo em demanda de *Quilóa*, a não poderam tomar, pelo que navegando ávante, chegaram a *Mombaça* a 7 de Abril, vespera de Ramos, lançaram ferro á sua entrada. D'aqui sahiram a 13.

No dia 15 de Abril, que foi nesse anno *dia de Pascoa*, fundearam em *Melinde*, aonde assentaram o padrão *Santo Espirito*. Está esta cidade em 3° austr.

De *Melinde*, tomando piloto da terra, navegaram a 21 de Abril no rumo de Nordeste, atravessando aquelle grande golfo.

A 20 de Maio de 1498 surgiram a duas leguas da cidade de *Calecut*, termo de sua navegação, e logo depois passaram ao proprio surgidouro da cidade, aonde collocaram o padrão *S. Gabriel*.

A 29 de Maio se avistou o grande Gama com o *Camori*, entregou as cartas de El-Rei, e deu a sua embaixada.

A' volta de *Calcut* descobriram ainda a Ilha de *Anchediva*, e os ilhéos de *Santa Maria*, assim denominados do padrão que ahí se collocou.

A 5 de Outubro de 1498 sahiram de *Anchediva* para *Melinde*; mas experimentando grandes calmarias, sómente chegaram a *Magadaxo* a 2 de Fêvereiro, e a 7 surgiram em *Melinde*, anno de 1499.

A 20 de Março de 1499 dobraram o *Cabo da Boa Esperança*.

A 29 de Julho (alguns dizem de *Agosto*) entrou Vasco da Gama no Têjo, aonde já o esperava Nicoláo Coelho, que tinha chegado a 10 de Julho. Paulo da Gama ficou sepultado na Ilha *Terceira*.

Foi o tempo da viagem e ausencia d'esta companhia de heroes dous annos e vinte e um dias; e sómente chegaram vivos 55 homens.

O grandioso templo e mosteiro de *Belem*, erigido por El-Rei D. Manuel em acção de graças ao Céu pela felicidade do descobrimento da India, é um monumento immortal da piedade do Monarca, e da gloria da Nação Portugueza. Foi levantado no proprio lugar, em que o inclito Infante D. Henrique havia fundado uma ermida para d'ahi se administrarem os sacramentos aos mareantes, e um hospital para o tratamento dos enfermos. Ainda hoje se vê a estatua do illustre Infante sobre a porta principal, e as de El-Rei D. Manuel e da Rainha D. Maria em lugares mais secundarios,

El-Rei, logo que o Gama entrou em Lisboa, accrescentou o seu Dictado, e denominou-se «*Rei de Portugal*», e

dos Algarves d'aquem e d'além mar em Africa, Senhor de Guiné, e da Conquista, Navegação, e Commercio da Ethiopia, Arabia, Persia, e India, &c.» Titulo tão honroso (diz Dam. Goes) quanto o é a mesma conquista! Com elle se acham lavrados documentos posteriores a Agosto de 1499. E nesse mesmo anno mandou El-Rei lavrar os Portuguezes de ouro com a legenda:

Emanuel Rex Portugaliae, Algarbiorum citra et ultra in Africa, et Dominus Guinae.

E ao redor das armas:

Conquista, Navegaçam, Commercio, Aethiopiae, Arabiae, Persiae, Indiae.

ANNO DE 1500.



Pedro Alvares Cabral, mandado á India com uma grande armada de 13 Nãos, sahiu de Lisboa a 9 de Março d'este anno: e engolfando-se muito com o fim (ao que parece) de se desviar da costa de Africa, e evitar as calmarias de Guiné, foi arrojado a uma costa desconhecida ao Sudoeste, a qual avistou a 22 de Abril, quarta feira da oitava da Pascoa, e nesse dia surgio a cousa de 6 leguas da terra. Ahi deu o nome de *monte pascoal* a um alto monte que se avistava, e á terra chamou a terra da *Vera-Cruz*.

A 23 navegou para a terra, e lançou ancora em frente de um pequeno rio, que Nicoláo Coelho foi examinar, achando gente mansa e tratavel.

A 24 correram a costa para o Norte em busca de alguma bôa abrigada, e achando lugar seguro para as Nãos, ahí lançaram ancora. Este é o que depois se chamou *Porto Seguro*, arrumado pelos nossos navegadores em 16° e 30' austr., ou em 16° e 40'.

A 26 de Abril, domingo, oitava da Pascoa, fez Cabral que houvesse missa, e prégação em terra, a que elle assistio com a gente da armada, e muitos dos naturaes, que fizeram grandes festas, e folias ao seu modo: e para esta solemnidade mandou levantar na praia uma grande Cruz de madeira.

Estando aqui alguns dias, em que a armada se proveu de agoa e lenha, despachou Cabral um dos seus navios, Capitão Gaspar de Lemos, para vir trazer a El-Rei a noticia d'aquelle novo descobrimento, e pondo em terra dous homens, que no Reino tinham sido condemnados á morte, e que levava para exploradores, seguiu viagem para a India a 2 de Maio.

No Cabo da Bôa Esperança soffreu a armada subita e horrivel tempestade, perdendo-se logo quatro Nãos, uma das quaes era commandada pelo illustre Bartholomeu Dias, que descobrira, e dobrára o mesmo cabo, e n'aquelles mares ficou sepultado, verificando-se á risca a profetica ameaça do fero Adamastor, quando disse:

« *Aqui espero tomar, se não me engano,*

« *De quem me descobriu summa vingança.* »

Na costa oriental de Africa, esteve a armada em *Mozambique*, *Quilôa*, e *Melinde*; e na costa da Arabia e Persia observou *Magadaxo*, *Socotorá*, *Julfar*, *Ormuz*, &c. Chegado á India sahio em Anchediva, passou a *Calecut*, entrou em *Cochim* e *Cananor*, e voltando a Portugal em 1501 trouxe Embaixadores d'estes dous ultimos Reinos.

A' volta lançou em Melinde dous portuguezes, que trabalhassem por penetrar até á Abyssinia, e encarregou a Sancho de Toar de reconhecer *Cofala*, e informar-se do resgate do ouro, que alli se fazia.

Em *Besenegue*, junto a *Cabo verde* encontrou a expedição de trez navios, em que Americo Vespucio fazia a sua primeira viagem á *terra de Santa Cruz* por ordem de El-Rei D. Manuel.

A Relação d'esta viagem de *Cabral*, escripta por um piloto Portuguez, que nella hia, foi traduzida em latim por *Archangelo Madrignano*, e inserida no *Novus orbis regionum ac insularum*, de *Grineo*, tendo já sido vertida em italiano, e mettida na collecção de *Ramusio* com o titulo « *Navegação do Capitão Pedro Alvares Cabral, escripta por um piloto Portuguez.* »

(Veja-se esta Relação na Collecção de *Noticias para a hist. e geograf. das nações ultramar. da Academ. R. das Scienc. de Lisboa tom. 2. num. 3.*, e a carta de *Pedro Vaz Caminha a El-Rei D. Manuel* na mesma Collecção tom. 4. num. 3.)

ANNO DE 1500.

Neste mesmo anno de 1500, Gaspar Côrte Real, nobre Portuguez, tentou investigar o ultimo termo da America septentrional, e descobrir caminho para a India pelo pólo arctivo.

VOL. I.

11

Sabiu do Téjo, na primavera, com dous navios, e chegou em sua navegação ainda além dos 60° de latitude Norte. Descobriu e correu toda a terra de *Labrador*, que também se ficou chamando *terra de Côte Real*, e acima d'ella a costa, que corre até ao *Rio das Mulvas*: descobriu também a que chamou *terra*, ou *Ilha dos Bacalhãos*, e algumas outras a ella proximas, que os antigos denominaram *Côrtes Reaes*, e mui provavelmente a pequena Ilha á entrada do estreito de *Hudson*, que se chamou de *Caramilo*, corrompido este nome do portuguez *caraméllo* (*neve congelada*).

O illustre navegante, voltando ao Reino, repetiu a mesma viagem a 15 de Maio de 1501, e como não houvesse noticia d'elle, foi no anno seguinte de 1502 seu irmão Miguel de Côte Real em busca d'elle, mas aconteceu-lhe a mesma má fortuna.

Em 1503 despachou El-Rei D. Manuel duas Nãos em busca de ambos, as quaes voltaram sem resultado algum.

Preparava-se ainda para repetir a mesma diligencia outro irmão mais velho, que os dous, por nome Vasco Eannes Côte Real, do Conselho de El-Rei, Alcaide-mór de Tavira, e Governador das Ilhas de S. Jorge e Terceira; mas El-Rei não consentiu que elle cumprisse o seu pio e fraternal proposito.

Vasco Eannes, comtudo, teve o senhorio da *Terra Nova*, ou o titulo de *Capitão Donatario da Terra Nova de Côrtes Reaes*, o qual passou a D. Margarida Côte Real, herdeira da Casa, e por ella a seu marido D. Christovão de Moura, Conde, e depois Marquez de Castello Rodrigo, que também se chamou, e seus descendentes, sonhor da *Terra Nova*.

As cartas geograficas modernas, não tem querido conservar a memoria do illustre Portuguez no nome de *Côte*

Real, dado ás terras por elle descobertas: mas Pinkerton, no seu *Comp. de geograph. modern.*, edição de 1811, não só diz, que no anno de 1500, *Côrte Real*, Capitão *Portuguez*, buscou uma passagem ao Norte, e descobriu o *Labrador*; mas acrescenta em outro lugar, que «a vasta extensão das costas, comprehendidas entre os 57 e 77° de longit. Oeste de *Pariz*, e entre os 52 e 62° de lat. septentr., foi chamada terra do *Labrador* por *Côrte Real*, navegador *Portuguez*, que a descobriu em 1500. « *E Malte Brun*, *Hist. de la Geograph.* liv. 32, não duvida dizer, que a idéa de um estreito ao Norte da *America*, parece ter tido origem nas *Relações*, ainda mal conhecidas, de *Gaspar Côrte Real*, navegador *Portuguez*.

ANNO DE 1501.

Neste anno, João da Nova, mandado á *India* por Capitão de quatro Nãos, e partindo de *Lisboa* a 5 de Março, descobriu a *Ilha da Ascensão* a 20° e $\frac{1}{2}$ austr., e a cousa le 120 leguas da costa do *Brazil*, e a outra que se ficou chamaudo *Ilha de João da Nova* ao oriente da *Africa*. — *Barros*. 1. 5. 10. edição de 1628, diz que João da Nova, passados 8° além da linha para o Sul, achára uma *Ilha* a que pozerão nome de *Concepção*.

Voltando a *Portugal*, já no anno seguinte de 1502, descobriu a *Ilha de Santa Helena* (tão famosa nos nossos dias) a 16°, ou 16 $\frac{2}{3}$ de lat. austr., a 450 leguas do *Cabo Negro* em *Africa*, e a 750 do *Cabo de Santo Agostinho*, ponto mais oriental do *Brazil*, segundo *Malte Brun*.

Os Portuguezes nunca povoaram esta Ilha; mas um Portuguez, por nome Fernam Lopes, que por especial graça obteve viver alli em desterro, a povoou de varios animaes domesticos, como porcos, cabras, coelhos, perdizes, &c., e fez algumas plantações. A' cerca d'este Fernam Lopes, e suas circumstancias, pôde vêr-se *Castanheda*, na *Hist. da India*, liv. 3 cap. 69. e cap. 94.

ANNO DE 1501.

Neste mesmo anno de 1501 foi a primeira viagem, que Americo Vespucio, florentino, fez por mandado de El-Rei de Portugal.

Sabiu de Lisboa a 10 de Maio; correu a costa de Africa até Cabo verde, e passando d'ahi a reconhecer as costas da *Terra de Santa Cruz*, que era o seu particular destino, navegou por ellas até ao *Rio da Prata*, chegando ainda á terra, que depois se chamou *dos Patagões*, d'onde voltou a Lisboa em Setembro de 1502.

(Veja-se a 1.^a *Carta de Americo Vespucio*, na *Collecção de Noticias para a hist. e geograf. das nações ultramar. da Academ. R. das Scienc. de Lisboa*, tom. 2. num. 4.)

ANNO DE 1502.

O grande D. Vasco da Gama voltou segunda vez á India com uma armada constante de 20 Náos em trez divisões, parte das quaes havião de lá ficar em guarda dos mares.

Na sua passagem pela costa oriental de Africa fez tributario o Rei de Quilóa, primeiro principe d'aquellas regiões, que pagou páreas a El-Rei de Portugal.

Na India assentou tractos de commercio com os Reis de *Cochim*, e *Cananor*, aonde já havia feitorias portuguezas: e em *Cochim* recebeu embaixada dos christãos de *Mangalor*, e de muitos outros lugares, que espontaneamente quizeram render vassalagem a El-Rei de Portugal, e se pozeram debaixo da sua protecção, dizendo que haveria em todos os ditos lugares 30:000 christãos, regidos por um senhor.

Castigou severamente a perfidia, e tracto doble do Imperador de *Culecut*, e voltando ao reino em 1503, apresentou a El-Rei em acto solemne, o ouro do tributo de *Quilóa*, que o pio Monarca dedicou a N. Senhora de Belem n'uma rica costodia.

Um Portuguez, por nome *Thomé Lopes*, que Barbosa diz ser natural da cidade do Porto, escreveu esta viagem com o titulo « *Navegação ás Indias Orientaes* » de que foi parte e testemunha ocular.

(Veja-se *Noticias para a hist. e geograf. das nações ultramar. da Academ. R. das Scienc. tom. 2. num. 5.*)

ANNO DE 1503.

Antonio de Saldanha, hindo neste anno para a India, deixou o seu nome á *Agoula do Saldanha*, proxima ao Cabo da Boa Esperança, tendo ali pelejado com os barbaros. Neste mesmo lugar foi depois morto por elles o illustre Almeida, primeiro Vice-Rei da India, como em seu lugar notaremos (an. 1510.)

No mesmo anno navegaram para a India duas armadas, commandadas pelos dous Albuquerque Francisco, e Affonso.

Na primeira hia Antão Lopes, mandado por El-Rei com embaixada ao Rei, ou Imperador dos Abexins; mas perdendo-se a Náo, em que hia, ficou a embaixada sem effeito.

Francisco de Albuquerque restituiu El-Rei de Cochim aos seus estados, do que havia sido expulso pelas armas de Calecut: fundou fortaleza em Cochim, e foi a primeira que levantámos na India; e quando d'alli se retirou, deixou em defeza d'aquelle reino o invicto heroe Duarte Pacheco Pereira, cujas espantosas façanhas são bem conhecidas na Historia.

A segunda armada, commandada por Affonso de Albuquerque, teve um successo semelhante ao de Pedro Al-

vares Cabral; porque de Cabo verde, engolfando-se ao mar avistou a Ilha da *Ascensão*, e tocou a costa da *Terra de Santa Cruz*.

Chegado á India, entrou em *Coulam*, cidade ainda não conhecida dos Portuguezes, assentou paz, e amizade com o Rei, estabeleceu feitoria, e tracto de commercio, e fez alguns ajustes em beneficio, e para protecção dos numerosos christãos que alli habitavão.

Neste mesmo anno despachou ainda El-Rei D. Manuel outra armada de seis Nãos, e nella fez sua segunda viagem Americo Vespucio.

As Nãos navegaram a *Cabo Verde*, e logo depois fazendo-se ao largo, pelo rumo de Sudoeste, aos 3.^o da equinoccial para o Sul, avistaram uma Ilha á qual foi mandada a Náo, em que hia Americo, com o fim de examinar, se nella haveria porto, em que a armada ancorasse, e neste meio tempo soçobrou a Náo capitania, salvando-se a gente.

A armada dividiu-se nesta paragem, e Americo, que se mostra na sua *Relação* mui descontente do capitão Portuguez, acaso porque este se não sujeitava á sua orgulhosa presumpção, nada mais diz do resto das Nãos. Elle porém na sua, com outra de conserva, navegou em demanda da *Terra de Santa Cruz*.

No fim de 17 dias descobriu um porto a que poz o nome de *Bahia de todos os Santos*, aonde sahiu em terra, e esteve 64 dias.

D'aqui resolvêram estas duas Nãos correr a costa, e chegaram a um porto em 18.^o austr.

Neste lugar estiveram cinco mezes, fundaram uma fortaleza, e a deixaram guarnecida com 24 homens, armas,

12 bombardas, e mantimento para seis mezes, E diz Americo, que neste lugar, e acompanhado de 30 homens, entrára pelo sertão a distancia de 40 leguas da costa.

D'aqui voltou a Lisboa, e entrou no Tejo em Junho de 1504. (*)

ANNO DE 1504.

Ruy Lourenço Ravasco, que fôra na armada de Saldanha, fez tributarios a Portugal os Reis de Zanzibar, e de Mombaça.

Diogo Fernandes Peteira (ou *Pereira*) que da mesma armada se desgarrou, foi invernar a *Cocotorá* aonde ainda não tinham hido os Portuguezes.

El-Rei D. Manuel mandou ao *Congo* homens letrados, mestres de lêr, e escrever, musicos, livros de doutrina christã, paramentos sagrados, e outras cousas necessarias para se continuar a instrucção religiosa, e a civilisação d'aquelles povos. De lá vieram tambem muitos moços nobres

(*) Sobre esta, e a precedente viagem de Americo Vesputio, que n'tamos ao an. 1501, devem ver-se as « *Recherches historiques, critiques & bibliographiques sur Améric Vespucci* » pelo Senhor Visconde de Santarem, Paris, 1842.

a Lisboa para estudarem a religião, as letras, e os costumes portuguezes. (*Osorio, Maffei, &c.*)

Por estes tempos o Soldão do Egypto começou a publicar que havia de destruir a casa santa de Jerusalem, o sepulchro de Jesus Christo, e o mosteiro do monte *Sinay*, e obrigar os christãos dos seus estados a se fazerem Mahometanos, se os Portuguezes não desistissem de suas empresas na India. Estas ameaças vierão a ter o resultado, que se verá no anno de 1505.

ANNO DE 1505.

El-Rei D. Manuel informado das maquinações occultas, e pouco leaes da Republica de Veneza, e da manifesta opposição do Soldão do Egypto, ligado com os Reis de Calcut e de Cambaya, resolveu mandar á India um grande Capitão, que com o titulo de Vice-Rei dirigisse, promovesse, e defendesse os negocios da navegação e commercio d'aquellas partes. E escolheu para este importante cargo o illustre D. Francisco de Almeida, o qual, acompanhado de uma poderosa armada de 22 vellas, sahio do Tejo em Março d'este anno.

Na sua passagem pela costa oriental de Africa expugnou *Quilóa*; destronizou o Rei que recusava pagar as páreas estipuladas, e se mostrava inimigo dos Portuguezes.

zês: deu á cidade novo Rei, que elle mesmo coroou com grande solemnidade; e fundou a fortaleza a que deu o nome de *Santiago*. El-Rei D. Manuel mandou depois debuxar o acto da coroação em ricas tapeçarias, que por muito tempo se conservaram.

Chegado á India fundou as fortalezas do *Anchediva* e *Cananor*. Coroou solemnemente o Rei de *Cochim* a quem El-Rei D. Manuel mandava uma rica corôa de ouro. Recebeu Embaixadores do Rei de *Narsinga*, e de outros principes; e assentou com elles paz, amizade, e alliança.

Seu valoroso filho D. Lourenço de Almeida descobriu *Ceilão* (que Goes escreve *Zeiland*) de que os Portuguezes já tinham noticia. Entrou no porto de *Gale*, e prometeu ao Rei defensão e protecção, com elle se obrigar ao tributo annual de 400 bahares de canella para El-Rei de Portugal.

ANNO DE 1505.

Pedro de Anhaya fez vassallo e tributario de Portugal o Rei de *Cofala*, e lançou ahi os fundamentos de uma fortaleza aos 21 de Setembro d'este anno, (*Castanh. liv. 2. cap. 11.*)

No mesmo anno se lançaram os fundamentos ao castello de Santa Cruz, no Cabo de *Aguer*, na Mauritania, aonde logo se formou uma notavel villa, que se denominou « *Villa de Santa Cruz no Cabo de Aguer.* »

ANNO DE 1506.

João Homem, capitão de uma caravella, pertencente á armada do Vice-Rei D. Francisco de Almeida, descobriu, *antes de chegar ao Cabo da Boa Esperança trez Ilhas. a dez leguas umas das outras, a que poz nomes Santa Maria da Graça, S. Jorge, e S. João.* (Dam. de Goes, Chron. de El-Rei D. Manuel, part. 2. cap. 3.)

Tristão da Cunha, hindo para a India, e tomando muito ao Sul para dobrar o Cabo da Boa Esperança, descobriu umas Ilhas despovoadas, que do seu nome se ficaram chamando « *as Ilhas de Tristão da Cunha.* »

Ruy Pereira Coutinho descobriu pela parte de dentro (occidental) a grande Ilha de *Madagascar*, e pôz o nome de *Bahia formosa*, á bahia em que primeiro entrou. Dando parte do descobrimento a Tristão da Cunha, partiu este a reconhecer a terra. Tocou varios pontos da costa occidental, e chegando ao cabo da Ilha em dia de *Natal*, lhe deu esse nome. A Náo de João Gomes de Abreu dobrou este cabo, e correndo pela costa oriental foi dar na bôca de um rio, na provincia de *Matatana*, aonde descendo em terra, e sendo necessario apartar-se a Náo, ficaram alguns Portuguezes em terra. (*Castanh. liv. 2. cap. 30 e 31.*)

Ao mesmo tempo que as Náos do commando de Tristão da Cunha descobrião *Madagascar* pela banda occidental outras Náos que vinhão em frota para o Reino, capitão Fernam Soares, a descobrião pela parte oriental, avistando-a no 1.^o de Fevereiro. Correram á vista d'ella 17 dias, e ten-

do feito agnada e lenha, a passaram a 18 do mesmo mez. A esta Ilha deram o nome de *S. Lourenço*, por ser achada á 10 de Agosto pelos descobridores da parte occidental.

A 6 de Fevereiro de 1507 escrevia Affonso de Albuquerque a El-Rei D. Manuel com data de *Moçambique*, e já lhe fallava do descobrimento da Ilha de *S. Lourenço* (R. Archiv. Corp. Chronolog. P. 1., maço 6.º, num. 8.º)

ANNO DE 1508.

Affonso de Albuquerque voltou neste anno á India, encarregado de tomar o cargo de Governador, logo que D. Francisco de Almeida acabasse o tempo do seu vice-reinado. Na passagem para a India embocou o *Estreito do golfo arabico*.

No mesmo anno sahiu da India para Portugal o primeiro elefante que de lá veio, mandado a El-Rei pelo illustre Almeida.

No mesmo anno finalmente fundou Diogo de Azambuja, por ordem de El-Rei, o *Castello Real* (Mazagão) na Mauritania.

ANNO DE 1507.

Neste anno descobriu D. Lourenço de Almeida as Ilhas *Maldivas*.

Tristão da Cunha pôz em *Melinde* um portuguez, por nome Fernam Gomes o Sardo (*Castanh. diz João Gomes ho jardo*) um mourisco christão; chamado João Sanches, e um mouro de Tunes, por nome Cide Mahamede, mandados por El-Rei D. Manuel com cartas suas ao Imperador *Abezi*. O bom Rei de *Melinde* encarregou-se de lhes dar aviamen-to para a viagem; mas como o não podesse fazer com a se-gurança, que desejava, ficou a viagem sem effeito por a-quelle caminho.

Tristão da Cunha, correndo a costa de *Ajan*, expug-nou e destruiu *Oja* e *Brava*, e fez tributaria *Lamo*. Em *Brava* foi armado cavalleiro pelo grande Albuquerque, que o acompanhava nestas expedições. D'hi passou a *Cocotorá*, cuja fortaleza tomou, e reformou, dando-lhe o nome de *S. Miguel*, e deixando-a guarnecida de Portuguezes, e tendo ordenado o governo da Ilha, partiu para a India (*Castanh. liv. 2. cap. 36 e 38. — Goes. Chron. de El-Rei D. Man.*)

Duarte de Mello fundou a fortaleza de *Moçambique*, e nella uma igreja, e um hospital.

Affonso de Albuquerque correu a costa da *Arabia e Persia*: assentou paz com *Calaiate*: expugnou *Curiate e Mascate*: fez tributaria *Soar*: mandou saquear *Orfaçam*, que achou despejada de habitantes: e entrando em *Ormuz* fez o seu Rei vassallo, e tributario de Portugal, e começou a 24 de Outubro a levantar alli a fortaleza, a que pôz o nome « *Nossa Senhora da Victoria.* » (*Castanh. liv. 2. cap. 53. e segg. Goes, Chron. de El-Rei D. Man.*)

No mesmo anno de 1507 os Portuguezes, commandados por Diogo de Azambuja, entraram na cidade de *Azaaf* (que nós chamamos *Casim*) na Mauritania Tingitana, da qual se assenhoriaram completamente no anno seguinte de 1508.

Guerra que o Rei de Cananor faz aos nossos. Cerco da nossa fortaleza, defendida valerosamente pelos Portuguezes, capitão Lourenço de Brito. *Castanh. liv. 2. cap. 45. e 52.*

ANNOS DE 1508 E 1509.

No anno de 1508 foi Diogo Lopes de Sequeira man-

dado por El-Rei a reconhecer a Ilha de *Madagascar*, e a descobrir *Malaca*.

Chegou à Ilha a 4 de Agosto. A 10 avistou, na parte oriental, um cabo, a que pôz o nome de *S. Lourenço*. Tocou algumas Ilhas, aonde achou Portuguezes, que alli tinham naufragado. Entrou no porto de *Turumbaia*, aonde se viu com o senhor da terra, e achou outro Portuguez. D'aqui navegou a outras Ilhas, que denominou de *Suma Clara*, e nellas fez provisões. Passou ao reino de *Matatana*; aonde sahiu em terra, e chegando ao rio que tem o mesmo nome, tambem ahi achou Portuguezes. Correu ainda ao longo da costa, por onde viu muitas povoações, até chegar a uma grande bahia, que denominou de *S. Sebastião*; pela ter descoberto a 20 de Janeiro de 1509. D'aqui partiu para a India, e chegou a *Cochim* a 21 de Abril de 1509.

Em Agosto do mesmo anno de 1509 navegou ao descobrimento de *Malaca*, conforme as ordens que tinha de El-Rei D. Manuel. Passadas as Ilhas de *Niçar*, foi ter a *Pedir*, e a *Pacém*, na Ilha de *Çamatra*, e em ambas as cidades levantou padrões, depois de ter assentado capitulações de paz com os seus Reis. D'ahi navegando foi surgir a 11 de Setembro em *Malaca*, cidade principal da península do mesmo nome, e grande emporio de todo o oriente, arrumada pelos escriptores Portuguezes em 2º e 2½ de lat. septemtr. Em *Malaca* assentou artigos de paz, e commercio com o Rei, e estabeleceu feitoria. Nesta expedição hia *Fernam de Magalhães*.

ANNOS DE 1508 E 1509.

Os trez mensageiros de El-Rei, que Tristão da Cunha pôz em Melinde para passarem á Abyssinia, e que por alli não poderam penetrar (v. an. de 1507) forão em 1508 ter com Albuquerque, que andava no cabo de *Guardafui*. Elle os pôz em um lugar a 3 leguas do cabo, donde, levando também cartas de Albuquerque, penetraram com effeito até á côrte do *Abexi*, aonde reinava David, e por sua menoridade governava sua Avó Helena. Desde então resolveram estes principes mandar um Embaixador a Portugal, e deram este cargo ao Armenio Matheus, de que a seu tempo se dirá. (an. 1514.) *Castanh.* liv. 2. cap. 85.)

Em dia de S. Braz 3 de Fevereiro de 1509 foi a grande batalha naval, em que o insigne Vice-Rei D. Francisco de Almeida venceu a armada do Soldão do Egypto; combinada com a de Calecut e de Cambaya, e afugentou da India os Rumes destroçados. Assentou então pazes com Melique-As, senhor de Diu: confirmou as que tinhamos com o Rei de *Chaul*, de quem recebeu as páreas, dando-lhe carta de vassallagem: avistou-se com o Rei de *Onór*, e augmentou o tributo, que já pagava a Portugal: fez vassallo de Portugal o Rei de *Baticala*, e lhe impôz também tributo. Finalmente recolheu-se a *Cochim*, e pouco depois

entregou o governo da India a Affonso de Albuquerque; que para elle fôra nomeado, como já indicamos no anno de 1506.

De volta para Portugal, já no anno de 1510, e no 1.º de Março, foi este insigne capitão morto cruelmente pelos barbaros na *Aguada do Saldanha*, aonde sahira em terra: verificando-se nelle tambem aquella terrivel ameaça do implacavel Adamastor:

« *E do primeiro illustre, que a ventura*
 « *Com fama alta fizer tocar os Céos*
 « *Serei eterna, e nova sepultura.* »

ADDITAMENTO.

Em 1508 partiu Tristão da Cunha de Moçambique, de volta para Portugal, a 17 de Janeiro, e de caminho descobriu a *Ilha da Ascensão*, diz Castanheda liv. 2 cap. 84.

N. B. Duas ilhas tem o mesmo nome da *Ascensão* uma em 20º e $\frac{1}{2}$ Sul, a 120 leguas da costa do Brazil, descoberta por João da Nova em 1501, de que fallámos n'esse anno. Outra no mar da Ethiopia a 8.º Sul e a 6.º 48' long. da Ilha do Ferro, que deve ser esta de que fallava Castanheda. (*Pimentel, Art. de Naveg.*)

ANNO DE 1510.

Mandou El-Rei trez armadas ao Oriente, constantes todas trez de 14 Nãos.

Uma d'estas armadas, de que era capitão João Serrão, hia encarregada de assentar paz, e amizade com os Reis de *Matatana*, e *Torumbaia* na Ilha de *S. Lourenço* (*Madagascar*) e fazer ajustes de commercio.

João Serrão entrou no porto de *Antepara*, no reino de *Torumbaia*; foi aos Ilhéos de *Santa Clara*, entrou no rio de *Monaibo*, e tomou outros portos da Ilha: mas não achando as especiarias que buscava (diz *Goes*) partiu para a *India*.

ANNO DE 1510.

Neste anno, a 25 de Novembro, dia de *Santa Catharina*, expugnou, e conquistou *Affonso de Albuquerque* a cidade de *Góá*, na costa occidental da *India* áquem do *Ganges*, reino do *Dekham*. (*Castanh.*, *Barros*, *Goes*, &c.).

Ahi levantou logo fortaleza: bateu moeda de ouro, prata, e cobre: casou muitos Portuguezes com moças naturaes da terra, fazendo a todos mercês, e distribuindo-

lhes terras, e palmares: organisou o governo municipal; e deu sabias providencias para a conservação, augmento, povoação, e policia de uma cidade, que no seu pensamento era já destinada para assento do governo Portuguez, e capital do imperio lusitano oriental.

Os Reis de *Batjala*, de *Chaul*, de *Narsinga*, o *Çamori* de *Cutekut*, o Rei de *Cambaya*, e outros principes lhe mandaram por seus Embaixadores os emboras da victoria.

No muro da nova fortaleza mandava o inclito capitão metter uma lapida, em que fizera gravar os nomes dos capitães, que forão com elle na empreza d'aquella conquista. Como porém os proprios capitães entrassem em discordias, e ciumes sobre preferencias dos nomes, Albuquerque mandou voltar a face da pedra para o interior da muralha, e ordenou que na face exterior se gravassem aquellas palavras:

« *Lapidem, quem reprobaverunt ædificantes.* »

« *Pedra reprovada pelos edificadores.* »

ANNO DE 1511.

No mez de Agosto d'este anno expugnou, e conquistou Affonso de Albuquerque a grande cidade de *Malaca*, cujo Rei havia intentado perfidamente dar a morte a Diogo Lopes de Sequeira, depois de ter assentado com elle paz, e commercio, como dissemos no anno de 1509.

Levantou logo fortaleza; batcu moeda de ouro, prata,

e estanho; e ordenou as cousas do governo e administração pública com singular prudencia, e discrição.

Immediatamente despachou Embaixadores, e descobridores para differentes partes d'aquelle remoto oriente, para *Sião*, *Maluco*, *Pegú*, *Jahua*, e *China*.

1.º Para assentar o trato de *Maluco* mandou trez Nãos, e um junco. Nas Nãos hião Antonio de Abreu, Capitão mór da armada, Francisco Serrão, e Simão Affonso: no junco hia por capitão um mouro, que costumava navegar para *Maluco*, e era vassallo de Portugal. Uma das Nãos se perdeu através de *Jao*. As mais forão ter á Ilha de *Banda* onde estiverão quatro mezes, voltando a *Malaca*, sem hirem ao seu destino, tanto pela demora da monção, como porque alli mesmo receberam de *Maluco cravo*, com que se carregaram as Nãos. e alli mesmo tomaram *maça*, e *noz*. Abreu porém enviou ao Rei de *Maluco* as cartas de Albuquerque.

Nesta viagem, e já no anno de 1512 descobriu Antonio de Abreu a Ilha de *Amboino*, e Francisco Serrão passou a *Ternate*, uma das *Malucas*.

2.º Ao Rei de *Siam* mandou Albuquerque cartas, e recados seus por Duarte Fernandes: e como o Rei recebesse bem o cumprimento, e mandasse embaixada a Albuquerque com ricos presentes, e com carta para El-Rei de Portugal; Albuquerque lhe correspondeu enviando a *Hodiá*, *côrte de Siam*, por Embaixadores, Antonio de Miranda de Azevedo, e Duarte Coelho.

3.º Ao *Pegú* foi mandado Ruy da Cunha (que outros chamão Gomes da Cunha) o qual assentou ajuste de paz com o Rei; &c.

Pelo mesmo tempo recebia Albuquerque em *Malaca* Embaixadores de um Rei da *Jahua*, do Rei de *Campar*,

de um dos Reis da Ilha de *Çamatra*, e de outros Reis, e senhores do sertão, e das Ilhas visinhas, parte dos quaes se fizerão vassallos, e parte amigos e confederados de El-Rei de Portugal. (*Castanh. liv. 3 da Hist. da India, e Goes na Chron. de El-Rei D. Manuel.*)

Ao tempo que Albuquerque sahiu de Malaca para a India, encomendou muito ao capitão que alli deixou, e depois ao seu successor, *que não partisse navio de mercatores d'aquella cidade, onde não fosse um Portuguez homem de bom espirito, e discrição, para trazer informação do que visse, e ouvisse d'aquellas regiões, e tantas mil Ilhas como aquelle mar oriental tem.* (*Barros, 3. 2. 6., &c.*)

ANNOS DE 1512 E 1513.

Albuquerque voltando á India, recebeu Embaixadores do Rei de *Visapor* (ou *Viyapor*), do *Çubaimdalkan*, do Rei de Cambaya, &c.

Recebeu tambem o Armenio *Matheus*, Embaixador do *Abezi*, que vinha para passar a Portugal com carta, e recados d'aquelle principe: e outro Embaixador do Rei de *Ormuz* que vinha com o mesmo destino.

Nos fins de 1512, e principios de 1513 ajustou capitulações de paz com o *Çamori de Calecut*, o qual consentio que alli fundassemos logo fortaleza, e despachou dous Embaixadores seus a Lisboa.

Restituiu o Rei das *Maldivas* á posse de algumas Ilhas, que lhe andavão usurpadas, e o Rei se fez vassallo, e tributario de Portugal.

Navegou depois para o golfo arabico, e entrou assuas portas pela parte da Arabia: tomou a Ilha de *Cammaram*, collocou um padrao na Ilha de *Mehum* ás portas do Estreito, eom a denominação de *Vera-Cruz*; e mandou Ruy Galvão, e João Gomes a descobrir *Zeila*

No mesmo anno de 1513 foi enviado ao Albuquerque um Judêo portuguez do Cairo, morador em Jerusalém, mandado pelo Guardião do convento de S. Francisco da Santa Cidade, para o avisar das ameaças que fazia o Soldão do Egypto, das quaes já fallámos no anno de 1504. Albuquerque dirigiu este mensageiro a Portugal, aonde El-Rei recebeu ou tinha recebido outros semelhantes avisos por via de Roma, e por cartas do S. Padre, que parecia muiasustado d'aquellas ameaças. El-Rei D. Manuel respondeu com a dignidade que devia, desprezando os ferros, e ameaças do Soldão. Dizia ao Papa que sentia muito não ter dado ao Soldão mais, e maiores motivos de seu desgosto, e queixumes, &c. E foi continuando em seu plano. (Goes, *Chron. de El-Rei D. Manuel.* part. 1.º cap., 93. &c.)

A este anno de 1513. reduzimos o descobrimento da Ilha de *Mascarenhas*, a Leste de *Madagascar*: porque constando que ella fôra descoberta por Pedro de *Mascarenhas*, de cujo apellido tomou o nome, não sabemos que este fidalgo passasse á India senão em 1511; chegando a *Mozambique* em 1512, pelo que, ou nesse mesmo anno, ou no de 1513 a descobriria, segundo nossa conjectura. Contudo alguns geógrafos estrangeiros a supõem descoberta em 1505, e Malte Brun assigna ao descobrimento o anno de 1545, no que parece haver manifesto engano.

Esta Ilha é a mesma que os Francezes chamaram de *Bourbon*, quando d'ella se apossaram: mudança de nome, que sómente pôde servir para escurecer a memoria do descobridor: mas não nos admiremos. Esta mesma Ilha a que os Francezes tiraram o nome de *Mascarenhas*, e deram o de *Bourbon*, foi por elles mesmos, e no espaço de poucos annos, chamada *Ilha da Reunião*; logo depois *Ilha Bonaparte*; mais depois outra vez *Ilha de Bourbon*; e ao presente deverá admirar, que se lhe não tenha dado o nome de *Ilha de Orleans*! Os Portuguezes a povoaram de animaes domesticos, e muitas vezes hão alli as Nãos prover-se de refresco.

ANNO DE 1513.

Os Portuguezes commandados pelo Duque de Bragança D. Jayme, conquistaram neste anno *Azamor*, *Tite*, e *Almeidina*, na Mauritania Tingitana, sobre a costa do Atlantico.

Diz *Dam. de Goes*, que a armada constava de mais de 400 vellas de todos os portes, e que hão nella 18:000 infantes, e 2:500 cavallos, além da gente da manobra e serviço do mar. Esta grande armada apromptou-se em quatro mezes e meio.

ANNO DE 1514.

Mandou El-Rei ao oriente duas Nãos, capitães Luiz Figueira, e Pedro Yañes Francêz, com o determinado intento de concertarem ajustes de commercio com os habitantes da *Ilha de S. Lourenço*, e levantarem fortaleza em *Matatana*. Os dous capitães estiverão cousa de 6 mezes neste porto; mas retirarão-se sem outro effeito.

Em Fevereiro d'este anno recebeu El-Rei em Lisboa o Armenio Matheus, Embaixador de David Rei da *Ethiopia sobre o Egypto*, com cartas d'este principe, e de sua Avó Helena. Matheus tinha precedentemente chegado a *Góá* para d'alli vir a Portugal, e dava noticia de trez Portuguezes, que estavam na *Ethiopia*, um, por nome *João*, que havia muito tempo tinha sido mandado por um Rei de Portugal, e os outros dous, que de pouco tempo tinham lá chegado.

Recebeu tambem El-Rei o Embaixador do Rei de *Ormuz*.

Veiu a Lisboa um *Naire* mandado a El-Rei pelo *Camorí* de *Calcut* para aprender a lingua portugueza, andar na Córte, e vêr os costumes portuguezes. Este *Naire* recebeu o baptismo, e tomou o nome de D. João.

Neste mesmo anno, em um domingo, 12 de Mar-

ço foi apresentado ao Papa Leão X., em nome de El-Rei de Portugal, um riquissimo presente (*insolita ac prorsus magnifica munera*) em que hião muitas cousas ricas e preciosas da Asia, e algumas curiosidades d'aquellas terras, como era, por exemplo, um elefante governado por um Indio, e um cavallo persio com sua onça de caça, dadi-va do Rei de Ormuz, &c. Foi Embaixador de El-Rei a Ro-ma Tristão da Cunha, assistido dos Doutores Diogo Pacheco, e João de Faria, e levando por Secretario da Embaixada Garcia de Rezende.

ANNO DE 1505.



Neste anno o grande Albuquerque pôz definitivamente á obediencia de El-Rei de Portugal a importante cidade de *Ormuz*: recebeu nella com grande solemnidade o Embaixador do Schach Ismael, Rei da Persia: e mandou com o mesmo character á Còrte de *Ispahan* Fernam Gomes de Lemos, senhor da Trofa.

Fernam Gomes já estava de volta na India em 1517 e de Cochim mandou a El-Rei um *Livro em que dava conta da sua embaixada, e do caminho que fizera.*



Neste mesmo anno, o grande Affonso de Albuquerque, este não menos homem do estado, que insigne capitão, vindo de Ormuz para Gôa, falleceu no mar á vista

VOL. I. 14

de Góá, em domingo 16 de Dezembro, aos 63 annos de sua idade.

Nos seis annos do seu governo fundou, e firmou o imperio portuguez do oriente pela conquista dos trez importantes pontos de *Góá*, *Malaca*, e *Ormuz*, que na sua vasta idéa abrangião todo o commercio do Oriente, e fazião os Portuguezes senhores de seus mares, e de suas ricas e variadas producções.

Malaca era o emporio geral a que concorria o cravo das *Molucas*, a nós de *Banda*, o sandalo de *Timor*, a canfora de *Borneo*, o ouro de *Çamatra*, e do *Lequio*, e as gommas, aromas, e mais mercadorias preciosas da *China*, do *Japão*, de *Siam*, de *Pegú*, &c.

Góá reunia ao que lhe vinha de *Malaca* os estofos de *Bengala*, as perolas de *Kalckar*, os diamantes de *Narsinga*, a canella e rubins de *Ceilão*, a pimenta, gengibre, e outras especiarias de *Malabar*, que até então enriquecião *Calecut*, *Cambaya*, e *Ormuz*.

Ormuz finalmente era como entreposto, aonde se depositavão todas as producções da India, e mais paizes orientaes, para d'ahi passarem pelo golfo persico a *Bassora*, e logo em caravanas á *Armenia*, *Trebisonda*, *Alepo*, *Damasco*, &c.

Já dissemos muito em summa, como este grande homem extendeu, e ampliou em todo o oriente o nome Portuguez, mandando Embaixadores, e descobridores aos paizes mais remotos, ajustando pazes, e commercio com muitos Principes, e recebendo de todos elles testemunhos de respeito. Muitos d'elles deram mostras de grande sentimento pela sua morte, e alguns tomaram lucto por ella... Nunca a inveja e a ingratidão sacrificaram mais illustre victima!

Albuquerque era mui douto nos estudos astronomicos,

cosmograficos, e nauticos, como educado que fôra na escola portugueza d'aquelles felices, e saudosos tempos: e frequentes vezes propunha difficeis problemas nestas sciencias ao grande geometra portuguez Pedro Nunes.

Alguns escriptores estrangeiros lhe attribuem o pensamento e projecto de derivar o *Nilo* para o golfo arabico, com o fim de dar um grande golpe no poder do Soldão do Egypto.

Um filho d'este illustre capitão, por nome *Braz de Albuquerque*, a quem El-Rei D. Manuel mandou tomar o nome de *Affonso* em memoria de seu Pai, escreveu « *Commentarios de Affonso de Albuquerque* » que se imprimiram em Lisboa em 1576, em fol.

ANNO DE 1510.

O primeiro Portuguez (diz um escriptor antigo) que descobriu o reino da *Cauchinchina* foi Duarte Coelho, aos 18 annos da nossa entrada na India, deixando em memoria d'isso um padrão com o seu nome, e tempo do descobrimento. Este fidalgo teve depois em remuneração dos seus serviços da India as terras da capitania de Pernambuco no Brazil, que começou a povoar, quando se resolveu a colonisação d'aquelle grande continente, como em seu lugar tocaremos.

Neste anno de 1516 acabou de escrever o seu *Livro* Duarte Barboza, descrevendo nelle a maior parte de nossos descobrimentos, e os lugares e portos desde o cabo de S. Sebastião até aos Lequios, &c. (Vej. a edição da Academ. R. das Scienc. que o imprimiu em 1813.)

Não se nos estranhará, que façamos aqui menção de *trez nobres Sarmatas*, que movidos da grande fama, que corria do nome de El-Rei D. Manuel entre aquelles povos, vieram a Lisboa com o unico intento de verem um tão grande principe, e de receberem d'elle a Ordem da Cavallaria. El-Rei os armou cavalleiros neste anno de 1516, e com generosas dadivas os despediu contentes. Isto prova (a nosso parecer) o brado que davão pela Europa os nossos descobrimentos, e navegações, que os escriptores estrangeiros tratão hoje com tanto desdém, e quasi desprezo. (*Goes, Chron. de El-Rei D. Man.*)

ANNO DE 1517.

Fernam Peres de Andrade, mandado á *China*, tocou *Pacém* na Ilha de *Çamatra*, onde os Portuguezes já tinham

commercio; assentou pazes com o Rei de *Patane*, e neste anno de 1517 passou á *China*, aportando primeiro á *Ilha de Tamou*, a pouca distancia do continente d'aquelle grande imperio. Chegando ao continente, fez ajustes de paz e commercio com os Governadores de *Cantam*, e lançou em terra o Embaixador que levava com esse destino, por nome *Thomé Pires*, o qual depois de quatro mezes de caminho entrou na Córte de *Nanquim*. Fernam Mendes Pinto ainda encontrou na *China* uma filha d'este Embaixador, e um Vasco Calvo, que o tinha acompanhado na sua infeliz missão. (Vej. as *Peregrinações de Fern. Mend. Pinto* cap. 91. e 116.) Fernam Peres de Andrade voltou da *China* com Simão de Alcaçova, e Jorge Mascarenhas, e chegou á India em 1519. (Vej. *Castanh.* liv. 4. cap. 27. e segg., e liv. 5, cap. 80., &c.)

Neste mesmo anno foi expugnada e destruida a cidade de *Zeila* ás portas do estreito do *golfo arabica*, da parte de *Africa*. (*Livr. de Duarte Barbosa.* art. *Zeila*.)

O Schá da Persia mandou Embaixador a Portugal pedindo a El-Rei a sua amisade, e annunciando as disposições em que estava, de ligar-se com S. Alteza contra os Turcos, inimigos de ambos. Pelo mesmo tempo chegavão avisos dos cavalleiros de Rhodes, prevenindo a El-Rei da armada, que se aprestava no Egypto contra os Portuguezes da India.

No mesmo anno falleceu na Ilha de *Camaram*, dentro do *golfo arabico*, Duarte Galvão, mandado por El-Rei D. Manuel como seu Embaixador á Abyssinia; onde não chegou a entrar.

Depois de Fernam Peres estar em *Cantam*, foi Jorge Mascarenhas, de seu mandado, descobrir *uma terra mui grande* ao sueste, que se chamava *Lequia*. (*Castanh.*, *Hist. da India* liv. 4. cap. 40.) (Vej. adiante anno de 1544.)

ANNO DE 1518.

Duarte Coelho de Albuquerque (de quem já fallámos aos annos 1514 e 1516) assentou paz, e commercio com o Rei de *Siam*, e levantou na côrte de *Hodiá* um padrão com as quinas portuguezas. (*Barros*. 3. 2. 1.)

Passou depois ao reino de *Pam*, cujo Rei se fez tributario a Portugal, como d'antes o era ao Rei de *Malaca*. (*Ibid.*)

Fundou-se em *Columbo* fortaleza. (*Castanh.* liv. 4. cap. 42. e 43.)

O Papa Leão X. concedeu por um seu Breve, que se podessem ordenar de Sacerdotes os Ethiopes, e Indios, que concorrião em Lisboa, a fim de serem uteis á Religião, quando voltassem a suas patrias.

Em Dezembro d'este anno de 1518 foi despachado D. Tristão de Menezes a *Maluco* com cartas e presentes do El-Rei de Portugal para os Reis d'aquellas Ilhas, e para assentar com elles o tracto do cravo. (*Castanh. liv. 4. cap. 47.*)

ANNO DE 1519.

Antonio Corrêa ajustou paz, e amizade com o Rei de Pegú (*Breve Discurs. em que se conta a Conquista de Pegú pelos Portuguezes*, edição de 1829. 12.)

A 10 de Agosto d'este anno começou a sua famosa viagem o illustre cavalleiro Portuguez Fernam de Magalhães, que por desgosto se desnaturalisou de Portugal, e foi offerrecer seus serviços a Castella.

A derrota e os varios successos da armada pôdem vêr-se no *Roteiro*, ha pouco impresso na » *Collecção de Noticias para a historia, e geografia das nações ultramarinas* « da Academ. R. das Scienc. de Lisboa, vol. 4.º num. 2. que nos dispensa de aqui repetirmos a sua descripção.

Das cinco Náos, de que constava a armada, uma só

voltou á Europa, e á Sevilha, a *Não Victória*; a primeira que fez um giro inteiro á roda do globo da terra. O insigne, e intrepido capitão foi morto em uma das Filippinas, sem ter o gosto de vêr o fim á sua arrojada empreza.

Duarte Rezende, que então servia de feitor de Portugal em *Ternate*, e que teve em sua mão os papeis, e roteiros da viagem, escreveu um » *Tratado da navegação de Fernam de Magalhães* « que offereceu a João de Barros.

ANNO DE 1530.

O Governador da India, hindo ao *golfo arabico*, sondou e medio o porto e Ilha de *Maçuá*, aonde El-Rei mandava levantar fortaleza. Ajustou paz e amizade com o *Bar-nagues*, que pelo *Alexi* governava aquella provincia, e entregou o Embaixador de Ethiopia Matheus, que em 1515 tinha sahido de Lisboa em companhia de Duarte Galvão, e que só agora pôde ser restituído á Abyssinia no porto de *Arquico*.

Ahi mesmo sahiu em terra D. Rodrigo de Lima, mandado Embaixador de El-Rei á Abyssinia, por ter fallecido Duarte Galvão, como notámos ao anno de 1517.

Com D. Rodrigo foi, entre outros Portuguezes, o P. Francisco Alvares, que havia sahido de Portugal com Galvão, como Capellão da Embaixada, e depois escreveu » *Verdadeira informação das terras do Preste João das Indias* « Obra que se imprimiu em Lisboa em 1540, e se traduzio em varias linguas.

ANNO DE 1521.

Neste anno despachou El-Rei trez Nãos. Capitão mór Sebastião de Sousa de Elvas com ordem de hir á *Ilha de S. Lourenço*, e levantar fortaleza no porto de *Matatana*. Este projecto não teve execução, por se haver desgarrado o navio, que levava os materiaes da obra.

O Rei de *Pacem*, restituído pelas armas portuguezas aos seus estados, que lhe andavão usurpados, fez-se tributario a Portugal; e consentiu que os Portuguezes levantassem fortaleza no seu porto. Foi Capitão d'esta expedição Jorge de Albuquerque.

Antonio Corrêa, com alguns Portuguezes. restituio a *Ilha de Baharem*, no golfo persico, á vassalagem do Rei de Ormuz, matando em guerra o Rei usurpador. Por esta expedição teve Antonio Corrêa o appellido de *Baharem*, e no seu escudo de armas *uma cabeça de Mouro coroada, cortada em vermelho, com corôa de ouro.* (*Castanh. liv. 5. cap. 59. Goes, &c.*)

Fundou-se a fortaleza de *Chaul*

Neste mesmo anno de 1521, querendo El-Rei D. Manuel executar um projecto, que muito antes tinha meditado, mandou ao Congo Gregorio de Quadra com ordem

de investigar o caminho de *Congo* para *Abyssinia*, atravessando a *Africa*. O *Quadra* achou no *Congo* embaraços ordinados pela inveja e malevolencia, e como voltasse a *Portugal* para os remover, soube que *El-Rei* tinha fallecido, e o projecto desvaneceu-se. (*Goes, Chron. de El-Rei D. Man. P. 4. cap. 54.*)

ANNO DE 1521.

Neste anno de 1521 a 13 de Dezembro falleceu *El-Rei D. Manuel*, appellidado entre nós o *Venturoso*. D'elle dizem alguns escriptores que deixára de sua propria composição » *Commentarios dos successos da India*. « Succedeu-lhe no throno *El-Rei D. João III.* seu filho.

Ao tempo do fallecimento d'este feliz Monarca, erão tributarios á Corôa de *Portugal* muitos Reis, e Principes do Oriente, e tinhamos fundado na *India* muitas fortalezas em diferentes portos.

Em *Africa* na *Mauritania*, ás cidades e fortalezas ganhadas por seus antecessores, accrescentou *Çasim Azamor*, e outras, e fez tributarias algumas provincias até além de *Marrocos*.

N. B. Nas primeiras ordens de *El-Rei D. João III.* que chegaram á *India*, mandava elle, que nenhuma fortaleza, das que *El-Rei* seu *Pai* mandava fazer de novo, se fizesse; porém que as que estivessem começadas se acabassem. (*Castanh. Hist. da India liv. 5. cap. 79.*)

REINADO DE EL-REI D. JOÃO III.

1521 — 1557.

ANNO DO 1522.



este anno lançaram os Portuguezes os primeiros fundamentos á cidade de *S. Thomé*, a pouca distancia da antiga *Meliapôr*, na costa de *Coromandel*, aonde já tinham algum commercio desde o anno de 1514.

Antonio de Brito fundou a fortaleza de *Ternate* nas *Molucas*, e ajustou artigos de paz, e commercio com a Rainha, que por seu filho menor governava a Ilha. Começou-se a fortaleza a 24 de Junho de 1522. (*Castanh.* liv. 6. cap. 12.)

N. B. Antes d'este anno, e depois d'ellè, já os Portuguezes tinham descoberto e continuaram a descobrir muitas das Ilhas d'aquelle vastissimo archipelago, posto que ignoramos as datas precisas de muitos dos descobrimentos. Estes porém foram em tanto numero, que já um antigo escriptor portuguez queria que se lhes dêsse o nome de *Asia Insular*, e que se distribuissem em cinco provincias, a saber «provincia de *Maluco*, de *Amboino*, do *Moro*, dos *Papuás*, e das *Celebes*, ou *Macassar*.» Pelo que não parece de todo original a lembrança dos modernos geógrafos, que tem feito de todas aquellas terras, e mares uma *quinta parte do mundo*, a que dão o nome de *Oceania*, dividindo-a em *Australasia*, *Polinesia*, e *Asia Insular*.

A este mesmo anno se deve referir o principio das *Viagens* de Antonio Tenreiro. Sahiu este Portuguez de *Ormuz* em companhia de Balthazar Pessoa, que de mandado do Governador da India D. Duarte de Menezes hia por Embaixador á Persia. Esteve na *Persia*, passou á *Armenia*, veiu á *Syria*, ao *Cairo*, a *Alexandria*, e á *Ilha de Chipre*. De Chipre voltou ao continente, e logo a Ormuz por terra, e ficando ali cinco, ou seis annos, (como elle mesmo diz) tornou a sahir para vir por terra a Portugal, com recados a El-Rei, sobre a armada do Turco, sendo Governador da India Lopo Vaz de Sampaio, e Capitão de Ormuz Christovão de Mendonça. Sahiu de Ormuz nos fins de Setembro de 1528, e chegou a Portugal no anno seguinte, com alguns

mezes de viagem. Elle mesmo escreveu o seu *Itinerario*, que se imprimiu em Coimbra em 1560, e depois de outras reimpressões, sahio novamente á luz em Lisboa, em 1829.

ANNO DE 1523.

Fez El-Rei D. João III. doação do reino de *Ormuz e Mahumede Xaa*, filho mais velho de El-Rei *Çasdim Abanader*, em 19 de Agosto d'este anno de 1523, e na carta de doação usa do dictado « *Rei de Portugal e dos Algarves d'aquem e d'além mar em Africa, Senhor de Guiné e da Conquista, Navegação e Commercio da Ethiopia, Arabia, Persia, e India, e Senhor do reino e senhorio de Malaca, do reino e senhorio de Góá, e do reino e senhorio de Ormuz, &c.* » (*Dissert. Chronol. o Crit.*, tom. 3. part. 2. pag. 203.)

Expugnaram os Portuguezes a cidade de *Xasl*.

ANNO DE 1524.

Foi terceira vez á India com o titulo de Vice-Rei o Almirante D. Vasco da Gama, já então Conde da Vidigueira; porém aos trez mezes e vinte dias da sua estada

na India, falleceu em *Cochim* a 25 de Dezembro d'este anno. Os seus ossos vieram para Portugal, e forão sepultados no convento carmelitano da Vidigueira, na Igreja, ao lado do Evangelho.

Heitor da Silveira ajustou pazes com o Rei de *Adem*, que se fez tributario a Portugal. Estas pazes não duraram muito.

ANNO DE 1525.

Antonio de Brito, capitão de *Ternate*, armou uma fusta com 25 Portuguezes, piloto Gomes de Sequeira, e a mandou com fazendas ás Ilhas *Celebes*, aonde se dizia que havia muito ouro. Os Portuguezes forão ao principio bem recebidos dos insulares; mas sendo depois obrigados a sahir d'alli, e navegando com grandes tormentas, foi a fusta arrojada a um *mar largo*, e desconhecido, e havendo corrido obra de 300 leguas a Léste, achou-se em frente de uma grande, e formosa Ilha, que do nome do piloto (diz a Relação que seguimos) se ficou chamando *Ilha de Gomes de Sequeira*, e aonde os Portuguezes acharam bom acolhimento.

Aqui (diz a mesma Relação) acharam homens mais alvos que morenos, cabellos corredios, barbas extendidas, presença agradável, corpos enxutos, e grande candura, e simplicidade no trato, de maneira, que a Ilha se poderia bem chamar « Ilha da simplicidade » pela mansidão, e bondade de seus habitantes. Vestião umas tunicas interiores de estoi-

ra mui fina, e outras sobre-vestes tecidas em tranças mais grossas, sem talho algum, e cobrindo tão sómente da cintura até aos pés. Sustentavão-se de inhames, legumes, cocos, bananas, &c.

Os Portuguezes demoraram-se quatro mezes nesta bella Ilha, e o piloto a demarcou na sua carta; mas logo que tiveram monção, sahiram d'ella (a 20 de Janeiro de 1526) e voltaram a *Ternate*.

Parece-nos haver alguma analogia entre o caracter, costumes, e usos d'estes insulares, e os da Ilha, que os castelhanos depois denominaram *Ilha da bella nação*, situada a 13º austr., e descripta na Relação de Fernando de Queiroz, citada por Buffon, na *Hist. natur. de l'homme*. (Vej. Andrade, *Chron. de El-Rei D. João III*. P. 1. cap. 92., e o *Oriente Conquist.* do P. Sousa: e veja-se tambem Castanheda, liv. 6. cap. 127.)

Alguns escriptores estrangeiros dizem, que neste anno, ou ainda antes, fôra descoberta pelos Portuguezes a grande terra, que depois se chamou *Nova Hollanda*: a qual ficando por então em esquecimento, fôra depois reconhecida pelos Hollandezes desde 1616 em diante por varias vezes. Póde ver-se o que diz a este respeito o illustre geografo Malte Brun no liv. 23. da *Historia da Geograf.* pag. 630, aonde não duvida affirmar que os direitos dos Portuguezes á honra d'este descobrimento vem de receber nova luz por duas antigas cartas, que se achão no Museu Britannico, &c.

ANNO DE 1526.

Neste anno hindo D. Jorge de Menezes para *Maluco*, foi mandado tomar o caminho de *Borneo*, e descobrir esta navegação, como mais commoda, do que aquella, que se costumava fazer por *Banda*.

Com este designio foi dar através das *Ilhas do Moro*, e em uma noite, que o vento foi calma, correu tanto com as grandes correntes que ha por entre aquellas ilhas, que foi parar ao *grande golfo do estreito de Magalhães*, aonde com rijo temporal foi arrojado à *terra dos Papuás*. Aqui, forçado dos ventos de Oeste, invernou, e demorou-se tanto tempo que só pôde chegar a *Maluco* em Maio de 1527. (Andrade, *Chron. de D. João III*. P. 2. cap. 19. Veja-se Barros, Dec. 4. liv. 1. cap. 16.)

Neste mesmo anno entrou effectivamente em *Borneo* Vasco Lourenço, achando já nesta ilha outro capitão Portuguez.

No golfo arabico se fizeram tributarias a Portugal as ilhas de *Maçua* e de *Dalaca*.

Sahiu da *Ethiopia* D. Rodrigo de Lima (v. anno de

1520): o Imperador David enviou a El-Rei por seu Embaixador *Zagata-Ab*, sacerdote, e Bispo (que os nossos escriptores comumente chamão *Zagazabo*) com cartas para El-Rei D. João III., e para o Papa Clemente VII., datadas do anno de 1524. Com este Embaixador voltou ao reino o P. Francisco Alvarez, de quem fizemos menção ao referido anno de 1520.

ANNO DE 1527.

Neste anno Diogo Garcia, Portuguez, que andava no serviço de Castella, navegando para o Sul, aportou um pouco afastado da bôca do *Uruguay*: e achando alli os navios de Sebastião Caboto, e sabendo que este tinha subido pelo *Paraguay*, subio tambem com as suas lanchas até muito acima da confluencia do *Paranná*, aonde o encontrou acabando de construir o Fortim de Santa Anna, e ahi derão ambos ao *Paraguay* o nome de *Rio da Prata*, por verem alguns pedaços d'este metal nas mãos dos indigenas. (*Gaeth, Harrera, &c.*)

Henrique Gomes Leme entrou na Ilha da *Sunda*, cujo Rei offereceu lugar para uma fortaleza, e dar de tributo 350 quintaes de pimenta em cada anno. Este ajuste porém não teve effeito.

O Rei de Bintão restituído pelas armas portuguezas aos seus estados, fez-se tributario a Portugal.

VOL. I.

16

Nuno da Cunha fez tributario o Rei de Mombaça.
(*Barros* 4. 3. 5.)

Belchior de Sousa Tavares foi em auxilio do Rei de Baçorá contra o de Gizaira, e foi o primeiro Portuguez, que entrou pelos rios Tigres e Eufrates.

ANNO DE 1529.

Neste anno a 22 de Abril foi celebrada a Capitulação de Saragoça entre Portugal e Hespanha, pela qual o Imperador Carlos V. Rei de Castella vendeu a El-Rei de Portugal o dominio, propriedade, posse, ou quasi posse das Molucas por 350:000 ducados de ouro, com condição que pagando El-Rei de Castella integralmente esta quantia, ficarião as partes contratantes cada uma com o direito e acções que ao tempo do contracto tinha, ou pertendia ter naquellas Ilhas. Vem este notavel Contracto por intrega na *Collecção das Viagens e descobrimentos dos Hespanhoes* por D. M. F. de Navarrete, tom. 4. pag. 389.

ANNO DE 1530.

A 20 de Novembro d'este anno são datadas as Cartas

Regias, pelas quaes El-Rei mandou, que Martim Affonso de Sousa sahisse com uma armada a investigar as costas e terras do Brazil, autorisando-o para repartir terrenos áquelles que nellas quizessem habitar. (Veja-se o *Diario* d'esta navegação, ha pouco publicado pelo Sr. Francisco Adolfo de Varnhagen com mui eruditas e interessantes Notas.)

Aqui se deve fixar (a nosso parecer) a época da Colonisação do Brazil, que logo depois se continuou com regularidade.

Martim Affonso reconheceu nesta viagem o *Rio de Janeiro*, chegou ao *Rio da Prata*, descobriu a 30º austr. o rio que do seu nome se ficou chamando *Rio de Martim Affonso*; e a 22 de Janeiro de 1532, dia de S. Vicente, surgiu no porto de S. Vicente, aonde lançou os fundamentos á primeira Colonia Portugueza do Brazil.

ANNO DE 1533.



Nos principios d'este anno foi Nuno da Cunha com uma armada de cousa de 80 velas sobre *Baçaim*, e alcançando gloriosa victoria, tomou e destruiu a fortaleza que alli tinha levantado o Rei de Cambaya. (*Castanh. liv. 8. cap. 59. e 62.*)



ANNOS DE 1534 E 1535.

O Rei de Cambaya implorando o auxilio das armas portuguezas contra os Magores, cedeu a Portugal *Baçaim*, com todas as suas terras, e portos maritimos.

Permittiu tambem que os Portuguezes fundassem em *Diu* a fortaleza, que tanto desejavão, e que depois lhes foi tão pertinazmente disputada. Fundou-a o Governador da India Nuno da Cunha. E como todos sabião quanto El-Rei de Portugal era empenhado em ter alli fortaleza, um Diogo Botelho, querendo adiantar-se a lhe trazer tão grata noticia, veio, quasi furtivamente, da India a Lisboa em uma fusta de 18 pés de comprimento, 6 de largo, e 4 de alto, trazendo a El-Rei a planta de Diu, e os artigos da capitulação: viagem que maravilhou a todos, e que certamente merece esta memoria. (*Annaes da Marinh. Portugueza* ao anno de 1535.)

Em 1534 navegou para a India *Garcia de Horta*, Portuguez, que lá escreveu, e imprimiu em *Góá* em 1563 o *Colloquio sobre as drogas e simplicies do Oriente*, obra que deve ser conhecida dos naturalistas.

No mesmo anno de 1534 chegou á India Martim Afonso de Sousa com o cargo de *Capitão mór do Mar da India* levando armada em que tambem hia Diogo Lopes de Sousa seu irmão. (*Barros* 4. 4. 27.) Mandou arrazar a fortaleza de *Damam*, e correu a costa até Diu, fazendo grande guerra a Cambaya,

ANNO DE 1536.

Francisco de Castro, mandado pelo illustre Capitão das Molucas Antonio Galvão a *Macassar*, foi levado pelos ventos 100 leguas ao Norte das Malucas, e aportou á Ilha *Santigano*, d'onde passou ás outras Ilhas *Soligano*, *Mindanao*, *Buticano*, *Pimilano*, e *Camizino*.

D'esta viagem resultou fazerem-se muitos Christãos por aquellas Ilhas: e como concorressem a *Ternate* em grande numero, pedindo o baptismo, fundou o insigne e virtuoso Galvão abi um seminario, em que se recolhessem e instruissem os meninos, que d'aquellas diversas gentes viessem a doutrinar-se na Religião Christã. Fundação memoravel! que foi a primeira de nossas conquistas, e honrará em todo o tempo a memoria do fundador.

ANNO DE 1537.

Começou o celebre Fernam Mendes Pinto as suas extensas peregrinações, em que gastou desde a sahida até á volta de Portugal 21 annos, recolhendo-se ao Reino em 1559. Imprimiram-se estas *Peregrinações* em Lisboa em 1614, e depois de varias reimpressões, sahiram novamente á luz em Lisboa, 1829, 4 vol. 12.

Fernam Mendes, sendo mandado a Çamatra, pelos annos de 1540 ou 1541, e voltando a Malaca, informou o Capitão Portuguez de tudo que lhe succedêra na viagem, tratando miudamente do descobrimento dos rios, portos, e angras, que novamente achára na Ilha de Çamatra, assim da parte do mar mediterraneo, como do Oceano, e do trato da gente que habitava aquellas terras. E arrumou por suas alturas toda aquella costa, com seus portos, e rios, &c. (Vej. *Peregrinações*, cap. 20.)

ANNO DE 1538.

Por este tempo vierão a Lisboa quatro principaes *Malabares*, ou *Paravás da costa da Pescaria* com o fim de aprenderem a lingua portugueza, e poderem ser melhor instruidos na doutrina da religião. El-Rei os mandou reco-

lher na Casa de Santo Eloy, com os Ethiopes nobres de Congo, que nella tambem estudavão. Para elles compôz João de Barros a sua « *Grammatica da Lingua Portugueza* » que se imprimiu em 1539.

No mesmo anno de 1538 foi o primeiro cêrco da fortaleza de *Diu*, defendida heroicamente por Antonio da Silveira contra as forças reunidas dos Guzarates, e Turcos. Quando o illustre capitão chegou a Lisboa recebeu o parabem de alguns Soberanos da Europa por seus Embaixadores, e refere a historia, que El-Rei de França Francisco I. mandou tirar o retrato do heroe, e o fez collocar em uma sala do seu palacio entre outros de famosos varões, que tinham merecido a mesma honra, Lopo de Sousa Coutinho escreveu a historia d'este cêrco, que se imprimiu em Coimbra, em 1556, e é obra rara.

ANNO DE 1540.

A este anno referem Diogo de Couto, e Lucena o descobrimento das Ilhas *Celebes* pelos Portuguezes: o que se deve entender de um mais largo conhecimento ou tracto d'aquellas Ilhas, porque os Portuguezes já as tinham achado, e tocado em 1525, como dissemos a esse anno.

O Rei de *Cota* em *Ceilão*, não tendo filho que lhe succedesse, mandou Embaixadores a El-Rei D. João III. rogando-lhe houvesse por bem que a successão passasse ao neto. Os Embaixadores trazião a estatua d'este futuro successor, de ouro; e El-Rei o coroou solemnemente em Lisboa, impondo uma preciosa corôa sobre a cabeça da estatua.

Fundou Fr. Vicente de Lagos, frade menor de S. Francisco, o Collegio de Santiago de *Cranganor*, para nella serem educados 80 mancebos, filhos de gentios convertidos. Este Collegio foi depois dotado por El-Rei de Portugal.

ANNO DE 1541.

Foi neste anno a expedição, em que o Governador da India D. Estevão da Gama navegou com uma grande armada todo o *golfo arabico até Sués*, com o intento de destruir a armada dos Turcos pue alli estava ancorada.

Em frente do monte *Sinai* sahiu em terra, e armou alguns cavalleiros, entre elles D. Alvaro de Castro, filho de D. João de Castro, e D. Luiz de Atayde, que depois

foi Vice-Rei da India. A isto alludia o letreiro, que se escreveu sôbre a sepultura de D. Estevão da Gama :

« *O que armou cavalleiros no monte*
« *Sinai veio acabar aqui.* »

O grande D. João de Castro, que hia na expedição por capitão de um dos navios da armada, sondou, examinou, e arrumou os portos, enseadas, rios, costas, e lugares d'aquelle mar, e escreveu o *Roteiro do mar vermelho*, com uma exacção, miudeza, e verdade, que não tem sido excedida dos modernos. Este *Roteiro* imprimiu-se em Pariz no anno de 1833. 8.^o

No mesmo anno foi a outra expedição de D. Christovão da Gama com 500 Portuguezes em auxilio do *Abaxi*, os quaes D. Estevão da Gama lançou em terra no porto de *Maçuá*. Miguel de Castanhoso que hia nesta expedição escreveu os *successos d'ella*, dos quaes tambem tratou D. João Bermudes patriarcha da *Ethiopia* na sua *Relação* offerecida a El-Rei de Portugal D. Sebastião.

Fundou-se neste mesmo anno o *Seminario de Santa Fé de Góá*, pera nelle serem educados e instruidos os neófitos gentios, e os meninos christãos, filhos de gentios convertidos dos varios reinos d'aquelle Oriente. Nos papeis permittivos na fundação se nomeavão os meninos dos *Canarins*, *Decanis do Norte*, *Malabares*, *Chingalas*, *Bengalas*, *Pegús*, *Malaios*, *Jãos*, *Chinas*, e *Abexis*, por onde se vê quantas, e quam vastas regiões, e povos tinham já então trato com os Portuguezes.

ANNO DE 1543.

Antonio da Motta, Francisco Zeimoto, e Antonio Pelxoto, navegando para a *China*, forão arrojados pelo temporal às costas do *Japão*, onde tomaram porto. Pelo mesmo tempo aportaram também a *Japão* Fernam Mendes Pinto, Christovão Borralho, e Diogo Zeimoto.

Neste mesmo anno entrou na India o Santo Xavier appellidado o *novo apostolo do Oriente*.

El-Rei D. João III. mandava ao descobrimento da *Ilha do Ouro*, que se dizia estar no oceano oriental a 5.^o lat. austr., e a 150 leguas de *Çamatra*. Esta expedição não chegou a effectuar-se.

Por este tempo tinham já os Portuguezes um consideravel estabelecimento, a que davão o nome de cidade, em *Liampó* (ou *Limpó*, ou antes *Nim-pó*) na costa oriental da *China* a 30.^o septemtr. D'aqui passaram a fazer outro estabelecimento em *Chinchéo* pelos annos 1549, e ultimamente vieram fundar o de *Macáo*, na ponta do do Sul da *Ilha de Goaxam* (ou *Yanxan*) em 1557, de que adiante se fallará.

ANNO DE 1544.

Antonio de Paiva entrou na *Ilha de Macassá*, e pas-

hou á de *Sian* (ou *Siang*) aonde se fizeram muitas conversões ao christianismo.

Fernam Mendes Pinto, e outros Portuguezes aportaram ás Ilhas *Léquias* (de *Lieukieu*) ao nordeste da Ilha *Formosa*, e ao Oriente da costa da *China*. D'ellas falla o mesmo Fernam Mendes em suas *Peregrinações* cap. 138, e 143.

O Rei de *Ternate* Tabarija (que depois do baptismo se chamou D. Manuel) fallecendo em *Malaca*, deixou os seus estados a El-Rei de Portugal.

Martim Affonso de Sousa fez tributarios a Portugal os Reis de *Jafunapatam*, e de *Travancor*.

ANNO DE 1545.

Passando neste anno o illustre D. João de Castro a governar a India, escreveu de *Moçambique* a El-Rei, e lhe annunciava o recente descobrimento da bahia, e rios, que do seu descobridor se ficaram chamando de *Lourenço Marques*. O principal rio tinha a sua entrada no mar, segundo as cartas portuguezas, a 25° e 15' lat. Sul. As cartas modernas demarcão a bahia a 26° na costa oriental de Africa.

El-Rei respondendo a D. João de Castro no anno seguinte de 1546, recommendava a continuação do mesmo descobrimento. (*Collecção de Cartas originaes.*)

ANNO DE 1546.

A 13 e 15 de Março d'este anno são datadas duas cartas de El-Rei D. João III., uma para o Rei dos *Abexis* e outra para os Portuguezes, que ainda lá estavam, e tinham ficado da expedição de D. Christovão da Gama. Nel-las recommendava El-Rei com muito encarecimento, que por pessoas para isso idoneas se mandasse indagar, e descobrir um caminho, *que da Abyssinia viesse ter á costa de Melinde, ou a alguma outra parte d'aquella banda: E porque pôde ser (diz El-Rei) que a terra do Abexi venha tanto para Oeste, e a do Manicongo vá tanto para o Leste, que não seja grande distancia de uma terra a outra: queria que também se tentasse este caminho do Abexi para Manicongo, ou para qualquer outro rio, do cabo da Boa Esperança para cá, &c. (Carta original, na minha collecção.)*

Neste anno de 1546 foi o segundo cerco de *Diu*, defendido heroicamente por D. João Mascarenhas, e ultimamente rematado com uma assignalada victoria por D. João de Castro.

Este grande homem falleceu em Gôa em 1548, tendo recebido pouco antes a mercê do titulo de *Vice-Rei da India* para com elle continuar a governa-la. D'elle diz um escriptor, *que era no mar soldado, piloto, e geografo, como mostram seus escriptos*. Nós sómente accrescentaremos, que foi no mar, e na terra um exemplar das grandes virtudes, e eminentes qualidades, que constituem o verdadeiro heroismo, e fazem o homem digno da immortalidade. (Veja-se as historias do cerco, e a *Vida de Castro*.)

ANNO DE 1549.

Thomé de Sousa lançou os fundamentos á cidade de *S. Salvador na Bahia*, na *Terra de Santa Cruz* (Brazil), a qual cidade mandava El-Rei fundar para capital de todo aquelle Estado. Ordenou o governo da justiça, e fazenda, fundou Igreja, fortificou o lugar, &c.

Neste mesmo anno navegou o S. Xavier para *Japão*, aonde já as Nãos portuguezas hião commerciar. Entrou em *Cungoxima*, *Exiando*, *Firando*, *Amanguchi*, *Meaco*, e *Figem*, demorando-se nesta sua apostolica expedição dous annos, e quatro mezes. Em 1552 falleceu na Ilha de *Sanchoan*, ás portas da *China*, aonde se dirigia.

ANNO DE 1551.

Tomaram os Portuguezes a cidade de *Geilólo*, capital da Ilha do mesmo nome no archipelago das *Molucas*. O Rei ficou continuando o governo com o titulo de *Sangage* (governador) sujeito, e tributario a Portugal. (*Hist. da India* no tempo de D. Luiz de Atayde por Antonio Pinto Pereira, liv. 1. cap. 31.)

ANNOS DE 1552 A 1556.

Em 1552 no galeão, em que naufragou Sepulveda vi-nhão a El-Rei de Portugal cartas de *Naulaquim* principe de *Tanixumaa*, Ilha do *Japão*, pedindo o auxilio de 500 Portuguezes para conquistar a Ilha *Lequia* (de *Lieukieu*) e of-ferecendo em reconhecimento o tributo annual de 5:000 quintaes de cobre, e 1:000 de latão.

Em 1554 teve o Vice-Rei da India cartas dos Reis Japonezes de *Firando*, *Amanguchi*, e *Bungo*.

Em 1556 fundaram os Portuguezes em *Funay*, capi-tal do *Bungo* no *Japão*, um hospital para leprosos, que aquella gente costumava abandonar, como feridos do Céu, e para meninos, que muitos pais engeitavão, e talvez ma-tavão por pobreza, ou por outros semelhantes motivos. O Rei do *Bungo* commovido d'esta humanidade dos Portugue-zes, favoreceu o estabelecimento, e prohibiu que d'ahi em diante os pais matassem, ou expozessem os filhos. O esta-belecimento teve consideraveis progressos, e El-Rei D. Se-bastião mandava concorrer para as suas despesas.

Neste mesmo anno de 1556 pré-gava a fé christã na *China*, o dominicano Fr. Gaspar da Cruz, que tinha passado á India em 1548, e que depois escreveu « *Tratado das cou-sas da China com suas particularidades, e assi do reino de Or-muz*, &c. que se imprimiu em Evora em 1570, e ha pouco se reimprimiu em Lisboa em 1829.

ANNO DE 1557.



Por este tempo alcançaram os Portuguezes, que os mandarins de *Cantão* lhe concedessem o porto da península de *Macão*, para nelle viverem e commercialem. (Veja-se o anno de 1542.) Ahi fundaram uma colonia independente, que por tempo cresceu, e chegou a constar de algumas 700 familias portuguezas, quasi todas ricas com o tráfego da *China*, *Japão*, *Manilha*, e outros reinos, e terras orientaes. Pelos annos de 1622, começando a ser inquietados pelas esquadras holandezas, pediram soccorro, e de-feza ao Vice-Rei da India, e então se sujeitaram ás leis de Portugal, tiveram governador portuguez, e a colonia teve o nome de *cidade*, que se chamou *do Nome de Deus de Macão*.



Falleceu El-Rei D. João III. a 11 de Julho de 1557, e succedeu-lhe no throno seu neto El-Rei D. Sebastião ainda muito menino.

REINADO DE EL-REI D. SEBASTIÃO.

1537 — 1578.

ANNOS DE 1559 E 1560.



Vice-Rei D. Constantino de Bragança tomou em 1559 a cidade de *Damam*, e em 1560 a Ilha de *Manar* principal pescaria das perolas de *Ceilão*, aonde levantou fortaleza.

Em 1560 navegando a Náo S. Paulo (que depois veio a naufragar em *Çamatra*) pelos mares do Sul, em que chegou aos 42º austr., avistou em 37º e 45º uma formosa Ilha, que os mareantes desenharam, encantados da sua bella apparencia. O piloto lhe quiz dar o seu nome, chamando-lhe *Ilha de Antonio Dias*; mas hoje a achamos denotada nas certas com o nome de *Ilha de S. Paulo*. E diz a *Relação* do naufragio, que estava Norte-Sul com a dos *Romeiros*, e as *Sete Irmãs*.

No mesmo anno foi a missão do P. Gonçalo da Silveira á *Cafraria*. Entrou por *Inhambane* até á Còrte de *Otonque*; veio aos rios de *Cuama*, entrou pelo *Quilimane* até *Giloa*, á bôca do *Zimbeze*, a *Inhamoi*, á Còrte de *Simbaoe*; etc. No anno seguinte de 1561 foi morto pelos barbaros.

Duarte de Albuquerque Coelho donatario da capitania de *Pernambuco* no Brazil, com Jorge de Albuquerque Coelho seu irmão, andando na conquista, e defeza das terras da capitania, descobriram o *rio de S. Francisco*.

ANNOS DE 1562 E 1566.

Em 1562 tomando o Cardeal Infante D. Henrique a tutoria de El-Rei D. Sebastião, ainda menor, lhe apresentou Lourenço Pires de Tavora uns apontamentos sobre varios objectos do governo. Em um d'elles recommendava o *descobrimento de Tombuctu*, no interior de Africa, e escolha de pessoas aptas para esta empreza.

Entraram os Portuguezes nas Ilhas de *Gotó*, as mais occidentaes de Japão em 1566: e El-Rei de Portugal mandou um rico presente a D. Bartholomeu, Rei de *Omurá* no mesmo Japão.

Achamos escripto que a celebre mina de mercurio de *Guanca-Velica*, a 30 leguas ao Norte de *Guamanga* no *Perú* fôra descoberta pelo Portuguez Henrique Garcez, ao qual se attribue tambem o descobrimento de outra mina do mesmo metal em *Paraz* em 1564.

ANNO DE 1566.

Quando Gonçalo Pereira hia á conquista de *Amboino*
VOL. I. 18

em 1566, sabendo da estada dos castelhanos em Cebu, e determinando hir em busca d'elles; como os seus pilotos não tinham muita noticia d'aquellas partes, não passou da ponta de uma Ilha, que chamão terra dos negros, 25 leguas atraz de Cebu, aonde ficou bordejando em 9º da banda do Norte, mandando d'alli navios a descobrir por todas as partes, &c. (*Hist. da India* no tempo do Vice-Rei D. Luiz de Atayde, por Ant. Pint Pereira, liv. 1. cap. 29.)

ANNO DE 1567.

Mem de Sá Governador Geral do Brazil, lançou os fundamentos á cidade do *Rio de Janeiro*, da qual foi primeiro capitão Salvador Corrêa de Sá. Deu-lhe o nome de cidade de S. Sebastião em memoria de El-Rei.

ANNO DE 1569.

Tendo El-Rei D. Sebastião dividido o imperio lusitano-oriental em trez governos, o 1.º desde o *Cabo das Correntes* até o de *Guardafui*; o 2.º desde *Guardafui* até *Ceilão*; e o 3.º desde *Ceilão* até á *China*: deu o governo da primeira divisão a Francisco Barreto, que neste anno partiu para a costa oriental de Africa. D'ahi capitaneou a expedição ao *Monomotapa*, e minas de *Çofala*: ajustou pazes com

os Reis de *Chicanga*, e *Quitere*: passou a *Sene* capital das possessões portuguezas na *Cafraria*: e mandando Embaixadores a *Simbaoe*; obteve do Imperador as minas de prata de *Chicova*, de *Rutroque*, e de *Mocarás*. Foi a *Chicova*, e vindo a *Tete*, estabelecimento portuguez,ahi falleceu em 1573. O seu successor Vasco Fernandes Homem ainda continuou a commandar a expedição, e penetrou até ás minas de *Chicanga*, de *Manhica*, &c.

No Malabar renderam-se ás armas portuguezas *Onór*, e *Barçalor*: e Gonçalo Pereira Marramaque fundou fortaleza em *Amboino*, e descobriu n'aquelle mar algumas Ilhas, ainda não conhecidas dos Portuguezes. (*Hist. da India* no Governo de D. Luiz de Atayde por Antonio Pinto Pereira, liv. 1. cap. 30.)

Parece-nos digno de louvada memoria o honrado desinteresse do insigne capitão D. Luiz de Atayde, o qual sahindo da India para o Reino a 6 de Janeiro de 1572, quiz trazer quatro vasilhas com agua dos rios *Inda*, *Ganges*, *Tigres* e *Eufrates*, as quaes depositou, e se conservaram por muito tempo no seu castello do *Peniche*, como testemunho das unicas riquezas, que trouxera d'aquelles Estados.

Antonio Pinto Pereira escreveu a Historia da India no tempo em que a governou D. Luiz de Atayde, offerecida a El-Rei D. Sebastião, e impressa em Coimbra em 1616. folh.

ANNO DE 1570.

No mez de Setembro começou a desenvolver-se a gran-

de liga dos Reis da Índia contra os Portuguezes, favorecida pelo Turco e Persa. — Notavel defeza de Chaul e de Gôa, e outras fortalezas do Malabar contra o Nizamaluco, Hidal-kan, e outros Reis e Príncipes colligados.

ANNOS DE 1574 E 1575.

Havendo-se já em 1559 e 1560 feito as primeiras tentativas para a fundação do estabelecimento portuguez em *Angola*, mandou El-Rei D. Sebastião renovar-as neste anno de 1574. Foi o capitão da empresa, e fundador, conquistador, e Governador d'aquelle nascente reino, Paulo Dias de Novaes, neto, e digno descendente de Bartholomeu Dias, descobridor do Cabo da *Bôa Esperança*. Sahiu de Lisboa em 1574, e chegou a Africa em 1575. Construiu logo o forte de S. Miguel, fundou a primeira povoação, e igreja, ordenou as cousas do governo civil, e intitulava-se «*capitão, e Governador do novo reino de Sebaste, na conquista da Ethiopia*» dando-lhe o nome de *Sebaste* em memoria de El-Rei de Portugal. Este nome foi logo esquecido, como era de presumir, e o reino tomou o nome de *Angola*, que era o de um Rei do paiz, a cujas instancias se tinha emprehen-
dido ao principio aquelle estabelecimento.

Pelos annos adiante, e por differentes circumstancias se forão os Portuguezes alargando pela costa, e pelo sertão: e em 1784 erão pertencas do reino de Angola.

O presidio de *Massungano*, fundado em 1583
de *Muxima*?
de *Cumbambe* 1603

de <i>Ambaca</i>	1614
de <i>Benguella</i>	1617
das <i>Pedras de Pungo andongo</i> .	1671
de <i>Caconda</i>	1682
de <i>Novo Redondo</i>	?
de <i>Encoge</i>	1759

&c.

ANNOS DE 1578 E 1579.

Em 1578 concorrião á pescaria dos mares da *Terra Nova*, pelo menos, 50 navios portuguezes, que importavão cousa de 3:000 toneladas. Os navios hespanhoes que ali concorrião ao mesmo tempo erão 100; os francezes 150; os inglezes 30!

Em 1579 se entregou ao capitão Portuguez de *Amboino* a Ilha do *Bouro grande*, no archipelago das *Molucas*.

PERIODO 4.º

DESDE O ANNO DE 1578 ATÉ AO PRESENTE.

ANNOS DE 1580 A 1599.



Em 1580 o Rei de *Ceilão* Prea Pandar fez doação de seus Estados a El-Rei de Portugal D. Henrique por não ter filhos que lhe succedessem.

Em 1582 se submetteu aos Portuguezes, acceitando a Religião Christã, a *Ilha de Labua*, situada no archipelago das Molucas a pouca distancia de *Ternate*.

Em 1583 o Rei de *Chale*, se fez tributario, e os Portuguezes levantaram alli fortaleza.

Em 1587 ou 1588 levantaram os Portuguezes fortaleza em *Mascate*. D. Paulo de Lima expugnou a cidade de *Jor*, e entrou triunfante em *Malaca*.

Em 1590 foi tomada pelos Portuguezes *Candia*, capital do reino do mesmo nome em *Ceilão*.

Em 1595 levantaram os Portuguezes fortaleza em *Solór*. (v. anno de 1629.)

Em 1597, por fallecimento do Rei de Calumbo sem successão, foi aclamado Rei o de Portugal, a quem elle doára os seus Estados.

Em 1599, D. Fr. Aleixo de Menezes, Arcebispo de Gôa, visitou a christandade das *Serras do Malabar*, e celebrou Synodo. Fr. Antonio de Gouvêa, augustiniano, escreveu « *Jornada do Arcebispo de Gôa, &c.* » Coimbra, 1606.

ANNO DE 1600.

O celebre Portuguez Salvador Ribeiro de Sousa fundou neste anno uma casa forte no *Pegú*, na fôz de *Serião*, e depois de varios casos, e extraordinarias façanhas, chegou a ser aclamado Rei de *Pegú* em 1603. Acha-se a Relação d'este notavel facto impressa com o *Itinerario de Tenreiro* em algumas edições de Fernam Mendes Pinto, e determinadamente na ultima de 1829.

ANNO DE 1602.

Bento de Goes, Jesuita Portuguez, que tinha bom conhecimento da lingua persiana, e de outras orientaes, foi mandado ao descobrimento do *Gran-Cataio*. Viajou mais de trez annos pelos sertões da Asia, caminhando sempre pelo norte do Imperio do Mogol, desde o paiz dos *Usbegs* para o oriente até á *China*, tirando em resultado que o *Gran-Cataio* era o proprio Imperio da *China*. Na *China* falleceu em 1607.

No mesmo anno de 1602 passou da India á Persia o augustiniano Fr. Antonio de Gouvêa, mandado pelo Governador da India como Embaixador ao Schach-Abbas. Este principe o enviou, em companhia de outro Embaixador seu, a Roma e a Hespanha. Voltou á *Persia*, e d'ahi á Europa, atravessando os desertos da *Arabia*. Chegado a *Alepo*, e embarcando para *Marselha*, foi tomado por Corsarios Argelinos, e esteve captivo em Argel, &c.

ANNO DE 1606.

O Governador de Angola D. Manuel Pereira Forjaz, intentando a communicação com a contra-costa, nomeou para o descobrimento d'este caminho a Balthazar Rebello

VOL. I. 19

(ou Pereira) de Aragão, homem capacíssimo para a empresa, assim pelo valor, como pelos conhecimentos que tinha do sertão. — Começou, e tinha já penetrado no interior do paiz, quando se viu obrigado a retroceder, para acudir á fortaleza de Cambambe, sitiada por um Soca visinho, e pelos negros do *Mosseque*.

ANNOS DE 1606 E 1607.

Nicoláo d'Orta, natural de Santo Antonio do Tojal, sabiu de Gôa em 1606 com destino de vir a Portugal por terra. Nos principios de Agosto estava na fortaleza de *Comorom*: d'ahi partiu para Lara, Xirás, Romuş, Bagadet, Ana, Taibe, e Alepo, aonde entrou a 16 de Janeiro de 1607; d'ahi veio por Alexandreta, e por fim chegou a Marselha, e logo a Madrid, d'onde El-Rei D. Filippe o mandou de novo á India. Escreveu o seu *Itinerario*, que deu a Pedro de Mendonça Furtado, e do qual existe uma cópia incompleta (de que falla Barbosa Machado) na Bibliotheca publica de Lisboa (B—4—8—numeração provisória.) Parece que seguiu o mesmo caminho que trouxe Fr. Gaspar de S. Bernardino, e é provavel que o mesmo trouxesse D. Alvaro da Costa em 1611 por ser o das *caravanas*, que tinham roteiro determinado.

ANNO DE 1607.

O Imperador *Monomotapa*, tendo sido auxiliado pelos Portuguezes, fez doação a El-Rei de Portugal das minas de ouro, prata, cobre, &c., que houvesse nos seus Estados. Esta doação foi acceitada, em nome de El-Rei pelo capitão de *Téte*, Diogo Simões Madeira.

D. Estevão de Atayde foi no anno seguinte de 1608 ao exame, e posse d'estas minas, e especialmente das de ouro e prata de *Chicova*. E escreveu a *Relação* do seu trabalho, e exame.

Por occasião da exploração d'estas minas se fundaram em 1614 as fortalezas de *Massapa*, e *Chicova*.

ANNO DE 1609.

Conquistaram os Portuguezes a Ilha de *Sundiva*, a pouca distancia da terra firme de *Bengala*, e dependente do reino de *Arracan*. Sebastião Gonsalves Tibão a governou com poder independente; tomou ao Rei de *Bacalá* as ilhas de *Xavapur*, e *Patelavanga*, e a outros principes varias terras n'aquellas paragens.

ANNOS DE 1610 A 1613.

Em 1610 publicou Pedro Teixeira as suas « *Relaciones del origen, descendencia, y succession de los Reys de la Persia, y de Hormuz, y de un viage hecho des de la India Oriental hasta Italia por terra.* » Amheres, 1610. 8.^o Este celebre Portuguez passou de Lisboa á India, veio a Ormuz, correu a Persia, esteve nas Filipinas, e nova Hespanha, e aportou a S. Lucar em 1601. Voltou depois á India, e de Gôa veio a Baçora, Bagdad, Alepo, &c. D'ahi passou a Veneza, e de Veneza a Anvers, aonde residiu a depois falleceu.

Em 1612 apossaram-se os Portuguezes de *Bender-abasi* (Gomroun), entre Ormuz e Kismis'a, celebre porto no golfo Persico, aonde levantaram dous fortes para defeza, (Godinho escreve « *Bandel Abassi — e Comorom.* »)

ANNOS DE 1613 A 1620.

Em 1613, e nos annos seguintes mandou o Vice-Rei da India algumas expedições á ilha de S. Lourenço com o fim de examinarem os seus portos, e se informarem da gente, costumes, e produções da terra, e de indagam

se por alli existião alguns dos Portuguezes, que por vezes havião naufragado n'aquellas costas.

Em uma d'estas expedições tocou um dos pilotos a bella Ilha do *Corne*, descoberta em outro tempo pelos Portuguezes. Esta Ilha é a que os Hollandezes depois denominaram *Ilha Mauricia*, e os Francezes *Ilha de França*.

«D'esta jornada de exploração, ordenada pelo Vice-Rei D. Jeronymo de Azevedo, nos ficou uma *Relação* manuscrita por Paulo Rodrigues da Costa.»

Em 1614 e 1615 Jeronymo de Albuquerque Coelho expeliu do *Maranhão* os Francezes, que alli estavam havia perto de trez annos com grandes forças, e fundou a nova colonia, que deu principio áquelle Estado. Teve grande parte nesta honrada facção o Sargento-mór do Estado do Brazil Diogo de Campos Moreno, que escreveu a relação do successo com o titulo «*Jornada do Maranhão por ordem de Sua Magestade feita no anno de 1614.*»

Em 1615 e 1616 se começou a povoação do Pará, sendo fundador da cidade, e seu primeiro Capitão-mór Francisco Caldeira de Castello Branco.

O Rei de *Siam* mandou fazer proposições de alliança ao Vice-Rei da India, offerecendo lugar para a fundação de uma fortaleza no porto de *Martavam*.

O porto e fortaleza de *Suar*, na costa da *Arabia* foi expugnado, e tomado pelos Portuguezes.

Pelos annos de 1619 e 1620 avassallaram os Portuguezes o Rei de *Dongo*, no sertão de *Angola*, ficando elle tributario a Portugal com o reconhecimento de 100 escravos cada anno.

ANNO DE 1622.

Em 1622 chegou a Gôa o P. Jeronymo Lobo, Jesuita Portuguez, mandado ás missões da India. Veiu a Moçambique em 1624, e entrando no paiz dos Galas passou á Abyssinia, aonde viveu muitos annos. Depois de largos, e perigosos successos voltou a Portugal aonde falleceu em 1658. Escreveu o seu *Itinerario* geralmente estimado dos eruditos.

ANNO DE 1623.

Estabelecimento do Governo do Estado do *Maranhão*, e *Gran-Pará* como separado do Governo Geral do Estado do Brazil. E' seu primeiro Governador, e Capitão General Francisco Coelho de Carvalho, que toma posse, e realisa a separação em Setembro de 1626.

ANNO DE 1624.

Por estes annos sahiu do *Dely* o P. Antonio de An-

drade Jesuita Portuguez, com o intento de descobrir a christandade do *Tibet*. Conseguiu com effeito, depois de uma longa e trabalhosa peregrinação, chegar á côrte de *Caparanga*, capital do reino. Recolhendo-se a Gôa, fez ainda segunda viagem, levando em sua companhia o P. Gonçalo de Sousa: e quiz fazer terceira, que os seus superiores lhe não permittiram. De ambas ha *Relações* impressas, que se traduziram em varias linguas. O epitafio da sepultura do P. Andrade o denomina » *primus missionis Thibetensis explorator et fundator*. « Falleceu em 1634.

ANNO DE 1629.

D. Fr. Miguel Rangel, Bispo de Cochim, visitando a ilha de *Solor* habitada por Portuguezes; fez reparar a muralha, e melhorou a povoação, deixando ahi por governador o valoroso Nuno Alvares Botelho. (*Memoria contemporanea.*)

ANNO DE 1635.

Depois da morte do P. Andrade (v. anno de 1624) foi mandado á missão do Tibet o P. João Cabral, tambem Jesuita, natural de Celorico da Beira, que escreveu » *Relação copiosa dos trabalhos, que padeceu na missão do Tibet.* « (V. Barb. Mach. *Bibliothec. Lusit.*)

ANNOS DE 1637 A 1639.

Pedro Teixeira, Portuguez, fez neste anno por ordem do Governo do *Pará*, a grande viagem desde o *Pará* até *Quito*. Remontou o rio *Muranham* ou *Amazonas*, até onde se lhe ajuntão as aguas do rio *Napo*. Entrou pelo *Napo*, que mais acima tem o nome de *Coca*, e navegou por elle até mui perto de *Quito*, aonde finalmente chegou por terra.

Sahiu Teixeira dos confins do *Pará* a 28 de Outubro de 1637, com 47 canoas de bom porto, levando 2:000 pessoas, entre ellas 70 soldados todos Portuguezes, 1:200 Indios, e os mais mulheres, e rapazes. Commandava humma vanguarda o Coronel Bento Rodrigues de Oliveira, nascido no Brazil. Chegou a *Quito* nos fins da Setembro de 1638. Voltou ao *Pará* em Dezembro de 1639.

(Veja-se *Nuevo descubrimiento del gran Rio de las Amazonas: por el P. Christoval de Acuña*. Madrid, 1641. 4.º)

Em 1639, o capitão Pedro da Costa Favella, Portuguez, é o primeiro, que entra no *Rio Negro*.

ANNOS DE 1645 A 1648.

Pelos annos de 1645 e seguintes andavão na Côrte de Portugal dous principes orientaes, vassallos de El-Rei. Um era o Rei das *Maldivas*, que tinha vindo pedir auxilio contra um seu irmão que lhe usurpára o throno. Este principe serviu na campanha do *Alem-Tejo*. O outro era D. Martinho principe de *Arracam*, que tendo sido baptisado e creado em Gôa, e tendo servido nas armadas portuguezas da India, obteve de El-Rei a capitania de Gôa por Alvará do anno de 1646.

Em 1647 sahio de S. Luiz do Maranhão Bartholomeu Barreiros de Atayde, mandado por El-Rei ao descobrimento das minas do rio *Aguarico*, ou do *Ouro*, e foi acompanhado do religioso Carmelitano Fr. José de Santa Teresa, que por ter sido muitos annos captivo dos gentios sabia a lingua de varias nações d'aquelle sertão. D'esta expedição parece que não houve resultado algum.

Em 1648 se recobraram os Estados de Angola do poder dos Hollandezes. Foi o illustre fidalgo Salvador Corrêa de Sá e Benavides, Governador que então era do Rio de Janeiro, o que executou esta gloriosa empreza com poucos meios, mas com grande valor, industria, e ardileza. Todas as dependencias de Angola ao Sul e ao Norte ficaram limpas de tão perniciosos inimigos. O Rei de Congo, que com elles se tinha alliado, obteve a paz, cedendo á Corôa de Portugal a Ilha de *Loanda*.

ANNO DE 1651.

Principios da povoação da *Ilha dos Patos* (hoje *Ilha de Santa Catharina*) sobre a costa do Brazil por Francisco Dias Velho Monteiro, com a sua familia, e 500 Indios domesticados. (*Rezum. Hist. de Santa Catharina* pelo Visconde de S. Leopoldo. Paris 1839.)

ANNO DE 1660.

A este anno se faz memoria de um Portuguez ap-
pellidado *Melgueiro*, que sendo mestre, e piloto de um
navio hollandez, sahiu do *Japão* em Março; dirigiu-se aos
mares do pólo arctico, subindo até 84°; passou entre a an-
tiga *Groenlandia*, e *Spitzberg*, e deixando á esquerda a
Scotia, viera a Portugal.

O escriptor que nos subministrou esta noticia, cita *Mr. de Buache*, no *Parallèle des Fleuves*, Hist. da Aca-
dem. das Scienc. de Paris, an. 1753 e *Memorias* da mesma Aca-
demia pag. 885. E accrescenta por testemunho de *Mr. Bua-
che*, que os Batavos tinham, e occultavão com recato o *Dia-
rio* d'esta navegação unica até áquelle tempo.

O mesmo escriptor nos dá ainda outra noticia, que

diz ser sabida « *Notum etiam est* (diz elle) *Martinum Chack Lusitanum...* &c. » isto é, que um Portuguez por nome Martin Chack, governando uma Náo em conserva de outras duas pelo *mar pacifico*, fôra correndo os mares, arrojado por uma violenta tempestade, e ventos occidentaes, achando-se por fim á parte meridional da Irlanda, donde viera a Lisboa.

ANNO DE 1663.

O P. Manuel Godinho natural da villa de Montalvão, egresso da companhia de Jesus, Prior de S. Nicoláo de Lisboa e depois de Loures, estando nas missões da India, veio por terra a Portugal, de mandado do Vice-Rei Antonio de Mello de Castro, e segundo parece com alguma secreta e importante commissão. Escreveu « *Relação do novo caminho que fez por terra, e mar, vindo da India para Portugal no anno de 1663* » impressa em Lisboa em 1665.

ANNOS DE 1668 E 1669.

Sobre o descobrimento do *Rio Negro* na America portugueza deve vêr-se o *Diario da Viagem* que fez pela capitania de S. José do *Rio Negro*, Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, impressa pela Academ. R. das Scienc. de Lisboa em 1825.

Mandou El-Rei de Portugal Embaixador á *China*, o qual foi recebido do Imperador com grandes mostras de benevolencia, e obteve algumas liberdades para a religião e para o commercio.

ANNOS DE 1636 A 1680.

Ayres de Saldanha, que por estes annos governava *Angola*, intentou abrir communicacão por terra a *Benguel-la*, e d'ahi á contra-costa de *Sena*. Offereceu-se para esta empresa o capitão José da Rosa, mas sahindo de *Massan-gano*, a poucas jornadas encontrou tantas difficuldades, e tanta opposição em muitos Sovas, que lhe impedião a passagem, que se viu forçado a retroceder.

ANNO DE 1682.

Em 1682 pouco mais ou menos, Bartholomeu Boena da Silva natural de Pernaíba, com um seu filho do mesmo nome chegaram a Goiazes. O filho foi pouco depois o principal descobridor das terras d'aquella capitania. (Veja-se a *Memoria sobre o descobrimento, governo, população, e cousas mais notaveis da capitania de Goiaz*, no *Jornal de Coimbra*, Num. 76. Part. 1. Art. 1., pelo P. Luiz Antonio da Silva e Sousa, natural da Serra do Frio, capitania

de Minas Geraes.) Parece que em 1726 é que se fez alli estabelecimento de povoação Portugueza, de que foi primeiro Governador, o de S. Paulo, Rodrigo Cezar de Menezes até 1728.

ANNO DE 1696.

Por estes annos descobriram os Portuguezes o *aljosar*, e as *perolas* nos mares de *Coſála*, a cousa de 30 leguas da barra de *Luabo*.

Tambem se descobriram as minas de prata no reino de *Mocrangu*, na terra chamada *Nhanace*, quasi confinante com as nossas terras de *Tete* junto do *Zambeze*.

ANNO DE 1719.

Notaremos aqui, que, segundo um antigo escriptor Portuguez, até os ultimos annos de El-Rei D. Sebastião não se tinha descoberto no Brazil minas de ouro, nem de prata, nem outras riquezas, e perolas, &c.

Em 1659 achamos a primeira noticia (ainda duvidosa) de uma rica mina descoberta ha pouco tempo no Brazil.

Em tempo de El-Rei D. Pedro II. se começaram a descobrir as minas da ouro, sendo Governador da Rio de Ja-

neiro Artur de Sá. Nas exequias que se fizeram a este Soberano em Roma, se lia, entre outras legendas, que adornavam o tumulo, esta:

« *Novis in Brasilia inventis aurifodinis munificentia*
« *Petri II. servit Natura.* »

Em 1719 se descobriram as novas minas de ouro da *Cuiabá*, *Goiazes*, e outros districtos, sendo a mais preciosa a do *Serro do Frio*, por d'ella sahirem tambem diamantes.

Em 1727 e 1728 se descobriram os *diamantes* no Brazil, e achamos em memoria, que a frota, que viera do Rio de Janeiro em 1730, trouxera a Portugal 1146 onças.

ANNOS DE 1722 A 1729.

Em 1722 vierão a Portugal Embaixadores de um Rei poderoso da Ilha de *S. Lourenço*, offerecendo a El-Rei os portos do seu reino para nelles mandar levantar fortalezas.

Em 1723 foi despachado pelo Governo do Pará o capitão Francisco de Mello Palheta, com uma tropa de exploração a correr e examinar o rio *Madeira* no Brazil aonde já tinha hido em 1716 outra expedição portugueza.

Em 1725 mandou El-Rei Embaixador á *China* a cumprimentar o Imperador pela sua exaltação ao throno. O Embaixador Alexandre Metello entrou em Pekin em 1727.

Em 1726: primeiro estabelecimento da povoação portugueza em *Goiaz*. (V. o anno de 1682.)

Em 1729 recebeu o Vice-Rei da India uma embaixada do Principe de *Agra*, e outra do *Raja de Ambor* que pedia que de Portugal lhe fosse enviado algum habil mathematico, com quem podesse conferir certos pontos astronomicos. Este Embaixador veio a Lisboa com cartas e presentes do mesmo Principe, e do Gran-Mogol Mahamed Shea, que se intitulava *Imperador do Indostan*.

ANNOS DE 1735 A 1737.

Antonio Ribeiro Sanches, sabio Portuguez, primeiro medico dos exercitos da Russia, correu nestes annos, por ordem d'aquelle governo, a *Ukrania*, as margens do *Don* até ao mar de *Zabache*, e os confins do *Cuban* até *Azoff*: atravessou os desertos entre a *Criméa*, e *Backmut*: visitou os *Calmuco*s desde o reino de *Cazan* até ás margens do *Don*: e os *Tartaros* da *Criméa*, e de *Nogai*, e os *Tartaros* de *Kergissi*, e *Tcheremissi* ao norte de *Astracan*, desde 50° até 68.º de lat., &c. Buffon, *Hist. natur. de l'homme*.)

Nos mesmos annos foi povoado no Brazil *Mato-grosso* pelos moradores de *Cuiabá*.

ANNOS DE 1741 A 1743.

Foi neste anno a primeira exploração do rio *Aporé* e do celebre sitio do *Corumbijara* por alguns moradores de *Mato-grosso*. (Veja-se *Navegação desde o Pará até Mato-grosso*, impressa pela Academ. R. das Scienc. em 1826.)

ANNO DE 1747.

Neste anno sahio do Gran-Pará por ordem de El-Rei de Portugal uma escolta, que navegou pelo *Amazonas* até ao *Madeira*, seu confluyente. Começou-se a viagem a 14 de Julho, e a 28 de Setembro chegou a escolta á embocadura do *Madeira*. Navegou por este rio até 17 de Dezembro, em que chegou ás *Cachoeiras*. Vencidas 19 cachoeiras, navegou pelo *Aporé*, que os Hespanhoes chamão *Ithenes*, e a 14 de Abril de 1750 chegou ás minas de *Mato-grosso*, que era o seu destino, com 9 mezes completos de viagem. Escreveu a *Relução* d'ella *José Gonsalves da Fonseca*, e a Academ. R. das Scienc. de Lisboa a imprimiu em 1826.

ANNOS DE 1768 A 1775.

Entre os annos de 1768 e 1774 foi escripto o *Roteiro da Viagem da cidade do Pará até ás ultimas colonias dos dominios portuguezes, em os rios Amazonas, e Negro, illustrado com algumas noticias, que podem interressar a curiosidade dos navegantes, e dar mais claro conhecimento das duas capitancias do Pará, e S. José do Rio-negro*. Escreveu-o o Reverendo José Monteiro de Noronha.

Em 1774 e 1775 foi a viagem pelo *Amazonas, e Rio-negro*, feita por Francisco Xavier Ribeiro de Sam Payo, ouvidor da capitania de *S. José do Rio-negro*, impressa pela Academ. R. das Scienc. de Lisboa, em 1825.

ANNO DE 1783.

Ordenando a Rainha D. Maria I. que se despachassem viajantes aos sertões da America para collegirem noticias dos varios productos da natureza, foi um d'elles o Doutor Alexandre Rodrigues Ferreira, levando por desenhadores a Joaquim José do Cabo, e a José Joaquim Freire. (*Memor. da Academ. R. das Scienc. de Lisboa* tom. 5. pag. 65.) O gravador Manuel Marques de Aguiar, tendo hido a Inglaterra aperfeiçoar-se na sua arte, foi depois, pelos annos de

VOL. I. 21

1794 pouco mais ou menos, encarregado de abrir as estampas pertencentes áquellas viagens.

O naturalista Manuel Galvão da Silva foi mandado para *Moçambique* em execução das mesmas Ordens Regias, e para o mesmo fim, levando em sua companhia o desenhador Antonio Gomes. (*Ib.* pag. 63)

ANNO DE 1787.

O Tenente Coronel Manuel da Gama visitou neste anno o *Rio Branco* por ordem da côrte, e o descreveu com prolixa investigação, fazendo levantar a carta respectiva pelo Engenheiro Doutor em Mathematica José Simões de Carvalho.

ANNOS DE 1798 A 1798.

Vicente Ferreira Pires, natural da Bahia, partiu d'esta cidade a 29 de Dezembro de 1796 como enviado de S. A. o Principe Regente, em companhia de D. João Carlos de Bragança, *Embaixador Ethiope do Rei de Dahomé*. Foi a Dahomé, e voltou á Bahia, aonde chegou a 5 de Fevereiro de 1798. Escreveu, e offereceu ao Principe em 1800 « *Viagem de Africa em o reino de Dahomé* » manuscrita, em 4.º, que está na Bibliotheca R. da Ajuda.

Em 1797 partiu o Major Francisco Nunes com uma expedição ao descobrimento da communicação do rio *Capim* para o *Piauhý*. Voltou, e deu conta da viagem em 1798.

ANNO DE 1798.

Estando D. Rodrigo de Sousa Coutinho (depois Conde de Linhares) no ministerio dos negocios da Marinha e domínios Ultramarinos, quiz renovar a empresa (outras vezes tentada) da communicação entre as duas costas occidental e oriental de Africa por terra. Designou para isto a Francisco José de Lacerda e Almeida, Doutor em Mathematica, nomeando-o, com este intento, governador dos *Rios de Sena*, d'onde havia de partir a expedição. Lacerda partiu para o seu governo, munido de instrumentos e meios adequados; procurou informações e noticias; e pôz-se a caminho para o interior. Chegando ás terras do Rei Cazembre (que parece ser o ponto central entre as duas costas) ali falleceu. Os seus companheiros, a quem elle, á hora da morte, recommendou a continuação da empresa, não annuiram a esta recommendação, e a empresa ficou sem o seu completo effeito.

(Vejaõ-se os Extractos da Obra publicada em Londres, na lingua ingleza, em 1824 com o titulo «*Relação dos descobrimentos feitos pelos Portuguezes no interior de Angola e Moçambique, tirada de manuscriptos originaes por F. E. Bowdich.*»)

ANNO DE 1799.

Ao mesmo tempo que da parte oriental de Africa se tentava a empresa da communicação das duas costas pelo interior, de que fallamos no artigo antecedente, tentava-se tambem da parte occidental, por ordem do Capitão General de Angola D. Fernando de Noronha, que encarregou d'este descobrimento o Tenente Coronel, Commandante e Director da Feira de *Casange* Francisco Honorato da Costa.

Os exploradores chegaram ao sitio de *Cazembre*, aonde tinha fallecido o Doutor Lacerda; mas ahi acharam embaraços, que por alguns annos os detiveram.

Em 1807, sendo Governador o Capitão General de Angola Antonio de Saldanha da Gama (depois Conde de Porto Santo, e ha pouco fallecido) renovou este a mesma tentativa, mandando uma expedição á contracosta, a qual com effeito se executou, voltando a Loanda em 1809, e trazendo embaixada dos *Molluas*, nação que já commerciava com *Moçambique*.

Enviou ainda o mesmo Governador e Capitão General segunda expedição com ordem expressa de hir até *Moçambique*, a qual voltou a Loanda estando já no governo de Angola José de Oliveira Barbosa, e trazendo cartas do Governador de *Moçambique*.

ANNOS DE 1810 E 1811.

Em 1810 levantou o Capitão Tenente José Joaquim da Silva a carta hydrographica da costa do Pará até ao Maranhão.

Em 1811 sahiram da capital do Brazil, por ordem do governo, exploradores da navegação do Guaporé, Mamoré, Madeira, Arinos, Tapajóz, e Xingu, rios que todos entram no Amazonas.

FIM DO INDICE.

MEMORIA

SOBRE

AS VIAGENS DOS PORTUGUEZES

A' INDIA POR TERRA, E AO INTERIOR DE AFRICA.



O Rei D. João II., inspirado pelo seu grande animo, e não vulgar instrucção, e munido dos planos, informações, e notas de seu tio o immortal Infante D. Henrique, logo que subiu ao throno de Portugal em 1481, tomou tanto a peito o descobrimento da India e terras orientaes, como é constante da historia do seu reinado: e não se contentando de continuar nas empresas maritimas na costa occidental de Africa, que originariamente se dirigiam áquelle fim, resolveu mandar por terra viajantes exploradores, que trabalhassem, por descobrir aquellas apartadas regiões, e por se

instruir da situação das terras, das suas produções, do seu commercio, dos caminhos por onde os Portuguezes poderiam a ellas conduzir-se, e finalmente de tudo quanto fosse em utilidade do plano geral, cuja execução se havia emprehendido, e elle desejava concluir.

Havia na Europa desde o seculo 12.^o a idéa vaga e confusa de um principe mui poderoso d'aquelle oriente, que seguia e professava a religião christã, e que se designava communmente com o nome de « *Preste-João*. »

O primeiro, que parece haver trazido á Europa a noticia d'este potentado, foi um Bispo da Syria, que vindo pelos annos de 1145 implorar a protecção do papa Eugenio III., fallava de *um principe christão, nestoriano, chamado Preste-João*, que reinava no oriente; o qual tinha alcançado algumas victorias contra os Persas, e não duvidaria vir em auxilio dos christãos de Jerusalem contra os infieis (1).

No seculo seguinte, e no anno de 1237, escrevia o prior dos frades prégadores da Terra-santa ao papa Gregorio IX., referindo-lhe os serviços que os seus religiosos tinham feito ao christianismo em differentes regiões da Asia, e nesta carta dizia, entre outras cousas « *Temos recebido muitas cartas do patriarcha nestoriano, a quem obedece a grande India, o reino do Preste-João, e as terras visinhas do oriente* » onde vemos o nome do *Preste-João* unido ao da *grande India*, e descobrimos a razão provavel porque

(1) Fleuri, *Hist. Eccles.* liv. 69 §. 10 ao an. 1145. *Natal Alexandre* tambem menciona uma carta do Papa Alexandre III., escripta em 1177, e dirigida « *illustri et magnifico Indorum Regi, sacerdotum sanctissimo, &c.* » e diz o historiador que era endereçada « *ao Rei dos Ethiopes, a quem chamamos Preste-João* » esta carta vem na Collecção de Concilios do P. Labbe, no tom. 10.

depois se foi dando áquelle tão nomeado e tão inculcado Príncipe a denominação de *Preste-João das Indias*.

No seculo 14.^o forão muitas as expedições de missionarios christãos, mandados pelos summos pontífices á Persia, á Tartaria, á China, e a outras terras orientaes, os quaes todos fizeram não pequenos serviços ao christianismo n'aquellas remotas regiões, chegando a fundar estabelecimentos religiosos em *Cambalu*, e *Caiton* na China septentrional, em *Usbick*, em *Sultania*, em *Ceilão*, na *Java*, &c. E posto que nas relações d'estes missionarios, ou nas memorias, que d'elles, e dos seus trabalhos nos teem dado os escriptores ecclesiasticos, não achamos expressamente repetido o nome de *Preste-João*, é comtudo verosimil, que elle se conservasse junto com a lembrança das primeiras e mais antigas noticias; e como por outra parte constava, que em alguns d'aquelles paizes se encontravão christãos da seita, ou rito nestoriano, facil era ligar e confundir estas idéas, que a ignorancia da geografia não permittia ainda rectificar, e apurar (1).

Ainda no seculo 15.^o, pelos annos de 1461, se faz menção de certos legados orientaes, que tendo vindo a Ita-

(1) No *Atlas em lingua catalã*, delineado, e escripto em 1374, e publicado de um exemplar da *Bibliotheca do Rei de França* pelo Sr. J. A. C. Buchon no anno de 1838, se vê entre as duas palavras « *Affricha* » e « *Nubia* » a figura de um imperador coroado, com sceptro na mão, e a lado a legenda « de *Sarrayns*, ciutat do . . . est. . . de *Nubia*. *Está los temps en guerra e armes con crestians de Nubia, qui son so seynoria del'imperador de Ethiopia de la terra de Preste Johan* « isto é » . . . de *Sarracenos*, cidade do . . . est. . . da *Nubia*. *Está sempre em guerra e armas com christãos da Nubia, que estão debaixo do senhorio do imperador de Ethiopia, da terra do Preste-João*. « Nova prova do que vamos dizendo sobre a antiguidade do nome de *Preste-João* na Europa.

lia solicitar do santo padre Pio II. auxilio contra os Turcos, passaram a França a empenhar o Rei Carlos VII. em seu favor, sendo acompanhados de um, que se dizia prelado dos frades menores, e talvez tomava o titulo de patriarcha de Antioquia, nomeando-se *orador* ou *legado do Preste-João*. A enfermidade de Carlos VII., de que logo falleceu, não permittiu que estes legados fossem por elle ouvidos; e o santo padre tendo entretanto podido averiguar, que erão insignes impostores, mandava reter em Veneza o falso patriarcha, que houve por bem retirar-se a tempo com os seus companheiros.

Este facto, bem como os precedentes, mostra quanto na Europa era acreditada desde antigos tempos a existencia do *Preste-João*, isto é, de um principe christão, muito poderoso, que reinava na India, ou nos paizes orientaes; crença que não nasceu da *ignorancia dos Portuguezes*, como dizem alguns ignorantes, ou mal intencionados escriptores estrangeiros, mas que tinha tido a sua primeira origem nas antigas relações, e que foi recebida em outros paizes antes que chegasse a Portugal.

El-Rei D. João II. foi pois dirigido nesta parte pelas idéas, que erão communs em toda a Europa, e sempre possuido do grande pensamento de descobrir a India, desejava muito abrir alguma communicacão com aquelle principe, confiando que elle, pela qualidade de christão, se prestaria a uma facil e amigavel correspondencia; e como senhor de grandes Estados na India, não só traria consideraveis interesses ao commercio dos Portuguezes, mas tambem concorreria para que elles viessem a conhecer o melhor, mais breve, e mais seguro caminho maritimo para aquellas partes, que ha tantos aunos buscavão com incriveis trabalhos e despezas, e não menor constancia e perseverança.

Quando El-Rei volvia em seu espirito estes pensamentos

occorreu um accidente, que parecia confirmal-os e favorecerêl-os.

Çacuta, ou Zacuta, mandado a Lisboa como Embaixador do Rei de *Beni*, informou a El-Rei, que além do seu paiz, cousa de 250 leguas para o Oriente, havia um Principe mui poderoso, denominado *Ogané*, de cuja *Suzerania* era dependente o Rei de *Beni*: e taes circumstancias acrescentava, e de tal modo descrevia os ritos, e o ceremonial, de que usava aquelle potentado, que El-Rei combinando tudo isto com as idéas, que havia do Preste-João, facilmente começou a presumir que poderia ser este o proprio Principe, e resolveu não poupar diligencia alguma para verificar a sua conjectura, ou presentimento (1).

No anno pois de 1486, ao mesmo tempo que mandava o illustre e intrepido navegador Bartholomeu Dias ao descobrimento do grande cabo meridional de Africa, lhe dava ordem, que nas terras, que fosse descobrindo, *lançasse certos negros e negras, que consigo levava, já industriados, para que por elles chegasse á noticia do Preste-João, este desejo, que El-Rei tinha de o conhecer, e ter com*

(1) Uma das circumstancias, com que Çacuta descrevia o ceremonial d'aquelle misterioso Principe, era que *não se deixava ver dos seus vassallos, ouvindo-os de dentro de cortinas, e amostrando-lhes, quando muito, um pé.* (Barros, t. 3. 4.) Esta mesma circumstancia notou muito depois, como propria do Rei dos Abexins, o illustre Castro, no *Roteiro do mar roxo*, aonde tratando dos costumes d'aquelles povos diz «*é ordenança dos Reys nam so averem de amostar a seu povo, e passam muitos annos, que nam sam vistos. Quando quer que vão á guerra, ou caminham, levam per derrador de si taes impedimentos, que nam podem ser notados de alguma pessoa*» O que porém nos parece ainda mais notavel a este respeito é o que lemos na viagem do doulou e celebre viajante Arabo Ben-Batula, que visitando as terras interiores de Africa

ella amizade. (Baros, 1. 3. 4.) E não contente o grande Príncipe com estas providencias, que mal satisfazião a sua incessante e ardente curiosidade, despachava tambem por terra varios outros viajantes, ordenando-lhes, que por via do Cairo ou de Jerusalem, que erão pontos então mui conhecidos e frequentados, tentassem penetrar até á cõrte do Preste-João, e haver as informações e noticias, que tanto se desejavão.

Um escriptor nosso antigo menciona como primeiro entre estes viajantes um religioso por nome Fr. Antonio de Lisboa, acompanhado de outro frade leigo; mas logo adverte, que elles não chegaram a passar de Jerusalem, por não fallarem a lingua arabica. E Damião de Goes, na *Chronica de El-Rei D. Manuel*, part. 3. cap. 58., depois do dizer, que El-Rei D. João II. mandára *por algumas vezes, e em diversos tempos* homens que sabião a lingua arabica, sómente refere por seus nomes *Affonso de Paiva, natural de Castello Branco, e João Perez da Covilhã (1)*, que são

pelo meio do seculo 14.º, e fallando do paiz de *Barnu*, cujos habitantes erão musulmanos, diz que *«tinhão um Rei, por nome Edris, o qual não apparecia á gente, nem fallava senão por detraz de uma cortina.»* Aproveitaremos ainda esta nota para dizer que o príncipe *Ogané*, assim denominado nas relações portuguezas, segundo a informação do Embaixador de Beni, nos parece ter alguma semelhança com o Rei de *Organa*, de que faz menção o *Atlas Catalão*, acima citado. Nelle se denota no interior de Africa um rio, a que chama *Nilo* (o *Niger*)?; por baixo se lê *«Nubia» «Organa»* e abaixo da palavra *Organa* esta nota *«aquí reina o rei de Organa, sarraceno que tem continua guerra com os sarracenos maritimos, e com outros (alarahps), ou occidentaes. «Vej. Notice sur un atlas en langue catalane, &c. por Mr. Buchon, Paris, 1838, em 4.º*

(1) Alguns escriptores dão a este segundo viajante o nome de *Pero*, ou *Pedro da Covilhã*; mas ha nisto equivação, segundo

com effeito os que mais famosos se fizeram nestas expedições terrestres, destinadas a explorar os paizes orientaes, e a se informarem do *Preste-João das Indias*.

Ainda que os nossos escriptores não são perfeitamente uniformes em designar o anno, em que os viajantes sahiram de Portugal para esta importante commissão, temos contudo por quasi certo, que El-Rei os despachou, estando em Santarem, a 7 de Maio de 1487, sendo então presente ao despacho o Duque de Beja D. Manuel, que depois foi Rei. Esta é a data seguida por Castanheda, Barros, e outros.

Os viajantes forão por terra até Napoles, e embarcando ali a 24 de Junho, dia de S. João Baptista, navegaram para Rhodes, aonde forão bem acolhidos de Fr. Fernando, e Fr. Gonçalo (que alguns nomêão *Fernam Gonçalves* e *Gonçalo Pimenta*) cavalleiros Portuguezes, da Ordem de S. João de Jerusalem, que ao tempo residião n'aquella ilha.

De Rhodes passaram a Alexandria, e logo ao Cairo: e como achassem oportuna companhia nas casilas de Fez e Tremecêm, assentaram aproveitar-se d'ella, e viajaram como mercadores para *Thor* sobre o golfo arabico, d'onde passaram a *Cuaquém*, na costa da Ethyopia sob o Egypto, e ultimamente a *Adém*, havendo ali por conveniente, na conformidade de suas instrucções, separar-se, e tomar cada um d'elles differente direcção.

Resolvêram por tanto, que *Paiva* se dirigisse á Ethyopia, que parecia ser a região designada pelas informações de Beni e Congo, e aonde se dizia existir um grande Rei christão, que poderia ser o principe que procuravão; e que

parece; porque Rezende, author contemporaneo, Goes, e outros chamão *João*, ou *João Perez*, e é provavel que o sobrenome patronimico *Perez* dêsse occasião ao erro.

Covilhã partisse em direitura á India , ajustando por ultimo que se reunirão no Cairo depois de certo tempo determinado.

Affonso de Paiva chegou com effeito a entrar em terras da Ethiopia. O *Covilhã* passou ao golfo persico , d'onde navegando para a costa da India, visitou Cananor , Calcut, Gôa, e toda a costa Malabarica. Veiu a Çofala , voltou a Adêm, e recolhendo-se ao Cairo no tempo aprazado, achou a noticia de ter alli fallecido o seu companheiro *Paiva*, quando já voltava da Abyssinia.

Em quanto estes dous viajantes procuravão desempenhar a sua ardua commissão, não cessou El-Rei de empregar novos e oportunos meios de assegurar cada vez mais o seu effeito; e com este presupposto, despachou os dous hebreus Rabbi Abraham de Beja, e José de Lamego com cartas suas para Paiva e *Covilhã*, endereçadas ao Cairo. *Covilhã* ss veiu effectivamente encontrar ali, e recebendo as cartas de El-Rei, lhe respondeu logo por José de Lamego, referindo tudo o que até então tinha visto e observado; participando a noticia da morte de seu companheiro; e dizendo, que se podia navegar para a India pelo Oceano, e que o Preste-João não podia ser outro senão o Imperador da Ethiopia, segundo as informações que tinha podido colligir: e ainda alguns accrescentão (não sem verosimilhança) que elle mandára a El-Rei uma carta d'aquelles mares orientaes entre a India e a costa africana. Como porém El-Rei ordenava que de nenhum modo voltassem a Portugal sem visitar Ormuz, e sem haver alguma certeza do Preste, o *Covilhã* se pôz de novo a caminho com Rabbi Abraham para Adêm: d'ahi' passou a Ormuz, voltou ao golfo arabico, visitou Mecca, Monte Sinai, Thor, e depois Zeila; d'onde por terra penetrou enfim até á côrte do Abexi. (1490), e entregou ao principe, que então alli reinava, e se chamava Escander (Alexandre) as cartas de El-Rei D.

João, e um mappa, em que estavam delineadas as nossas navegações. Em Ormuz se tinha Covilhã apartado do seu companheiro Rabbi Abraham, confiando-lhe segundas cartas para El-Rei.

Parece que a fortuna se comprazia de favorecer os projectos, e animar as esperanças de El-Rei de Portugal! Como elle tinha no Mediterraneo, em diferentes portos de Levante, pessoas encarregadas de lhe participarem quaesquer noticias, que se podessem obter do Preste-João, e das terras da India, aconteceu, que vindo por aquelle mesmo tempo a Roma, e estando no collegio de Santo Estevão dos Indianos, um sacerdote ethiope, por nome Lucas Marcos, o santo padre Innocencio VIII. o enviou a El-Rei, o qual não só o recebeu e ouviu com grande contentamento, e alvoroço, mas tambem por elle escreveu novas cartas ao Imperador Abexi, fazendo que elle mesmo escrevesse outras por quatro differentes vias, nas quaes todas se annunciava áquellê principe o ardente desejo que El-Rei de Portugal tinha da sua amizade e communicação; se lhe recommendava e pedia que recebesse benignamente o Embaixador que de Portugal lhe tinha sido enviado; e se lhe indicava a via do Cairo, Jerusalem, ou Roma para reciproca correspondencia, *até que Deus abrisse outro mais directo, e mais facil caminho.*

O Paiva falleceu no Cairo, como já vimos. O Covilhã não voltou a Portugal; porque estando já para isso despachado por Escander, o fallecendo este antes que Covilhã podesse realisar a sabida, *Nau*, ou *Naut*, que succedeu no throno, lhe denegou constantemente licença para sahir do imperio, e o mesmo fez *David*, que succedeu a *Naut*, adozando comtudo a Covilhã as saudades da patria *com lhe fazer amplas mercês e donativos.* Pelo que, *cazou-se Covilhã na Abyssinia (diz Goes) e teve filhos, e filhas.*

Com effeito pelos nossos escriptores nos consta, que quando o grande Albuquerque embocou o estreito do golfo arabico em 1506, ainda o Covilhã vivia nas terras d'aquelle imperio: e quando o Embaixador do Abexi, Matheus, chegou a Gôa no anno de 1512 para vir a Portugal, dizia, que na Abyssinia existião trez Portuguezes, *um chamado João, que havia muito tempo tinha sido mandado por um Rei de Portugal* (e este era sem duvida o nosso João Perez da Covilhã, mandado por El-Rei D. João II. vinte e seis annos antes), *e outros dous que de pouco tinham lá chegado*, e serião certamente alguns d'aquelles, que os capitães Portuguezes lançavão em terra em certas paragens, com ordem de penetrarem no interior, quanto lhes fosse possivel, a fim de poderem depois dar informação do que tivessem observado. Ainda no anno de 1526, em que o P. Francisco Alvarez sahiu da Ethiopia com D. Rodrigo de Lima, parece que lá existia o Covilhã; e finalmente no anno de 1559 achamos menção de um *Alvaro da Costa Covilhã*, que vivia na Abyssinia, e seria provavelmente algum dos filhos do nosso viajante.

Taes são as noticias que d'esta importante viagem (1) ficaram em nossas historias, e que aqui quizemos ajuntar para commodidade dos leitores, confiando que se nos relevará descermos talvez a miudezas e particularidades, que podem hoje parecer do pouco interesse, mas que acreditem, e recommendam o discernimento, o zêlo, e a constancia, com que os Reis Portuguezes procuraram lançar os fundamentos ao magnifico edificio de gloria e de grandeza, a que depois se elevou o Imperio lusitano-oriental.

El-Rei D. João II. ao mesmo passo que com tanta di-

(1) Não podemos escusar-nos á satisfação de copiar nesta nota as palavras de um douto e sincero escriptor francez a respeito da viagem, de qué temos tratado. E' Mr. Pouque-ville, que

ligencia e grandes despesas da sua fazenda (1) mandava explorar as terras orientaes, tambem se não descuidava de fazer examinar o interior de Africa, tanto para adquirir conhecimento das producções do paiz, e dos costumes das gentes, como para aproveitar as utilidades do commercio, e levar áquelles povos rudes e barbaros a luz do evangelho, e com ella os beneficios da civilisação.

na *Memor. histor. e diplomat. sobre o commercio e estabelecimentos francezes no Levante*, &c. an. 1827, fallando da época da tomada de Constantinopla por Mahomet II. diz assim «Até então tinha «o Mediterraneo sido o centro da navegação do mundo; mas a «providencia permittiu em fim, que os homens descobrissem mais «vasto campo, em que podessem dar allá ao seu genio, e á sua «coragem. Os estados, que com mais perseverança se haviam dado «às viagens longinquas, é que devião obter a gloria de abrir e «franquear o caminho. Os Portuguezes mereceram esta honra, do- «brando o cabo da Boa Esperança. Um anno depois d'este memo- «ravel descobrimento, Pedro de Covilhã e Afonso de Paiva man- «dados por El-Rei de Portugal a reconhecer, um, os estados do «Preste-João, que se chamarão India, e o outro as terras d'onde «vinha a especiaría, partiram a executar uma das missões mais «vastas, e que jámais se haviam concebido. Levavão elles ordem de se «informarem, se era possível a navegação desde o cabo da Boa «Esperança até ás Indias orientaes, e de se instruirem de tudo o «que podesse ser util ao commercio. Chegados a Thor, aonde se «separaram, Covilhã embarcou, e foi o primeiro Portuguez que «navegou os mares da India, ao mesmo tempo que Paiva se di- «rigia á Ethiopia, tendo ambos ajustado entre si reunirem-se no «Cairo, de volta de suas viagens. Em quanto estes exploradores «desempenhavam a sua perigosa commissão, Christovão Colombo «descobria a America...» &c.

(1) Rezende, na *Vid. de João II.* cap. 60, fallando da viagem do Paiva e Covilhã, acrescenta «e depois d'elles foram outros, com muitas despesas, que El-Rei nisso fez.»

VOL. I.

23

Alguns escriptores estrangeiros, que ignorão, ou fingem ignorar os factos da nossa historia, atreveram-se a dizer que *os Portuguezes nunca tiveram o pensamento de inspirar aos Africanos alguma idéa moral*. Esta proposição é uma insigne, e calumniosa falsidade, desmentida por toda a historia dos nossos descobrimentos e conquistas, e filha, ao que parece, do baixo ciúme, com que os estrangeiros, em geral, teem considerado, e ainda hoje considerão a superior gloria, que n'aquelles tempos adquirimos. Nós refutaremos em outra nota a injuriosa accusação, que nisto se nos quer fazer. Aqui sómente tratamos de recolher as escasas idéas que ainda achamos nos escriptores nacionaes sobre as indagações dos nossos antigos no interior de Africa, para que por ellas se veja, que as tentativas, feitas pelos modernos com o mesmo fim, forão precedidas pelos Portuguezes trez seculos antes, e que se os Portuguezes não tiraram d'ellas maiores proveitos, nem para si, nem para os povos Africanos, tambem os modernos não teem sido até ao presente muito mais felices, apezar da grande aptidão e capacidade de que se prezão e jactão, e apezar dos multiplicados meios de que hoje podem ajudar-se nesta empreza, e de que os Portuguezes totalmente, ou quasi totalmente carecião no seculo 15.^o

Bem natural parece que o illustre Infante D. Henrique se não esquecesse de lançar mão de um arbitrio tão proprio para levar ao fim os seus intentos, como era o das viagens ao interior de Africa. Os fins principaes a que elle se dirigia, que consistião em trazer os povos barbaros á religião christã, e ampliar ao mesmo tempo as relações, e os interesses commerciaes do reino, aconselhavão este meio como opportuno. O Infante tinha noticia, pelas informações dos Mouros, das grandes feiras, que se fazião em differentes lugares da Africa central, e não ignorava o extenso commercio, que os seus habitantes entretinhão com

os das costas septentrionaes, assentadas sobre o Mediterraneo. Pelo que não podemos prudentemente duvidar de que intentasse examinar estes objectos com todo o cuidado e empenho, e assim parece persuadir-o tanto a embaixada que mandou a Farim, Rei de Cabo-verde, e a fundação da fortaleza de Arguim, como os estabelecimentos que ordenou se fizessem nas margens do Rio-grande.

Comtudo, pelo que mais directamente respeita ao nosso particular assumpto, a historia sómente nos conservou lembrança do ousado Portuguez João Fernandes, *homem de honra e confiança, e já instruido na lingua d'aquelles povos*, que voluntariamente se offereceu ao infante para hir investigar o interior do paiz dos *Azenegues*. Este animoso aventureiro ficou com effeito no *Rio do Ouro*, penetrou o sertão, inquireu o trafico, ritos, e costumes dos habitantes, e depois de sete mezes de peregrinação n'aquellas terras, mandou o infante que Antão Gonsalves o fosse buscar, e conduzir ao reino, aonde com grande attenção e gosto ouvia as informações, que elle dava de tão estranhas gentes.

El-Rei D. João II. foi o que depois proseguiu com mais constancia o desempenho d'aquelle plano. D'elle nos consta que entretinha frequente correspondencia com alguns Reis e grandes senhores do interior, e que por via do castello de Arguim mandava estabelecer feitoria portugueza em *Huadem* (1) despachando para feitor Rodrigo Reinel, para escrivão Diogo Borges, e para homem da feitoria Gonçalo d'Antes.

Sendo o mesmo principe informado que o Senegal corria por *Tambuctu* e *Mombarce*, principaes feiras dos sertões africanos, mandava igualmente construir uma fortaleza na bôca d'aquelle rio. Nas que se fundaram na Mina,

(1) Em arabe *Uddân*, ou *Onáddan*, ou *Hoden*.

e no Congo não só tinha a gente necessaria para defeza , e os feitores que havião de tratar do commercio , mas tambem designava certas pessoas , particularmente destinadas a fazer excursões ás terras do sertão para se informarem das gentes que as habitavão, dos seus usos, costumes e linguaagem . das producções da terra , dos seus commercios , &c.

(1) Por outra parte os ecclesiasticos que tinham a seu cargo a conversão dos infieis, fazião tambem para isso, por mandado de El-Rei, entradas nas terras, com o que se augmentava o numero , e a certeza das noticias , que progressivamente se hião adquirindo d'aquelles vastos paizes (2).

Entre as muitas pessoas encarregadas d'estas viagens e indagações, faremos aqui menção das que o illustre Barros nomêa nas suas *Decadas*, segundo os documentos originaes,

(1) *Mariz, dialog. 4. 11.* « E era El-Rei D. João tão humano, que se carteava (com os Principes africanos) e os tratava particularmente , tudo porém para descobrir o estado do Preste-João, e com elle as Indias, de que tantas grandezas se publicavão pelo mundo. E para este seu desejo mandava tambem por terra , e sertão dentro da Ethiopia muitos christãos , assim portuguezes , como naturaes da terra, em o qual tanto se occupava, e com tanto fervor o solicitava , principalmente depois que viu e gostou de muitas cousas, de que os escriptores antigos não tiveram noticia, que não lhe repousava o espirito, commettendo muitas vezes por varias partes esta grande balsa de Guiné, que até hoje se não deixou penetrar »

(2) *Sousa, Hist. de S. Domingos. part. 2. liv. 6. cap. 6.,* falando da missão de Beni em 1486 diz « as memorias de nossa Ordem dizem que El-Rei escolheu nella sujeitos, que além das sagradas letras, erão entendidos nas mathematicas, para que, nas horas que lhe vagassem da pregação, fossem inquirindo alguma noticia da India pelo sertão d'aquellas provincias , e do grande Rei do Abexim, que o vulgo chamava Preste-João, e havendo-a, procurassem chegar a elle. »

que em seu tempo existião na casa de Guiné e India. São pois Pero de Evora e Gonçalo Eanes, mandados por El-Rei aos Reis de *Tucuroi* e de *Tunbugutu*. Rodrigo Rebêllo, escudeiro da casa de El-Rei, e Fero Reinol seu moço de esporas, e João Collaço besteiro da camara, despachados com outros homens, em numero de oito, por via de *Cantor*, a *Mandi-mansa*, um dos mais poderosos principes da provincia de *Mandinga* (1). Mem Rodrigues, e Pero de Astuniga, a *Tunbugutu*, e a *Temalla* dos Fullos: Rodrigo Rebêllo, e João Lourenço criados de El-Rei. Vicente Annes, e João Bispo, linguas, a varios outros reinos e gentes. Por um Abexi chamado Lucas, escreveu tambem El-Rei ao principe, ou senhor dos *Môses*, nome mui celebrado entre os negros, e que se julgava ser visinho, ou vassallo do *Preste*, ou da gente dos *Nobis* (2); e pelo forte da Mina enviou mensageiros a Mahamed-ben-Manzugul, neto de Mussa, Rei de *Songo*. » E não só por seus naturaes (diz Barros) mos ajuda por estrangeiros, assim como Abexis e alguns alarbes que vinhão ao castello de Arguim, commetia este descobrimento do sertão, por lhe não ficar cousa alguma por

(1) *Barros*, 1. 3. 12. «E assi ficou d'esta, e d'outras hidas, que El-Rei lá mandou, tanta amizade entre os possos e este Rei *Mandi-mansa*; que enviando eu, por razão do meu cargo de feitor d'estas cazas de Guiné e Indias, no anno de 1534, um Pero Fernandes a este reyno de *Mandi-mansa*, em nome de El-Rey dom João o terceiro nosso senhor, que ora reina, por razão do resgate de *Cantor*, estimou o Rei muito este recado, que lhe foi dado da parte de El-Rei, dizendo que havia em boaventura ser-lhe enviado este mensageiro, porque a seu avô, que tinha o seu proprio nome, fôra enviado outro mensageiro d'outro Rey dom João de Portugal. Tanta memoria, sem terem letras, havia entre estes barbaros das cousas d'El-Rei dom João.»

(2) Este senhor dos *Môses* parece ser o mesmo, que no *Atlas Catalão* acima citado se diz «*Mussa Rei de Melly*.»

tentar. Tão occupado e solícito o trazia este negocio! principalmente depois que viu e gostou de muitas cousas, de que os antigos escriptores não tiverão noticia, fallando d'esta parte de Africa, que não lhe repousava o espirito! E bem como um leão faminto, a quem a caça se esconde, com temor d'elle, em meio de alguma grande e espinhosa balsa, a qual elle rodêa e commette por muitas partes, e ferido e espinhado das entradas e salidas, já cansado se lança com o sentido e tendo posto na prêa escondida, assim El-Rei commettendo por muitas partes e vezes esta grande balsa de Guiné, que até hoje não se deixou penetrar, cansado d'esta continuação, e despeza da sua fazenda, e assim de grandes cuidados que lhe derão os negocios do reino, principalmente no tempo das traições, se deixou algum tanto repousar. . . . , &c. »

Depois do fallecimento de El-Rei D. João II., e quando já os Portuguezes conhecião e praticavão o caminho marítimo da India, e os diversos portos da costa oriental de Africa, nem por isso afrouxaram, antes mais insistiram, e se empenharam em haver conhecimento dos paizes interiores d'aquella parte do mundo.

Os primeiros capitães, mandados á India, levavão homens criminosos e condemnados a graves penas, os quaes, por commutação d'ellas, erão lançados em terra em diversas paragens, com ordem de penetrarem, quanto lhes fosse possível, ao interior, para depois informarem do que tivessem visto e observado. No *rio dos Reis*, a 25º meridionaes, deixou o grande Vasco da Gama dous d'estes exploradores, e pouco adiante outros dous no *rio dos bons signaes*. Cabral, á sua volta da India, lançou outros dous em *Melinde*, recommendando-lhes que trabalhassem por penetrar até á *Abyssínia*, de que ainda não havia bem miudas, e exactas informações. João da Nova (em 1501) achou em Quilôa um Antonio Fernandes, carpinteiro de náos, de-

gradado, lançado em terra pelo mesmo Cabral. Cyde Barbudo, e Pedro Quaresma, mandados a indagar por *toda a terra do Cabo da Boa Esperança até Cosala* o lugar, e as circumstancias da perdição de Francisco d'Albuquerque e Pedro de Mendonça, lançaram em terra (em 1505) dous degradados na aguada de S. Braz com ordem de correrem ao longo da costa da Cafraria. Tristão da Cunha (em 1507) pôz em Melinde trez homens, a saber, um portuguez, por nome Fernam Gomes o Sardo (ou *João Gomes o Jardo*, segundo a ultima edição de *Custanheda*), um meurisco christão, chamado João Sanches, e um mouro de Tunes por nome Cyde Mahamede, mandados por El-Rei D. Manuel com cartas suas ao Imperador Abexi: aos quaes o bom Rei de Melinde se encarregou de dar aviamento para a viagem, que comtudo se não chegou então a executar por embarços supervenientes. Estes mesmos homens porém foram depois (em 1508) postos por Affonso de Albuquerque em terra, a 3 leguas do cabo de Guardafui, com cartas suas, e por alli chegaram finalmente á côrte de David, aonde na menoridade d'este principe governava por elle sua avó Helena; sendo acaso esta uma das causas, que determinaram os Abexis a mandar o Embaixador Matheus, que com effeito veio pouco depois a Portugal «*trazendo carta de Helena, avó de David, Precioso João, Imperador dos Ethiopes a D. Manuel Rei dos Portuguezes, escripta em 1509*» (Goes.)

Seria longa esta nossa escriptura, se quizessemos mencionar todas as tentativas, todas as diligencias, todos os esforços, que n'aquelle tempo se empregaram para havermos conhecimento dos paizes sertanejos das vastas regiões africanas: e é por certo bem para lamentar, que, em parte, algum descuido dos nossos antigos, e em parte a tyrannia do tempo, e as revoluções ordinarias do mundo nos privassem de memorias mais individuaes, com as quaes res-

ponderiamos hoje á vaidosa, e não menos invejosa, presumpção dos estrangeiros, que aproveitando-se por ventura dos trabalhos e escriptos dos antigos Portuguezes (que elles buscão, e guardão, e arrecadão melhor do que nós) veem depois lançarnos em rosto a nossa supposta incuriosidade, e fazer ostentação dos seus scientificos trabalhos.

Faremos porém ainda menção de um projecto, ou tentativa, que foi a ultima do reinado de El-Rei D. Manuel, e que infelizmente veio a malograr-se pela prematura morte d'este Soberano. Castanheda, e Goes nos subministraram esta noticia.

Um cavalleiro Portuguez, por nome Gregorio de Quadra, que fôra criado do marquez de Villa Real, e andava por capitão de um bergantim na armada de Duarte de Lemos, na costa oriental de Africa, pelos annos de 1508 e 1509, estando em frente de Magadaxo, e cortando-se-lhe de noite, por má vigia, a amarra do bergantim, foi levado com o baixel á discreção das ondas até ao cabo de Guardafui, e d'ahi a Zeila, onde sendo captivado com a sua gente, passou ao poder do Rei de Adem, que o teve prezo por alguns annos.

Posto depois em liberdade, como tivesse bem aprendido a lingua arabica, e se fingisse devoto religioso mahumetano, o proprio Rei de Adem o levou a Medina, d'onde passou á Persia, e á custa de gravissimos incommodos visitou a Babylonia, Baçorá, Ormuz, e India, voltando ultimamente a Portugal em 1520.

Deu este capitão tão boa conta a El-Rei D. Manuel de tudo o que tinha visto e observado, e de tudo o que sabia da Arabia, da Ethiopia, e do grande lago, que se reputava ser a origem do Nilo, do Zaire, e de outros grandes rios de Africa, que El-Rei o julgou capaz de executar o *que desde muito tempo fazia objecto de seus pensamentos e*

meditações, que era descobrir o caminho de Congo para Ethiopia por terra, esperando tirar grandes proveitos da communicacão, que se abrisse entre os dous principes christãos seus alliados, cujos estados tinham portos maritimos em ambas as costas occidental e oriental de Africa.

Despachou pois o capitão Quadra, e lhe deu cartas de credito para o Rei de Congo, e instrucções sobre o que devia tratar com o Abexi ácerca da guerra com os Turcos, e das fortalezas que El-Rei queria fundar nas costas do mar da Arabia e da Ethiopia.

Quadra partiu, e chegando ao Congo entregou as cartas de El-Rei: mas logo se lhe oppozerão taes embaraços, ordidos pela inveja e malevolencia dos seus proprios naturaes, que elle, para os remover, se viu obrigado a voltar a Portugal, aonde achou El-Rei fallecido, concebendo d'aqui tal desgosto, que se resolveu entrar em religião, aonde acabou seus dias em exercicios de piedade.

El-Rei D. João III, não obstante vêr-se obrigado a dividir os seus cuidados para Africa, Asia, e America, segundo a excessiva extensão, que havião tomado os domínios, e as emprezas portuguezas nestas diversas partes do mundo, não se esqueceu comtudo da exploração da Africa interior, e no anno de 1546, escrevendo ao Imperador da Ethiopia, e aos Portuguezes, que ainda lá existião, e tinham feito parte da expedição de D. Christovão da Gama, recommendava com encarecidas palavras, que por pessoas idoneas se mandasse indagar e descobrir um *caminho que da Abyssinia viesse ter á costa de Melinde, ou a alguma outra parte d'aquella banda: E porque pôde ser* (dizia El-Rei) *que a terra do Abexi venha tanto para Oeste, e a de Manicongó vá tanto para Leste, que não seja grande distancia de uma terra a outra*, queria, e ordenava, que tambem se tentasse este caminho do *Abexi para Manicongo, ou para*

qualquer outro rio do cabo da Boa Esperança para cá (1).

Ainda em tempo de El-Rei D. Sebastião, e no anno de 1562, tomando o cardeal infante D. Henrique a tutoria de El-Rei menor, e a regencia do reino; lhe apresentou Lourenço Pirez de Tavora uns apontamentos sobre varios objectos do governo, em um dos quaes se recommendava o *descobrimento de Tombuctu*, e a escolha de pessoas aptas para esta empreza.

No mesmo reinado (anno de 1569) se fez notavel a expedição de Francisco Barrêto, e de seu successor Vasco Fernandes Homem ás terras de *Monomotopa*, e ás minas de *Chicova*, *Rutroque*, *Chicanga*, *Nocarás*. &c. Nem foi menos util para o conhecimento de uma parte da Africa a importante expedição (em 1574 e 1575) a que foi mandado Paulo Dias de Novaes, digno descendente do intrepido Bartholomeu Dias, para o descobrimento das terras de *Angola*, e fundação d'este reino portuguez, a que logo depois, e pelos tempos adiante accrescêram as terras de *Benguela* (em 1617) e os varios outros Presidios, e Districtos nos respectivos sertões, resultando de tudo isto os conhecimentos e informações, que hoje temos d'aquella parte de Africa.

(1) A carta que El-Rei escreven ao *Rei da Abyssinia* é datada de Almeirim a 13 de Março de 1546, e a que S. A. escreven aos *fidalgos e seus creados e gente de armas que estavam nas terras do Preste*, é de 15 do mesmo mez e anno. Ambas forão remettidas por copia a D. João de Castro, a quem El-Rei dizia «*porque poderá ser que para virem demandar as costas, que vereis pelo tres lado da carta, que escreveu aos Portuguezes lhes será necessario alguns instrumentos, agulhas, cartas de marear, e astrolabios, lhos enviareis, e assy um regimento de modo que terem em descobrir, e escrever as derrotas e alturas do que caminharem*» (Existe a carta original de El-Rei a D. João de Castro, e as copias que a acompanharam, na minha *Collecção*.)

Finalmente a exploração dos sertões africanos, e o descobrimento de um caminho para comunicação da costa occidental com a oriental, estava de tal modo, e esteve sempre no animo, e no intento dos Portuguezes, como mostram os factos, que havemos indicado, e os mais de que agora fazemos menção.

No anno de 1606 o governador de Angola D. Manuel Pereira Forjaz, intentando realisar aquella communição, nomeou para a execução do projecto a Balthazar Rebello (ou Pessoa) de Aragão, homem capacissimo para a empreza, tanto pelo seu valor, como pelos conhecimentos que tinha do sertão. Elle com effeito começou a viagem, e tinha já penetrado ao interior, quando se viu obrigado a retroceder, para acudir á fortaleza de Cambambe, pouco antes fundada (em 1603) e ora sitiada por um Sova visinho, colligado com os negros da provincia do Mosseque.

No mesmo seculo 17.º no anno de 1648, sendo Angola libertada, e limpa de Hollandezes pelo illustre capitão Salvador Corrêa de Sá, se offerecia este a El-Rei D. Pedro II. para hir reduzir á obediencia de Portugal o Reino de Pate, na baixa Ethiopia oriental, que se tinha rebellado, e para abrir communição desde Cuamá e Monomotapa até Angola por terra; projecto e offerecimento que a inveja e a ingratidão da corte frustrou, como outras vezes tinha feito ao que podia parecer glorioso a este benemérito fidalgo, diz um escriptor judicioso e contemporaneo (1).

(1) Vem aqui a proposito, pela ordem chronologica, notar o facto que nos refere Mr. Jomard nas suas *Remarques et recherches géographiques sur le voyage de Mr. Caillié, &c.* « Se exceptuarmos (diz elle) Leão, mouro nascido em Granada, e os Portuguezes de que só temos noticias incertas, transmitidas por Marmol, e Barros, o primeiro europeu, que chegou a Tombuctu, foi o francez Paulo Inbert, nascido em Sables-d'Olonne, isto é, na mesma provincia que Renato

Entre os annos de 1676 a 1680, tendo Ayres de Saldanha de Menezes e Sousa o governo de Angola, intentou abrir communicacão por terra até Benguela, e de Benguela á contra-costa do Sena. E posto que para esta empresa se offereceu o Capitão José da Roza, que logo sahiu do Massagano com esse destino, encontrou tantas e taes difficuldades, e tanta opposição nos Sovas que dominavão as terras da sua passagem, que se viu obrigado a retroceder. (1)

Caillié. A sua viagem é anterior a 1670. Elle acompanhava seu amo, portuguez renegado, enviado a Tombuctu pelo governador de Taflet: aonde achamos notavel, que o douto escriptor nomêe o francez Imbert como primeiro europeu, que chegou a Tombuctu, sem advertir que o portuguez, amo de Imbert, naturalmente hia adiante do seu creado, e entraria primeiro na cidade!

(1) Seja-nos permittido copiar aqui o que no anno de 1663 escrevia o P. Manuel Godinho, na importante *Relação do novo caminho, que fez por terra e mar, vindo da India para Portugal*, impressa em Lisboa em 1663. «O caminho de Angola (diz elle) por terra á India, não é ainda descoberto, mas não deixa de ser sabido, e será facil em sendo cursado: porque de Angola á lagôa *Zachaf* (que fica no sertão da Ethiopia, e tem de largo 15 leguas, sem até agora se lhe saber o comprimento) são menos de 250 leguas. Esta lagôa põem os cosmógrafos em 15° e 50'; e segunda um mappa que vi, feito por um portuguez, que andou muitos annos pelos reinos de *Monomotapa*, *Manica*, *Butua*, e outros d'aquella *Cafraria*, fica esta lagôa não muito longe do *Zimbue*, quer dizer, côrte de *Mesura*, ou *Marabia*. Sahe d'ella o rio *Aruui*, que por cima do nosso forte de *Tete* se mette no rio *Zambeze*. E tamhem o rio *Chire*, que cortando por muitas terras, e ultimamente pelas do *Rondo*, se vai ajuntar com o rio de *Guamá* para baixo da *Sena*. Isto supposto, digo agora: quem pertender fazer este caminho de Angola a *Moçambique*, e d'aqui á *India*, atravessando o sertão da *Cafraria*, deve demandar a sobredita alagôa *Zachaf*, e

Em 1793, estando D. Rodrigo de Sousa Coutinho (que depois foi Conde de Linhares) no Ministerio dos Negocios da Marinha e do Ultramar, quiz este illustre Ministro renovar a antiga, e tantas vezes intentada empreza da abertura da communicação por terra entre as duas costas occidental e oriental de Africa: para cuja execução designou a Francisco José de Lacerda e Almeida, Doutor em Mathematica, nomeando-o para governador dos *Rios de Sena*, d'onde devia partir a expedição. Lacerda foi tomar o seu governo, e havendo-se munido dos meios, e instrumentos necessarios, e tomadas as possiveis informações e noticias dos paizes que hia percorrer, se pôz a caminho para o interior. Chegando porém ás terras do Rei Cazembe (que parece serem o ponto central entre as duas costas)ahi falleceu: e posto que nos ultimos momentos da vida encomendou a seus companheiros a continuação da empreza, elles comtudo não annuiram a esta recommendação, e o descobrimento ficou sem ulterior effeito (1).

em a achando descer pelos rios aos nssas fortes de Tété e Sena; d'estes á barra de Quilimane, de Quilimane a Moçambique, &c. Que haja a tal alagôa dizem-no não só os Cafres, senão *Portuguezes, que já lá chegaram*, navegando pelos rios acima, e por falta de premio se não tem descoberto até agora este caminho. As condições que devem concorrer em seu descobridor, o poder que ha de levar, o modo com que se deve haver pelas terras porque passar, disse já em outro papel, *que se me pediu para bem do descobrimento.*» (Dita *Relação*, cap. 23.)

(1) Temos por noticia fidedigna, que na livraria da Sr. Conde de Linhares existe a *Relação* circunstanciada d'esta viagem com os planos, instrucções, e documentos a ella relativos. Pôde porém entretanto vêr-se a obra intitulada «*Considerações politicas, e commerciaes sobre os descobrimentos e possessões dos Portuguezes na Africa e na Asia*, por José Accursio das Neves, Lisboa. 1813, em 12.

Finalmente no anno de 1807, sendo Governador o Capitão General do reino de Angola o illustre, douto, e zeloso fidalgo Antonio de Saldanha da Gama, hoje Conde de Porto Santo, se realisou, de mandado d'elle, a primeira expedição de Loanda á contra-costa, a qual voltou no anno de 1809 trazendo a embaixada dos *Molluas*, nação que já commerciava com Moçambique. Immediatamente enviou o digno Governador outra expedição com ordem expressa de hir até Moçambique, o que effectivamente se executou, voltando esta segunda expedição a Loanda com cartas de Moçambique, estando já a governar Angola José de Oliveira Barbosa (1) (-).

Dirá por ventura alguém que todas estas noticias, que aqui temos ajuntado, são de pouco valor, e interesse, por que em fim ainda se não conseguiram grandes adiantamentos na geografia de Africa, nem no conhecimento dos povos que a habitão, nem nos ôtros muitos objectos, que deverião concorrer para a civilisação de tantas nações barbaras, e de um tão extenso continente. Nós o confessamos com mágoa: mas perguntamos ao mesmo tempo aos sabios estrangeiros, que nos lanção em rosto a nossa ignorancia, e a nossa incapacidade do seculo 15.^o, perguntamos, digo, se elles, que desde o fim do seculo 16.^o começaram a apossar-se de nossas conquistas, e a despojar-nos do fructo dos nossos trabalhos, teem sido mais felices, e teem adiantado muito mais que nós no conhecimento da Africa inte-

(1) Veja-se a *Memoria* do Sr. Visconde da Carreira publicada no *Observador Lusitano*, impresso em París no anno de 1814.

(-) Na *Historia da navegação de J. H. de Linschot* hollandez ás *Indias orientaes*, Amsterdam, 1619, no cad. 4., fallando o autor de Moçambique diz que das minas de *Çofála* não distão as de Angola na contra-costa mais de 300 leguas, e que os negros de Angola vão muitas vezes a *Çofála* por terra.

rior? Elles apenas ha poucos annos poderam ver essa misteriosa cidade de *Tombuctu* tão procurada, tão requestada, e tão fatal aos seus indagadores. Mungo-Parck não chegou a entrar nella: a pintura que elle fez do orgulho, perfidia, e barbaridade dos Mouros das visinhanças explica bem uma das razões porque as empresas ao interior de Africa são tão difficeis, e arriscadas. O Major Laing que em 1826 penetrou até *Tombuctu* com a protecção do Bachá de Tripoli, foi obrigado a sahir logo occultamente, e pouco depois foi assassinado pelos *Fellans*, horda potente e bellicosa, que reina quasi exclusivamente nos immensos desertos da Africa central. O capitão Clapperton, que empreendeu a mesma viagem, teve igual sorte antes de chegar a ver *Tombuctu*. Mr. Jomard, no lugar que acima citamos, faz uma lista de quarenta e dous viajantes, que desde 1588 intentaram reconhecer os paizes da Africa interior, e reflecte que só um pequeno (e bem pequeno) numero d'elles deixou de succumbir no meio da sua carreira, sendo victimas da empresa a que se havião arrojado.

Concluiremos este assumpto das viagens de Africa com as palavras de um escriptor não suspeito « *Os Portuguezes (diz Pinkerton) estabeleceram a Oeste em Africa diversas feitorias . . . as relações dos missionarios augmentaram os conhecimentos da geografia africana: contudo por um concurso de circumstancias particulares, estes conhecimentos teem sempre sido mui limitados, e o seu aperfeiçoamento tem até ao presente experimentado obstaculos quasi insuperaveis.* »

Estes obstaculos, estas difficuldades que o escriptor chama, com razão, *quasi insuperaveis*, teem por causas principaes a vasta extensão dos desertos de arêa; a altura das cadêas de montanhas; as guerras quasi continuas, que fazem entre si as pequenas tribus africanas, mais animosas e mais feroces que as da America, e menos faceis de se in-

timidarem á vista das armas européas; a falta de mares interiores, ou de grandes rios navegaveis, que offereçam facilidade de levar ao centro do paiz os beneficios da industria, e do commercio, &c. De mais: os habitantes d'aquellas vastissimas regiões são extremamente supersticiosos e tenacissimos de suas praticas religiosas; e nos lugares aonde o mahumetismo tem chegado, e se tem misturado com as grosseiras superstições do paiz, participão os miseraveis habitantes dos vicios innatos dos seus mestres, e não deixão de mostrar, por todos os modos, o odio e extrema aversão que elles lhes tem inspirado aos européos. Acresce ainda, em geral, que os homens selvagens e barbaros de quasi todos os paizes do mundo mostram constantemente uma quasi invencivel repugnancia a alterarem o seu modo de viver, e a adoptarem a nossa civilisação. O Christianismo inspirado pelos missionarios das differentes nações da Europa, tem feito na verdade muitos christãos, mas pôde dizer-se que não tem feito um só homem civilisado, que adopte os nossos costumes, e que viva ao nosso modo. « *Os estabelecimentos Portuguezes* (diz um illustre Portuguez, em uma Memoria manuscripta fallando dos nossos estabelecimentos de Africa.) *Os estabelecimentos Portuguezes, que alli existem ha seculos, não tendo influido senão imperceptivelmente nas povoações vizinhas, fazem desconfiar da possibilidade de civilisação n'aquella parte do globo, que parece destinada a ser o domicilio eterno da barbaridade* » (1).

Em verdade, que se não fossem tantas, tão fortes, e tão invenciveis as causas da ignorancia, em que ainda laboramos a respeito das terras da Africa central, e das difficuldades que se tem encontrado na sua civilisação, parece natural que os estrangeiros, no espaço de dous seculos e meio, tivessem já supprido a incapacidade dos Portuguezes, e dado grandes passos na obra da civilisação dos Africanos.

(1) Memoria manuscripta do Sr. Conde de Porto Santo.

E comtudo ella se conserva quasi estacionada, e tal (com pequenas differenças) qual a deixaram os Portuguezes pelos fins do seculo 16.º

Lancem-se os olhos a uma carta de Africa, e se conhecerá logo o mui pouco que se tem adiantado na geografia d'esta parte do mundo. Os estabelecimentos hollandezes, inglezes, francezes, e dinamarquezes na costa occidental teem na verdade dado a estas nações, em diferentes tempos, grandes interesses commerciaes. Com este intento é que ellas se lançaram á portia umas sobre outras, e todas sobre os Portuguezes, cuja riqueza desafiava o seu ciume e a sua cobiça. A civilisação dos povos indigenas do interior era então objecto mui secundario para os governos d'essas nações: e quando, ha pouco mais de meio seculo, começaram a tomar mais a peito esse objecto, encontraram logo, e teem continuado a encontrar as grandes difficuldades, que oppõem á natureza do paiz, o character e costumes dos povos, e as outras circumstancias que deixamos indicadas.

O grande estabelecimento do cabo da Bôa Esperança termina ao norte a uma distancia, que se pôde chamar insignificante, com respeito á grande extensão do continente africano: e no conhecimento da Cafraria, e de toda a costa oriental bem pouco se tem adiantado além do que deixaram escripto os Portuguezes nas relações de seus numerosos naufragios, e na descripção dos paizes em que teem e conservão dominio, e estabelecimentos permanentes.

Finalmente a Abyssinia é ainda hoje em grande parte conhecida tambem pelas Relações dos Portuguezes, que a frequentaram, visitaram, e habitaram por muitos annos; como é sabido, e o que os modernos viajantes de outras nações teem pretendido accrescentar, ou é tomado dos escriptos portuguezes, ou consiste em algumas noticias do estado moderno d'aquelles vastos paizes, ou finalmente na

indagação da historia natural da sua constituição fisica, e dos seus productos, objectos que no seculo 16.^o erão tão novos para os Portuguezes como quaesquer outras nações da Europa.

Agora que temos referido o que ainda nos consta das nossas antigas viagens por terra á India, e das tentativas que fizemos para o conhecimento das terras e povos do interior de Africa, pediria o nosso assumpto, que dessemos tambem noticia das viagens por terra executadas pelos Portuguezes, vindos da India até á Europa. Mas para satisfazermos cabalmente a este intento seria necessario escrever obra mais volumosa, e talvez repetir o que os proprios viajantes deixaram escripto em suas Relações impressas, ou manuscriptas, das quaes todavia seria conveniente fazer uma collecção ordenada, e quanto podesse ser completa.

Limitar-nos-hemos pois, por agora, a dar uma breve idéa das principaes viagens de que temos achado memoria nos nossos escriptores, e isto bartaará para satisfazer ao intento que levamos em colligir estas noticias, que é mostrar que não somos nós os Portuguezes tão incuriosos, ou tão ineptos, como nos querem fazer os estrangeiros.

SEculo 16.^o

1515.—Tendo o grande Albuquerque posto á obediencia de Portugal a rica cidade de *Ormuz*, e recebido nella com grande solemnidade a embaixada do Schach Ismael Rei da Persia, despachou com o mesmo caracter de Embaixador á côrte de Hispahan a Fernam Gomes de Le-

mos, senhor da Trofa, o qual tendo concluído a sua missão, se achava já de volta em Cochim no mez de Janeiro de 1517, e d'ahi escreveu a El-Rei D. Manuel, mandando-lhe um *Livro*, em que dava conta da sua embaixada, e do caminho que fizera, como consta da propria carta por elle dirigida a El-Rei com a data de 4 de Janeiro de 1517, que se conserva no Archivo da Torre do Tombo, no *Corpo Chronol.* part. 1. maço 21. num. 4. (Vej. *Goes. Chron. de El-Rei D. Manuel* part. 4. cap. 9. e 11) Do livro porém, que continha a relação da embaixada e caminho não sabemos que exista.

1520. — Neste anno, entrando na Abyssinia D. Rodrigo de Lima Embaixador de El-Rei D. Manuel Aquelle imperio, entrou com elle, entre outros Portuguezes, o *P. Francisco Alvares*, natural de Coimbra, que de Portugal havia sahido como capellão da embaixada de Duarte Galvão. Este ecclesiastico residiu na Abyssinia cousa de 8 annos até o de 1526, e escreveu «*Verdadeira informação das terras do Preste-João*» obra rara, que se imprimiu em Lisboa no anno de 1540 em fol., e que foi traduzida em varias linguas, e inserida por Ramuzio na sua *Collecção*, em Veneza 1550 com o titulo «*Viagem á Ethyopia por Francisco Alvares*, 8c.

Pelo mesmo tempo viajava por diversos paizes da Asia o Capitão *Gregorio de Quadra*, de que acima fizemos menção.

1522. — A este anno se deve referir o princio das viagens de *Antonio Tenreiro*, segundo o que elle mesmo escreve na sua bem conhecida *Relação*, ou *Itinerario*. Sabia elle de Ormuz em companhia de Balthazar Pessoa, que de mandado do Governador da India D. Duarte de Menezes bia por Embaixador á Persia. Esteve Tenreiro na Persia,

d'onde passou á Armenia; veio á Syria, ao Cairo, a Alexandria, e d'abi á Ilha de Chipre. De Chipre voltou ao continente, e logo a Ormuz por terra, e ficando ali cinco ou seis annos (como elle mesmo refere no cap. 58) tornou a sahir para vir por terra a Portugal, com recados a El-Rei sobre a armada do Turco, sendo Governador da India Lopo Vaz de Sampaio, e capitão de Ormuz Christovão de Mendonça (1). Sahiu de Ormuz pelos fins de Setembro de 1528, e chegou a Portugal em Maio do anno seguinte. E' mui curioso o seu Itinerario, que se imprimiu em 1560, e depois por varias vezes, sendo a ultima em 1829, junto com a *Peregrinação* de Fernam Mendes Pinto. (Vej. *Castanheda* liv. 7. cap. 71., *Andrade, Chron. de D. João III.* part. 2. cap. 49., e os *Annaes da Marinha Portugueza* publicados no anno de 1839. pag. 394.)

A morte do Conde Almirante Vice-Rei da India veio annunciada a El-Rei D. João III. por um expresso enviado da India por terra de mandado de D. Henrique de Menezes, como refere *Quintella, Annaes da Marinha Portugueza* ao anno de 1526.

1537. — São mui conhecidas de nacionaes e estrangeiros as viagens, ou (como elle mesmo lhe chama) as *peregrinações* de Fernam Mendes Pinto, começadas em 1537 e continuadas por 21 annos até o de 1558, com tanta e tão miuda e variada relação de casos e successos; com tão curiosas descripções de lugares e regiões; de povos, e costumes; e com tantas e tão importantes noticias uteis á navegação e ao commercio, que mereceria uma particular e extensa menção, se a propria historia d'estas viagens não

(1) De memorias contemporaneas consta que Tenreiro, chegando da India, esteve a ponto de ser assassinado por um F. Mello, de Castello de Vide, por ter trazido cartas a El-Rei contra seu pai. — Tenreiro teve uma pensão de 30,000 réis mensaes.

tivesse sido muitas vezes impressa, e recentemente em 1829 na lingua portugueza, em que foi escripta; e se não se achasse ha muito tempo traduzida em algumas linguas estrangeiras, e publicada nas Collecções de Viagens. A multiplicidade e singularidade das aventuras, que este escriptor refere, a estranheza dos povos e nações que viu e dos seus ritos, costumes, crenças, opiniões e linguagens, os incommodos e riscos que correu, e de que escapou, são e salvo, fizeram com que alguns leitores e escriptores desconfiassem da veracidade das suas relações. Hoje porém está mais desvanecida esta desconfiança, e as indagações dos mais ousados viajantes modernos teem verificado muitos dos factos, que ao principio parecião mais estranhos e duvidosos.

1540. — Veiu da India por terra Antonio de Sousa, mandado por D. Estevam da Gama. (*Couto*, Dec. 5. liv. 7. cap. 1.)

1548. — Neste anno passou á India Fr. Gaspar da Cruz, religioso dominicano, natural de Evora. O zêlo da religião o levou á China, e foi o primeiro, ou um dos primeiros missionarios portuguezes, que entraram n'aquelle imperio. Temos d'elle uma *Relação da China, e de suas particularidades*, que se imprimiu em Evora no anno de 1570, e segunda vez em Lisboa em 1829 com as *Peregrinações de Fernam Mendes Pinto*, de que acabamos de fazer memoria.

No Codice 840 da Bibliotheca Publica Portuense conserva-se o « *Itinerario da Ilha de Ormuz até Tripoli de Berberia, e d'ahi até a Rochella de França, de Martin Affonso* »

Este viajante era medico: partiu de Ormuz a 25 de Junho de 1565 e veiu a Portugal através da Persia e Asia menor com cartas importantes. Sua derrota foi de muito

circuito por causa da guerra que havia entre os Turcos e Persas, a qual o obrigou a deixar o curso regular das caravanas, sem que nunca fosse conhecido, nem d'elle se desconfiasse. Descreve largamente os lugares por onde passou, com bom conhecimento da Geografia. Falla de Riscóo, Jarde, Benvit, Adistan, Mahabad, Chaltabad, Caixam, Com, Sava, Caslui, Soltania, Meaná, Turquina, Condi, Tabris, Sufian, Van, Vastan, Sory, Tadian, Orfá, Halep, &c.

...? Na *Historia da India no governo do Vice-Rei D. Luiz de Atayde*, escripta por Antonio Pinto Pereira, pelos annos de 1570, e impressa em 1616, no liv. 2. cap. 13. faz o escriptor menção de um *Isaque do Cairo, Judéo, que da India tinha vindo duas vezes por terra a Portugal*. Nada mais sabemos d'estas viagens, nem temos achado noticia da sua verdadeira data, que sem duvida pertence ao seculo 16º (1).

...? O mesmo diremos de outra viagem, de que nos dá noticia o P. Fernam Guerreiro na sua *Relação Annal*, &c. liv. 1. cap. 1. pag. 3., dizendo, que um *André Pereira, hindo de Portugal á India por terra, e passando por aquella parte da Caldéa, que corre de Babylonia para o estreito de Baçorá, onde o Eufrates e o Tigres entrão na mar da Persia*, ali tratára com os christãos d'aquellas partes, e ainda depois voltára a ellas para acompanhar um bispo, que elles querião mandar ao Papa, e a El-Rei de Portugal,

(1) Estando El-Rei D. João III. em Almeirim em Janeiro de 1541, veio da India por terra um Judéo, trazendo recado a El-Rei, como o Vice-Rei D. Garcia de Noronha fallecêra em vespera de Pascoella no anno anterior de 1540, succedendo-lhe D. Estevão da Gama que hia na segunda successão, por ter já vindo para o reino Martim Affonso de Sousa, que era o nomeado na primeira, &c. (*Relações de Pero de Alcaçova Carneiro*) — manuscritas.

1593. — Neste anno passou á India o dominicano Fr. Manuel dos Santos, o qual voltando a Portugal *por terra*, escreveu a sua viagem com o titulo de *Curioso Itinerario*, 8c. manuscripto, de que faz menção a *Bibliotheca Historica Portugueza*, pag. 33. da 2.^a edição.

SEculo 17.^o

O seculo 17.^o não é menos notavel que o precedente na historia das nossas viagens. Logo no anno de 1602 occorre a importante, e, para aquelle tempo, difficil viagem do Jesuita Portuguez Bento de Goes. Era este religioso varão natural de Villa Franca na Ilha de S. Miguel; e como tivesse conhecimento das linguas orientaes, e especialmente da Persiana, pertendeu, e conseguiu de seus superiores, ser mandado ao descobrimento do *Gran-Catayo*, paiz que então desafiava a curiosidade dos Europeos. Partiu com effeito da corte do Mogol, em cujas provincias tinha pregado o evangelho, e viajou mais de trez annos pelos sertões da Asia, hindo sempre pelo norte do imperio do Mogol, desde o paiz dos *Usbeks* para o oriente até á China, e vindo a conhecer em resultado da sua trabalhosa, e dilatada viagem, que o chamado *Gran-Catayo* era o proprio imperio da China, e não um paiz diverso, como mui geralmente se acreditava. Na China falleceu Goes em 1607. Vem a sua viagem inserta na *Relação do P. Trigaut*, e fazem d'ella menção frequente os escriptores Portuguezes.

No mesmo anno de 1602 fazia a sua viagem á Persia o douto augustiniano Fr. Antonio de Gouvêa, que depois de ter acompanhado ás serras do Malabar o Arcebispo D.

Fr. Aleixo, foi mandado áquelle imperio como Embaixador do Governador da India Ayres de Saldanha. Alli adquiriu a estimação do *Sha-Abbas*, que o enviou em companhia de um Embaixador seu, que mandava a Roma, e á Córte de Hespanha. Voltou á Persia, e d'ahi á Europa, atravessando os temerosos e arriscados desertos da Arabia. Chegando que foi a Alepo, embarcou para Marselha, e sendo tomado por corsarios, ou piratas argelinos, esteve captivo em poder d'aquelles barbaros. D'estas viagens e trabalhos falla elle mesmo na *Relação da Jornada do Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes ás serras do Malabar*, impressa em Coimbra em 1606 em fol., aonde tambem se lêem curiasas e importantes noticias sobre os povos que habitão aquellas serras, e sobre os seus costumes, e ritos religiosos, &c.

Em 1606 e 1607 temos noticia da viagem de Nicoláo d'Orta, natural de Santo Antonio do Tojal, que sahio de Gôa com destino de vir a Portugal, por terra. Nos principios de Agosto de 1606 estava na fortaleza de *Comorom* d'onde passou a *Lara*, *Xiras*, *Romus*, *Bagadet*, *Ana*, *Tai-be* e *Alepo*, aonde entrou a 16 de Janeiro de 1607. D'ahi vindo por Alexandreta, chegou por mar a Marselha, e logo a Madrid, d'onde El-Rei D. Felipe o tornou a mandar á India. Escreveu o seu *Itinerario*, do qual existe na Bibliotheca Publica de Lisboa um exemplar incompleto. (Veja *Barbosa Machado*, *Biblioth. Lusit.*)

Por esses mesmos tempos viajava por terra para a Europa Fr. Gaspar de S. Bernardino missionario na India, o qual naufragando na Ilha de S. Lourenço, passou a Mombaca, cabo de Rosalgáte, e Ormuz; d'onde resolvendo continuar sua viagem por terra, visitou a Persia, Caldêa, e Syria até Chypre. D'ahi foi ver os Lugares Santos, e voltando a Chypre, Candia, Zante, Cephalonia, e Corfu, se recolheu por ultimo a Hespanha e logo a Portugal. Escre-

veu o seu *Itinerario*, cuja primeira parte se imprimiu em Lisboa — 1611 em 4.º

Temos noticia que neste mesmo anno de 1611 veio da India a Portugal por terra D. Alvaro da Costa, de cuja pessoa e viagem não alcançámos individual informação (1).

Os annos de 1624 e 1626 são notaveis na historia da Geografia, e das Viagens portuguezas, pelas duas que fez o P. Antonio de Andrade Jesuita, ao descobrimento do Tibet, estabelecendo alli missão christã, e catholica. Na segunda d'estas viagens (anno de 1626) em que foi acompanhado do P. Gonçalo de Souza, e cuja Relação se imprimiu em Lisboa em 1628 falla elle expressamente da cidade de *Caparangua*, aonde residia o Rei de Tibet, e aonde estes padres tinhão chegado em menos de dous mezes o meio, partindo de *Agra* (no *Dehli*) e passando por *Sirinagar*. Falla igualmente do paiz de *Ursangue* ou *Ussang*, do qual diz que dista 40 jornadas de *Caparangua*, e 20 da China. &c. (Devem vêr-se as proprias Relações, e a *Nouvelle Relation de la Chine* do P. Magalhães, traduzida em francez, e impressa em 1690, de que mais adiante fallaremos.)

Pertence ao mesmo anno de 1624 a viagem, e residência na Abyssinia do P. Jeronymo Lobo Jesuita Portuguez. Foi elle mandado ás missões da India, para onde partiu, e chegou a Gôa em 1622: e vindo no dito anno de 1624 a Moçambique, d'ahi entrou no paiz dos *Galas*, penetrando até á Abyssinia aonde viveu muitos annos não sem grandes trabalhos e perseguições. A serie das suas posteriores aventuras, os naufragios que fez, os grandes incom-

(1) O Codico 482 da *Bibliotheca Publica Portuense* é copia da viagem de D. Alvaro da Costa, com este titulo « *Tratado da viagem que fez da India oriental á Europa nos annos de 1610 e 1611 por via da Persia e da Turquia... com relação... da Terra Santa... e geral descripção da India oriental, e navegação dos Portuguezes.* »

modos que soffreu, em fim a sua vida até ao anno de 1638 em que ficou em Portugal, são cousas dignas de curiosa reflexão. Escreveu o seu *Itinerario*, que tem merecido a attenção dos sabios, é eruditos, principalmente na parte que diz respeito ás cousas da Abyssinia, e que se achatraduzido em inglez, em francez duas vezes, e em italiano.

Em 1635 foi mandado á missão do Tibet o P. João Cabral, outro Jesuita Portuguez, natural de Celorico da Beira, o qual fez caminho por *Bengala*, evitando a difficil passagem da serra, por onde o P. Andrade tinha entrado na Tartaria. Escreveu tambem a *Relação copiosa dos trabalhos que padeceu na missão do Tibet*. Obra, que segundo Barbosa Machado foi mandada a Roma no referido anno de 1635.

E' digno de mui particular commemoração nesta nossa breve memoria o P. Gabriel de Magalhães, tambem Jesuita Portuguez, que depois de estar por alguns annos nas missões do Japão, passou á China, e a correu quasi toda desde o anno de 1640 até 1648 em que se estabeleceu em Pekin, residindo ahi por quasi 29 annos até o seu fallecimento, e deixando-nos uma *Relação da China* das mais exactas que se havião escripto até o seu tempo. Esta *Relação* foi traduzida em francez, com notas, e explicações, e impressa em 1690 em 4.º

Alguns annos antes d'estes, em que vamos, missionou na Abyssinia o P. Manuel de Almeida Jesuita Portuguez. Das cartas, que elle annualmente escrevia ao seu Geral, impressas em Roma, em italiano, no anno de 1629, e de outras memorias de muitos Jesuitas, é que o P. Telles compilou a *Historia Geral da Ethiopia alta ou Preste-João*, impressa em Coimbra em 1660 em folh. aonde se vê o largo conhecimento que os Portuguezes tinham d'aquelle imperio por elles tão frequentemente praticado.

Em 1663, o P. Manuel Godinho, natural da Villa de Montalvão, e religioso da Companhia, (depois secularizado Prior de S. Nicoláo de Lisboa, e por ultimo de Loures) tendo sido mandado ás missões da India, veio por terra a Portugal de mandado do Vice-Rei Antonio de Mello de Castro, e segundo parece com alguma secreta e importante commissão. Escreveu a *Relação do novo caminho que fez por terra e mar vindo da India para Portugal no anno de 1663* e impressa em Lisboa em 1665 4.º Obra curiosa, que merece ser lida dos eruditos.



ESTADO

DA

MARINHA PORTUGUEZA

EM

DIFFERENTES E'POCAS.



em remontar aos tempos gloriosos em que Portugal chegou a occupar o primeiro lugar entre as Potencias Maritimas, no 14.^o e 15.^o Seculos, e em que os nossos antigos Reis mandaram poderosas armadas e formidaveis expedições ás Conquistas e Descobrimentos d'Africa, Asia, e America, que encheram o mundo d'admiração e assombro, o levaram o nome Portuguez ás mais remotas partes da Terra, trataremos só do estado das forças navaes nos dous ultimos Seculos.

No fim do reinado d'El-Rei D. João V. estava a marinha em bastante decadencia. El-Rei D. José empregou parte da sua actividade em fazer construir novos vasos de guerra, de sorte que em 1766 havia 12 Nãos de 58 a 80 peças; 14 Fragatas de 14 a 48, e um consideravel numero d'embarcações ligeiras.

No reinado de D. Maria 1.^a cuidou-se muito do melhoramento da Marinha; fizeram-se bastantas construcções navaes; e se adoptou um grande numero de providencias uteis.

Em 1793, época da maior força da Marinha Portuguesa nos tempos modernos, constava ella de 50 Navios

com 1566 bôccas de fogo. Ainda que o seu pessoal não era proporcionado ao numero de Navios, comtudo uma porção consideravel da Marinha de Portugal fez parte nesse mesmo anno, e nos seguintes, das Esquadras combinadas contra a França, no Oceano e no Mediterraneo. O quadro seguinte, extrahido do Relatorio feito ás Côrtes em 25 de Setembro de 1821, demonstra quaes os Navios e sua força em 1793.

12 NA'OS DE LINHA.

Principe Real.	110	Affonso d'Albuquerque.	64
Conde D. Henrique.	80	Gigante.	64
D. Maria 1. ^a	74	Infante D. Pedro,	64
Meduza.	74	D. João de Castro.	64
Rainha de Portugal.	74	Princeza da Beira,	64
Vasco da Gama,	74	S. Sebastião.	64

12 FRAGATAS,

Carlota.	46	Golfinho.	36
Fenix.	46	S. João Principe.	36
Minerva.	44	Princeza do Brazil.	36
Cisne.	40	S. Rafael.	36
Tritão.	36	Thetis.	36
Venus.	36	Ulysses,	36

8 CORVETAS.

Andorinha.	24	Falcão,	24
Aurora.	24	Gaivota.	24
Benjamin.	24	Princeza da Beira.	24
Diligente.	24	Serpente,	24

5 BRIGUES, E CUTTERS.

Lebre.	24	Outro,	18
Voador.	24	Outro.	18
Balão.	18		

Havia mais 7 grandes Charruas empregadas em conduzir as madeiras de construcção do Brazil; 6 Hiates para as Costas de Portugal; e mais algumas embarcações pequenas.

Infelizmente o augmento da força da marinha ficou estacionario pelo tempo que decorreu até á retirada da Familia Real para o Brazil, em 29 de Novembro de 1807, época em que só havia os seguintes Navios.

8 NA'OS DE LINHA, que sahiram do Tejo com a Familia Real.

Principe Real.	84	Rainha de Portugal.	74
Conde D. Henrique.	74	Affonso d'Albuquerque.	64
Meduza.	74	D. João de Castro.	64
Principe do Brazil.	74	Martim de Freitas.	64

4 NA'OS, que ficaram em Lisboa.

Maria 1. ^a	74.	Incapaz de servir; empregada como Bateria fluctuante.
Vasco da Gama.	74.	Em concerto, e quasi prompta.
Princeza da Beira.	64.	Incapaz de servir; empregada como Bateria fluctuante.
S. Sebastião.	64.	Incapaz de serviço, sem total concerto.

4 FRAGATAS, que acompanharam a Familia Real.

Minerva.	44	Urania.	32
Golfinho.	36	Outra.	

5 FRAGATAS, que ficaram em Lisboa.

Fenix.	48.	} Precisa-vão con- certo tot.	Tritão.	40.	} Não admittão concer- to.
Amazona.	44.		Venus.	30.	
Perola.	44.				

**4 BRIGUES E ESCUNAS, que acompanharam a
Família Real.**

Lebre.	22	Voador.	20
Vingança.	20	Curiosa.	12

Depois da separação do Brazil, (aonde nos usurparam muitos navios), a Marinha Portuguesa ficou reduzida aos seguintes vasos.

4 NA'OS DE LINHA.

D. João 6. ^o	74	S. Sebastião.	64
Rainha de Portugal.	74	Uma no Estaleiro.	74

6 FRAGATAS.

Amazona.	44	Diana.	30
Perola.	44	Principe Real.	30
Principe D. Pedro	44	Venus.	36

7 CORVETAS.

Calipso.	24	Isabel Maria.	24
Cibelle.	24	Lealdade.	24
Princeza Real.	24	Principe Real.	24
Infante D. Miguel.	22		

10 BRIGUES.

Infante D. Sebastião.	20	Aulaz.	12
Providencia.	20	S. Boaventura.	
Tejo.	20	Constancia.	
Treze de Maio.	20	Gloria.	
D. Pedro, (no estaleiro.)	20	Neptuno.	

6 CHARRUAS.

Maia Cardozo.	30	Galathea.	24
S. João Magnanimo.	36	Orestes.	24
Princeza Real.	36	Principe Real.	

6 EMBARCAÇÕES MENORES.

Sumaca Conceição.
Escuna Ninfa.

Cahiques — Inveja, Piedade,
e Treze de Maio.

6 HIATES.

St.^a Anna.
St.^a Antonio.
Bom Despacho.

St.^a Isabel.
S. Martinho Nazareth.
Resgate.





S. Maurin del.

O IMMORTAL
Infante D. Henrique.

OS
PORTUGUEZES

EM
AFRICA, ASIA, AMERICA, E OCCEANIA.

OBRA CLASSICA

VOLUME II.

SEGUNDA EDIÇÃO.

LISBOA:
Typ. de Borges, Rua da Oliveira n.º 65.

1849.

RESUMO HISTORICO

DAS

DESCOBERTAS E CONQUISTAS DOS PORTUGUEZES

NA

AFRICA. ASIA. AMERICA. E OCCEANIA.

CAPITULO I.

ANNOS DE 1413 A 1463.



Portugal, pela sua posição geographica, e pela tendencia de seus habitantes para a navegação, é uma Nação maritima. Funda o Infante D. Henrique uma Eschola em Sagres; sua ardente paixão pelo progresso das sciencias mathematicas, cosmographicas, e nauticas. Conjectura a existencia de terras ao Occidente do mar Athlantico. Erro dos Antigos, ácerca da divisão do globo em cinco zonas; esforce-se o Infante por dissipal-o. Emprehe-se a 1.^a expedição a fim de dobrar o Cabo Bojador. Faz-se uma 2.^a expedição

para o mesmo objecto, cujo resultado é a descoberta da Ilha da Madeira. Murmurão os Grandes do Reino, sob pretextos especiosos da pertinacia do Infante, em proseguir suas novas descobertas. Este envia a Roma um emissario a fim de communicar ao Papa seus descobrimentos e pedir-lhe algumas graças. O Papa Martinho V., concede á Corôa de Portugal a posse de quanto viesse a descobrir até ás Indias inclusive. O Infante cria Sociedades, e Companhias Commercias, a fim de se proseguir, com mais calor, nas descobertas maritimas. Os Reis de Portugal e de Castella disputam entre si a posse das Canarias. O direito d'estas é cedido ao Infante D. Henrique; toma depois posse d'ellas o Rei de Castella. O Infante promove na Madeira plantações da canna de assucar e de vinhas. D. Affonso V. firma mais o vantajoso, mas difficil, commercio das Costas d'Africa. Accontecimentos que quasi paralisão o progresso das descobertas Morte do Infante.



Quando Portugal nos seculos XIV. e XV. posto que Nação pequena, se constituiu a primeira Potencia Maritima do Universo, formando empresas vastissimas, occupando extensões immensas de terreno, vencendo os obstaculos que tanto interna, como externamente se lhes oppunhão, por mais difficeis que elles se apresentassem, não poupando homens nem despezas, por enormes que fossem; então a Europa, á vista das numerosas descobertas, e conquistas que levaram o nome Portuguez ás mais remotas terras do Mundo, contemplava este paiz com espanto e admiração, por quanto a vasta extensão do Oceano lhe havia

offerecido sempre uma barreira impenetravel em que vinha quebrar-se a ambição, e a cubiça dos homens. As Columnas de Hercules (*) havião sido o limite das maravilhosas façanhas d'este Heroe. Nada ou quasi nada a Antiguidade conhecia, além d'estas Columnas para o Occidente. Os Phenícios, que tão celebres se fizeram por seu commercio, não chegaram a conhecer mais do que as margens do Mediterraneo do lado da Europa e Africa, e posto que passassem áquem do Estreito, elles quasi que não chegaram mais do que a Cadiz. Quando comparámos a viagem dos Argonáutas (**) tão celebrados pelos poetas da antiguidade, com as que hoje se emprehendem, e se effectuão, é evidente que ella não merece tantos elogios. As ilhas que os antigos chamavam *Afortunadas e Atlanticas* (***) erão tão pouco conhecidas, que por longo tempo, se tiveram por fabulosas, como tudo o que elles disserão do Ophir de Salomão, e da Tharsis da Escripura é ainda hoje materia controversa, entre os Sabios, em que cada um diz o que lhe apraz, não deixando de produzir argumentos comprovativos. E' ainda hoje um problema, se os antigos jámais rodearam a Africa, posto que se encontrem em Herodoto indícios de se ter emprehendido esta viagem, ou mesmo effectuado no tempo de Carthaginezes, de Necáo Rei do Egypto, e de Xerxes; mas ainda quando tenha sido verdadeira, por quantos seculos não foi ella ignorada, e tida por fabulosa? Finalmente Ptolomêo, Strabão, e os outros geographos antigos são algum tanto escuros e incorrectos, por pouco que elles se afastem dos li-

(*) Assim chamavão os antigos aos dous promontorios que formão o Estreito de Gibraltar.

(**) Erão com este nome designados pelos antigos poetas os cincoenta e dous jovens principes da Grecia, que embarcaram com Jazão no navio Argos, e se dirigiram á Calchida, para se ampararem do tosão d'ouro.

(***) Hoje Ilhas Canarias.

mites do Imperio Romano. Os mesmos Romanos, no tempo de sua maior prosperidade, nos representaram a Grão-Bretanha e a famosa Thulé (*), como as extremidades do mundo para a parte do Polo Arctico.

Seria pois então difficil o passar mais ávante, como se effectuou nos ultimos seculos, cujas descobertas forão tão magnificas? Ter-se-hia então menos desejo de conhecer, de conquistar, de ajuntar Imperios a Imperios, e de amontoar riquezas sobre riquezas? Carecia-se de meios para que os homens melhorassem e adornassem os seus conhecimentos, aperfeiçoando a Nautica? Certamente não. E' mesmo incomprehensivel, como se não podesse então fazer o que ultimamente teve lugar com tão feliz resultado. (**)

Parece que a Nação Portugueza havia sido reservada pela Providencia, para ser o instrumento da execução de seus designios, para fazer conhecer o Evangelho e diffundir a civilisação entre tantas e tão remotas nações barbaras da terra. A posição geographica de Portugal, a tendencia que grande parte de sua população, desde os primeiros tempos da monarquia, mostraram para a navegação, parece ter-se achado em situação de favorecer aquellas vistas. Longo tempo victima da cruel invasão dos Mouros, que haviam inundado a Hespanha, pela traição do Conde Julião, sob

(*) E' a terra mais austral conhecida ao Oeste da terra de Sandwich.

(**) Temos por causas principaes dos antigos não terem extendido mais a sua navegação, a falta da *bussola* que então não era conhecida, e os defeitos de sua construcção naval, a qual sómente nos ultimos tempos adquirio o gráo da maior perfeição, e é a esta perfeição que se deve attribuir hoje a menor frequencia de naufragios, do que nos primeiros tempos, mesmo dos maiores vazos.

o reinado de Rodrigo, ultimo dos reis Visigodos, cujas desgraças são assaz conhecidas, elle se tinha não sómente sustentado a si, como tambem a Castella, contra a tyrannia d'estes antigos inimigos, e tinha sido, além d'isso, assaz feliz em ser o primeiro a expulsal-os de toda a extensão do Reino, a obrigar-os a repassarem o mar, hindo atacal-os mesmo em Africa, e forçal-os a tomar, no seu proprio paiz, a defensiva, habituando-os ahi mesmo a soffrerem a dominação portugueza.

Foi nestas circumstancias que a Providencia parece ter inspirado o Infante D. Henrique, Duque de Vizeu, Grão-Mestre da Ordem de Christo, para que lhe servisse de pedra fundamental da grande obra de seus inescrutaveis decretos. Nascido perto do Throno, elle pareceu digno de o occupar, mas pela ordem do nascimento, achava-se bastantemente affastado d'elle, para se ver obrigado a viver como subdito. Foi porém esta circumstancia, a que lhe fornecêra a occasião de praticar cousas, que o peso do governo lhe não permittiria de effectuar, e de promover acontecimentos, que forão os dignos fructos de seu ocio, que lhe adquiriram tanta gloria, e pelos quaes, se póde dizer, que elle se tornára superior aos Hercules que a Antiguidade tanto celebrára.

Era o Infante, o 5.º filho d'El-Rei D. João I. e de D. Philippa de Lencastre, irmã de Henrique IV. Rei de Inglaterra. Elle tinha acompanhado seu pai na expedição que este levára á Africa; havia á vista d'este, assignalado seus primeiros annos, por muitas acções de valor. Mas o que era ainda mais estimavel, era o não querer elle utilizar o fructo de suas primeiras armas, por que considerando-se o Grão-Mestre d'uma Ordem, creada para o fim de combater os infieis, elle se julgava ainda mais obrigado a submittel-os a seu jugo suave, do que a procurar extender

os Estados dos Reis, seus predecessores. Instigado por tão nobres motivos, havia tomado, por devisa, estas palavras francezas *Talent de bien faire*, as quaes se viram depois muitas vezes gravadas em todos os paizes novamente descobertos, sob seus auspícios; ou fosse, por que quizesse com estas palavras d'uma lingua estranha testemunhar a sua estima para com uma nação, cujos soberanos elle considerava como tronco de sua familia, ou fosse por ter achado, na mencionada devisa, uma idéa que mais perfeitamente correspondia ao objecto de seus desejos.

Effectivamente persuadido, que um Principe deve, primeiro que ninguem, manter a superioridade de sua classe por meio das letras, elle reuniu ás suas virtudes de piedade e de heroismo aquelles estudos e applicação que podião enriquecer um espirito que já se achava ornado dos optimos conhecimentos que as sciencias e as bellas letras fornecem; estudos que erão então bem raros, e que não obstante fazião o objecto da applicação dos Principes do seu tempo.

Elle se dedicou com especialidade, á Mathematica, e como esta conste de differentes ramos, se inclinou mais particularmente áquelle que melhor o podesse conduzir ao fim a que se propunha. Para mais facilmente o conseguir, entendeu, que devia affastar-se do tumulto da Corte. Passou pois a estabelecer-se no Algarve, perto de Sagres, em uma de suas casas, a pequena distancia do Cabo de S. Vicente. Tendo-se alli entregado a uma agradável solidão, a qual lhe era suavizada pela visita de alguns sabios, e pelo entretenimento de seus livros, elle se firmou cada vez mais na persuasão em que estava, ácerca das noticias que obtivera dos mesmos Mouros, e das luzes que adquirira pelo estudo da Geographia, que poderia conseguir-se o fazer alguns descobrimentos vantajosos, seguindo a costa d'Afri-

ca. Assegura-se que elle fôra ainda mais efficazmente fixado nesta idéa, segundo Odorico Reinaldi, por alguns francezes da baixa Bretanha, que tendo sido levados, pelas tempestades muito além para o Occidente no mar Athlantico, e tendo ali descoberto novas terras, derão-se pressa a virem a Lisboa, communicar-lhe as suas aventuras, e descobertas.

Era então a navegação, nestes mares, muito imperfeita. O terror que o aspecto do Oceano inspirava aos navegantes, e a ignorancia dos meios, que depois se obtiverão, de a tornar facil, fazião que elles se não atrevessem a afastar-se das costas. Alem d'isso, como nos Cabos ou pontas de terra, que entrão muito pelo mar, o concurso das aguas que de uma e outra parte se effeitua, torne ahí as vagas mais grossas, e se esteja mais exposto á agitação dos ventos, a difficuldade de os dobrar intimidava ainda os mais atrevidos. Um dos primeiros cabos d'Africa que se apresenta, da parte da Europa, parecia tão medonho, e d'um accesso tão difficil, que, por isso mesmo, lhe chamaram *Cabo de Não*, para que este nome significasse ou a impossibilidade que havia de o dobrar, ou a baldada e inutil esperanza de voltar, no caso que se viesse a dobral-o.

(1412) Este perigo se tornava ainda mais horroso, por um resto de opinião extravagante, transmittida desde a mais alta antiguidade. Das cinco zonas em que suppunhão dividida a terra estava-se na persuasão de que as duas temperadas, erão as unicas habitadas; que as duas extremas erão inacessiveis por causa do intensissimo frio que ahí reinava; e que a torrida que está no centro era tão ardente pelos raios do sol, que parecia uma região de fogo; que as aguas que se lhe avisinhavão, ou se tornavão em torrentes de chammas, ou se consumião pouco a pouco pelo

excesso do calor. Parecia-lhes observar isto mesmo, quando passavam além dos Cabos proximos; pois que entrando nos golfos em que as terras são extremamente baixas, vão diminuir-se ahi as aguas, as quaes parecião ferver sobre os bancos de areia, onde ellas se tornão mais agitadas que em outra alguma parte.

O Infante D. Henrique, que não acreditava taes quiméras, não deixava de empregar mui boas rasões, a fim de dissipar tão falsas prevenções, como tambem não omittia nem diligencias para achar bons pilotos, e excellentes marinheiros, nem despesas para formar grandes armamentos, nem affagos e dadivas para recompensar uns e estimular os outros.

Perto de dez annos, contudo, se haviam passado, sem que alguma outra cousa se fizesse, mais do que dobrar o Cabo de Não, e passar mais além umas trinta leguas até ao Cabo Bojador, assim chamado, por as terras ahi fazerem um grande circuito. Os Capitães de Navios sempre intimidados pela idéa do grande perigo d'estas viagens, se contentavam simplesmente com alguns desembarques sobre a costa, e orgulhosos por esse pouco que haviam feito, voltavam mui contentes de si proprios e de suas expedições.

O Infante, dissimulando o que elle mesmo pensava de taes expedições, recebia-os sempre com affabilidade, e já-mais descorçoava. Aquelles que pretendião achar o maravilhoso em todas aquellas cousas que envolvem novidade, asseveram que este Principe fôra induzido a começar esta empreza por inspiração Celeste, ou por algum sonho sobrenatural, e que por isso estava firme em proseguir em seus intentos. Mas, sem recorrer a prodigios, póde attribuir-se esta firmeza de character á alma nobre e naturalmente gran-

de, de que este Príncipe era dotado, a qual lhe não permittia ceder aos primeiros obstaculos, por invenciveis que elles parecessem.

Quiz o Céu recompensar sua constancia e inopinadamente effeituou o que não havião podido conseguir, nem a coragem, nem a habilidade dos pilotos. Dous fidalgos da sua Casa, por nomes João Gonçalo Zarco, e Tristão Vaz, tendo-se-lhe offerecido para dobrarem o cabo Bojador, e passarem mais além, para descobrirem novas terras n'um pequeno navio, que elle lhes fez equipar, forão sorprendidos por uma violenta tempestade, que tendo-os arremessado para o alto mar, os forçou a abrigarem-se, na occasião em que se consideravão perdidos, n'uma Ilha, até então desconhecida, á qual, por isso que ella lhes serviu de porto de salvamento, pozerão o nome de *Porto Santo*.

(1418) Elles se derão pressa em trazerem a Portugal uma tão feliz noticia. O Infante consequentemente mostrou por ella uma alegria indesivel, e tendo dado graças ao Altissimo, equipou de novo trez navios, sob o commando dos mesmos, João Gonçalo Zarco e Tristão Vaz, aos quaes juntou Bartholomeu Perestêlo, fidalgo da Casa do Infante D. João, seu irmão. Esta segunda viagem foi ainda mais feliz que a precedente, pela descoberta da Ilha da Madeira, tão excellente por sua fertilidade, e actualmente tão famosa pela delicadeza de seus vinhos. Esta ilha não era então mais do que um espesso bosque, que visto desde a Ilha de Porto Santo, e parecendo no horizonte, como uma pequena negridão fixa, fez suspeitar a Zarco, e a Tristão, que podia ser terra, e em consequencia passaram a certificar-se. Elles lhe pozeram o nome de *Madeira*, por causa do espesso bosque que a cobria, e forão os primeiros que da mesma tomaram posse. O Infante, por consenso d'El-Rei seu pai, a dividio em duas Capitánias, com as quaes

gratificou estes dous fidalgos, tanto por esta descoberta, como pelos seus antigos serviços, pois que tanto um como outro se tinham distinguido bastante na tomada de Ceuta, e no sitio de Tanger, onde seguiram o Infante, tendo merecido, pelos rasgos de bravura que alli havião mostrado, o serem por isso feitos cavalleiros.

(1433) O feliz resultado que, alguns annos depois, reinando El-Rei D. Duarte, obteve Gil Annes, dobrando o cabo Bojador, que até então se tinha considerado como a extremidade da terra, e cuja empresa se tinha por mais difficil do que na antiguidade parecera a conquista do Tosão d'Ouro, motivou que o vulgo renunciasse a seus primeiros erros, e que se augmentasse cada vez mais a coragem dos Portuguezes. Então se observou concorrerem de todas as partes, tanto de dentro do Reino, como de fóra d'elle, individuos de todas as classes, a offerecerem seus serviços ao Infante, para hirem descobrir, e povoar as novas terras descobertas, attrahidos tanto pelo modo affavel e gracioso com que era por elle acolhida esta especie de requerentes, como pela lisongeira esperanza das grandes vantagens que de taes empresas contavão colher.

Não obstante, como em todo o Estado ha sempre homens demasiado prudentes ou demasiado timidos, para quem as novidades servem de ciume, e se tornão suspeitas, não faltavão estes em Portugal e principalmente entre os grandes, que parecendo declamar com razão contra o que se praticava, tomavão a liberdade de condemnar estes novos estabelecimentos, e de exprobrar, assaz alto ao Infante tanto a sua conducta, como seus projectos,

Elles levavão a mal: «que em quantó se esgotava
«o Estado de homens e de dinheiro para sustentar a guerra
«contra os Mouros, e manter-se nas conquistas d'Africa, da

« parte de Ceuta e de Tanger, se promovesse ainda uma
 « maior perda, expondo aos perigos d'um mar terrivel por
 « suas borrascas, tormentas, e por sua vasta extensão,
 « tão grande numero de bons subditos, que podião ser me-
 « lhor empregados, a bem do mesmo Estado, fornecendo-
 « se-lhes ahí terras, grande parte das quaes estavam rotea-
 « das, e que se tornarião mui productivas, se fossem bem
 « cultivadas. Que nenhuma esperança havia de se poder ti-
 « rar alguma vantagem certa d'essas terras desconhecidas,
 « que os ardores do Sol indubitavelmente tornavão inhabi-
 « taveis, e que não podião ser mais do que areaes ardentes,
 « semelhantes aos desertos da Lybia. Que se taes paizes ti-
 « vessem offerecido alguma vantagem real nos tempos anti-
 « gos, seus antepassados, desde os Romanos e Phenicios,
 « não deixarião de ter tentado esta especie de descobertas;
 « e que a circumstancia de o não terem feito, determinava
 « um verdadeiro preconceito e um indicio da vaidade, e li-
 « geireza de tão quimericos projectos. Que ainda quando,
 « de futuro viesse a colher-se algum fructo, este, como
 « incerto e remoto, de fórma nenhuma poderia compensar
 « um mal presente e certo, o qual não deixava de se tor-
 « nar ainda mais sensivel pelo grande numero de naufragios
 « que tinham lugar, os quaes enchião as familias de luto
 « e de dôr, multiplicando cada dia o numero das viuvias, e
 « orfãos. Que se tão grande era o zêlo do Infante pelo bem pu-
 « blico, devia elle empregar todos os seus esforços em fazer
 « rotear as terras que El-Rei seu pai, lhe doára, e con-
 « formar-se com o modo de pensar d'este principe, cujo
 « exemplo parecia condemnar a conducta do Infante, pois
 « que tendo dado, para serem roteadas, terras no Reino a
 « um senhor Alemão, e a outras familias, vindas do Norte,
 « bem mostrára com isto estar longe de permittir, que seus
 « subditos sahissessem d'elle, para hirem estabelecer-se além
 « dos mares.

(1438) Estas razões, posto que especiosas, não deixaram comtudo de fazer impressão no animo dos povos, de sorte que ellas attrahiram ao Infante certa especie de perseguição, que o não intimidou, e que elle julgou dever desprezar, como discursos populares. Nem El-Rei D. Duarte, que succedêra a El-Rei D. João I., fez caso algum d'elles; ao contrario, a fim de animar mais o Infante, lhe cedeu durante a vida d'este, o dominio das Ilhas de Porto Santo, e Madeira, e de outras terras que elle houvesse de descobrir sobre a Costa Occidental; destinou especialmente, com o beneplacito dos Soberanos Pontifices, a jurisdição espirital da Ilha da Madeira á Ordem de Christo. Esta doação foi depois confirmada pelo Infante D. Pedro, irmão do Infante D. Henrique, e Regente do Reino, na menoridade d'El-Rei D. Affonso V. seu sobrinho. Em consequencia d'esta doação, o Infante fez edificar n'aquella Ilha duas Igrejas; uma dedicada a Nossa Senhora do Calháo, e outra sob o nome de Nossa Senhora da Ascensão; esta segunda foi depois erecta em Archiepiscopal, e gosou por alguns annos da prerogativa de Primaz das Indias.

(1440) Para mais se authorisar ao proseguimento de suas descobertas, o Infante encantado com a vista de alguns escravos, que Antonio Gonçalo, e Nuno Tristão, tendo navegado até ao Cabo Branco, lhe trouxerão, e que erão as premissas d'estes paizes, resolveu mandar um Enviado ao Papa Martinho V., que então occupava a Cadeira de S. Pedro, afim de lhe communicar os seus descobrimentos, e de obter d'elle, em consequencia, algumas graças, em vista das grandes vantagens que de taes descobrimentos podião resultar a bem da Religião, e honra da Santa Sé. Elle lançou suas vistas, para esta commissão, sobre Fernando Lopes de Azevedo, Cavalleiro da Ordem de Christo, e depois Commendador da mesma Ordem, o qual gosava já do titulo de Conselheiro d'El-Rei, e era um indi-

viduo recommendavel pela authoridade que sua rara prudencia lhe adquirira.

Este Enviado tendo sido admittido á presença de Sua Santidade, lhe fez sentir, em pleno Consistorio, com bastante força e energia, as infinitas obrigações de que a Igreja era devedora ao Infante seu Amo. « Elle manifestou
 « mui pomposamente o zêlo d'este Principe, que, havia mais
 « de vinte annos, fazia as maiores despezas para descobrir
 « paizes immensos, cujos habitantes sendo o ludibrio da
 « ignorancia e do êrro, gemião, havia muitos seculos, sob
 « tyrannico jugo do demonio, escravos do Mahometismo
 « e da idolatria. Que o principal objecto, a que o Principe
 « se propozêra em seus trabalhos, fôra a gloria de Deus, a
 « propagação da Fé, e o engrandecimento do gremio da Igreja.
 « ja. Que a Nação Portugueza consagrando os seus bens e
 « a propria vida, exposta a tantos naufragios e a todos os
 « perigos imaginaveis, o Principe rogava a Sua Santidade
 « Houvesse por bem animar, e reconhecer o zêlo que esta
 « Nação manifestava pela propagação da Fé, concedendo á Corôa
 « Portugueza a posse de todas as terras, que viessem
 « a ser descobertas ao longo da Costa d'Africa até ás Indias
 « inclusivè; por isso que se devião reputar possuidores injustos
 « todas as nações infieis que ahi se achavão estabelecidas,
 « e cuja salvação sómente Portugal procurava promover. Que
 « Houvesse Sua Santidade de prohibir a todos os Principes
 « Catholicos com a cominação das penas canonicas, as mais severas,
 « de embarçarem os Portuguezes em suas emprezas, e de os
 « perturbarem de qualquer fórma que fosse, ou de pretenderem
 « estabeler-se nos paizes que os Portuguezes tivessem descoberto,
 « e que, por esse facto, viessem a adquirir. Finalmente, que,
 « como se tratava do bem, e salvação das almas, abrisse Sua
 « Santidade os thesouros da Igreja, e diffundisse suas graças sobre
 « aquelles subditos Portuguezes, que entregando-se á mercê do

«terrivel elemento, se expunhão a mil generos de morte, «e a perecerem longe da sua patria, de sua familia, e de « todos os soccorros espirituaes e temporaes, que elles te-
« rião achado em suas casas.»

Este discurso de Azevedo, e as individuações, de que elle o acompanhou, fizeram grande impressão nos animos do Summo Pontifice, e do Sacro Collegio, os quaes não deixaram de conceber grandes esperanças relativamente á Religião, e de certo se não enganaram em suas conjecturas. Em consequencia, Sua Santidade, de acordo com os Cardeaes, fez expedir uma Bulla, da sóma e theor que o Infante desejava, pela qual concedeu livremente á Corôa de Portugal o soberano dominio de todas as terras, que os Portuguezes viessem a descobrir até ás Indias inclusivamente, ameaçando de proceder, por via de censura, contra os que os perturbassem, ou suas conquistas, como contra usurpadores, rectificando tudo quanto El-Rei D. Duarte fizera a favor do Infante e da Ordem de Christo; ajuntando depois muitos privilegios, graças, e indulgencias especiaes a favor dos navegantes e de algumas Igrejas que o Principe fundára nos paizes descobertos. E com isto se retirou o Enviado mui satisfeito do resultado da sua commissão. Estas doações e privilegios forão depois confirmados, e ampliados pelos Papas Eugenio IV., Nicoláo V. e Sixto IV., etc.

(1444) Como por esta parte ficassem satisfeitos os desejos do Infante, segundo as suas intenções e os seus *descobridores* fizessem sempre progressos mais consideraveis, cessaram as murmurações dos cortezaãos. Os povos susceptiveis de novas impressões, que a serie dos acontecimentos lhes determinava, começaram a fazer-lhe mais justiça. Por toda a parte retumbavão os elogios á Nação Portuguesa. Portugal foi desde então elhado, como um paiz restaurado do

estado de abatimento; e de prostração, a que o havião reduzido as guerras de Castella, e de Africa. „Viu-se augmentar o numero dos que ambicionavão servir sob seus auspícios. De toda a parte, e do centro mesmo da Dinamarca concorrêram estrangeiros a offerlar-lhe seus serviços, e a pedir-lhe empregos ou terras que cultivassem nos paizes novamente descobertos. Mas a circumstancia que se lhe tornou de mui grande vantagem foi, que tendo até então sido o Estado sómente, o que sustentava toda a despeza dos armamentos, cujo proveito estava longe de igualar o desembolso, começaram a formar-se sociedades, e companhias commerciaes, as quaes pagando certos direitos que El-Rei lhes impozera, ou sob outras condições, se encarregavão de toda a despeza das expedições maritimas.

Foi a Cidade de Lagos a primeira que armou seis caravellas, commandadas por um official, por nome Lançarote, o qual havia servido na caza do Infante.

Pouco tempo depois, fez a mesma cidade um segundo armamento de quatorze caravellas, sob a conducta do mesmo chefe. Concorrêram ainda para este, diversos proprietarios, cujos mais consideraveis forão Gonçalo de Cintra, Socio da Còsta, Alvaro de Freitas, e Rodrigo Annes; de sorte que em muito pouco tempo se apromptaram vinte e seis ou vinte e sete embarcações em estado de darem á vella, e que effectivamente navegavão. Como porém sobreviesse um temporal, as caravellas, que formavão a expedição de Lagos, se dispersaram, e outros vasos, que as acompanhavão, mas que não seguião para o mesmo destino, forão arribar a differentes pontos da Costa d'Africa, desde o *Cabo Branco*, rio do *Ouro* e Ilhas de *Arguem* até *Cabo Verde*, além do qual se não havia ainda então passado. Alguns d'elles tocaram nas Canarias, e aportaram á ilha de Goméra, (*)

(*) Uma das Canarias, situada entre a Ilha de Ferro
VOL. II.

onde os habibantes os receberam com a maior affabilidade, lhes pediram que os auxiliassem contra os insulares de Palma, com os quaes estavam em guerra, o que teve lugar, e regressando d'esta expedição para Goméra, levantaram ferro, e voltaram para Portugal.

O Oceano Athlantico está semeado de Ilhas que se extendem muito álem pelo mar dentro ao longo da Costa d'Africa. D'algumas d'ellas tiverão conhecimento os antigos, das quaes nos deixaram uma idéa confusa, debaixo dos nomes de *Fortunatæ*, *Gorgones*, *Hesperides*, *Cassiterides* (*). Mas desde o principio do christianismo se havião ellas absolutamente perdido de vista, e passaram inteiramente por ignoradas até ao seculo XIV., em que começaram a ser descobertas por aventureiros genovezes, malhorquinos, castelhanos, biscainos, francezes, e inglezes. Os biscainos forão os primeiros que fizeram uma tentativa sobre a Lancerota, uma das Canarias, d'onde trouxerão setenta escravos e alguns generos do paiz. D. Luiz de Lacerda, Conde de Clermont, Principe de linhagem hespanhola e franceza, sobrinho de João de Lacerda apellidado o Principe desherdado, e que a si proprio se denominava Principe da fortuna, pareceu desejar estabelecer-se alli. Para esse fim, se dirigiu a El-Rei de Aragão, e depois ao Papa Clemente VI. o qual o coroou, em Avinhão, Rei das Canarias, e lhe deu o dominio d'estas Ilhas com a condição de as conquistar, e de fazer ahi prégar o Evangelho. Este Principe, porém, preferindo áquelle titulo alguma outra cousa que lhe assegurasse

e a de Tenerife; tem 22 legoas de circuito com um porto e uma pequena cidade. E' hoje fertil em grãos, fructos, e vinhos.

(*) *Fortunatæ insulæ*, erão as que hoje se conhecem sob o nome de ilhas Canarias. *Gorgones insalæ*, *Hesperides insulæ*, as Ilhas de Cabo Verde: e *Cassiterides insulæ*, ilhas do Oceano Occidental.

maior estabilidade, procurou empregar-se em França, onde fez grandes serviços na guerra, que esta potencia então trazia contra a Inglaterra. Os Reis de Portugal, e de Castella aquiesceram áquella doação do Papa, como o prova Reynaldo. Mas comtudo ambos se queixavão, de que semelhante doação se tivesse feito, sem que o soubessem, e com prejuizo seu. O primeiro pretendia que as Canarias lhe pertencião por terem sido descobertas por Portuguezes; o segundo fundava-se em ter um direito mais natural e mais immediato á conquista d'Africa, de que as Canarias erão uma dependencia.

O primeiro que se estabeleceu nestas Ilhas do Oceano Athlantico foi um francez, por nome João Betencourt, homem de qualidade, que havia cedido de suas terras de Betencourt e de Graninville a favor de Roberto de Braquemont, seu primo, Almirante de França, o qual como seguisse em Castella o partido de Henrique o Magnifico, e lhe tivesse feito grandes serviços para o collocar no throno de Pedro o Cruel, obteve d'aquelle principe as Canarias com o titulo de Rei para João de Betencourt, seu parente. Este ultimo conquistou algumas d'estas Ilhas, mas não conseguiu senhoriar-se da grande Canaria. Vindo a faltarem-lhe os fundos necessarios, tornou a passar á Europa, deixando alli Massiot de Betencourt, seu sobrinho, para este lhe conservar suas conquistas. Massiot como se indispozesse com o Bispo ou Vigario Geral que João de Betencourt para alli levava, desgostoso álem d'isso pela grande demora que seu tio tinha em França, onde se conservára não só por suas molestias, mas por que El-Rei lhe manifestára precisar de seus serviços, e não podendo alli manter-se por mais tempo, tratou com o Infante D. Henrique em lhe ceder todos os seus direitos sobre as Canarias, e de receber d'este, em troca, algumas terras na Ilha da Madeira, aonde sua familia passou depois a estabelecer-se, e se alliou com a de

Gonçalo Zarco, o qual possuia a principal Capitania da ilha.

O Infante, apoderando-se d'aquellas Ilhas, em consequencia d'este ajuste, o qual contribuia para facilitar mais as suas descobertas, animou-se d'um maior zêlo para terminar as conquistas das mesmas, e para ahi estabelecer a Religião Christã. E para obter tal fim, fez um poderoso armamento em 1424 para alli transportar 1:500 infantes, e 120 cavallos, cujo commando deu a Fernando de Castro, mordomo mór da sua caza. A pobreza d'estas Ilhas, que não podião prover á sustentação de tanta gente, fez que o Infante tivesse enormes perjuizos com esta expedição, da qual apenas lhe resultou a consolação de promover a conversão d'estes povos ao Christianismo. — Foi este o único fructo que então se colheu de tal expedição, porque os Reis de Castella, havendo retomado estas Ilhas, como pertencentes de direito á sua corôa, pois que na realidade Betencourt não havia feito a conquista d'ellas senão pelo auxilio dos Castelhanos: ellas forão cedidas aos Reis Catholicos, em virtude de um tractado entre Castella e Portugal.

Os cuidados que empregava o Infante por fazer florescer o commercio nos paizes novamente descobertos, ou para fundar solidamente suas Colonias, erão infinitos. Os navegantes, que partião de ordem sua, nunca tocavão em parte alguma d'estas Ilhas desertas, que ahi não lançassem algumas cabeças de gado, e outros animaes domesticos, os quaes multiplicando, sem obstaculos, facilitavão a subsistencia áquelles, que depois hião alli estabelecer-se. Pode fazer-se idéa de sua solitudine, por tudo o que elle obrou, a favor da Ilha da Madeira, porque não contente, além da escolha que fazia dos individuos, que para alli se mandavão, para a habitem, de a fornecer de toda a sorte de artistas; mandou buscar ás Ilhas de Chypre e de Sicilia

cannas de assucar, e ás Ilhas do Archipelago, videiras das melhores vinhas de malvazia, as quaes fez para alli transplan-
tar. Estas transplantações derão-se tão bem, que passados
uns vinte e cinco annos, a Ilha se achou em estado de manter,
álem dos habitantes, uma guarnição de oitocentos homens.
Segundo affirma Barros, já em seu tempo, o quinto sómente
do que esta produzia em assucar para a Ordem de Christo,
montava, em alguns annos a mais de sessenta mil arrobas.

Pelo que respeita ao commercio da Costa d'Africa, af-
firma Alviso Cadamosto, um dos *descobridores* do Infante,
que o trafico que se fazia nas Ilhas d'Arguem, permittia
trazer para Portugal de setecentos a oitocentos escravos, an-
nualmente. O ouro em pó que se extrahio do Rio d'Ouro foi
igualmente em tanta abundancia, que El-Rei D. Affonso V.
mandou cunhar uma bella moeda, á qual por causa das
cruzadas que o Papa Calixto III. fizera publicar, e a que
este Principe, por voto, se obrigára, chamados cruzados.

Este commercio no seu principio offerencia difficuldades,
não só por ser a Costa d'Africa inhabitada até muito álem
do *Cabo Branco*, onde começa um deserto de arêas arden-
tes, da extensão de mais de sessenta jornadas de cavallo,
até ao paiz dos negros com o qual confina, de sorte que
se gastava muito tempo para alli chegar; mas álem d'isso
pelos inconvenientes inevitaveis, que a novidade d'esta espe-
cie de estabelecimentos traz sempre consigo.

Os negros, que erão uns povos miseraveis, andando
quasi nus, habitando uma terra esteril e arenosa, vivendo
sem leis apparentes, tendo sómente por moradas algumas
choupanas, e por sustento um pouco de milho, o leite
extrahido de seus rebanhos, e algumas carnes ou peixes
desecados ao sol, não tinham tido, até então, mais do que
um pequeno commercio, por terra, com os Mouros bar-

barescos. Estes, viajando por caravanas, chegavão até aos reinos de Tombuctú, e de Melli, onde commerciavão com os negros, tomando-lhes o sal, o marfim, o ouro, a pimenta, e os escravos, em troco de cavallos e de alguns outros generos havidos do Reino de Granada, da Sicilia, e de Tunes. Estes negros que nunca havião visto, antes dos Portuguezes, europeus alguns, ficaram estupefactos ao primeiro aspecto de seus navios, porque admirados d'um espectáculo tão novo, ora os tomavão por corpulentas aves, ou por enormes peixes, conforme os navios tinham içadas ou amainadas as vellas; ora considerando o espaço que os mesmos navios havião percorrido, durante a noite, elles imaginavão, que erão fantasmas e duendes que lhes motivavão estas illusões. A presença dos Portuguezes, que havião desembarcado naquella Costa, lhes servio d'um novo objecto de admiração. Estes homens, que vião tão diferentes d'elles proprios, por estarem vestidos de ferro, e levarem entre mãos o raio e o trovão, augmentavão o seu terror e o seu espanto. De outra parte, os Portuguezes não entendendo a lingua do paiz e não podendo fazer-se entender dos indigenas, empregavão, posto que debalde, as caricias para os restabelecer do seu primeiro espanto, e se vião obrigados a recorrer ao meio da força e da violencia, para arrebatat alguns d'elles, e trazel-os de amostra para Portugal. Isto acabou de os aterrar, e de os consternar; e particularmente quando os Portuguezes davão fogo com seus canhões e seus arcabuzes, e os pobres indigenas vião cair seus companheiros a seus pés mortos, sem perceberem cousa alguma, que tivesse podido tocal-os, ou offendêl-os.

Os escravos sendo muito bem tratados, e aprendendo a lingua Portuguesa, forão mandados novamente para o seu paiz, e servindo d'interpretes começou desde então a ter lugar um commercio regular entre estes povos, e os Portuguezes.

El-Rei D. Affonso V. a fim de formar este commercio estabeleceu uma feitoria, na Ilha d'*Arguem*, onde este Principe, ou, conforme outros, o Infante, tinha feito construir um Forte. Concedeu-se o Commercio exclusivo da Ilha a Fernando Gomes, por espaço de cinco annos com condições mais vantajosas para elle, do que para a Corôa, como d'ordinario acontece com semelhante especie de contractos. Fernando Gomes se obrigou além d'isso, a continuar o descobrimento da Costa, umas cento e cincoenta milhas mais além do cabo da *Serra Leôa*, onde havião terminado os descobrimentos de Pedro de Cintra, e de Soeiro da Costa. Por esta convenção feita com o Governo, e que foi renovada, e prorogada por muitos annos, se tornou Fernando Gomes poderosamente rico. Pela sua parte não deixou elle igualmente de prestar grandes serviços ao Estado, servindo-lhe de grande auxilio em diversas urgencias do mesmo, pelo que El-Rei o ennobreceu, permittindo-lhe tomar, por armas, um escudo em campo de prata, com trez cabeças de Mouros, de ouro, com trez argolas de prata, uma no nariz e duas nas orelhas. Permittiu-lhe igualmente o usar do appellido da *Mina*, nome do porto que elle estabelecêra, e onde se fazia o maior commercio d'estes paizes de ouro em pó. As descobertas forão, por seu zêlo e actividade, levadas até ao cabo de *Santa Catharina*, a 2° e 30' de latitude austral.

El-Rei D. Affonso V. subio ao throno, na idade de seis annos; o governo na sua menoridade foi excellente, pela sabedoria do Infante D. Pedro, seu tio, que lhe fez esposar sua filha. Este matrimonio foi funesto a ambos, elle dispertou o ciume de D. João, irmão de D. Pedro, de sorte que este julgou por conveniente depôr as redeas do Governo nas mãos de seu pupillo. Este infeliz Principe, vindo do seu retiro para a Côrte, a fim de se justificar, teve a desgraça de morrer, com as armas na mão, contra seu

Rei, e seu genro; e por um d'esses golpes que se não podem prevêr, nem evitar. A guerra que D. Affonso V. fez contra Castella, por disputar a sua successão; a que sustentou em Africa, posto que com melhor exito; a prevenção de que elle se deixou possuir, relativamente á Cruzada que o Papa Calixto III publicára, todas estas cousas prejudicaram grandemente o progresso das novas descobertas, que terião caminhado com maior actividade, e feliz resultado, a não existirem os mencionados obstaculos.

Pelo que respeita ao Infante D. Henrique, quaesquer que fossem os desgostos que lhe occasionassem as desordens domesticas, e os poucos meios de que pudesse dispôr o Estado, elle obrou sempre com a maior efficacia possivel, accommodando-se ao tempo e ás circumstancias, sem comtudo afrouxar em seu zêlo pelo proseguimento das descobertas. E sem embargo de ter adoptado, per simples affeição, o Infante D. Fernando, seu sobrinho, irmão d'El-Rei D. Affonso, e de se ter por consequencia despojado, a favor do mesmo, de quasi todos os direitos, e rendimentos sobre as novas descobertas, D. Henrique auxiliou sempre, quanto poude, seu joven pupillo, sem jámais abandonar aquella obra até á sua morte, que teve lugar em 13 de Novembro de 1460, tendo empregado quarenta e dous annos nos uteis e gloriosos trabalhos d'estas descobertas.

O immortal Infante D. Henrique, quinto filho d'El-Rei D. João, nasceu na Cidade do Porto a 4 de Março de 1394. Foi o primeiro, que saltou em terra na conquista de Ceuta. Deu grandes provas de valor na jornada de Tanger em que foi nomeado General por seu irmão D. Duarte em 1437, dando o maior exemplo de amor fraternal, que rendo ficar em refens em lugar de seu irmão o Infante Santo D. Fernando. Pelos seus profundos estudos, e sérias applicações, deixou descobertas, e por suas diligencias, tre-

zentas e setenta legoas de Costa, por tanto espaço de terras, quantas ha desde o Cabo Bojador até á Serra Leôa, além de muitas Ilhas no Oceano, Athlantico, e Ethiopico, com que mostrou ao mundo os antipodas, e habitada a Zona torrida, de que tanto se duvidava. Mereceu o titulo de — Protector dos Estudos de Portugal — pelas grandes doações, que fez á Universidade, que então residia em Lisboa. Exerceu os maiores cargos, como de General das Armas Portuguezas nas Costas d'Africa, Governador, e Administrador do Mestrado da Ordem de Christo, Duque de Viseu, Fronteiro Mór da Comarca de Leiria, Cavalleiro da Ordem de Jarretierre em Inglaterra por Henrique VI, Senhor da Covilhã, de Lagos e Sagres no Algarve, de cujo Reino foi Governador perpetuo, e tocando-lhes muitas rendas por estes empregos, todas applicava em beneficio commum, já premiando os benemeritos, já acodindo com esmollas a todos os necessitados. Falleceu na Villa de Sagres em idade de 67 annos a 13 de Novembro de 1460. Seu corpo foi primeiro depositado na Igreja principal de Lagos, e d'ahi trasladado para o Convento da Batalha, no anno seguinte, pelo Infante D. Fernando seu Sobrinho, a quem pouco antes havia constituido por herdeiro. A sua sepultura está junta da dos Infantes seus Irmãos, e é a segunda em ordem na Capella, que El-Rei D. João I. mandou fazer. Está representado sobre o tumulo em figura da mesma pedra, em relêvo, vestido de armas brancas, e coroado com Corôa Real, entretecida de folhas de carvalho, e uma rosa no meio; e tem nella trez escudos, o primeiro com as armas do Reino de Portugal, e as suas, e nos outros dous as insignias das Ordens, que professára.

O Infante D. Henrique era de estatura mediana; mas de boa presença, e d'uma compleição forte e robusta; seu rosto agradável, os cabellos louros e um pouco crespos, seu ar grave e severo, que á primeira vista, parecia repul-

VOL. II. 4

sar, mas esta apparente severidade era compensada por uma bondade rara, e uma alma candida, que era o effeito d'um genio docil e suave, da pureza de seus costumes, e do imperio que elle adquiria sobre suas paixões. Este imperio se manifestava em toda a sua pessoa, por uma piedade solida, uma ingenuidade sem suspeita, uma grande regularidade na conducta, e na sua propria casa, a qual parecia um mosteiro; tinha uma notabilissima modestia nas palavras, no vestir, na meza, e em seu Estado. Era liberal até á profusão, e fazia uma despesa verdadeiramente real em tudo o que dizia respeito ao progresso da Religião, á gloria da Nação, e ao bem do Estado. Amador das sciencias, e fazendo-se elle proprio tão distincto nellas, como na arte da guerra, em que muitas vezes déra provas de sua bravura, e de habilidade; elle derramou thesouros immensos, que se empregaram em attrahir de todas as partes homens habéis, que depois conservava, por meio de avultadas pensões, e além d'isso, em fundar academias, ás quaes franqueava o seu proprio palacio, e rendas as mais liquidas. Toda a nobre juventude de seu tempo lhe era devêdora de sua educação, e do gôsto que então adquirira pelas sciencias. Elle não se contentou com fornecer-lhes os meios, procurando-lhes bons mestres; mas provia as necessidades da nobreza pobre, fazendo-os estudar á sua custa, e cuidando depois da fortuna dos mesmos, empregando-os. As despesas que fez para as suas descobertas, foram incalculaveis, fazendo sem interrupção; até seus ultimos momentos, uzo da propensão natural; que tinha de fazer bem, a fim de preencher, em todos os sentidos, a devisa que adoptára, exaurindo-se a si proprio de seus bens, para um dia enriquecer o Estado; de sorte que Portugal pôde, com justiça, consideral-o, como um dos seus mais abalisados Principes.



CAPITULO II.



ANNO DE 1481 A 1497.

D João II succedendo a El-Rei D. Affonso V. prosegue nos mesmos projectos das descobertas d'este. Procura tomar posse de todos os paizes descobertos até ao cabo das Tormentas. Ajunta a seus antigos titulos outros que as novas descobertas lhe motivão. Conclue-se o estabelecimento de Arguem, e funda-se o de Mina. Projecta-se um 3.º estabelecimento entre os rios Gambea, e o Senegal. Causas que o embaraçaram. Bémoem, Chefe do paiz, é obrigado a abandonar-o, e vem a Portugal. Brilhante recepção que se lhe faz em Lisboa. É convidado, e recebe o Baptismo. Faz El-Rei um consideravel armamento para entronisar Bémoem;

quaes forão as suas vistas e como estas falharam. Diligencias que El-Rei emprega por deparar com os Estados do Preste-João, a fim de solicitar a sua alliança. Pedro da Covilhã chega á Côte d'este. Torna-se a navegação mais facil pela invenção do Astrolabio, attribuida aos Portuguezes. Dias, e o Infante descobrem umas 350 leguas de novos paizes desde o Rio Zaire, onde toca o Reino de Congo, limite das descobertas por Diogo Cão, até ao Cabo das Tormentas. Trazem-se a Portugal alguns naturaes de Congo, e deixam-se outros tantos em refens neste Reino. O Rei d'este manda Embaixadores a Portugal a sollicitar a sua alliança, e voltão carregados de presentes para o seu paiz. Descreve-se a magnifica recepção de Rodrigo de Sousa na Côte de Congo. Baptizam-se o Rei, a Rainha, e o Principe hereditario. Conjuração tramada contra a Religião nascente promovida pelo filho mais novo do Rei. Morre o Rei de Congo, cujo acontecimento motiva a guerra contra os dous irmãos. Apresenta-se Colombo em Lisboa offerecendo-se a El-Rei para lhe descobrir um Novo Mundo, cujas propostas são consideradas como quimericas. Colombo obtem da Rainha Isabel de Castella trez caravellas com que descobre as Antilhas. Volta á Europa com alguns naturaes, e muitos generos do paiz. Grandes aprestes para nova expedição, e motivos que fizeram suspendê-la. Morre El-Rei D. João II.



(1481.)



El-Rei D. João II. tendo succedido a seu pai, El-Rei D. Affonso V.; logo que se sentou no throno, entrou com calor nas vistas dos Reis seus predecessores e do Infante D. Henrique, seu tio. Além de ser dotado

d'uma alma grande e nobre, e de se não mostrar menos zeloso pela Religião, do que pela gloria dos Estados, de que elle se considerava senhor, sabia ainda, por experiencia propria, quão vantajosos erão os fructos que Portugal começava a recolher das novas descobertas; porque quando elle era ainda simplesmente Principe dos Algarves, e herdeiro presumptivo da Corôa, uma parte das rendas de seu bolsinho erão provenientes dos productos do commercio feito com os paizes novamente descobertos, e estabelecidos. Assim, inteiramente convencido da utilidade d'este commercio, nada omitto para o sustentar, e animar d'uma maneira estavel.

No principio dos estabelecimentos, os primeiros *descobridores* se contentavão com fixar cruces nas praias onde tomavão terra, e de gravar nas arvores proximas a devisa do Infante, os nomes que elles davão a estas novas terras, e ainda mesmo as noticias e avisos que desejavão transmitir. Mas, no reinado d'este Principe, começaram a erigirse por toda a parte pilares de pedra, (tendo em cima uma cruz) em que estavam esculpidas as armas de Portugal, o nome do Principe Reinante, o do capitão que fizera a descoberta; e o anno e dia em que esta tinha lugar, a fim de que servissem de auto, e de testemunho authenticico de posse, realmente tomada, de todos estes paizes em nome de El-Rei e da Corôa de Portugal. Este Principe fez collocar até nove d'estes pilares ao longo da Costa d'Africa, interiormente até ao *Cabo da Bôa Esperança*, onde terminaram as descobertas feitas em seu tempo.

Poucos annos depois, D. João II. ajuntou aos seus titulos o de — *em Africa Senhor de Guiné, da Conquista, Navegação e Commercio da Ethiopia* — e a fim de assegurar effectivamente alli o seu dominio, ordenou, que se concluisse o Forte da Ilha d'*Arguem*, que se havia começado poucos an-

nos antes; e fez construir outro ainda mais consideravel, em S. Jorge da Mina, onde se fazia o maior trafico de ouro em pó.

A frota que se destinou para a construcção do Forte da Mina compunha-se de dez caravellas, duas urcas, e outro vaso menor. Esta frota transportava a cantaria, tijolos, madeiras e todos os demais materiaes necessarios para a fortaleza que se projectava levantar; e além d'isso, munições de guerra e boca, necessarias para seiscentos homens, entre os quaes havião cem gastadores e artifices. O menor dos navios era destinado a fazer a péscia sobre a costa, e a se aproximar, o mais possivel, da terra nas enseadas, onde as urcas e as caravellas não podião entrar.

D. Diogo de Azambuja, homem de merito e de experiencia, que El-Rei escolhêra para Commandante em Chefe d'esta frota, tendo dado á véla em 11 de Dezembro de 1841, procurou tocar em *Bezeguiche* para confirmar um tractado feito com o soberano d'aquella costa. Pedro d'Evo-ra, capitão do pequeno navio que para esse fim se havia adiantado da frota, concluiu felizmente esta negociação. Proseguindo a frota d'alli em sua derrota, chegaram á Mina em 19 de Janeiro do anno seguinte. Aqui achou D. Diogo de Azambuja, muito a proposito, um pequeno navio portuguez pertencente ao Estado, cujo commandante que negociava com os indigenas, serviu de interprete, para fazer saber ao senhor do lugar a chegada do General, e o desejo que este tinha de conferenciar com elle.

Caramansa, assim se chamava o senhor d'esta povoação de negros, tendo-se mostrado satisfeito, pela chegada do General Portuguez, este desembarcou e ganhou immediatamente uma altura proxima da povoação, que lhe parecera propria para ali construir a fortaleza. Fez levantar,

na mesma altura, a bandeira e as armas portuguezas, e tomou posse d'ella em nome de El-Rei seu amo, e junto de uma grande arvore fez erigir um altar, em que se cantou a primeira missa, que se dissera nestes paizes. Todos os circumstantes derramavão lagrimas de devoção, de alegria, e de esperanças, por verem entrar o Evangelho nestas terras, onde até então sómente havião reinado a idolatria e a superstição.

A entrevista do General Portuguez e do Principe dos negros teve lugar com a maior ostentação possível. Cada um d'elles affectou de dar uma idéa de si, por meio de toda a magnificencia de que era capaz, posto que o sequito de parte a parte fosse pouco numeroso. A côrte do negro nenhuma impressão fez no animo dos Portuguezes; mas a ostentação d'estes, ao contrario, deixou deslumbrados os negros, os quaes não havião ainda visto um tal apparato.

Depois das primeiras ceremonias e cumprimentos, D. Diogo de Azambuja fallou com bastante emphase d'esta maneira: « Senhor, El-Rei meu amo, sabendo com o maior
« prazer a facilidade com que os seus subditos fazem o com-
« mercio nesta parte d'Africa que vos é sujeita isto pela
« benevolencia com que vos dignaes acolhel-os, quer pela
« sua parte, agradecer-vos tão grande serviço, por meio
« d'um beneficio tão assignalado, que este seja, por si só,
« a digna recompensa de todo o bem que elle de vós tem
« recebido e da boa vontade com que continuareis a fazer-
« lho. Este beneficio consiste em vos informar que ha um
« Deus, Senhor e Creador do Universo, Remunerador dos
« que crêem em Seu Nome, e o servem com fidelidade. To-
« dos os potentados da Europa reconhecem este Deus de
« Magestade, e se submettem ao suave jugo de sua Lei.
« Se vós quizerdes reconhecê-lo, e receber o Santo Baptis-
« mo, como uma profissão publica d'esta Lei, El-Rei meu

« amo, vos considerará como seu irmão, e seu alliado, « pois que ambos ficarão unidos pelo mesmo laço da Reli- « gião, e ambos participarão, no Céu, d'uma eterna feli- « cidade. Nesta qualidade, elle celebrará comvosco um « tratado de alliança offensiva e deffensiva contra vossos ini- « migos communs; fará comvosco uma especie de socieda- « de e de communidade de bens, fazendo transportar para « vossos Estados todas as riquezas dos seus. Mas para que « isto tenha lugar, exige a segurança de ambos, que vós « consintais, em que fundemos um estabelecimento perma- « nente em vossos Estados, o qual possa servir de refugio « áquelles de seus subditos que elle mandar a estes paizes, « a fim de que vós tenhaes sempre á mão os Portuguezes, « n'um lugar que possa servir-lhes de asylo, contra os vos- « sos e seus inimigos, e além d'isso de deposito para as « suas mercadorias. »

Caramansa, que tinha mais talento, e politica, do que ordinariamente se suppõe n'um negro, affectou uma gravidade pasmosa durante toda a conferencia, escutou o discurso do General com grande silencio e attenção, e depois de ter meditado profundamente, alguns instantes, respondeu em poucas palavras, e d'uma maneira obsequiosa para El-Rei de Portugal, e para aquelle que o representava; mas ao mesmo tempo nada decidiu sobre o objecto principal, que era a construcção da cidadella, em que o General tocára mui ligeiramente.

Diogo d'Azambuja que se persuadira ter percebido no Principe negro algum motivo de desconfiança, lhe replicou da maneira a mais conveniente, a fim de dissipar-lhe todos os receios. Então Caramansa, ou porque se convencesse, de que não podia oppôr resistencia a tanta gente, a qual facilmente lhe daria a lei, ou porque tivesse em vista considerações, ácerca d'algum interesse particular, tomou a sua

resolução, e batendo com as mãos juntamente com todos os seus, em signal de approvação, permittiu aquillo que estava convencido não poder recusar.

Logo ao amanhecer do dia seguinte, o General sem mais demora, fez que a sua gente pozesse mãos á obra, principiando por abrirem os alicerces da Praça; mas apenas os gastadores havião começado a cavar, e a tocar em certas pedras, consagradas pela superstição, immediatamente os negros pegaram em armas, e se pozerão em disposição de empecer-lhes o trabalho. Os animos se acaloraram, e teria occorrido alguma scena desagradavel, se D. Diogo, que então dava as suas ordens para o desembarque dos materiaes, advertido pelos seus interpretes de que naquella desordem tinha menos parte a Religião, do que o desprazer de se não terem ainda recebido os presentes devidos ao Principe, não corresse immediatamente a fazer suspender a obra, dirigindo á sua gente asperas reprehensões, em ar de tanta authoridade, e de indignação, que conseguiu acalmar aquelle motim. Os presentes forão logo levados ao Principe em grande pompa. Os Negros os receberam com alegria e d'esta sorte vierão a vender, quasi sem o sentirem, uma liberdade que devia ser-lhes bem preciosa. Foi tal a actividade que depois se empregou, no trabalho da fortaleza, que em vinte dias ficou fóra de insulto. D. Diogo fez igualmente edificar uma Igreja no mesmo sitio, onde elle, á sua chegada, havia feito levantar um altar. Tanto a Igreja como a cidadella forão dedicadas a S. Jorge. Estabeleceu-se na primeira uma missa quotodiana e perpetua pela alma do Infante D. Henrique, e á seguuda concedeu El-Rei os privilegios de cidade. D. Diogo ficando alli com sessenta homens como guarnição da fortaleza, mandou embarcar todos os demais juntamente com o ouro, escravos, e outras mercadorias, que elle negociára para Portugal.

Alguns annos depois, El-Rei ordenou um consideravel armamento para outro estabelecimento que projectára fazer, na embocadura do Senegal, e que acreditava ser de maior importancia, mas que teve um mui differente resultado como a vamos a demonstrar. No numero dos povos que estão situados entre os rios Gambia e Senegal, os *Gelofos* (*) são os que ficão mais proximos ao mar, e por consequencia os mais conhecidos dos Portuguezes. O Principe que os governava, como estimasse muito pouco seus dous irmãos filhos do Rei defuncto, de alguma sorte abandonou o governo a um seu irmão uterino, por nome Bémohi, e se entregou, sem reserva, a todo o genero de vicios. A escolha d'um tal ministro foi infeliz. Bémohi tinha talento, e valôr. Para poder sustentar-se contra os Principes seus rivaes, se avisinhou ainda mais do mar, e se alliou estreitamente com os Portuguezes, os quaes se mostraram, por semelhante facto satisfeitos; elle não omittia meio algum de captar a sua benevolencia, facilitava de todos os modos possiveis o seu commercio, até chegava a pagar os cavallos que tinham morrido na passagem, como se elles tivessem embarcado por sua propria conta. Tudo caminhou o melhor possivel, em quanto vivo o Rei, mas tendo este sido assassinado por intriga de seus proprios irmãos, Bémohi se viu repentinamente na necessidade de ter de sustentar uma grande guerra, e recorreu a seus alliados. El-Rei D. João lhe fez prometter, da sua parte, todo o auxilio, com tanto que elle se fizesse christão, e recebesse o baptismo; a esse fim lhe mandou Embaixadores, acompanhados de presentes, e de Missionarios. Bémohi prometteu fazer tudo quanto d'elle se exigia, observando comtudo, que a occasião d'uma guerra civil era inoportuna, para

(*) Estes povos, situados entre os dous mencionados rios, acham-se divididos em pequenas tribus, e fazem hoje com os Europeus o commercio de escravatura.

uma mudança, que naturalmente sublevaria contra elle, ainda mesmo muitos dos seus partidarios; mas logo que se visse pacifico possuidor de seus Estados, poderia então não só converter-se; mas faria com que a nação inteira abraçasse o seu exemplo.

Differiu assim este negocio, pelo espaço d'um anno, dando sempre boas esperanças. Entretanto a desvantajosa guerra que elle trazia, perturbava sobremaneira o commercio. Os negociantes portuguezes, que tão mal hião, representaram-no a El-Rei, o qual observando, que Bémohi não cumpria a promessa que fizera de abraçar o christianismo, ordenou a todos os seus subditos, sob as mais graves penas, de o abandonarem, e de voltarem para Portugal.

Bémohi que bem previa, que esta ordem d'El-Rei indubitavelmente seria a causa de sua perdição, fez esforços, obteve dinheiros de seus amigos, e solveu suas dividas. Observando porém, que não podia reter seus hospedes, fez embarcar com elles um seu sobrinho, encarregando-o d'um collar de ouro, e cem escravos escolhidos, de que fazia presente a El-Rei, a fim de implorar seu soccorro; mas elle não teve tempo de esperar resposta, porque foi batido, e com difficuldade se salvou na fortaleza de Arguem, onde embarcou para Portugal com vinte e cinco dos principaes de sua Côrte, que quizerão participar da sua sorte.

Constando a El-Rei a chegada de Bémohi, quiz recebê-lo, não como um chefe de barbaros; mas como um Soberano, tendo em vista dar á Europa um alto conceito das suas conquistas. — Bémohi conduzido ao Paço de Palmella, foi tratado com a maior magnificencia á custa d'El-Rei, em quanto se esperava o dia em que havia de fazer a sua entrada publica em Lisboa.

No dia aprazado para o recebimento, El-Rei e a Rainha, cada um em seu palacio separado, rodeados de numerosa Côrte das Damas e dos Grandes do Reino, todos ricamente vestidos, esperaram o Principe negro, que D. Francisco Coutinho, Conde de Marialva, tinha hido buscar, acompanhado de grande cortejo de jovens fidalgos. Bémohi, tendo atravessado d'esta maneira as ruas de Lisboa, que se achavão ornadas como para um dia de triumpho, entrou no palacio, e subiu á sala do throno. Logo que El-Rei o avistou, se descobriu um pouco, e deu alguns passos para a frente a encontral-o. Bémohi, pela sua parte, se prostrou aos pés d'El-Rei, apparentando tirar terra com as mãos, que lançava sobre sua cabeça, em demonstração de respeito, e de se reconhecer subdito. El-Rei, tendo-o levantado com ar gracioso, se encaminhou para o throno, e permanecendo de pé, e um pouco apoiado sobre elle, fez signal ao interprete, de dizer a Bémohi que fallasse. Bémohi, que era ainda joven, começou seu discurso com affouteza, e o continuou com tal graça e dignidade, sem omitir razão alguma, que podesse enternecer os corações de todos, relativamente ao actual estado de sua sorte, que El-Rei ficou commovido, e satisfeito das perguntas que lhe dirigiu, fez d'elle a idéa d'um homem cordato, e prudente. Passou depois Bémohi ao palacio da Rainha, beijou-lhe a mão e ao Principe hereditario D. Affonso, fazendo-lhe uma curta e bem clara arenga, em que lhe rogava a sua intercessão para com El-Rei, de quem unicamente podia esperar soccorro; sendo a final conduzido para o Palacio, que se lhe havia destinado, com o mesmo cortejo, e na mesma ordem com que viera.

(1489). Como El-Rei tivesse a peito a conversão do Principe africano, o primeiro passo que deu foi ordenar que junto á pessoa d'elle, se collocassem ecclesiasticos virtuosos, e sabios, que o instruissem, como igualmente a to-

dos os de sua comitiva no christianismo, o que lhe não foi difficil de obter; porque havia muito tempo que Bémohi tinha sido cathechizado, e agora era dominado d'um mui differente interesse d'aquelle, que até então o embaraçara de fazer o que d'elle se exigira com tanto ardor, de sorte que requerendo elle proprio calorosamente o baptismo para si e para os seus, forão immediatamente admittidos a receberem esta graça.

A cerimonia teve lugar com a maior pompa. Na noite de 3 de Dezembro de 1489, no Palacio da Rainha foi Bémohi apresentado á pia baptismal juntamente com dous dos mais qualificados de sua comitiva, por El-Rei, a Rainha, e o Principe, o Duque de Beja, que succedeu depois a El-Rei D. João II., o Nuncio Apostolico, e os Bispos de Tanger e Ceuta. O ultimo d'estes, funcionou, e foi ao mesmo tempo um dos padrinhos. Bémohi recebeu o nome de João, por ser este o d'El-Rei. Os demais forão apresentados por outros fidalgos, e fidalgas. No dia seguinte ao d'esta cerimonia nomeou El-Rei o Principe Africano cavalleiro, dando-lhe por armas, uma cruz de ouro em campo vermelho, guarnecida dos cinco escudos de Portugal. Pela sua parte Bémohi fez doação a El-Rei e á Corôa de seus Estados. O Nuncio Apostolico remetteu a Sua Santidade, como chefe da Igreja, uma circunstanciada relação de tudo o que se passára, e o auto authenticico da obediencia do novo Principe christão.

Muitos dias duraram em Lisboa as festas pela entrada, e baptismo do Principe negro: tudo erão funcções, e divertimentos, fogos de artificio; illuminações, cavalhadas, corridas de touros, carreiras de cavallo e outros prazeres, que deslumbrando a vista d'estes pobres africanos, devião imprimir-lhes uma alta idéa da grandeza do magnifico Principe que tão bom acolhimento lhes fazia, em comparação de sua propria miseria.

Entretanto El-Rei, que pensava em mais ponderosos objectos que nos prazeres, fez armar a toda a pressa, vinte caravellas, bem providas de homens, armas, e munições de guerra e boca, e de todos os materiaes necessarios para levantar uma Fortaleza. Deu o commando d'esta frota a Pedro Vaz da Cunha, por alcunha o Bisegra. Nesta expedição hião alguns Missionarios, á testa dos quaes se achava o proprio confessor d'El-Rei, e o P. Alvares, da Ordem de S. Domingos, homem de grande erudição e ainda maior santidade. Todas as esperanças porém d'El-Rei falharam rapidamente, em consequencia de uma brutalidade das mais inauditas, porque apenas appareceu esta numerosa frota, que levou o terror a todo o paiz, e se lançaram os fundamentos da fortaleza, o Commandante em Chefe, que se desgostára de ter começado a obra em um máu terreno e que soffria por se ver obrigado a permanecer n'um paiz doentio, tendo-se aproximado de Bémohi o lançou ás punhaladas morto a seus pés, sob o falso pretexto de que elle conspirava para uma traição. Semelhante facto motivou grande agitação não só entre os negros, mas ainda entre os proprios portuguezes, o que foi de grande desprazer para El-Rei. Este comtudo o deixou sem mais vingança, do que a dos remorsos, que ella devia originar a seu author, punição assás dura para um homem de sentimentos, mas mui ligeira para o que é capaz de tal cobardia.

El-Rei além do desejo que tinha de repor no throno um Principe alliado, que lhe deveria a sua fortuna, se propunha a um maior objecto, que havia muito tempo revolvía em seu animo, qual era o de attrahir a seus Estados o commercio das Indias, e de procurar uma via que alli o conduzisse. Mathematicos portuguezes lhe asseguravão que não sómente esta empreza era possivel, mas além d'isso por mais de uma parte mui praticavel, pois que d'um lado elles affirmavão que se podia fazer ogyro de

Africa, e apresentavam uma Carta geographica, que o Infante D. Henrique recebêra das mãos dos Mouros, na qual se fazia vêr a derrota da India, e que o exito mostrou ser assás exacta. De outro lado estava então o mundo possuido da idéa d'um poderoso monarcha christão, conhecido sob o nome de Preste-João, cujos Estados erão então ignorados. Muitos, enganados por antigas narrações, e ainda mais pela de Marco Paulo Veneziano, os suppunhão mais para o interior da Asia; outros, ao contrario, os situavão onde elles realmente se achão na alta Ethiopia, e nas visinhanças do mar das Indias, acima das cataractas do Nilo, o que havia sido confirmado por alguns padres Abexins que haviam passado á Hespanha, e por alguns religiosos europeos que fizeram a viagem a Jerusalem. Dominava a El-Rei um ardente e extraordinario desejo de se esclarecer sobre este assumpto, com o designio de contrahir alliança com aquelle Principe, a fim de acabar de o instruir na fé, de o submeter á obediencia do Vigario de Jesus Christo, e de estabelecer entre os seus Estados, e os d'aquelle Principe uma correspondencia mutua, cujos immensos bens elle previa, caso que elle podesse abrir-lhe um caminho para áquellas Indias tão desejadas, e que erão o objecto de sua maior sollicitude.

Tinha além d'isso algumas noticias de que pelos paizes, novamente descobertos sobre as costas d'Africa, seria facil penetrar nos Estados d'aquelle Principe. No anno de 1486 um Embaixador do Rei de Bénem, que viera com João Affonso de Aveiro, a fim de contrahir alliança com El-Rei de Portugal, de requerer pessoas que podessem prégar o Evangelho, e instruir o tanto a elle, como aos seus subditos no Christianismo, contava que, ao Oriente do reino de Bénem, para o interior das terras, na distancia de trezentas e cincoenta leguas, existia um Monarca poderoso, por nome *O'gano*, que tinha jurisdicção, tanto temporal como

espiritual sobre todos os outros Reis visinhos. Que o Rei de Benem e os outros, na sua elevação ao throno, lhe enviavam Embaixadores com ricos presentes, e d'elle recebiam a investidura de seus Estados, cujas insignias reaes consistiam n'um bordão á semelhança de sceptro; uma especie de capacete em lugar de corôa, e uma cruz de latão; que sem esta cerimonia, elles não eram reconhecidos como Reis legitimos: que os Embaixadores, durante todo o tempo que permaneciam na Côrte d'este Principe, jámais o viam; que somente no dia em que lhes dava audiencia, deixava apparecer um dos seus pés, o qual elles beijavam com um respeito devido a cousa santa, e que á sua partida da Côrte se lhes lançava ao pescoço, em nome do Principe, uma cruz de latão, o que desde logo os punha em plena liberdade, os resgatava de toda a escravidão, e era para elles como uma ordem de Cavallaria, que os ennobrecia.

O mesmo, com pouca differença, havia contado Bémohi a El-Rei, dizendo-lhe que havia ao Oriente do reino de Tomboctú, muitos outros soberanos, mas com especialidade um, a quem elles chamavam Rei dos povos mosaicos, o qual nem era mahometano, nem idolotra; mas que professava uma lei que muito se assemelhava á dos christãos. El-Rei cujos ardentes desejos de penetrar até á Côrte do Preste-João, mais se inflammavam pela narração que lhe faziam d'aquelle Principe, se havia intimamente persuadido, que elle o poderia conseguir, subindo-se pelo rio Senegal, o qual segundo as conjecturas de seus mathematicos, sahia das mesmas montanhas, em que existem as fontes do Nilo para o interior das terras; pelo que ordenou, que logo que se concluisse a construcção da fortaleza, na sua embocadura, se subisse por elle o mais longe possivel. Mas como na discripção que se lhe fizera d'este rio, se affirmava haverem cataractas e saltos, semelhantes ás do Nilo, El-Rei ordenou que se rompessem essas cataractas

até que se chegasse á sua origem; mas cuja difficuldade, ou possibilidade, segundo todas as apparencias, elle não havia penetrado.

Havia alguns annos, que em consequencia das primeiras noticias, que se colheram, ácerca do Preste-João, El-Rei se havia resolve a fazel-o procurar, tanto por mar, com por terra, até que se tivesse encontrado. Os primeiros dous individuos que elle para esse fim mandou, voltáram a Portugal, vindos de Jerusalem, sem que passassem mais adiante, por selhes ter feito comprehender que sem o conhecimento da lingua arabe lhes seria impossivel, e mesmo inutil, continuarem sua viagem. Em consequencia do que, El-Rei expedio outros dous, que possuão perfeitamente esta lingua. Era um d'elles fidalgo de sua casa por nome Pedro da Covilhã, e o outro Affonso de Paiva. Elles receberam a sua commissão e cartas credenciaes em Santarem a 7 de Maio de 1487, achando-se presente D. Manuel, Duque de Béja, que succedeu a D. João.

Covilhã e Paiva dirigirão-se a Napoles, passaram d'alli á Ilha de Rhodes onde embarcaram para Alexandria; foram depois ao Cairo, donde continuaram seu caminho até Adem, cidade situada no golfo *Arabico*, acima da embocadura do mar *Vermelho*. Como tivessem alli chegado a tempo da monção, elles se separaram. Affonso de Paiva fez-se á vela em direitura á Ethiopia, e Pedro da Covilhã para as Indias. Este tocou em Cananor, passou a Calcutá, e a Gôa, onde embarcou para Sofala sobre a Costa Oriental d'Africa. D'alli voltou a Adem, e depois ao Cairo onde Affonso de Paiva, e elle, havião ajustado reunir-se. Tendo chegado a esta cidade, soube que Affonso de Paiva havia fallecido; mas encontrou alli dous judeus portuguezes com novas ordens que El-Rei lhe enviava, porque este Principe, a quem um d'estes judeus tinha dado uma mui exacta cons-

ta do commercio de Ormuz, situada á entrada do golfo *Persico*, onde concorrião todas as riquezas das Indias, e d'onde depois se transportavão para a Syria e para o Egypto, a fim de passarem depois á Europa, resolveu enviar este judeu, e seu companheiro, com novas instrucções para Pedro da Covilhã, pelas quaes lhe ordenava de mandar o segundo d'estes judeus com uma exacta e detalhada relação de suas viagens, de se dirigir com o primeiro até Ormuz, e em fim de continuar constantemente as suas investigações do Preste-João, não descançando em quanto o não encontrasse.

Pedro da Covilhã obedecendo ás ordens de seu soberano, entregou um diario bem detalhado de suas aventuras ao judeu, que El-Rei lhe designára, e o instruiu de viva voz, o mais largamente que lhe foi possível. Depois do que, repondo-se a caminho com o outro, voltou a Adem, e passou depois a Ormuz, onde considerando tudo muito bem, fez com que seu novo companheiro de viagem partisse com as caravanas que sahem de Alepo. Em quanto a elle, embarcou novamente para o mar *Vermelho*, e chegou por fim á Côte do Principe que com tantos perigos, e fadigas, elle havia procurado.

El-Rei fez escrever para todos os pontos da escala do Levante aos Consules portuguezes e aos maiores negociantes, que ahi se achavão estabelecidos, para que adquirissem algumas noticias d'aquillo que se desejava saber. Finalmente chegou-lhe de Roma um padre Abexim, por nome Marcos, que tendo-o satisfeito ácerca de todas as perguntas, que lhe fizeram relativamente ao seu paiz, lhe fez escrever muitas cartas de que tirou copia, das quaes remetteu para diversos portos do Oriente, a fim de que fossem encarregados d'ellas os Abexins, subditos do Principe de que elle anciosamente desejava ter noticias, na esperanza de que

vindo algumas d'ellas a cahir nas mãos do mesmo, serviria de acreditar mais Pedro da Covilhã, na hypothese de que elle fosse tão feliz, que chegasse ao termo de sua viagem. Depois d'isso fez partir o mesmo padre Abexim, encarregado das mesmas cartas de que tinha tirado copia, e cheio dos favores que a sua extrema liberalidade sobre elle deramava.

El-Rei enviára depois pelo Oceano Athlantico, em procura d'este Principe, Bartholomeu Dias, e João Infante, cada um dos quaes commandava um navio seguido d'um terceiro, unicamente carregado de viveres para supprir a falta dos que se consumissem no curso d'uma longa navegação, e a fim de que estes aventureiros não tivessem razão alguma para voltarem, como havião feito outros que os precederam.

Começava então a navegação a tornar-se menos perigosa. El-Rei, que em sua Côrte conservava mui habéis mathematicos, e que desejava sempre que se inventasse alguma cousa, que podesse facilitar o bom exito de suas descobertas, havia-os muitas vezes excitado a imaginarem algum expediente para tornar a arte da navegação mais commoda e facil. Elles não deixaram de corresponder á sua esperança, pois que os escriptores portuguezes lhes fazem a honra de lhes attribuirem o meio de se tomarem as alturas, por meio do astrolabio, e as taboas das declinações para uso dos pilotos. E ainda quando elles não tivessem prestado outro serviço, este que fizeram á Europa, é sufficiente para os tornar immortaes, porque desde então os navegantes se não viram mais obrigados a alongar as costas, e poderam expor-se no alto mar, sem o temor de perder de vista a terra, o que faz a navegação mais curta, e menos perigosa.

Dias, e Infante tinham ordem de continuar os des-

cobrimentos, começando d'este Zaire, onde havião terminado os de Diogo Cão, do qual brevemente fallaremos. Elles devião plantar por toda a parte padrões, e deixar sobre a margem negros, e particularmente negras, providas de roupas, e bem instruidas do que devião dizer, já para tomarem informações do reino do Preste-João, já para exaltarem os elogios de Portugal, e inspirar desejos de se contrahir alliança com elle. Dias, que commandava um dos navios, teve muito que soffrer em todas as terras a que abordou. Encontrou linguas desconhecidas, que os negros, que comsigo trazia, não entendião. A sua tripulação se revoltou muitas vezes contra elle, e sempre a apasiguou com doçura, e ao mesmo tempo, com firmeza: mas nesta viagem não colheu noticias algumas do Principe que procurava. Não obstante, descobriu trezentas e cincoenta leguas de novos paizes; assentou seis padrões, e chegou até á extremidade da Africa a um cabo, que elle chamou das *Tormentas*, por causa do grosso mar que ali fazia. Sua coragem lhe teria inspirado o passar mais adiante; mas a sua gente, que estava mui desgostosa, o obrigou a retrogradar, e na sua volta, encontrou o navio que transportára os viveres, nove mezes depois de se terem separado; e de nove homens que formavão a tripulação d'este, apenas existião tres, um dos quaes de tal sorte se transportou de alegria, por esta junção que logo morreu. Finalmente, Dias chegou a Lisboa, em Dezembro de 1487, dezeseis mezes e dezesete dias depois de sua partida. El-Rei o recebeu muito bem, e tendo ouvido em sua narração o nome de cabo das *Tormentas*, quiz que se chamasse o Cabo da *Boa Esperança*, a fim de que servisse de feliz presagio dos fructos, que se devia colher d'esta descoberta.

(1490) Diogo Cão, que antes da expedição de Dias, havia descoberto desde o cabo de *Santa Catharina* até ao rio Zaire, onde principia o Reino de Congo, descobriu esta

nova nação de negros, cuja lingua não era entendida pelos negros que hião nos navios. Este povo pareceu mui pouco admirado da vista dos Portuguezes, e em lugar de fugir para o interior do paiz, pelo contrario se familiarisou tanto, desde logo, com estes hospedes que lhe vinhão de tão longe, e de uma maneira tão extraordinaria, que se teria affirmado que uns e outros já se conhecião. Diogo Dias, reflectindo que hia a perder muito tempo, neste lugar, pela falta de se entender com os naturaes do paiz, tomou immediatamente o partido de levar alguns, para os conduzir a Portugal, e deixar, pela sua parte, alguns em refens, a fim de que de uma e outra parte podessem aprender a lingua do paiz, o que se executou habilmente; porque tendo-se assegurado de quatro dos principaes d'elles, fez comprehender aos outros, por meio de gestos, e signaes, ou do melhor modo que poudes, que as suas intenções não erão senão uteis ao paiz; que elle trataria bem aquelles que trouxesse, os quaes reconduziria dentro de quinze luas; que por penhor da sua palavra, lhes deixava alguns dos seus, os quaes entretanto aprenderião a sua lingua, e se porião em estado de lhes prestar serviços.

Esta acção violenta teve bom exito. Os negros não se derão por offendidos. O Rei d'estes povos, que foi informado do que se passára, igualmente se não formalizou, antes tratou muito bem os Portuguezes, que Diogo Cão abandonára á sua discripção, e ao seu ressentimento, e tendo estes aprendido a lingua do paiz; fizeram que o Rei apreciase a Religião Christã. Entretanto, Diogo Cão tendo chegado a Portugal, El-Rei o fez novamente partir, sem dilação alguma, juntamente com os negros que elle trouxera. Os seus patricios vendo-os sãos e salvos, e satisfeitos do bom tratamento que haviam recebido, facilitaram a Diogo Cão o seu accesso á Côrte. O Rei de Congo depositou nelle particularmente tanta confiança, que resolveu envial-o outra

vez a Portugal com dous jovens dos mais qualificados, e juntamente um d'aquelles mesmos que elle d'antes levára, e isto como embaixada a El-Rei de Portugal, a fim de o sollicitar, Houvesse por bem de os fazer instruir no christianismo, e baptizar, e de os deixar depois hir para o seu paiz, acompanhados de individuos habéis, que podessem promover a mesma felicidade a elle Rei, e a todos os seus subditos.

Os Embaixadores forão recebidos em Lisboa com muita distincção, e como El-Rei fosse ao mesmo tempo informado, de que o Rei de Congo era um Principe poderoso, e seus subditos um povo muito mais esclarecido de quantos se tinham até então encontrado, julgou dever tambem fazer mais alguma cousa em seu favor. Tanto que se doutrinaram na Religião, forão baptizados. El-Rei, e a Rainha com alguns dos principaes senhores e senhoras da Côte, os apresentaram á pia baptismal, e os honraram com seus nomes. Finalmente para satisfazer a anciedade do Rei de Congo, El-Rei D. João tendo-os carregado de ricos presentes, os fez partir a toda a pressa em uma frota, cujo commando conferio a Gonçalo de Sousa, o qual tendo fallecido na viagem, teve por successor no commando, a Rodrigo de Sousa, seu sobrinho, que o tinha acompanhado na qualidade de voluntario, e seu comportamento fez ver que fôra acertada a escôlha que d'elle se fizera.

(1491) Logo que esta frota appareceu na embocadura do Zaire, o tio do Rei, que governava esta provincia, sahio ao encontro de Sousa com todas as demonstrações da mais perfeita alegria. Era um venerando ancião, que não suspirava, senão pelo momento em que recebesse o santo baptismo, e em quem a graça divina havia já operado grandes effeitos. Foi esta tambem a primeira cousa, que elle pediu, e isto com tal ardor, e com tão fortes razões, que

Sousa não poudé dispensar-se de lh'o conceder. Trez religiosos dominicanos, que tinham vindo na frota, acabaram de o doutrinar, e o baptizaram, com a maior solemnidade, no Domingo de Paschoa do anno de 1491.

Sousa que não ignorava, que o Rei de Congo, contava os momentos até á sua chegada, não tardou que se pozesse a caminho para a capital. O governador, novamente baptizado, lhe forneceu os escravos necessarios para levar tanto os homens, como as bagagens, pelas terras do seu governo, e elle mesmo o acompanhou até á fronteira. O Rei, pela sua parte, mandou muitas vezes cumprimentar o general durante a jornada, e fazer-lhe as competentes honras na sua marcha até á cidade, em que residia a sua Córte.

A entrada que o general fez na capital, e a sua marcha até ao palacio real, forão magnificas, segundo os uzos do paiz, e tão numerosa a chusma que o seguia, que com difficuldade se podia abrir caminho. O Rei o esperava no seu palacio, sentado n'uma cadeira de marfim, collocada sobre um estrado. Cousa nenhuma relevava a magestade d'este Principe. Um pequeno barrete, propriamente tecido de folhas de palmeira, e da fórma de mitra, lhe cobria a cabeça; seu corpo estava nú até á cintura, e todo o resto, coberto de uma tanga; no braço esquerdo tinha um bracelete de latão, e uma cauda de cavallo, signal distinctivo da realleza, lhe pendia de um dos hombros.

Souza, tendo pronunciado o seu discurso, e exposto o objecto de sua embaixada, manifestou os presentes que levava. O Rei os considerou com admiração, perguntando a razão de tudo, e fazendo repetir muitas vezes, aquillo que dissera. Apesar da immensa multidão, reinava alli o maior silencio; prestava-se a mais viva attenção; mas o

que havia de notavel, era que os negros imitavão, e copiavão fielmente os Portuguezes em todos os seus gestos, reverencias, genuflexões, inclinações, e signaes de cruz, como se elles tivessem comprehendido todo o seu mysterio.

Era inexprimivel a impaciencia do Rei para receber o baptismo. A' imitação do Soberano, a mesma pressa tinham a Córte e o povo. Entretanto era preciso esclarecer e experimentar um pouco estes neophytos; precisava-se de tempo, e os missionarios não erão bastantes.

Um acontecimento imprevisto decidiu o negocio. Alguns insulares situados n'um lago, que dizem permanecer no centro d'Africa, e que era origem dos principaes rios que a regão, havião novamente sacudido o jugo do Rei de Congo, e fazião excursões em suas provincias. Erão formidaveis, porque se assegurava poderem pôr em armas trinta mil combatentes. O Rei se viu obrigado a hir pessoalmente, para se oppôr ao progresso dos revoltosos. Os riscos da guerra se tornaram mais que sufficientes motivos para que todos os guerreiros abraçassem a Religião Christã.

Começou-se por levantar uma grande cruz, que se collocou, com grande solemnidade a 3 de Maio; o mesmo se praticou para o baptismo de tão illustres neophytos. Deu-se ao Rei de Congo, á Rainha sua principal esposa, e ao Principe herdeiro, os nomes de João, Leonor, e Afonso, que erão os d'El-Rei, da Rainha, e do Principe de Portugal. Baptizaram-se depois tantas pessoas, que os braços dos missionarios estavam já cançados.

Antes de principiar a campanha, Sousa collocou nas mãos do Rei de Congo um precioso estandarte que o Papa Innocencio VIII. mandara a El-Rei de Portugal, e lhe deu a cruz, a fim de o fazer participante, tanto a elle como a seus

subditos dos meritos da cruzada que vinha de publicar-se contra os infieis. El-Rei de Congo partiu para a campanha, cheio de confiança neste signal salutar. Não forão baldadas suas esperanças; elle voltou victorioso de seus inimigos, persuadido da obrigação que devia ao Creador, e ao adoravel signal da redempção.

Os primeiros movimentos d'um grande fervor são, de ordinario, seguidos d'um prompto arrependimento, e não servem, senão para nos precipitarem no excesso de uma relaxação inteiramente opposta. Esta nova christandade, formada um pouco á pressa, assim o deu a vêr. Em verdade que os mysterios da nossa Religião havião dado pouco cuidado a estes neophytos pouco acostumados, e pouco proprios para disputarem ácerca d'estas materias. Os principios da nossa moral lhes havião parecido muito justos e fundados na razão; mas como a vida do christão não é mais do que uma continuada guerra que é necessario fazer a si mesmo, estes homens viciosos desde o berço, sentiram a difficuldade de contrariar constantemente as paixões lisongeiras, e de se mortificarem por se conformarem com as maximas que contradizião todos os prazeres. O espirito da superstição não se havia extincto nas cinzas de seus *Fetichas* e *Moquisias* (*) que elles havião solememente queimado, professando o christianismo. O fogo da avareza, da luxuria, da intemperança, e das outras paixões, havião adquirido um novo gráu de calor, pela resistencia que se havia feito por poucos dias a estas paixões. O mesmo Rei, que envelhecêra nas suas usanças, encontrava ainda maiores obstaculos, que os outros, para sustentar a nova personagem que lhe era preciso representar, de sorte que em pouco tempo se formou uma conspiração contra o christianismo nascente, urdida pelos infieis que ainda restavão, a cuja fren-

(*) Idolos do culto dos negros de Congo.

te se collocára um dos filhos do Rei, que nunca havia querido baptizar-se, e por aquelles christãos cobardes, que tinham sido os primeiros em exprobar a sua leveza. Estes excitados pelos sacerdotes, ou agoureiros do paiz, e apoiados pelas mulheres e concubinas que o christianismo obrigára a repudiar, pozerão então em grande risco a Religião, que esteve a ponto de ser suffocada á nascença, e os missionarios e portuguezes que Souza deixava para aprender a lingua do paiz, expostos a eminentes perigos.

D. Affonso, filho mais velho do Rei, Principe fervoroso e verdadeiro christão, achava-se então nas terras de seu apanágio, onde exercia as funcções de apostolo, ao mesmo tempo que era como uma muralha impenetravel para os inimigos do Estado. Informado do perigo que corria a Religião, empregou tal efficacia junto de seu pai, que conseguiu suspender-lhe as impressões, mas esteve quasi sendo victima de seu zêlo. A tempestade cahiu sobre sua cabeça. Todos os esforços dos inimigos da Religião se reuniram contra elle só. Denegriram-no no animo do Rei pelas calumnias as mais atrozes, e as mais extravagantes: « Que o baptismo, dizia-se-lhe, o tornára um poderoso feiticeiro, que corrompido pelos costumes estranhos, aborrecia a sua patria, e o Rei, que lhe havia dado o ser; remove as montanhas, secava os rios, arruinava os fructos, perturbava a razão, e o que era ainda mais odioso, minava o thalamo nupcial pelo louco amor, que seus sortilegios haviam inspirado ás esposas de seu pai. » O Rei amava D. Affonso; mas seu animo enfraquecido pela idade lhe fez acreditar taes quimeras, e talvez cedendo ao tempo mostrasse acreditar-as, e consequentemente indignado contra seu filho querido, o privou de seus cargos, e de suas rendas.

D. Affonso estava perdido, a não ser a habilidade da

Rainha D. Leonor sua mãe. Esta assisada Princeza deixou passar algum tempo até que se acalmasse esta grande irritação dos animos. Então poz em scena os mais respeitaveis senhores da Côrte, tanto por sua idade, como por sua prudencia, os quaes como tivessem habilmente convencido o Rei do prejuizo que elle a si proprio se procurára pelo lamentavel estado a que reduzira um filho, que por seu valor tantas vezes lhe firmára a Corôa, lhe inspiraram a desconfiança, e consequentemente a vontade de investigar, se o Principe effectivamente fôra calumniado. Com effeito o Rei cahindo em si, e affectando uma profunda dissimulação, fez indagações occultas, e como viesse no conhecimento da innocencia de seu filho, o reintegrou em todas as suas primeiras honras, e fez morrer os seus principaes accusadores no meio dos maiores supplicios.

Esta severidade, posto que justa, não fez mais do que irritar cada cada vez mais a cabala que havia jurado a perda de D. Affonso, colligando-se para collocar no throno em seu lugar, Pansa Aquitimo seu irmão, inimigo capital dos christãos, e dos Portuguezes.

O Rei foi novamente enganado, porém d'esta vez contentou-se em fazer advertir seu filho de moderar seu zêlo, e de prevenir por alguma politica as desgraças, que elle procuraria a si e a toda a sua caza. Como Affonso nem por isso mudasse de conducta, seu pai lhe ordenou de se apresentar na Côrte; mas o Principe, instruido secretamente por sua mãe, hia differindo, sob diversos pretextos, o obedecer, e illudindo sempre as ordens do Rei até á morte deste, a qual elle bem via não poder estar longe, e que effectivamente soube ter acontecido pouco tempo depois.

D. Affonso tomando a sua resolução, como homem de tino e de coragem, se dirige a grandes marchas sobre a

capital, entra alli na obscuridade da noite, reúne o povo ao romper do dia, arenga-lhe em termos tão fortes por sustentar seus direitos, que consegue conciliar todos os animos, e é igualmente reconhecido como legitimo herdeiro do throno. Seu irmão Pansa Aquitimo, que se achava acampado fóra da Cidade, ficou aturdido por tal golpe, dirigido com tanto segredo, e prudencia; mas como não quizesse dar a seu irmão tempo de reflectir, marcha immediatamente sobre a cidade, depois de ter dividido seu pequeno exercito em dois corpos. D. Affonso confiando mais na Divina Providencia do que no numero, e qualidade dos homens, que tinha á sua vista, reúne apressadamente os poucos combatentes que achou promptos, e havendo-os excitado á peleja, fez abrir as portas da cidade, e invocando, em alta voz, os Santos nomes de Jesus Christo, e de S. Thiago, á maneira dos Hespanhoes, selança como um leão sobre o primeiro corpo dos inimigos, que derrotados logo que forão atacados, se precipitaram sobre o segundo corpo, ficando ambos em tal desordem, que não poderam mais ordenar-se. D'esta sorte, a victoria não tardou um momento em se decidir pelo partido dos christãos, a favor dos quaes parece que o Céu combatera.

(1497) Quiz a desventura que Aquitimo, em sua fuga fosse cahir n'um laço que se armára para apañhar feras, elle foi achado gravemente ferido, e agarrado; D. Affonso desejava salvá-o; mas aquelle homem feroz, antes quiz perder-se do que récorrer á clemencia de seu irmão, e abrir os olhos á-luz da verdade. O general que commandava suas tropas, mais circumspecto, tendo requerido morrer christão, e receber o santo baptismo, obteve a vida, sob condições que lhe pareceram bem suaves,

Esta victoria firma D. Affonso no Throno, reinou cincoenta annos, durante os quaes se mostrou tão agradecido

para com a Divina Providencia, e tão afeiçoado aos Portuguezes seus alliados, que com justiça se pode elle considerar, como o Apostolo de seus Estados.

Em quanto El-Rei D. João mostrava tão grande sollicitude, e fazia tão enormes despezas, afim de conseguir novas descobertas, e principalmente para chegar a penetrar nas Indias, que era o objecto, que mais se mantinha em sua idéa, teve um grande desgosto que o acompanhou ao tumulo.

Christovão Colombo, Genovez de nação, tendo navegado longo tempo ao Levante, resolveu hir tentar fortuna no mar Athlantico, pois que era o gosto dominante daquelle tempo. Pertendem alguns que elle foi estabelecer-se na Madeira, onde tendo naufragado um navio francez, e havendo recolhido para sua casa os destroços d'esse naufragio, poudo adquirir do piloto d'aquella embarcação noticia da America; conhecimento que elle teve o cuidado de não descobrir a origem, e cujo segredo poudo muito bem conservar, pois que todos os que havião escapado á catastrophe vieram a perecer da miseria e das fadigas que havião soffrido.

Como quer que fosse Colombo veio a Portugal, e se apresentou a El-Rei, fazendo-lhe magnificas promessas de lhe adquirir um novo mundo para o Occidente nas extremidades do Oceano. El-Rei que se persuadiu perceber neste homem alguma leveza, não fez caso d'estas propostas. Outro tanto fizeram outras potencias maritimas da Europa; até que finalmente depois de sete annos de repulsas, e de fadigas, Colombo obteve, por intervenção do Arcebispo de Toledo, que a Rainha Izabel fizesse armar trez caravellas, com as quaes, depois de ter soffrido corajosamente bastantes contrariedades da parte de sua tripulação, descobriu as Ilhas

Antilhas; (*) tocou em muitas d'ellas, e depois de ter deixado parte de sua gente n'uma especie de Forte na Ilha de Cuba, tornou á Europa, trazendo comsigo dez ou doze naturaes do paiz, ouro em pó, e varios fructos e mercadorias, afim de que podessem servir de amostras, e dar uma idéa d'aquelles paizes e de suas descobertas.

Tanto que entrou no Tejo, e lançou anchora no porto de Lisboa, El-Rei, que fôra informado da sua chegada, estimou muito ter uma conversação com elle. Colombo estava tão orgulhoso, pelo bom resultado dè sua viagem, e com tanta emphase, e exaggeração fallava acêrca d'ella, misturando, com o que dizia, censuras a El-Rei, pela pouca confiança que nelle depositára, que pareceu não ter vindo a seus portos, senão com o fim de o insultar.

El-Rei dissimulou, e fez grandes presentes a Colombo, e seus companheiros, bem como aos insulares, e como se persuadissem, que estes negros, pelo seu porte, podião ser habitantes das grandes Indias, ou de paizes que lhe pertencessem, cuidou logo em ordenar um grande armamento, a fim de se apoderar d'aquelle paiz.

(*) Achão-se situadas adiante do Golfo do Mexico. Dividem-se em grandes Antilhas, e pequenas Antilhes. São as primeiras: Cuba, São Domingos, Porto Rico, e Jamaica. As segundas achão-se divididas em Antilhas de barlavento, que são: a Barbuda, a Antigua, S. Christovão, Neves, Monsarrate, Barbuda, Anguilha, Virgens, S. Vicente Dominica, Granada, Trindade, Tabago, Guadalupe, Martinica, Santa Luzia, Maria Galonde, S. Bartholomeu, S. Eustaquio, Saba, S. Martinho, Santa Cruz, S. Thomaz, e S. João. As de sotavento são: Marguerita, Coração e Bonaria. Seus principaes productos são: assucar, milho, anil, tabaco, algodão, caffè, e a mandioca.

Posto que El-Rei D. Fernando de Castella não desse ainda grande pezo a esta descoberta de Colombo, comtudo como era um Principe mui politico, e zeloso de seus direitos, tanto que teve noticia do armamento, a que El-Rei D. João de Portugal se applicava, lhe dirigiu por via de seu Embaixador na Côrte de Lisboa, suas queixas das hostilidades, que o ameaçavão, em contravenção dos tractados que existião entre as duas corôas. El-Rei D. João suspendeu seus preparativos, e consentiu em fazer discutir amigavelmente seus direitos. Houverão por diversas vezes plenipotenciarios nomeados de parte a parte. O Rei de Castella mandou de proposito Embaixadores a Portugal para tractarem d'este objecto. Como porém este Principe, dissimulado, nada quizesse concluir, sem vêr em que parava o negocio, e se este valia a pena, seus Embaixadores só tratavão de o demorar por muito tempo, sem decidirem cousa alguma: o que fez dizer El-Rei com muita graça que esta embaixada não tinha pés nem cabeça, alludindo á qualidade dos dous Embaixadores, um dos quaes era coixo, e o outro estouvado. Comtudo ambos se portavão, sobre o assumpto, de uma maneira bem judiciosa. Finalmente, como estes dous Monarcas entregassem a decisão d'este negocio ao Papa Alexandre VI., que então se sentava na Cadeira de S. Pedro, Sua Santidade repartiu o Novo Mundo entre estas duas potencias, resolvendo, que contando-se 370 leguas desde as Ilhas de *Cabo Verde* para o Occidente, e tirando por esse ponto uma linha imaginaria, que passasse pelos pólos da Terra, e dividisse o globo em dous hemisferios, ficasse o occidental pertencendo aos Reis Catholicos, e o oriental aos Portuguezes, para nelles continuarem livremente os seus descobrimentos.

Padecendo El-Rei D. João II. os effeitos de uma hydropisia, foi ao Algarve, por conselho dos Medicos, para tomar as Caldas de Monchique; porém como a molestia se

fosse adiantando, fez seu testamento, em que declarou o Duque de Béja, D. Manuel, seu successor, e falleceu a 25 de Outubro de 1495, com 40 annos de idade.

O seu cadaver, sepultado na Cathedral de Sylves, foi trasladado em 1499, com magestosa pompa, por El-Rei D. Manuel, para o Real Mosteiro da Batalha.

No feliz reinado d'El-Rei D. João II., por sua ordem, e com auxilio de suas proprias luzes e instrucção, os dous Astronomos Portuguezes Mestre Rodrigo, e Mestre José Hebrêo, e o outro tambem habil Astronomo Martim Behaim, conseguiram melhorar o instrumento nautico, de que usão os navegantes para tomar a altura do Sol, com o que se facilitou muito a navegação pelo alto mar, e poderam os navios desviar-se das costas, que até então seguião com grandes delongas, e inconvenientes, invenção esta que escoreceu completamente a gloria que os Phenicios, Carthaginezes, Gregos, e Romanos, havião adquirido na arte de navegar. Toda a Costa Occidental da Africa tinha aberto os portos a seus navios: o seu commercio se tinha assegurado, pelas fortalezas que elle ahi levantára, e pelas allianças que contrahira. Os Reis de Benem, de Tombuctu, de Monding, e de Congo, havião sollicitado com ardor, por meio de seus Embaixadores, a sua amizade: El-Rei havia interposto a sua authoridade para pacificar suas contestações, tendo bastante influencia para fazer cahir as armas das mãos aos mesmos vencedores.

Descobriu-se o grande Cabo da Boa Esperança; e se passou ainda ávante ao Rio do Infante. — Construiu-se em Lisboa uma Náo de mil toneladas, a maior, mais forte, e mais bem acabada, que até áquelle tempo se havia construido, armada de grossas bombardas, e outras artilherias, e de tão forte, e basta liança, e tão grosso taboado, que a artilheria a não podia passar.

Tambem não parecerá improprio d'este lugar referir como este illustre Principe, já pelos annos de 1483, ordenára que seu primo D. Manuel, ainda então muito moço, e apenas com direito muito eventual ao throno portuguez, a que depois subiu, tomasse por devisa a *Esfera do mundo*, que com effeito começou logo a usar, e conservou ainda depois de Rei. O que nos parece ser grande prova da perspicácia e penetração de El-Rei, das suas vastas idéas e esperanças, e do presentimento que tinha dos futuros gloriosos feitos dos Portuguezes.

Finalmente El-Rei D. João II., diz um geografo estrangeiro moderno, fixou a soberania de Portugal em *Guiné*, região fecunda em ouro, marfim, e outras ricas produções; e legou á sua Nação uma grande herança de gloria, abrindo caminho ás acções heroicas que depois d'elle se praticaram na conquista maritima das Indias Orientaes.



CAPITULO III.



ANNOS DE 1495 A 1499.

D Manuel, Duque de Béja succede no throno a D. João II. Desejando proseguir nas mesmas vistas de seu antecessor, consulta os homens d'Estado; diversas opiniões d'estes, e qual é adoptada por El-Rei. São Vasco da Gama com quatro navios afim de investigar a derrota das Indias. Instrucções que recebe d'El-Rei. Toca na bahia de Santa Elena; desagradavel acontecimento occorrido neste lugar. Amotina-se a tripulação ao dobrar o Cabo da Bóia Esperança. Toca na costa do Natal, rio dos Reis, e passa o Cabo das Correntes e a costa da Sofala. Entra no rio dos signaes, aonde recebe noticias agradaveis que mais consolidão as suas espe-

ranças. Faz concertar seus navios que a longa navegação muito havia deteriorado. A tripulação é atacada do escorbuto que lhe levou alguns marinheiros. Chega Gama a Moçambique; discripção d'esta Ilha. Laço, que aqui se lhe arma, e de que maneira elle o evita. Aprisiona alguns Mouros de Mombaça, e quaes as informações que d'elles colhe ácerca de Melinde. Chega a este paiz. Demonstrações officiosas que aqui se lhe fazem. E' sollicitado pelo Rei de Melinde a desembarcar, e o não effectua por desconfiança. Sua entrevista com o Principe, Governador do paiz. Informações exactas que obtem ácerca das grandes Indias. O Principe de Melinde lhe fornece um piloto para o conduzir ás Indias. Chega a Calecut, e ahí lança ferro. Quaes os paizes que propriamente se denominão as Indias.



Montando o Principe D. Affonso, filho unico d'El-Rei D. João II., herdeiro do Reino, quinze annos de idade, por ter nascido a 18 de Maio de 1475, o casou El-Rei com D. Izabel filha dos Reis Catholicos Fernando, e Izabel. Celebraram-se estes desposorios com a maior magnificencia, que até então se tinha visto na Europa. Entraram a 14 de Junho do mesmo anno em Santarem com grandes festas, que duraram muitos dias. Porém no dia 12 de Julho, voltando quasi á noite da caça de Almeirim, foi o Principe ás margens do Têjo, montou a cavallo, e rogou a D. João de Menezes, que dêssem uma carreira; escusou-se este por ser já noite; mas instado, consentiu; e quando corria, se atravessou um moço, que espantando o cavallo, desgraçadamente levou o Principe debaixo, deixando-o logo quasi

morto sem falla. Não poudo ser conduzido ao Palacio; e levado á cabana d'um pescador, onde se lhe fizerão todos os remedios possiveis, veiu a fallecer no dia seguinte. Esta lastimosa morte penetrou de tal sorte o coração de D. João II. que todo o resto da sua vida passou entregue a uma profunda melancolia, e proximo da morte nomeou em seu testamento para successor ao Throno a D. Manuel, Duque de Béja.

Nasceu este grande, e incomparavel Monarcha no Ribá Téjo, na Villa de Alcochete em 31 de Maio de 1469, a tempo que a Procissão do Corpo de Deus passava pelas portas do seu Palacio. Foi sexto filho do Infante D. Fernando, irmão d'El-Rei D. Affonso V., ambos filhos d'El-Rei D. Duarte, e de D. Brites filha do Infante D. João, e neta d'El-Rei D. João I. Amado dos seus povos, e respeitado no Universo, este feliz Soberano empunhou tão dignamente o sceptro, que mereceu o titulo de — *Venturoso*.

El-Rei logo no principio do seu reinado chamou a conselho as pessoas mais eruditas de Portugal, afim de regular diversos pontos que precisavão reforma, e traçar um plano geral de governo. Os negocios das descobertas forão ahi discutidos acaloradamente, havendo trez differentes opiniões. — Os mais timidos pretendião que se abandonasse uma empreza que olhavão como a origem infallivel da ruina do Estado. Acrescentavão ás rasões, que elles a principio produziram, para combater os projectos do Infante D. Henrique, a da distancia em que as grandes Indias se achavão, e os paizes incognitos do Preste-João; o perigo que esta empreza acarretaria de excitar a inimizade de todas as potencias mahometanas, a impossibilidade de provêr á tão grandes despesas, e de resistir a poderosos inimigos. Outros querião que El-Rei sómente conservasse as descobertas até alli feitas, e que ainda a respeito d'estas se fi-

zessem menos despesas que anteriormente. Outros finalmente, mais zelosos pela gloria nacional, aconselhavão que se proseguisse com as expedições maritimas; que se passasse mais adiante, opinando que os favores que a Providencia havia já dispensado no feliz exito d'estas descobertas, devião servir de garante seguro de sua vontade para haver de as continuar. Foi esta ultima opinião a que El-Rei abraçou, por ser a que máis se conformava com a sua inclinação, com a nobreza de seus sentimentos, e com o reconhecimento que devia á memoria do Rei seu predecessor, á de seu pai, o Infante D. Fernando, e á do immortal Infante D. Henrique, seu segundo tio.

El-Rei achando quasi prompta a armada, que seu antecessor apparelhara para o descobrimento da India, cuidou logo em expedil-a; constava a expedição dos seguintes navios:

Não *S. Gabriel*, capitania, em que foi Vasco da Gama, Capitão-Mór da expedição. Piloto Pedro d'Alemquer, o mesmo que tinha hido com Bartholomeu Dias ao descobrimento do Cabo da Boa Esperança.

Não *S. Rafael*: Capitão, Paulo da Gama, irmão de Vasco da Gama. Piloto, João de Coimbra.

Não *Berrio*: Capitão, Nicoláo Coelho. Piloto, Pedro de Escobar.

Hia mais uma pinque com mantimentos: Capitão, Gonçalo Nunes.

Todos estes vasos levavão não mais que 160, ou 170 homens, tanto de armas, como de marinhagem, entre os quaes se nomeão Fernam Martins e Martim Affonso, linguas, e também pilotos.

Logo que estes navios estiveram em estado de navegar, El-Rei tendo em vista a importancia do objecto quiz dar suas instrucções ao Commandante em chefe, e tendo ordenado que tanto o primeiro, como os dous segundos commandantes se apresentassem em Extremoz, onde então se achava com numerosa Côrte, lhes dirigiu um discurso em que depois de exaltar a confiança, que acabava de depositar na sua fidelidade e valor, os exortava a que sustentassem a idéa, que de suas pessoas formára, e de que lhes dava um testemunho authentico na honrosa escolha, que d'elles fazia. Depois animando-os com promessas as mais magnificas, e com a esperanza das maiores recompensas, lhes recommendou mui expressamente a obediencia, e a subordinação, que elles devião a seu general, que no commando representava sua propria pessoa; e ao general lembrou a moderação, e a firmeza, que o cargo, de que elle estava revestido, exigião segundo as circumstancias. El-Rei entregou a Vasco da Gama cartas credenciaes para os Reis das Indias, o itinerario de Pedro da Covilhã, e diversas outras instrucções; e para terminar esta cerimonia, um dos ministros de Estado, que durante o discurso d'El-Rei, empunhára um estandarte desenrolado em que se via pintado o signal adoravel de nossa redempção, o collocou nas mãos de Vasco da Gama, que ajoelhando, prestou juramento ao Rei em seu proprio nome e no de todos os seus, depois do que, levando consigo o estandarte partiu com seus officiaes para Lisboa.

Havia então na distancia d'uma legua da Capital uma pequena ermida, que o Infante D. Henrique fizera edificar á borda do mar sob os auspicios da Santa Virgem, para animar a devoção dos maritimos. Gama quiz hir alli na vespera de sua partida com toda a sua gente passar a noite em oração. Tendo satisfeito á sua piedade, voltaram para Lisboa em procissão, levando tochas na mão, cantando hym-

nos e salmos, com acompanhamento de grande numero de ecclesiasticos seguidos por uma chusma prodigiosa de povo, que a novidade do espectaculo havia attrahido de todas as partes.

Tão horrivel fôra a idéa, que Bartholomeu Dias, e seus companheiros, havião dado dos mares do Cabo da Boa Esperança, que de nenhuma outra cousa se ouvia fallar senão de naufragios, e todos aquelles que se destinavão a tentar aquella passagem, se consideravão, como outras tantas victimas, conduzidas a uma morte quasi inevitavel.

Nossos novos argonautas, enternecidos de tudo o que este apparato tinha de tocante, se viram assim conduzidos até ao porto; alli ajoelhando todos, receberam a absolvição geral como para morrerem, depois do que se embarcaram no meio dos gritos do povo, que se não fatigava de os acompanhar com o coração, e com a vista que não poude arrancar da margem do rio senão quando, fazendo-se á vela por um vento favoravel, desapareceram as embarcações.

(1497) Partiu Vasco da Gama em um sabbado 8 de Julho de 1497. Navegou, a todo o panno, pelo alto mar, em direitura ás Canarias, donde proseguindo na sua derrota, até ás Ilhas de *Cabo Verde*, fundeou, no decimo terceiro dia, na de *Santiago*, onde fez aguada, e tomou alguns refrescos. Tendo-se novamente feito á vela, lutou contra os ventos, e arribou a uma espaçosa enseada, que depois se chamou bahia de *Santa Helena*. Encontrou ahi um povo miseravel; mas de grande bondade e franqueza. Um soldado, por nome Fernando Velloso, obteve do General a permissão de hir só até ás habitações. Foi alli recebido pelos habitantes com bastante humanidade; mas apoderado repentinamente d'um terror panico, de que elle mesmo não soube dar a rasão, se poz a correr quanto podia

para as embarcações. Aquelle pobre povo que ignorava a causa de tão precipitada carreira, o seguia a fim de o tranquillisar: isto como duplicasse o medo do soldado, fazia com que elle mais fugisse; a marinhagem, que se occupava em fazer a aguada, vendo-o vir espantado, e seguido, suspeitando alguma traição, correu ás armas. Os negros atacados põem-se em defeza, fazem chover uma nuvem de frechas e de pedras de que o General ficou ferido n'um pé. O combate se teria tornado mais funesto, a não ser a prudencia de Gama, que mandando immediatamente tocar a retirada fez reembargar toda a gente; e deu á vela.

Como ainda se não soubesse, que havião ventos regulares em certas paragens, os quaes facilitão a navegação em algumas estações do anno, assim como a tornavão perigosissima n'outras, veiu-se infelizmente no conhecimento de que Gama partira na estação a mais inconveniente e contraria do anno, de sorte que quando chegou ao *Cabo da Bôa Esperança*, não encontrou ahi mais do que furacões e tempestades tão horrorosas, que a sua marinhagem, desgostosa pelas fadigas d'uma navegação de perto de cinco mezes, aborrecida do continuo máu alimento, e aterrada ainda mais pelas illusões, que se figuravão em sua imaginação ácerca d'este Cabo terrivel, por muitas vezes se amotinou e de certo se perderia o fructo de tão bella empreza se não fôra a prudencia, e coragem de Vasco da Gama, que tornando-se inflexivel contra todos os obstaculos teve o prazer de dobrar o Cabo da Bôa Esperança em 22 de Novembro de 1497, e achando depois ventos mais brandos, em 25 do mesmo mez e anno, foi tomar terra perto de sessenta leguas acima do referido Cabo, tirando para Leste, em uma bahia a que derão o nome d'aguada de *São Braz*.

Aqui se restabeleceu Vasco da Gama das fadigas que havia soffrido, e achou nos Cafres, habitantes d'esta costa,

bastante facilidade para se prover de novos viveres, os quaes negociou a troco de alguns chocalhos, missanga, e outras mercadorias de vil preço: Mas como se tivesse originado entre elles e os seus, algumas altercações relativamente á permutação dos generos, teve por mais conveniente sahir d'alli, e hir mais longe a um pequeno porto, onde repartindo por todos os seus navios os viveres que ainda restavão no pinque, o fez queimar na conformidade das ordens que levava. D'este porto partiu Gama em 8 de Dezembro, dia da Conceição, mas tanto que se fez á véla, foi assaltado de outra tempestade que, não obstante durar alguns dias, não causou damno, avistando-se no fim da tormenta uma costa que se denominou do *Natal* por se ter descoberto no dia 25 de Dezembro. Era uso estabelecido naquelles tempos, o darem-se geralmente aos paizes novamente descobertos, nomes deduzidos dos mysterios do dia, ou do Santo, cuja festa se celebrava. Pela mesma razão, Gama poz o nome de *Rio de Reis*, a um grande rio em cuja fóz entrou no oitavario da Epiphania (10 de Janeiro) do anno seguinte (1498). Os Cafres d'uma das tribus que habitavão esta costa, o acolheram tão benignamente, e se fez alli o commercio com tanto socego, que lhe chamou *Aguada da Boa Paz*. Tendo-se feito á véla para continuar sua derrota, passou de noite um cabo que denominou *das Correntes* por causa das correntes, que dirigindo-se com grande impetuosidade o abysmavão n'uma vasta bahia donde receou não se poder tirar. Por isso fazendo-se ao largo, passou sem o perceber, toda a costa de Sofála, tão celebre por suas minas de ouro, e que alguns sabios acreditaram, com bastante probabilidade, ser o *Ophir*, onde Salomão enviava suas frotas, e donde colheu todas essas riquezas que tão florescente tornaram seu reinado.

Até alli se achavão os nossos aventureiros quasi desesperados, pois não encontravão, por toda a parte por onde se dirigião em sua derrota, mais do que povos miseraveis, cu-

VOL. II. 9

ja linguagem não entendião, com os quaes era necessario estar-se sempre alerta, e apenas podião obter algumas provisões, a fim de prolongarem a sua existencia, sem que houvesse o minimo indicio de melhor fortuna. Em tão terrivel situação de animo, começou o Céu a ser-lhes propicio, por que tendo entrado em 25 de Janeiro em um grande rio, encontraram algumas almadias, ou pequenos bateis preparados com vélas feitas das folhas das palmeiras, e pelas noticias que ahi colheram, e pareceram de bom agouro, se deu a este rio o nome de *Rio dos Bons Signaes*. E' certo que ahi os habitantes erão tambem negros, mas observavão-se entre elles alguns de uma côr azeitonada, que bem indicava a proximidade de homens brancos. Além d'isso erão mais civilizados e melhor vestidos. Alguns d'elles trazião tangas de algodão, e de linho pintado, barretes de sêda ou de um estofo tecido com fios de ouro e de prata. Houveram mesmo entre elles alguns, que ouvindo pronunciar algumas palavras arabes, puderam conversar com Fernando Martim, que sabia sofrivelmente o arabe, e servia de interprete, mas o que acabou de os animar, foi o dizer-se-lhes que se passassem adiante, encontrarião homens brancos como elles, e navios quasi semelhantes aos seus, os quaes navegavão por aquelles mares, para fazerem o seu commercio naquellas costas.

Póde-se ajuizar qual seria a alegria de Gama, ao ouvir indícios tão favoraveis. Animado d'estas esperanças mais bem fundadas que anteriormente, fez levantar um pilar com as armas portuguezas naquella praia, a que deu o nome de *São Rafael*, e resolveu fazer ahi concertar seus navios. Os naturaes do paiz forneceram de bom grado todos os socorros que puderam. Como porém haja poucos regosijos que sejam completos, foi o de Gama nesta occasião perturbado por um novo genero de enfermidade, até então pouco conhecida, era o escorbuto que fez grandes estragos em

suas tripulações. Esta molestia considerada como uma especie de erysipela fazia inchar as gengivas, e apodrecendo-as cahião todos os dentes, e causava outros terriveis padecimentos. Persuadiram-se de terem descoberto a verdadeira causa d'aquella enfermidade, attribuindo-a ao uso das carnes salgadas, e ao ar pesado do mar. Morreram alguns, mas a maior parte conseguiu escapar.

No dia 1.º de Março de 1498, descobriram-se 4 Ilhas, e os nossos navegantes tomaram terra na de Moçambique, aonde collocaram o padrão de S. Jorge.

Moçambique é uma pequena Ilha, pouco afastada do continente da costa oriental de Africa, a 14º e meio de latitude austral. Os naturaes do paiz, erão Cafres idolatras do reino de *Quilôa*: porém os mouros, sectarios de Mahomet, tendo-se espalhado por estas costas, tinham feito d'esta Ilha uma escala para o commercio de Sofála, e das Indias. Quasi que não havia então na Ilha mais do quemouros, habitando miseravelmente em pobres choupanas feitas de terra, e cobertas de côlmo, de sorte que se não encontrava obra alguma de alvenaria, senão a mesquita e a casa do Cheque, que Ibrahim, Rei de Quilôa alli conservava, para a cobrança de seus impostos. Logo que os Portuguezes se apossaram d'esta Ilha, fizeram d'ella o impório de suas frotas para as viagens das Indias. Moçambique se tornou então um porto dos mais celebres; mas como o ar é ahí mui doentio, foi o lugar da sepultura para uma infinidade de infelizes, que resistindo aos trabalhos de penosas viagens terminaram ahí a sua existencia.

Tanto que Gama appareceu, viu dirigirem-se directamente a elle sete pequenas *almadias*, cheias de gente, e de instrumentistas, em seguida d'um official do Cheque, que do mais longe que poude ser ouvido fez sua saudação

em idioma arabe , e perguntou d'onde vinhão aquelles navios , e para onde se dirigião , mas logo que se assegurou tanto pela bandeira , como pela resposta , que se lhe deu , que os navios erão de Portugal , e que procuravam uma nova derrota para as Indias , declarando-se inimigo jurado dos christãos em virtude de sua religião , e dos Portuguezes por ter sido subdito dos Reis de Fez e de Marrocos , formou desde logo o designio de os perder.

Não obstante como a sua execução não era praticavel d'armas , julgou dever dissimulár o melhor que poudes : comtudo com tão pouca destreza se conduzio neste seu proposito , que Gama , que o observava com a maior attenção , julgou logo por um certo ar de perturbação que lhe notou , que elle meditava alguma perversidade. Como porém conviesse a Gama esclarecer-se em suas suspeitas , tudo se passou em civilidades de parte a parte. Houveram as maiores demonstrações de alegria ; nem o acatamento que os Mouros consagrão ao Alcorão , os impediu de beber o vinho que Gama lhes fez servir. Fizeram-se mutuamente presentes , e por fim convencionou-se o fornecerem-se aos Portuguezes os viveres de que precisavão pelo seu dinheiro , e darem-se-lhes pelo preço que se ajustasse , e dous pilotos para os conduzirem ás Indias. Mas o odio d'estes infieis como não podesse permanecer por mais tempo occulto , foi immediatamente conhecida , por muitos indicios , a sua traição.

Os dous pilotos evadiram-se a nado ; havia-se feito esconder alguns Abexins , com os quaes tivéra Gama já algumas conversas para colher informações , ácêrca dos Estados do Preste-João , por fim romperam as hostilidades , vindo algumas almadias a atacar as lanchas portuguezas que fazião aguada.

Como Gama dirigisse suas queixas , requerendo que se

castigassem os motores de semelhante facto, respondeu-se-lhe com bastante altivez, e terminou a conferencia por alguns insultos, que foram seguidos d'uma chuva de settas. Então Gama irritado por tal comportamento, fez disparar sobre elles alguns tiros de peça, que mataram quatro homens entrando neste numero um dos pilotos fugitivos, que morreu ao lado do chefe. O estrepito d'estes trovões mortíferos, até então pouco conhecidos, ou pouco usados nestes paizes, lançou uma tão subita consternação entre os Mouros, que todos abandonaram a Ilhá n'um instante, para poderem salvar-se no continente. O chefe atemorizado, tornando-se mais docil, concedia a Gama tudo que desejasse, porém contentando-se este em receber um piloto, levantou ferro em 13 de Março, e seguiu sua derrota.

O piloto dado pelo chefe de Moçambique resolveu perder os navios, e não obstante ser vigiado, fez dirigir o rumo sobre umas Ilhotas aonde correu muito perigo a expedição. — Este plano custou bem caro ao perfido piloto, porque Gama conhecendo sua maldade o mandou açoutar com tal asperesa, que sua lembrança ficou perpetua neste lugar, chamando-se-lhes *Ilhas do Açoutado*.

Este castigo fez com que o piloto promettesse que conduziria a frota a Quilôa, cidade opulenta, famosa por seu commercio, e habitada, em parte por christãos Abexins, mas o que elle occultava, era que devendo alli saber-se já, por via de expressos que para isso se havião mandado, tudo o que se passára em Moçambique, se persuadia que deverião ter-se alli adoptado as necessarias medidas para o vingar. Como porém nem as correntes; nem os ventos tivessem auxiliado seus criminosos projectos, aconselhou então o piloto a escala por Mombaça, onde dizia que os Portuguezes acharião as mesmas vantagens que em Quilôa; e Gama considerando-se em vespas de ficar reduzido á ultima ne-

cessidade por falta de viveres, foi obrigado a deixar-se conduzir a esta cidade aonde entrou em 7 d'Abril, vespóra de Ramos.

Mombaça era então uma cidade populosa, e bastante forte, sob a dominação dos Mouros, que alli tinham seu Rei particular, e independente do de Quilôa. Era toda ou quasi toda cercada d'agua, de sorte que formava uma especie de Ilha, ou península, cujo porto apresentava duas gargantas defendidas por uma bôa Fortaleza. Suas casas eram feitas de pedra, e tinha apparencia d'uma cidade Europeia. O ar saudavel, o terreno excellente e productivo, tornavão o paiz delicioso.

Gama, a quem as precedentes traições obrigára a permanecer sempre em desconfiança, não quiz entrar no porto, e se conservou dentro da barra, mas ao largo. Comtudo foi aqui acolhido com as mesmas demonstrações officiosas, que observára em Moçambique; algumas almadias cheias d'homens vestidos á turca, de turbante na cabeça, armados de sabres, punhaes, e escudos, abordaram os navios ao som d'instrumentos musicos, e com indícios d'uma extraordinaria alegria. Gama não permittiu a entrada no seu navio senão a quatro dos mais notaveis da comitiva, e a esses mesmos obrigou a largar as armas. Depois dos primeiros cumprimentos, dos beberetes, e dos presentes que se usavão em taes occasiões, elles lhe representaram, que para sua commodidade, e por sua segurança, devia entrar para dentro do porto, e accrescentaram, que além dos perigos inevitaveis d'uma barra pouco segura, elle por tão extraordinaria conducta se fazia suspeito, e ficaria exposto aos navios que andavão na costa, e que os atacarião como a piratas.

Gama recommendou se expiasse o piloto afim de que

não podesse conversar com estes homens, não obstante elle poude achar meio de lhes communicar o que se passára em Moçambique, o que tendo-lhes excitado odio, e inspirado os mesmos sentimentos de vingança, e de dissimulação, instaram ainda mais para que a expedição entrasse no porto, Gama para lhes desvanecer toda a desconfiança, e ao mesmo passo querendo tomar suas medidas de precaução, lhes prometteu, que o faria no dia seguinte, comtanto que elles lhe ministrassem um bom piloto; e com esta esperança os despedio, satisfeitos pelo bem que forão tratados, e pelos presentes que se lhes fizeram.

Vasco da Gama quando partiu de Portugal recebeu a bordo dez homens, que se lhe entregaram em ferros, e que havendo sido sentenciados á morte por seus crimes, podião ainda esperar o merecer que se lhes perdoasse, conforme, os casos que occorressem, e nos quaes elle rasoavelmente não podia expor homens mais honrados. Gama devia servir-se d'estes homens nos casos de desconfiança, e por este motivo havia já deixado alguns em sua derrota.

No dia seguinte como alguns Mouros de consideração viessem visital-o, e o instassem a que cumprisse sua palavra, Gama pediu ainda dous dias de espera, sob o pretexto de que era então a Paschoa dos christãos, mas que entretanto passava a enviar dous individuos de distincção para cumprimentarem da sua parte o Rei, e de lhe assegurar que no terceiro dia entraria no porto. Erão dous d'aquelles criminosos, aos quaes havia dado suas instrucções; mas como fossem conduzidos com as mesmas precauções, que se usão nas praças de guerra em tempos suspeitosos, elles não poderam informar senão da quantidade de gente que haviam visto, da belleza do palacio do Rei, e da audiencia que este lhes dera.

Gama resolveu finalmente entrar no porto, e os Mouros para o obsequiarem vierão em muitas lanchas, elegantemente empavesadas, e em que o numero e a variedade de instrumentos formavão um concerto de musica mourisca, que não era de todo desagradavel: algumas d'estas lanchas se encostaram aos navios, e por mais esforços que se fizeram, entraram nelles maior numero de homens que aquelle que se desejava. Gama deu ordem de apparellhar, o que causou summo prazer aos Mouros, que se persuadiram terem já sua preza entre mãos, mas quando os navios estavam com as velas largas, a capitania difficulosamente recebia vento, Gama receando que não podendo ser governada fosse dar sobre uma restinga proxima, fez lançar um pequeno cabo para abordar, e amainar as vellas, e como esta subita manobra se não podesse executar sem grande movimento, e a presença do perigo communicasse mais acção á marinhagem, os Mouros que se achavão dentro dos outros navios, e que ignoravão a causa d'esta inesperada manobra, persuadiram-se que estava descoberta a sua traição, e se precipitaram todos no mar para se salvarem a nado. Os que se achavão na capitania, e conjunctamente o Piloto traidor de Moçambique, author occulto d'esta conspiração, seguiram este exemplo. Gama advertido por este acontecimento de sua maquinação, no que mais o confirmaram os esforços que os Mouros fizeram mandando de noite homens para picarem as amarras, deu á vella em 13 de Abril para hir procurar um porto mais seguro, e uma nação menos perfida; e como encontrasse dous bateis que se dirigião para Mombaça, elle os tomou, e posto que a maior parte dos Mouros que nelles se achavão se lançassem ao mar, ainda se aprisionaram treze, que sendo interrogados separadamente declararam que se achavam proximos d'uma cidade florescente, por nome *Melinde*, cujo Rei protegia em extremo o commercio, acolhia benevolamente os estrangeiros, e que alli acharia Gama pilotos que o conduzissem ás Indias, as pro-

visões que desejasse, e toda a sorte de mercadorias. Em vista de taes informações, Gama não hesitou um momento em se dirigir para alli, e entrou no porto no dia 15 de Abril, Domingo de Pascoa.

Melinde situada n'uma bella planicie, era toda cercada de magnificos jardins. O Rei d'este paiz, possuia todas as boas qualidades que constituem um homem honrado e probó; e tanto que Gama lhe mandou dar parte de sua chegada, por um d'estes criminosos, de que temos fallado, acompanhado d'um dos Mouros que ultimamente se haviam aprisionado, elle se lhe mostrou agradecido pela chegada dos Portuguezes, e se julgou por muito obsequiado em ser procurado, de tão longe, por um Principe poderoso, do qual, pelo que se lhe havia referido, formava uma alta idéa. Neste sentido, teve lugar entre a Côrte, e Gama uma alternada correspondencia de polidez, e de boa fé, que de parte a parte causou satisfação. O Rei, que sua idade, em extremo avançada, fazia estar de cama, havia deixado o cuidado dos mais importantes negocios a um filho legitimo, herdeiro de seus Estados, por suas qualidades digno de um tal pai. Este Principe como tivesse igualmente concebido uma verdadeira estima pelos Portuguezes, applicava-se a demonstrar-lho de todos os modos possiveis; mas querendo attrahir o General a terra; mandou rogar-lhe que não recusasse uma visita a El-Rei seu pai, que mui ardentemente o desejava vêr, e que seus achaques empecião de sahir de sua casa, offerecendo-lhe, ao mesmo tempo, a fim de lhe tirar todo o motivo de desconfiança, os seus dous filhos em refens.

Gama, a quem tantos obsequios punhão ainda em maior desconfiança, se desculpou com as terminantes ordens que recebera d'El-Rei e accrescentou, que não obstante, se quizesse fazer-lhe a honra de vir conferenciar a bordo, pela sua

VOL. II. 10

parte faria metade do caminho para o hir encontrar. O Principe a quem sómente a sinceridade, e a estima fazião obrar, quiz nesta occasião renunciar ás etiquetas que a sua dignidade requeria, e consentiu no que se lhe propozêra. Gama, lisongeado d'um passo, que o nivelava com um Soberano, deu as convenientes ordens ás guarnições dos navios, fez empavesar a sua lancha, e não omittiu cousa alguma que podesse fazer aquella entrevista a mais solemne possível. Por outro lado o Principe, querendo dar-lhe uma idéa de sua grandeza, avançou para o porto sentado sobre um palanquim, seguido d'um numeroso cortejo; no meio das vozes, e instrumentos musicos que em torno d'elle formavão um concerto. Gama logo que viu embarcar o Principe, desceu para a sua lancha, e quando se aproximaram o Principe entrou com toda a franqueza na lancha de Gama, abraçou-o com ternura, e tendo-se restabelecido um pouco do susto que as salvas d'artilheria dos navios lhe motivaram, e que por essa rasão forão mandadas suspender, teve lugar entre elles uma agradável conversação, durante a qual, o Principe visitou todos os navios, a fim de os examinar, Gama pela sua parte, desejou ver a cidade d'um ponto mais proximo, mas sem desembarcar. Assim; depois de terem feito juntos muitos giros se separaram, mutuamente satisfeitos um do outro; mas o Principe particularmente ficou ainda mais encantado do presente dos treze escravos Mouros, que Gama lhe fez, do que de todos os outros que recebêra.

Havião no porto, quando Gama alli chegou, quatro navios das Indias, em que se achávão christãos Indios, alguns Banianos, e um mouro de Guzarate, os quaes mostraram grande alegria, ao verem os Portuguezes. Esta não foi menor da parte de Gama que teve toda a liberdade de lhes fallar, e das frequentes conferencias colheu esclarecimentos, e instrucções salutaes, que muito lhe convinha saber.

Pretendem alguns escriptores, que foi nestas intrevistas de Gama com os Indios, que elle aprendeu uma nova maneira de tomar alturas, e de fazer uso da *bussola* que sem contrariedade são dous pontos tão essenciaes na navegação, que, sem elles, esta se tornaria impossivel nas grandes viagens. Diz-se que tendo-lhes Gama feito ver o seu astrolabio, e o que os mathematicos portuguezes havião inventado para uso dos pilotos, elles longe de se mostrarem admirados, ao contrario lhe apresentaram cousas ainda mais perfectas n'esta materia, que affirmavão serem communs tanto aos Arabes, que navegavão no mar Vermelho, como igualmente a todos os que frequentavão o mar das Indias. Que lhe fizeram, em particular conhecer esta admiravel alliança do imã e do ferro na agulha magnetica, e que Gama, na sua volta para Portugal publicou todos estes conhecimentos; o que seria certamente um dos maiores serviços que Portugal teria podido fazer á Europa.

Mas posto que haja quem se persuada, que o conhecimento da *bussola* particularmente possa ter vindo das Indias á Europa, como a imprensa, e a polvora que existião na China, muitos seculos, antes das viagens dos Europeos ao Cattai (*) no tempo das Cruzadas, contudo não consta que fossem os Portuguezes os que os transmittissem ás Nações Europeas. Alguns attribuem a sua invenção ao Napolitano Flavio Melpha, dous seculos antes das primeiras navegações dos Portuguezes (**)

(*) Chamava-se assim antigamente a parte septentrional da China que hoje comprehende as trez grandes provincias de Chausi, cuja capital é Sin-Guan-Fon; de Chausi, cuja capital é Tay-Janen-Fon; de Pe-Tche-Li, cuja capital é Pekin.

(**) A origem da *bussola* perde-se na obscuridade dos tempos remotos, e no labyrinth das conjecturas. Uns attribuem como o author a Flavio de Melpha Napolitano, que

Gama não encontrou difficuldade em se abastecer de tudo que necessitava para seguir viagem. Alguns Mouros e Indios que se achavão em Melinde, mas que erão a ella estranhos, pediram passagem a Gama, e quizeram hir em sua companhia. O Principe hereditario lhe permittiu o collocar alli um pilar com as armas d'El-Rei de Portugal, como um testemunho de sua alliança com este Monarcha. Deu um habil piloto, indio de nação, e finalmente, por cumulo de sua cortesia, exigiu de Gama a promessa de passar por Melinde na sua volta para Portugal, a fim de estreitar ainda mais os laços de sua amisade, e tomar a seu bordo os Embaixadores que pertendia enviar, em seu nome, a El-Rei D. Manuel.

A expedição sabiu de Melinde no dia 24 de Abril, e tomando o rumo de Nordeste, atravessou aquelle grande golfo cortando em direitura ao Indostão, e em 20 de Maio de 1498 entrou Vasco da Gama em Calecut, fim d'esta extraordinaria navegação.

Posto que pelo nome generico de Indias Orientaes, se entendão commumente todas essas vastas regiões da grande Asia, que ficão além do mar d'Arabia, e do reino da Persia, comtudo as Indias não são mais do que es-

vivia no seculo 13.º, posto que Guyet de Provins antigo poeta francez do 12.º seculo attesta em uma de suas obras ser instrumento conhecido de seu tempo. Pretendem outros que ella deve sua origem á França. Outros pensão serem os inglezes, que podem disputar essa gloria, ou pelo menos que elles a aperfeçoaram. Outros tem-a como originaria da China. Outros finalmente affirmão, que Marco Paulo, ou outros Venezianos que hião ás Indias e á China pelo mar Vermelho, forão os que fizeram conhecer esta importante experiencia, cujo uso fôra depois aperfeçoado por differentes pilotos entre os Européos.

se grande espaço de terra firme, limitado ao Occidente pelo rio *Indo*, de que todos estes paizes tiraram o nome, o qual os sepára, por aquella parte, da *Gedrosia* (*), da *Caramânia*, da *Persia* e da *Arrhénia* (**) provincias que se extendem até ao mar Caspio. Tem, ao Septentrião, os montes Imaús, que são um prolongamento de Cáucaso, e as separam da Sythia e da Tartária ao Oriente, o imperio da China ao meio dia o mar Oceano, chamado tambem mar das Indias, sobre o qual avanção grandemente as duas vastas peninsulas d'aquem, e d'além do Ganges, entre o mar d'Arabia, e o da China, onde se acha um archipélago semeado d'innumeravel multidão de Ilhas sem nome, muitas das quaes formão por si só Estados consideraveis. A India porém, considerada d'uma maneira mais precisa, e comprehendida entre limites mais apertados, é o que os naturaes do paiz chamão *Indostão*, e contem todo o paiz, comprehendido entre o Indo e o Ganges, ambos os quaes, sabindo dos montes Imaús, e correndo de Norte a Sul, vão lançar-se no Mar das Indias.

(*) A Gadrosia era o nome que antigamente davão a uma provincia asiatica dos Estados da Persia, tendo por limites ao Occidente a Caramânia; ao Norte a Drangiara, e a Arakosia; ao Oriente o rio Indo e ao Sul o mar das Indias.

(**) Ariana parece ser a Arrhénia de hoje, paiz d'Armenia.



CAPITULO IV.



ANNOS DE 1499 E 1500.

Descreve-se o Indostão, Quaes os seus Principes, e a origem d'estes. Distinguem-se as differentes castas de seus habitantes. A que deoses rendem culto: e quaes sejam seus livros sagrados. Como se habilitão os Brachmanes para o sacerdocio. Sua vida edificante. Qual a casta dos Naires ou nobres. Em que se occupão as castas populares: qual a condição das mulheres, e a magnificencia dos templos. Importancia de Calecut; circumstancias que tornão impraticavel o mar das Indias em certas épocas do anno. Como se conduz Gama para com o Gamorim, e como se viu obrigado a sair d'alli. Passa ás Ilhas d'Anchedivas, faz concertar alli seus navios, e

tendo feito aguada, faz-se á vela para Portugal. Vai a Melinde, onde recebe um Embaixador do Rei. Nas Ilhas de S. Jorge perde um navio sobre um banco de areia. Dobra o Cabo da Bóia Esperança. Passa pelas Ilhas de Cabo Verde, Açóres, e chega a Lisboa. Sua entrada solemne na Capital. Obsequios e mercês que El-Rei lhe fez. Edifica El-Rei D. Manuel, em acção de graças, o Mosteiro dos Jeronimos em Belem. Trata de fazer apromptar uma nova, e numerosa frota com destino ás Indias. Pedro Alvares Cabral é nomeado General em Chefe. Solemne partida d'este porto de Lisboa. E' impellido pelos temporaes para um porto da Costa d'America, a que deu o nome de Porto Seguro, e á terra descoberta o de Santa Cruz. Descripção de seus habitantes. Faz alli colocar um pilar com as armas de Portugal em signal de posse, e manda para Portugal um navio com esta noticia. Quatro de seus navios naufragão perto do Cabo da Bóia Esperança, e os demais são dispersados por uma violenta tempestade. E' bem recebido em Moçambique e evita uma traição do Rei de Quilóa. Toca em Melinde onde deixa o Embaixador que Gama d'alli levára. Recebe aqui os maiores obsequios e juntamente dous pilotos que o conduzem ás Indias.



Indostão foi já quasi todo do Imperio do Gram Mogol. No tempo em que os Portuguezes o descobriram, estava repartido entre cinco poderosos Monarcas, cada um dos quaes tinha muitos Reis tributarios. Erão estes os Reis de Cambaia, Delhi, Décau, Narsinga, e Calecut. Este ultimo era conhecido pelo nome de Çamorim, que corresponde ao de Imperador. Seus Estados erão os mais ba-

nhados pelo mar, e se estendião por todo o Malabar (*).

Estes Principes, successores de Porus, erão todos, originariamente gentios. A antiga idolatria, e as orgias de Bacho, transmittidas de individuo a individuo, erão ainda a religião dominante entre a maior parte d'elles, e se achava em todo o seu esplendor. Observava-se alli a mesma distincção das castas, ou tribus, de que nos fallaram os antigos geographos e os escriptores que se occuparam das acções de Alexandre o Grande. Entre estas castas, distinctas por nascimento, e eternamente ciosas da superioridade, que conservavão umas sobre outras, as mais consideraveis erão as dos Brachmanes, e as dos Naires, ou Nobres.

Os Brachmanes, nascidos do sangue dos antigos Gymnosophistas (**) herdeiros de seu espirito, e de sua doutrina, erão os unicos depositarios da religião de seus antepassados, os oráculos de seus deuses, os interpretes de suas leis, e os unicos que tinham direito ao Sacerdocio e ao ministerio dos altares. Elles reconhecião um Sêr supremo, chamado *Parabrôma*, a qual produziu trez Deuses superiores a todos os outros, que na opinião dos *Nianiquelos* não formão todos juntos mais do que uma unica Divindade, posto que segundo a idéa commum e popular, sejam trez Sêres creados, e subalternos, aos quaes o Ente Supremo delegara tudo. *Brâma*, o primeiro dos trez é o Deus Creador.

(*) Hoje o nome de Indostão é applicado a toda a península áquem do Ganges, e se acha dividido em cinco Estados principaes, que são os da Maharatas de Pounah, os de Behrar; os de Nizan do Décau; os da Seyks, e os dos Ingлезes. Estes possuem Bengala, parte do Babor, d'Orixa, d'Albahabad, Circars, Carnat, e os Estados de Tipo-o Sultão.

(**) Antigos philosophos da Ethiopia os quaes andavão quasi nús, e levavão uma vida mui austera, contemplando a natureza.

delle que saíram os Deuses inferiores, e todos os seres visíveis e invisíveis. *Vichnú* o Deus conservador, e *Rutrem*, o Deus destruidor. Os Brachmanes, em memoria d'estes Deuses, trazem de tiracóllo trez cordões unidos, e compostos, cada um de trez fios de differente côr, como testemunho d'uma profissão de sua fê, que se presume ser uma idéa corrompida da revelação do mysterio da Trindade, e uma devisa distincta do seu estado, e da sua casta. Estes trez Deuses incarnaram muitas vezes sob differentes fórmãs, teem alcançado sobre os demonios muitas victorias, as quaes se vião differentemente expressas sob as figuras emblematicas dos idolos, adorados em seus templos.

Além d'estes trez Deuses, ha uma infinidade de outros, distribuidos por diversos *Chorcâmos* ou Paraizos. Suas idéas sobre as encarnações de seus Deuses tem muita relação com as fabulas da mythologia dos Gregos, e suas differentes classes de divindade, ás idéas dos antigos Egypcios e dos Platonicos, de que Jamblico nos deu uma extensa descripção no seu livro *dos mysterios*. A sua doutrina sobre a Palingenesia ou a reproducção do mundo, e a transmigração das almas, é inteiramente conforme á de Platão, e de Pythágoras. Não ha nada mais extravagante do que a sua religião, sob a apparencia das fabulas em que se acha envolvida. Os principios de sua moral serião muito bons, se elles fossem observados, e se mesmo a sua religião os não alterasse e os não corrompesse. As suas ceremonias legaes são infinitas, e misturadas de todas as fatuidades da astrologia judiciaria, da magia, e d'uma tão minuciosa superstição, que póde dizer-se ser levada aos ultimos excessos.

O *Védam* é dividido em cinco livros, e contém toda a sua religião, seus mysterios, e preceitos. Elles o tem d'uma tradição immemorial. O *Védam* é reputado entre elles, como entre nós o são as santas escripturas, e es-

tá escripto em linguagem tão antiquaria, que mui poucos ha entre elles que o entendão. Os commentarios supprem o texto. Fazem d'elle um estudo que fórma quasi a occupação de toda a sua vida. Começão-no desde os seus primeiros usos da rasão, e á medida que progridem na idade, são admittidos a conhecimentos mais sublimes, aos gráus de suas Universidades, e ás diferentes ordens de sua jerarchia. Este curso d'estudos é ao mesmo tempo um curso d'iniciações, cujas provas constituem um duro noviciado, os quaes se tornão mais rigorosos á medida que se é promovido a gráus elevados; e por consequencia em suas opiniões mais santas. Em geral, a sua vida mui austera, é sujeita a uma infinidade de observancias legaes. Não comem cousa que tivesse vida; passão de esmolos, e prezão-se d'uma regularidade extrema: regularidade apparente, que impondo a povos nimiamente supersticiosos, os tornão o objecto da veneração dos mesmos, e lhes inspirão tanto orgulho para com sua propria pessoa, e tanto desprezo para com os outros, que ainda o mais miseravel da casta dos Brachmanes se julgaria manchado, se fôra tocado pelos Reis, ou se comesse com elles, se esses Reis não fossem Brachmanes, posto que não tenham difficuldade alguma em se fazerem seus cosinheiros, e servil-os nos ministerios os mais vis.

Nem esta austeridade de vida é a mesma para todos, é differente, conforme as seitas, e os diversos Deuses, que elles fazem profissão de servir mais particularmente. Uns vivem na sociedade, outros passão a vida retirados. Uns são cazados, outros professão o celibato. Alguns ha que vivem em numerosas communidades, outros se entranhão pela solidão, e entre estes ha differentes ordens de penitentes, cuja vida é tão excessivamente inhumana que se não podem lér sem horror as crueldades que elles praticão a si proprios.

A segunda casta é a dos Naires, ou dos Nobres, de que ha duas classes que se podem considerar como a sua alta e a sua pequena nobreza. Pertencem á primeira os Rojaes, e os Caimaes, que são pequenos Soberanos, ou outras pessoas qualificadas como entre os Europêos os Duques Marquezes, Condes, etc. A pequena nobreza comprehende os Naires puros. Estes fazem profissão das armas, e são educados, desde a idade de sete annos, em Academias analogas ás dos nossos antigos Cavalleiros Europêos. Os rigores que elles alli experimentão são extraordinarios, e se se tornão habéis na arte da guerra, pode dizer-se que a comprarão por ensaios terriveis. Não podem servir nos exercitos, nem pegarem em armas, em quanto se lhes não tenha cingido a espada solemnemente depois d'um certo numero de annos, que terminão o curso d'estes penosos ensaios. Elles se exercitão de continuo nestes ensaios, e este exercicio lhes procura uma tão assombrosa destreza, força, e ligeireza, que se não pode perceber, e tal desprezo da morte, que parece inacreditavel. Aquelles d'entre os Naires chamados os *Affeicoados*, e que ligaram a sua vida, por juramento á de algum principe, são de todos elles os mais perigosos e temiveis. Fieis a seu juramento, não deixão jámais de seguir seu protector á sepultura, mas para o defenderem, não ha perigo a que se não exponhão, nem genero de morte que não arrostem. Comtudo elles são extremamente supersticiosos, e feros de sua superstição sem embargo de serem todos elles mendigos, e miseraveis. Por mui longe que appareção na rua gritão, que se affastem para elles passarem pelo receio de serem manchados, caso que alguém do povo lhes toque. O que se torna mais singular é que muitos d'entre elles, e principalmente os irmãos, teem uma mesma esposa, a qual elles repartem sem ciuime. Não transmittem suas heranças; senão aos filhos de suas irmãs, ou de outros seus parentes da parte materna

As demais castas do povo miúdo disguem-se, como Heródoto nos conta a respeito dos primeiros Egypcios, pelas suas profissões, são negociantes, lavradores, guardadores de gado, e mesmo ladrões. A mais miseravel de todas estas castas é a do *Parias* os quaes comem a carne dos animaes, e que por esse motivo se tornão tão abominaveis, que apenas são olhados como homens.

A condição das mulheres é nas Indias mui penosa pela obrigação que teem de se queimarem sobre o corpo de seus maridos, sob pena de cahirem no ultimo despreso, e de serem obrigadas a prostituirem-se para o serviço dos templos, abominação que a sua religião authorisa, como igualmente o costume deshumano de se fazerem esmigalhar debaixo das rodas de carros dos idolos, ou de se fazerem morrer barbaramente em honra dos mesmos.

Nada havia que igualasse a magnificencia de seus templos ou pagodes, e a ser verdade o que alguns authores affirmão, só o portico d'um d'estes templos, onde se guardavão as victimas destinadas aos sacrificios, se compunha de setecentas columnas, que igualavão em belleza as do soberbo Panthéon de Roma; pode-se avançar que duas estupendas obras iguálão e mesmo excedem os edificios do antigo Egypto. Seus pagodes são mui ricos; seus mosteiros mui numerosos, e mui bem fundamentados, seus idolos carregados de joias d'um valor incalculavel, de sorte que se formaria uma vantajosa idéa de sua religião, a julgal-a simplesmente pela sua opulencia.

Calecut era então a séde do sacerdocio e do imperio, e ao mesmo tempo a cidade mais opulenta d'estes paizes, e ponto geral da reunião de todas as riquezas e preciosidades do Oriente. Vião-se girar no commercio os diamantes e as pedras preciosas das ricas minas do Indostão, as pe-

rolas, o ouro, a prata, o ambar, o marfim, a porcelana, os estófos de seda, os de linha estampados, o algodão, o anil, o assucar, as especiarias de toda a sorte, a madeira preciosa, os arômas, e geralmente tudo o que pode contribuir para o uso, e para as delicias da vida.

O Indostão é atravessado por uma cadêa de montanhas, que o cortão pelo meio, e terminão no celebre Cabo de Çamorim. O que aqui ha de mais maravilhoso, é que n'um mesmo clima, nas mesmas épocas do anno, e n'um espaço tão pequeno, como a espèssura d'esta cadêa, as estações são de tal modo reguladas, que os que ficão a Leste d'estas montanhas gozão d'um estio mui secco e bello, em quanto que os do poente jazem abismados n'um inverno, que dura todo o tempo dos nossos calores na Europa. O inverno faz-se menos notavel pelo frio que ali se sente, do que pelas continuas chuvas, e ventos fortes que tornão os mares das Indias impraticaveis, o que obriga os estrangeiros, que conhecem a sua época, a prevenil-os aproveitando-se da monção para se retirarem para os seus paizes, e forçar os naturaes do paiz a pôrem seus navios a coberto, trazendo-os para os estaleiros, ou para os arsenaes onde se conservem seguros.

Como fosse em tal época que Gama arribou a estas costas, conheceu-se logo pela dita chegada melhor do que pela fórma desconhecida de seus navios, que elle vinha de paizes mui remotos, e tinha pouco uso da navegação d'estes mares. Permittiu porém a sua boa fortuna, que á sua chegada, aquelles que elle enviou para terra afim de participarem ao Çamorim o objecto de sua vinda, encontrassem um estrangeiro, que perguntando-lhes em bom castelhano o que vinhão alli buscar, se lhes deu depois a conhecer, e de tal sorte se lhes affeioou, que aos seus bons officios deveu Gama o magnifico acolhimento que recebeu em Calecut.

Era um Mouro, natural de Tunes, por nome Monzaida, fallava muito bem o Castelhana, havia conhecido os Portuguezes em Africa, e posto que seu inimigo pela differença da religião, como em toda a parte se encontrão homens de bem que aprecião o verdadeiro mérito, Monzaida estimava os Portuguezes como guerreiros generosos. Exercia elle então o officio de Corretor, ou Agente de commercio em Calecut. Conheceu-se que era amigo do outro Mouro que Gama mandava na companhia de um dos criminosos que consigo levára, de maneira que tendo-os desde logo convidado para a sua casa, obsequiou os Portuguezes com tanta candura e civilidade, que parece que o Ceo quiz de futuro recompensal-o inspirando-lhe a graça da propria conversão.

Havendo primeiramente uegociado com o Catual, ministro do Çamorim em Calecut, relativamente ao commercio, e aplanado as difficuldades que se offereceram, fez porver á segurança da pequena frota, fazendo-a entrar no porto, que fica um pouco afastado da cidade; e de tal sorte se conduzio que o Çamorim sentindo lisongeada a sua vaidade de vêr uma nação nobre, guerreira, rica, e poderosa, vinda das extremidades da terra, sollicitar a sua amizade, e pedir-lhe a graça de lhe abrir seus portos, quiz receber Gama na qualidade de Embaixador d'um dos maiores Monarchas do Mundo.

Sendo pois necessario que Gama se apresentasse pessoalmente, a desconfiança em que estavam os Portuguezes sobre estas costas barbaras, e até então desconhecidas, motivou difficuldades no conselho que se convocára. Paulo da Gama foi o que mais energicamente se oppoz ao desembarque de Vasco da Gama, e tão solidas erão suas razões que com ellas poude trazer os mais á sua opinião. Mas Gama cortou por sua resolução todos os embaraços, e tendo dado

as convenientes ordens a seu irmão para em seu lugar exercer as funções de chefe, e determinando que Nicoláo Coelho, conduzisse as lanchas, encostando-as sempre á terra o mais que podesse, a fim de que lhe fosse facil a retirada, ordenou a seu irmão, em virtude de sua authoridade, que ainda quando elle visse cravarem-lhe um punhal no coração, preferisse o serviço d'El-Rei ao cuidado de sua vida, que não fizesse o menor movimento para o soccorrer, nem para o salvar, mas que aparelhasse immediatamente, e partisse para Portugal, a participar a El-Rei os detalhes d'esta viagem, e a descoberta das Indias.

O discurso que Gama pronunciou nesta occasião arrancou lagrimas a toda a sua gente, elle porém conservando sempre seu sangue frio, e certo ar de intrepidez que reanimava a coragem abatida de todos, escolheu doze pessoas para lhe servirem de cortejo, e preparado com seus mais ricos uniformes, entrou nas lanchas, e se dirigiu para terra ao estrepito da artilheria dos navios, e ao som dos tambores, pifanos e trombetas, o que produzia uma especie de pompa que não deixava de tirar todo o seu valor da novidade.

O Catual, que o esperava ao desembarque, acompanhado de duzentos homens, parte para lhe transportar suas bagagens, e parte para formar sua guarda de honra, tendo-o recebido com bastantes demonstrações de amizade, o fez subir para um palanquim, e elle entrou n'outro, seguindo-se dous a dous os portuguezes do cortejo, no meio de uma immensa chusma de povo, que a curiosidade atrahia de todas as partes, e ao qual as figuras, e os vestidos d'estes novos hospedes parecião tão extravagantes, como os d'estes Indios o podião parecer aos Portuguezes.

Era necessario que este cortejo se dirigisse até Pau-

derane, palacio de recreio, em que então se achava o Camorim, a cinco milhas de Calecut. Atravessou-se esta cidade sem parar, e foi-se dormir a uma pequena povoação que ficava na estrada. No dia seguinte continuou-se a marcha. Havia na estrada dous pagodes ou templos de idolos, onde foi necessario entrar. Os Portuguezes, que se persuadião que todos os Indios erão christãos, antigamente convertidos á fé por S. Thomaz, tomaram-nos por igrejas. Forão confirmados nesta idéa pelos Brachmanes, que collocados em allá á porta lhes apresentavão suas aguas lustraes, que elles suppozerão ser agua benta, e com as quaes mui devotamente fizeram em si o signal da cruz. Apresentaram-lhes depois uma pouca de cinza de bosta, que elles mui humildemente poseram em suas cabeças. Como entrassem para dentro dos templos prostraram-se diante dos idolos. E' verdade que as figuras d'estes idolos lhes motivaram alguma suspeita, mas ficaram socegados logo que viram um, que muito se parecia com o da Santa Virgem, tendo seu filho ao collo, e como alguns Indios tivessem pronunciado o nome de *Marian*, elles se persuadiram, que effectivamente era a Virgem *Maria*, e a adoraram com aquella devoção, que foi sempre particular á Nação Portugueza; entretanto um d'entre elles mais desconfiado que os outros, exclamou: « Que elle adorava a Deus, mas que se erão demonios, renunciava a esta adoração de muito boa vontade. » Gama que o ouvira, não poudé deixar de rir, mas nem elle, nem os outros, por isso que seu erro muito divertiu os Indios, se derão por enganados.

Foi n'um d'estes templos que o irmão do Catual, que se achava n'uma dignidade mais eminente, veio receber o Embaixador acompanhado de grande numero de Naires, e de um sequito muito mais luso, e nobre que o primeiro. Gama subio a outro rico e magnifico palanquim, estava tão contente da sua sorte, que repetidas vezes

dizia com prazer: Que estava bem longe de se pensar em Portugal, que a nação viesse receber em tão remotos paizes tantas honras, quantas actualmente recebia em sua pessoa.

D'esta sorte chegou o acompanhamento ao palacio do Rei. Vierão receber o Embaixador á entrada os senhores mais qualificados do Estado, e o conduziram atravez de cinco espaçosos páteos, a cujas entradas havião guardas, que á força de bastonadas procuravão affastar a populaça, mas era tão vivo o empenho que todos tinhão de ver os novos hospedes, e tão grande o aperto, que morreram algumas pessoas suffocadas.

A sala da audiencia grande e espaçosa, estava ornada de ricas tapessarias de diversas côres, e o pavimento tapizado de veludo verde: todo o circuito da mesma occupado com assentos dispostos em amphitheatro, e ricamente enfeitados: no fundo da sala havia um sophá ou leito de descanso, no qual estava o Çamorim com a cabeça languidamente reclinada sobre algumas almofadas. Mostrava sêr de mediana idade, bella estatura, e de boa presença. Tinha na cabeça uma especie de barrete em fórma de tiara ou mitra. Uma tunica branca semeada de rosetas de ouro, e que lhe descia até aos joelhos, era todo o seu vestido. Diversos anneis de ouro com pedras d'um valor inestimavel ornavão suas mãos. Seus braços e pernas estavam nus, e aformoseados com braceletes guarnecidos de pedraria tão brilhante, que offuscavão a vista. Tinha diante de si dous grandes vasos de ouro, um dos quaes continha o seu betel, que lhe era apresentado por um dos senhores mais qualificados da côrte, (*) o outro estava cheio

(*) Betel é uma planta, ou especie de trepadeira das Indias cujas folhas os Indios mascão sem cessar, por ser fortificante das gengivas, e estomacal.

d'agua para elle enxaguar a boca, era do mesmo metal a bacia em que escarrava.

Tanto que o Embaixador appareceu á entrada da sala, o Grande Brachmane ou Pontífice da Côrte, ancião respeitavel por sua idade, e representação, caminhando para elle, o conduzio até ao meio da sala e o apresentou ao Rei. Depois de Gama e os seus terem feito a saudação ao modo do paiz, segundo se lhes ensinára, o Çamorim os fez sentar. Serviram-se-lhes então algumas fructas, e outros refrescos, que os Portuguezes comêram com grande appetite. Durante a comida, ou fosse porque o porte d'estes estrangeiros, ou a sua maneira de comer tivesse alguma cousa desagradavel para o Çamorim, que conversava de mansinho com aquelle que lhe apresentava o betel, é certo que elles fazião o objecto d'aqnella conversação. Logo que acabáram de comer, os Portuguezes pediram de beber, e se lhes serviu agua, porém como quizessem conformar-se com o uso do paiz, bebendo sem tocar o vaso com os beiços pelo receio de se mancharem, este modo de beber, que lhes era tão estranho, sortiu tão máu effeito, que com isso ministraram aos circumstantes um novo motivo de divertimento.

O Çamorim logo que terminou o refresco mandou dizer a Vasco da Gama que podia communicar a sua mensagem a alguns d'aquelles senhores, que estavam em torno d'elle. Gama persuadido de que d'esta sorte era menoscabada a dignidade d'El-Rei, respondeu que os Reis não communicavão senão com os Reis, e com os ministros d'estes, e na presença de poucas pessoas. O Çamorim teve a complacencia de condescender com os desejos do Embaixador, e o fez passar para uma camara proxima, onde elle mesmo se apresentou com alguns de seus principaes officiaes.

Leu-se então alli a carta d'El-Rei de Portugal. Gama

pronunciou um discurso concebido quasi nos mesmos termos. O Çamorim respondeu a tudo com bondade, e em termos curtos e precisos, que davão a entender que estimava a alliança d'um Principe, que o prevenira d'uma maneira tão agradável, e testemunhou estar prompto a promover o seu commercio, logo que se lhe fizesse saber que mercadorias se trazião, e que generos se desejavão do seu paiz. Depois do que tendo perguntado ao Embaixador com que gente desejava ficar, se com os mouros, ou christãos (porque assim chamava aos Indios gentios, que Gama qualificava de christãos) o fez conduzir a Calecut, aonde foi tratado magnificamente.

Até alli tudo havia caminhado o melhor possível, duas cousas porém destruíram as bellas esperanças que Gama entretinha d'um bom exito, a primeira foi a impossibilidade em que se achou d'offerecer presentes a um Principe tão poderoso, pois o que mandára era tão insignificante que fôra regeitado com desprezo. Qualquer raridade da Europa teria sido sufficiente; mas a Côrte de Portugal não teve cuidado de a obter. Gama se desculpou o melhor que pôde, allegando: « Que havia quasi um seculo que os Portuguezes procuravão um caminho para chegar á Côrte do Imperador das Indias: Que todos os capitães que até então se havião enviado para esse fim, voltaram desesperados de fazer tal descoberta: Que elle proprio partira na incerteza de poder acertar melhor; e que não chegára até alli senão depois de ter supportado trabalhos incriveis. Que a amizade d'El-Rei de Portugal valia mais que todos os presentes da terra, e que se presentes era o que se desejava, na sua volta ás Indias, os faria tão valiosos, que por elles saberião avaliar o Monarcha, a que tinha a honra de pertencer. » Taes rasões erão verdadeiras e legitimas, porém era desagavel não haver que dar mais do que bellas palavras n'um paiz interesseiro, aonde os Embaixadores

nunca se apresentavam aos Reis e a seus Ministros com as mãos vãs.

A segunda causa porém do mau resultado dos negocios dos Portuguezes em Calecut, foi a intriga forjada pelos mahometanos, e nesta cabala entrou mais a intriga do que a differença da religião. Elles fazião um grande commercio em Calecut, onde concorrião das costas d'Africa e da Arabia, e erão os unicos depositarios das riquezas das Indias, as quaes a Europa recebia d'elles em primeira mão. Vendendo pois que os Portuguezes se dirigião para alli, temêram com razão, que lhes viesse a ser roubado este commercio, e como tal motivo excitasse o seu ciúme, resolvêram perdêl-os, e de maneira que nem um só d'aquelles Portuguezes podesse voltar a dar ao seu paiz a fatal noticia da descoberta das Indias.

O dinheiro que derramaram abundantemente lhes adquiriu a vontade do Catual e dos principaes Ministros, e mudou consequentemente o favor d'estes para com os recém-chegados, que por sua pobreza estavam já algum tanto desacreditados; elles chegaram mesmo a dirigirem requerimentos ao Çamorim, em que representavão os Portuguezes como piratas miseraveis, sem fé, e sem honra, que em sua derrota havião deixado por toda a parte signaes de crueldade e perfídia, de que era um testemunho o que tinham praticado em Moçambique, e Mombaça; e acerescentavão, que se fosse veridico serem subditos d'um poderoso Monarcha, convinha antes oppôr-se aos projectos d'um povo orgulhoso, que a ambição e o desejo de conquistar trazião desde o fim do mundo áquellas paragens, do que favorecer o com prejuizo dos musulmanos, que desde tempo immemorial commerciavão nestes paizes na boa paz, e d'uma maneira tão proficua ao Estado, que só os direitos de entrada, que elles pagavão, fazião o principal rendimento do Monarcha.

Estas rasões que não deixavão de ser secretamente apoiadas, como fizessem impressão, Gama poudo facilmente perceber a mudança da Còrte a seu respeito, e advertido por Monzaide, que não quiz entrar no conlloio dos de sua seita, elle se considerou de repente n'um dos maiores perigos, em que jámais se havia visto, e previu desde logo todas as consequencias que poderia trazer esta occulta conjuração. Attento a tudo, fez dar avizo a seus navios de estarem acautelados. Conseguiu depois fallar ao Çamorim, e fazer valer a justiça de sua causa. Tendo deixado depois em terra alguns refens, e suas bagagens, se retirou com Monzaide, o qual não se julgando mais em segurança entre os seus, quiz seguir a sorte dos Portuguezes a quem sempre havia sido fiel. Então Gama um pouco mais livre, com as represalias feitas a proposito, e alguns Indios aprisionados, se viu na situação de reclamar os refens e as bagagens que fôra obrigado a deixar em terra, e alcançou finalmente uma carta do Çamorim para El-Rei D. Manuel, em que este Principe dizia. « Que se honrava muito com a aliança que El-Rei de Portugal queria contrahir com elle: « justificava um pouco a sua conducta, relativamente á « equivocação de seus ministros com os Portuguezes: per- « mittia a liberdade do commercio, comtanto qne este se « fizesse sem violencia, e sem prejuizo das outras nações, « que havião sido as primeiras, e ás quaes elle tinha for- « tes rasões para proteger. »

Gama satisfeito com esta pequena vantagem sahio de Calecut, e descobriu a Ilha Anchediva, e os Ilheos de Santa Maria, assim denominados pelo padrão que alli se collocou; demorou-se alguns dias nesta Ilha, e levantou ferro em 5 d'Outubro de 1498, e experimentando grandes calmarias, sómente chegou a Magadaxo a 2 de Fevereiro de 1499, e a 7 do mesmo mez e anno surgiu em Melinde, aonde recebeu um Embaixador, que o Rei lhe rogára de con-

duzir a Portugal. Tocou na Ilha de Zonzibar e nas de S. Jorge, perto de Moçambique, onde perdeu o navio S. Raphael sobre um banco de areia. Dobrou o Cabo da Boa Esperança em 20 de Março, e continuando sua derrota pelas Ilhas de Cabo Verde, e Terceira (aonde ficou sepultado Paulo da Gama) entrou em Lisboa em 29 de Julho (alguns historiadores dizem Agosto) do citado anno de 1499, sendo o tempo da viagem e ausencia d'esta companhia de heróes dous annos e vinte e um dias, chegando vivos sómente 55 homens.

El-Rei D. Manuel que havia sido informado das circumstancias d'esta viagem por Nicoláo Coelho, que uma tempestade separára de Vasco da Gama nas Ilhas de Cabo Verde, e que entrára no Téjo em 10 de Julho, enviou os primeiros Senhores da sua Córte a cumprimentarem da sua parte o Feliz Argonauta, e ordenou que a entrada do Heróe em Lisboa fosse publica e solemne, havendo jogos, illuminações, fôgos d'artificios, e todas as outras demonstrações de regosijo usadas n'aquelles tempos de saudosa memoria.

El-Rei despachou Vasco da Gama Almirante do Mar das Indias com o tratamento do Dom, e permissão de poder usar no escudo de suas armas uma parte do da corôa, e pouco depois lhe fez mercê do titulo de Conde da Vidigueira. Os companheiros de Gama que chegaram a Lisboa, forão recompensados generosamente, e as familias dos fallecidos tiveram pensões; d'este modo todos os que tomaram parte na expedição merecêram a regia contemplação.

Com a chegada de Vasco da Gama, que atravessando os mares nunca d'antes navegados, fez vêr ás mais remotas Regiões da Azia as nossas vencedoras Quinas, augmentou a gloria de Portugal, e o nome d'El-Rei D. Manuel se pro-

nunciava com respeito em todo o mundo. Este grande Monarcha querendo eternisar a memoria do descobrimento das Indias, depois de ter ordenado em todo o Reino sollemnes acções de graças ao Altissimo, mandou edificar no mesmo lugar em que existia a pequena Ermida, que fôra do Infante D. Henrique, um sumptuoso templo em honra da Mãe de Deus, e lhe addicionou um mosteiro de Jeronimos para o servirem. Dotou este mosteiro com grandes rendas sob condição dos monges receberem e doutrinarem todos os maritimos, que ali se quizessem confessar e communhar. Quiz que este lugar tivesse o nome de Belem, e como o Infante D. Henrique fôra o primeiro motor nas viagens e descobertas dos Portuguezes, lhe fez levantar uma estatua no lugar mais eminente da parte superior da porta principal da Igreja, e augmentou as rendas dos antigos estabelecimentos pios instituidos pelo Infante.

El-Rei accrescentou depois da descoberta das Indias o seu Dictado, denominando-se « *Rei de Portugal e dos Algarves d'aquem e d'além mar em Africa, Senhor de Guiné, e da Conquista, Navegação, e Commercio da Ethiopia, Arabia, Persia, e India, etc.* » Com elle se achão lavrados documentos posteriores a Agosto de 1499, e nesse mesmo anno mandou lavrar os Portuguezes de ouro com a legenda:

Emanuel Rex Portugaliae, Algarbiorum citra et ultra in Africa, et Dominus Guinae.

E ao redor das armas:

Conquista, Navegação, Commercio, Aethiopiae, Arabiae, Persiae, Indiae.

Portugal hia reunir o commercio das três maiores partes da terra, Africa, Asia, e America. El-Rei animado

mais do que unnea por uma perspectiva tão lisongeira, estimando em pouco o esgotamento de suas finanças, os infinitos perigos d'estas longas viagens, a perda de tantos navios, e de um tão crescido numero de seus subditos, que pereção nestas navegações, perdas que suppunha deverem ceder ás vantagens que a religião e o Estado podião colher, não se contentou em mandar alguns navios para as Indias, mas equipou numerosas frotas, pondo-as em estado de poderem dar a lei por toda a parte, onde se apresentassem.

(1500) A primeira expedição que se promptificou depois da chegada de Vasco da Gama, constava de 13 navios, com 1:500 homens de desembarque além das respectivas guarnições e tripulações, sendo Commandante em chefe Pedro Alvares Cabral, e segundo Commandante Sancho de Tovar.

Cabral, segundo as ordens d'El-Rei, devia em sua derrota tocar na costa de Sofála, a fim de se informar de seu commercio, visitar os Reis da costa de Zanguebar, e particularmente o de Melinde, ao qual deveria restituir o Embaixador que Gama d'alli trouxera á Europa, procurar obter a alliança d'este Principe, estabelecer se fosse possível sobre a costa alguns fortes que podessem servir de escalla, e de depositos para as viagens que se fizessem para as Indias, seguir depois em direitura a Calecut, e não omittir diligencia alguma para obrigar o Çamorim, por meios brandos, a consentir no estabelecimento d'uma feitoria portugueza na sua capital, a qual podesse alli tornar permanente o commercio, e manter a boa correspondencia, que era de desejar se promovesse entre as duas nações; e para ensinuar secretamente ao mesmo Çamorim o desembaraçar-se dos Mouros, fazendo-lhe vêr que maiores vantagens tiraria de Portugal em relação áquellas, que podia esperar de qualquer outra nação. Finalmente devia procu-

rar obter permissão de cinco religiosos franciscanos portuguezes prégarem o Evangelho em seus Estados. Na hypothese porém que o Camorim se mostrasse indocil a estas proposições, Cabral deveria declarar-lhe abertamente a guerra, e vingar por todos os meios, que estivessem a seu alcance, os máus procedimentos que elle usára para com Vasco da Gama.

Antes da partida da esquadra, El-Rei conduziu Cabral e toda a sua gente em procissão, até á Ermida de Belem, hindo Cabral sempre ao lado d'El-Rei. O bispo de Vizeu officiou, fez uma eloquente pratica e benzeu depois a bandeira em que estavam as armas portuguezas, que El-Rei depositou nas mãos de Cabral. Terminada a cerimonia, El-Rei conduziu os novos Argonautas até ao porto, e não se retirou a palacio, senão depois de ter assistido a seu embarque, que se effeitoou ao estrepito da artilheria dos navios e das acclamações de todo o povo.

(1500) A esquadra sahiu do Téjo no dia 9 de Março. A viagem foi feliz até ás Ilhas de Cabo Verde, onde chegaram no decimo terceiro dia. Dous dias depois notou Cabral que faltava um navio, que mais tarde soube naufragára, esperou por elle dous dias, no fim dos quaes psoseguiu sua derrota. Querendo evitar as calmarias de Guiné de tal sorte se fez ao largo, que a 22 d'Abril avistou uma terra desconhecida, e nesse dia surgiu cousa de 6 leguas da terra. No dia 23 navegou e lançou ancora em frente d'um pequeno rio, sendo o porto tão bello que Cabral o denominou *Porto Seguro*, depois de ter posto o nome de *Santa Cruz* á terra continental a que abordará. Este nome foi depois mudado no de *Brazil*, que era o d'uma madeira de que o paiz muito abundava, hoje tão conhecida, como são os povos antigos habitantes do mesmo paiz,

Cabral, tendo mandado a terra seus *descobridores*, em consequencia das informações que derão de que o terreno parecia ser fértil, regado por bellos rios, coberto de arvores fructíferas de varias especies, e habitado por homens, e animaes, resolveu desembarcar para refrescar a sua gente, e tomar desde logo posse d'este paiz em nome d'El-Rei de Portugal.

Os selvagens, habitantes d'este novo territorio, fugiram para os bosques, porém sendo alguns agarrados, as caricias com que forão tratados, e os presentes que se lhes fizeram, serviram para domar os outros, de sorte que em mui pouco tempo se familiarisaram, e trouxeram á esquadra fructos do paiz, que trocaram por objectos de insignificante valor.

Estes selvagens andavam inteiramente nus, e pintados desde as pontas dos pés até á cabeça d'uma côr avermelhada, pintura que renovavão diariamente, e á qual accrescentavão muitos ornatos de differentes figuras. Os homens rapavão a parte anterior, e o alto da cabeça, e cortavão os cabellos por baixo das orelhas d'uma maneira semelhante ás cordas dos frades. Furavão as orelhas, o nariz, os beiços, e as faces em que mettião pedaços de conchas de marisco, arredondadas, o que os tornava horriveis. Os outros ornamentos consistião n'alguns tecidos de pennas, collares e braceletes compostos de muitos bocados de osso mui brancos e polidos, ou de fructos seccos, que pelo contacto de uns com os outros soavão como chocalhos, elles erão pela maior parte altos e bem feitos, affaveis, ageis, astutos, e unicamente occupados da caça, da pesca e da guerra. Suas armas erão arco, frecha, uma especie de broquel, e a maça. Servião-se de pirogas ou longos bateis feitos de troncos d'arvores vasados, e capazes de conter até sessenta pessoas. As mulheres trazião soltos seus longos e azevichados cabellos, ou divididos em duas tranças penden-

tes. Ellas é que tinham a seu cargo o tracto domestico ; semeavam a raiz de mandioca, de que fazião farinha de páu. Defumavam as carnes, e preparavão igualmente as bebidas embreagantes de que se servião em seus banquetes. As cabanas d'estes selvagens erão longas, e despidas de todo o ornato, as macas onde dormião, e alguns vasos de barro fazião toda a sua riqueza. Dos seus costumes o que mais espantou os Portuguezes foi saberem que os maridos se metião na cama em seguida ao parto de suas mulheres, os proprios selvagens não souberão dar a rasão d'esta estravagancia, tinham mais o uso de comerem festivamente seus inimigos depois de os matarem ás caxeiradas, e secavão os corpos de seus parentes mortos, e em certos dias pisavão e bebião as cinzas misturadas com as bebidas espirituosas.

Cabral observando este povo, em que não notava o menor indicio de religião, lei, ou governo, teve d'elle compaixão, e deu as mais terminantes ordens para que fosse tractado com docilidade.

A 26 de Abril, Domingo, oitava da Pascoa, fez Cabral que houvesse missa, e prégação em terra, a que assistiu com a gente da armada, e muitos dos naturaes, que fizeram grandes festas, e folias ao seu modo: e para esta solemnidade mandou levantar na praia uma grande cruz de madeira.

Estando aqui alguns dias, em que a armada se proveu de agua e lenha, despachou Cabral um dos seus navios, capitão Gaspar de Lemos, em que mandou embarcar um dos naturaes do paiz, para vir trazer a El-Rei a noticia d'aquelle novo descobrimento, e pondo em terra dous homens, que no reino tinham sido condemnados á morte, e que levava para exploradores, seguiu viagem para a India a 2 de Maio.


No Cabo da Boa Esperança soffreu a armada subito e horrivel temporal, perdendo-se logo quatro Nãos, uma das quaes era commandada pelo illustre Bartholomeu Dias, que descobrira e dobrára o mesmo Cabo, e n'aquelles mares ficou sepultado, verificando-se á risca a profetica ameaça do fero Adamastor, quando disse :

*« Aqui espero tomar, 'se não me engano,
« De quem me descobriu summa vingança. »*

Nova tempestade fez dispersar a esquadra, a qual reduzida a metade das embarcações, conseguiu a final passar o terrivel Cabo da Boa Esperança, e se dirigiu a Moçambique, aonde o temor que inspirou sua chegada fez que Cabral fosse mais bem tractado que Vasco da Gama. Este mesmo temor tornou mais circumspecto Ibrahim Rei de Quilôa, com o qual Cabral conferenciou a bordo da Capitania, da mesma fórma que Gama praticára com o filho do Rei de Melinde; comtudo o receio não fez perder a Ibrahim o desejo de occultamente urdir uma traição. Além de não terem escapado ao general as intenções do Rei perfido, elle foi avisado por um irmão do Rei de Melinde, que então se achava em Quilôa. Por grande que fosse o desejo que Cabral tivesse de castigar o perfido, julgou mais vantajoso aos interesses d'El-Rei passar adiante seguindo viagem até Melinde, cujo Rei fiel á alliança que havia contrahido com Portugal, de tal sorte se transportou de alegria por tornar a vêr os Portuguezes, e o seu Embaixador, que elles lhe reconduzião com valiosos presentes, que depois de ter enchido Cabral d'obsequios e de o ter provido de refrescos e viveres de toda a especie, lhe ministrou dous pilotos Guzarates com os quaes Cabral dando á véla, chegou em pouco tempo ás Ilhas Anchedivas depois d'uma feliz navegação.

CAPITULO V.

ANNOS DE 1500 A 1503.

abral chega a Calecut; é mandado cumprimentar pelo Çamorim; exige uma audiencia que lhe não é denegada. *Intenções sinistras do Çamorim contra os Portuguezes, suscitadas pelos Mouros poderosos alli residentes. Amotina-se a populaça e massacra os Portuguezes. Vingança de Cabral. Este parte para Cochim. A reputação dos Portuguezes re-tumba por todo o Indostão. Sollicitão a sua alliança todos os Principes Malabares descontentes do Çamorim. Recebe em Cananor um Embaixador d'este paiz para El-Rei de Portugal. Na sua volta para Lisboa descobre a costa de Sofála. Envia El-Rei a João da Nova com alguns navios, para re-forçar Alvares Cabral a quem não encontra. Descobre a*

Ilha d'Ascenção, e a da Conceição; toma dous navios do Camorim; e que destino lhes dá. Poderosa armada que o Camorim trata de oppôr a Cabral, a qual na ausencia d'este, é destroçada por João da Nova, e o Camorim obrigado o sollicitar a paz. Novos artificios d'este para surprehender João da Nova. Este volta á Europa e descobre a Ilha de Santa Elena. Expede El-Rei a Gonçalo Coelho para a America com seis navios, dos quaes sómente dous arribão á costa do Brazil. Emulação que em todo o Reino causão as façanhas ultramarinas dos Portuguezes. Gaspar Córte Real, tenta investigar o ultimo termo d'America Septentrional, e descobrir caminho para a India pelo polo artico. Descobre a Ilha da Terra Nova, volta a Portugal, torna a repetir a viagem e morre. Tem igual sorte um de seus irmãos, que se propunha a hir encontral-o. Faz El-Rei novo armamento, de que é nomeado Almirante Vasco da Gama. Este estabelece feitorias na costa de Zamguebar, em Sofála, e Moçambique, vai fundear em Quilóa, e faz o Rei d'este paiz tributario á Corôa de Portugal. Sahindo d'aqui, toma um navio Egypcio, que entrega ás chamas. Arriba a Cananor, onde é magnificamente recebido pelo Rei d'este paiz. Parte para Calecut. O Almirante faz proposições ao Camorim, as quaes não são aceitas. Vingança do Almirante, que depois parte para Cochim. Traição aqui tramada pelo Camorim contra a vida do Almirante, e de que maneira este se livra. Recebe Gama Embaixadores de Cananor e de Mangalór, que sollicitão a sua alliança. Pertende o Camorim surprehendê-lo por intervenção do Rei de Cochim, fidelidade d'este Principe para com o Almirante. Este desbarata completamente uma numerosa frota do Camorim, que accommette nas aguas de Pandarana. Conclue tractados de alliança offensiva e defensiva com os Reis de Cochim e de Cananor, e volta á Europa, fazendo escalla por Moçambique. Chega a Lisboa, e faz sua entrada triumphante na Capital.



Çamorim logo que teve noticia da chegada da expedição, mandou ao longe cumprimentar o Chefe, offerecendo-lhe o que d'elle dependesse para a segurança do commercio, e testemunhando-lhe sua extrema alegria, pelo vêr chegar a seus Estados; Cabral pediu uma audiencia, porém logo declarou mui positivamente que não poria pé em terra, em quanto o mesmo Çamorim lhe não entregasse taes refens que podessem responder por sua fidelidade, e que estes refens deverião ser o proprio Catual, e os Ministros em que elle tivesse maior confiança.

Esta proposição assombrou o Çamorim, mas, ou por medo, ou por que tivesse desde logo resolvido oppôr á audiencia pedida as maiores difficuldades, a fim de attrahir os Portuguezes a seus laços, elle cedeu depois de alguns dias de contestações sobre este objecto, e os refens forão entregues a Cabral.

A audiencia foi das mais apparatusas. Cabral compareceu com toda a magnificencia, e os presentes que fez em nome d'El-Rei D. Manuel, erão dignos do Monarcha que os offerecia. O Çamorim, que queria honrar o Embaixador, estava carregado de diamantes e pedras preciosas e acompanhado da mais brilhante Côte. As honras que se fizerão ao Embaixador erão sem exemplo, e nada recusou de quanto fôra proposto. O Çamorim concedeu ao Embaixador uma casa, que se podia chamar uma habitação real, de que lhe fez completa doação. Foi-lhe permittido arvorar

nella a bandeira portugueza, e tornal-a um lugar de immuniidade. André Corrêa, acceito como commissario, ou consul da nação, desde logo tomou tranquillamente a posse, e começou a estabelecer seus armazens.

Estes principios erão em extremo bellos, para que deixassem de se tornar suspeitos. O que acontecêra a Vasco da Gama, as frequentes tentativas que os individuos detidos em refens fizeram para se evadirem, e muitas outras circumstancias devião obrigar os Portuguezes, a estarem sempre álferta. Cabral era d'esta opinião; porém como a demasiada ingenuidade e bóa fê de André Corrêa tivesse desvanecido suas suspeitas, elle se deixou guiar pelos conselhos d'este homem.

Tinhão os Mouros em Calecut dous individuos da mesma nação e seita, encarregados de vigiarem seus interesses commerciaes. Um d'elles por nome Coje-Béqui governava sobre as caravanas de terra, e outro que se chamava Coje-Cemeri era o que dirigia os negocios maritimos. Estes dous homens não vivião entre si na melhor harmonia. Coje-Béqui affeiçãoou-se aos Portuguezes, e tão firme foi a sua affeição, que de futuro motivou a sua perdição. Coje-Cemeri não deixou de se lhes inclinar igualmente, mas como dissimulado, e traidor, e tendo mais astucia que seu companheiro, permittiu a infelicidade de Corrêa, que desprezando os conselhos de Coje-Béqui, fosse entregar-se inteiramente ao rival d'este, o qual abusando da influencia que pouco a pouco ganhava sobre seu animo, o fez cahir, durante o espaço de trez mezes, em todos os laços que se lhe armaram.

O principal empenho d'este perfido era promover que Corrêa commettesse faltas, que reahindo sobre os Portuguezes tornassem estes odiosos aos Indios, e o conseguiu

perfeitamente. Corrêa em virtude d'este occulto manejo capturou um grande navio, que transportava sete elephantes por conta dos Indios, e que Coje-Cemeri lhe fizera acreditar pertencerem a Mouros contrabandistas, por uma suspeita só filha de sua invenção. O Çamorim que em tudo hia de connivencia com os mouros, teve o prazer de observar este espectáculo e de colher d'elle toda a vantagem. Coje-Cemeri ainda fez mais, indusio Corrêa a capturar outro navio mesmo dentro do porto, sob a falsa supposição de que a carregação era contrabando dos mouros. Os Portuguezes tomando o navio, acharam que não continha senão generos do paiz carregados por conta dos Indios.

Entretanto Coje-Cemeri, que solapadamente fazia differente figura, amotina a populaça e consegue que quatro mil homens armados accommettão a habitação dos Portuguezes, arrombem as portas, saqueiem, e finalmente põnhão tudo a fogo e sangue, antes que se pudesse passar aviso ás embarcações. De setenta Portuguezes, que estavam em terra, morreram cincoenta, entrando neste numero o proprio Corrêa; os restantes com muita difficuldade puderam escapar-se para a praia, onde foram recebidos pelas lanchas que, ao primeiro ruido que se ouvira, se enviaram dos navios, estando quasi todos feridos, e acabrunhados da fadiga pelos esforços que haviam feito por se defenderem.

Cabral pediu satisfação ao Çamorim, e sendo-lhe esta negada fez aparelhar para atacar treze grandes navios de Mouros, que estavam surtos no porto, e rompendo sobre elles um fogo terrivel de artilheria põe fogo a uns, captura outros, mettendo em ferros todos os homens que escaparam ao naufragio ou ás chammas; e a fim de que os Mouros não fossem os unicos castigados pelas traições que urdiram contra os Portuguezes, bombardeou por dous dias successivos tão terrivelmente a cidade, que tendo demolido mui-

tas casas e feito morrer mais de seiscentas pessoas, obrigou o Çamorim a fugir para o campo aterrado de ter visto cair a seu lado um de seus principaes favoritos, morto de um tiro de canhão.

Depois d'este acontecimento Cabral deu á vèlla para Cochim, trinta e seis leguas para o meio dia além de Calcut. Esta cidade, situada sobre a fôz do Mangat que a cerca, era a capital d'um pequeno estado, tributario do Çamorim, (*) cujo Rei, homem de tino, mas sempre receoso da visinhança d'um Principe mui poderoso, estando escandalisado do damno que aquelle causára ao commercio de seus subditos, aceitou a alliança d'El-Rei de Portugal.

A fama dos Portuguezes havia voado pelo Indosdão, e todos os Principes Malabares, descontentes do Çamorim, pensavão em poderem ser auxiliados por elles, em caso de necessidade. Cabral não podia imaginar que houvesse na India disposições tão favoraveis a seu respeito, ao contrario, olhando os Indios do mesmo modo, de todos desconfiava igualmente. Por isso não quiz tratar com Trimumpára Rei de Cochim, senão por intervenção d'um jogue, (**) que Fr. Henrique convertêra á fé. Tão facil lhe foi o negociar com este Principe, que fez um tratado assas vantajoso a Portugal.

(*) Cochim cidade do Indostão sobre á costa de Malabar no paiz chamado Travancor, foi tomada á Corôa de Portugal pelos Hollandezes durante a dominação hespanhola na guerra que elles então moveram á Hespanha. Os Inglezes a conquistaram aos Hollandeses. Sua população é de 18,000 habitantes, e o commercio pimenta preta, e canella.

(**) Jogues são uma especie de ermitas ou anachoretas Indios que peregrinão por penitencia.

Estando Cabral a ponto de levantar ferro para se dirigir a Lisboa foi novamente sollicitado pelos Rcis de Culan e Cananor (*) para hir a estas cidades. Cabral foi só a Cananor, e sendo alli acolhido com todas as demonstrações de bôa fé, recebeu a bordo um Embaixador que o Rey de Cananor (á imitação do Rei de Cochim) enviava a El-Rei D. Manuel, depois do que sahindo a expedição em direitura a Melinde, Cabo da Bôa Esperança, Ilhas de Cabo Verde e Açores, entrou em Lisboa no dia 23 de Junho de 1501, aonde foi recebida com os maiores applausos.

O ardor que El-Rei D. Manuel mostrava, pelo feliz resultado dos negocios das Indias, não lhe permittiu esperar noticias de Cabral, e antes da chegada d'este illustre Portuguez a Lisboa, fez partir quatro navios para o reforçarem, sob o commando de João da Nova, e tendo nessa occasião noticia da descoberta do Brazil pelo navio que Cabral d'alli lhes despachára, fez outro armamento de seis vasos ás ordens de Gonçalo Coelho, afim de se tomar posse d'aquelle paiz.

João da Nova, fidalgo hespanhol, natural de Galiza, homem de habilidade e resolução, commandante dos quatro navios destinados ás Indias, sahiu de Lisboa em 5 de Março de 1501; não encontrou Cabral, porém em sua viagem obteve vantagens de transcendencia. Descobriu a Ilha da Ascensão a 20° e meio austr., a cousa de 120 leguas da costa do Brazil, e outra que se ficou chamando *Ilha de João da Nova* ao Oriente da Africa — Barros 1. 5. 10.

(*) Culan e Cananor estão situadas na costa do Malabar. A segundas d'estas cidades foi tomada pelos Hollandezes em 1664. O seu vasto e seguro porto a fez antigamente notavel por seu commercio; hoje porém não é mais do que uma insignificante povoação, cujo solo abunda em pimenta, etc. Pertence actualmente aos Ingleses.

edição de 1528, diz que João da Nova, passados 8º além da linha para o sul, achára uma Ilha a que posera o nome de *Concepção*.

Chegando a Melinde, teve ali noticia da má fé, com que o Çamorim ultimamente se conduzira para com os Portuguezes, o que o obrigou a considerá-lo como inimigo; deu caça a dous de seus navios, capturou um, e queimou o outro; e dirigindo-se depois para Cananor, alli chegou mui opportunamente, para arranjar seus negocios commerciaes, e adquirir gloria.

A politica dos negociantes mouros de Calecut, como tivesse por objecto desgostar os Portuguezes do commercio d'um paiz tão remoto do seu, era o seu principal cuidado embaraçal-os de fazerem as suas carregações. Já o havião conseguido pelos artificios empregados para com André Corrêa, e pelo tumulto que fôra consequencia dos mesmos. A alliança que os Portuguezes havião contrahido com os Reis de Cochim e de Cananor lhes servia de obstaculo, e por isso estavam na firme resolução de a perturbarem de todas as maneiras possiveis. Quando Cabral se achava ainda em Cochim concertaram-se com Çamorim, para pôrem no mar uma frota de sessenta vellas, entre as quaes havia umas cincoenta de grande porte. Cabral sahindo de Cochim, não poudé combatêl-as porque navegavão mui proximo de terra, e elle estava já muito ao largo, de sorte que continuou sua viagem sem parar. Esta retirada foi para elles uma supposta victoria e de tal sorte excitou sua coragem, que resolveram hir a Cananor; chegaram muito tarde para encontrar Cabral, que já havia seguido viagem para a Europa, mas muito cedo para poderem servir d'obstaculo a João da Nova que alli havia chegado, logo depois da partida do primeiro, e se preparava já para voltar a Portugal. João da Nova advertido pelo Rei de Cananor,

acôrca da chegada da frota do Çamorim adoptou as necessarias medidas de precaução. Effectivamente appareceram mais de cem vellas, as quaes tomaram a entrada do porto. João da Nova era demasiado bravo, não perdeu o animo, e tendo disposto seus vasos, de fôrma que não podesse ser investido, bateu durante um dia a frota inimiga com tal impetuosidade, que tendo mettido a pique dezenove vellas, e posto mais de quatrocentos homens fôra de combate, obrigou os inimigos a içarem a bandeira de paz, e a voltarem para Calecut, onde levaram a dessolação juntamente com a vergonha de sua derrota.

Tentou ainda o Çamorim surprehender João da Nova por meio de proposições artificiosas, mas sendo este advertido por Coje-Béqui, e por um prisioneiro portuguez, que escapára ao massacre de Calecut, nem mesmo se dignou responder áquelle dissimulado e fraudulento Principe, e tendo partido para a Europa, em 1502, descobriu a *Ilha de Santa Helena* (tão famosa nos nossos dias) a 16°, ou 16 $\frac{2}{3}$ de lat. austr., a 450 leguas do Cabo Nêgro em Africa, e a 750 do Cabo de Santo Agostinho, ponto mais oriental do Brazil, segundo Malte Brun. Esta Ilha que hoje pertence aos Inglezes é tão excellente pela salubridade das suas aguas, e do seu clima, e tão fertil, que parece ter sido creada pela natureza para commodidade d'estas longas viagens.

Gonçalo Coelho sahiu de Lisboa em direitura ao Brazil com os seis navios do seu commando; um furioso temporal lhe metteu a pique quatro, e os dous restantes effectivamente chegaram a seu destino, e regressaram carregados de varios generos, macacos e papagaios. Este paiz, que nestes tempos parecia miseravel, veio depois a ser a mais importante possessão de Portugal. (*)

(*) O Brazil só começou a ser povoado no reinado d'El-Rei D. João III.

As honras que El-Rei D. Manuel fazia aos que voltavam de suas viagens ultramarinas, especialmente quando estas haviam sido bem merecidas, chegaram a motivar uma incrível emulação em todo o reino, e todos á porfia desejavam hir adquirir gloria no Ultramar. Gaspar Córte Real, nobre Portuguez, tentou investigar o ultimo termo da America septentrional, e descobrir caminho para a India pelo pólo arctico.

Sahi do Têjo, na primavera, do anno de 1500 com dous navios, e chegou em sua navegação ainda além dos 60° de latitude norte. Descobriu e correu toda a terra de *Labrador*, que tambem se ficou chamando *terra de Córte Real*, e acima d'ella a costa, que corre até ao *Rio das Malvas*: descobriu tambem a que chamou *terra*, ou *Ilha dos Bacalhãos*, e algumas outras a ella proximas, que os antigos denominaram *Córtes Reaes*, e mui provavelmente a pequena Ilha á entrada do estreito de *Hudson*, que se chamou de *Caramilo*, corrompido este nome do portuguez *caramello* (*neve congelada*).

O illustre navegante, voltado ao Reino, repetiu a mesma viagem a 15 de Maio de 1501, e como não houvesse noticia d'elle, foi no anno seguinte de 1502 seu irmão Miguel de Córte Real em busca d'elle, mas aconteceu-lhe a mesma má fortuna.

Em 1503 despachou El-Rei D. Manuel duas Naos em busca de ambos, as quaes voltaram sem resultado algum.

Preparava-se ainda para repetir a mesma diligencia outro irmão mais velho, que os dous, por nome Vasco Eannes Córte Real, do Conselho d'El-Rei, Alcaide-mór de Tavira, e Governador das Ilhas de S. Jorge e Terceira; mas El-Rei não consentiu que elle cumprisse o seu pio e fraternal proposito.

Vasco Eannes, comtudo, teve o senhorio da *Terra Nova*, ou o titulo de *Capitão Donatario da Terra Nova de Côrtes Reaes*, o qual passou a D. Margarida Côrte Real, herdeira da Casa, e por ella a seu marido D. Christovão de Moura, Conde, e depois Marquez de Castello Rodrigo, que tambem se chamou, e seus descendentes, senhor da *Terra Nova*.

(1502) El-Rei D. Manuel ordenou que o grande D. Vasco da Gama voltasse segunda vez ás Indias com uma poderosa armada de 20 Nãos, sendo segundos commandantes Vicente Sodré, e Estevão da Gama. — Parte d'esta esquadra devia ficar na India para defender os novos estabelecimentos, e cruzar no estreito do Mar Roxo, afim d'impedir que entrassem ou sahisses por elle as Nãos dos Mouros de Meca, que erão os que tinham mais odio aos Portuguezes.

No dia 30 de Janeiro foi El-Rei com Vasco da Gama e toda a sua gente em procissão á Sé, onde houve missa e sermão, no fim d'este acto El-Rei deu o Estandarte Real a D. Vasco da Gama; e veiu toda a procissão direita ao Caes, assistindo El-Rei e a Côrte ao embarque d'estes Argonautas, que se effectuou entre salvas d'artilheiria, e acclamações geraes do povo.

A expedição sahiu de Lisboa em 30 de Janeiro. O Almirante estabelecendo em sua derrota uma feitoria em Sofála, e outra em Moçambique, foi aportar em Quilôa. O Rei aterrado á vista de tão poderosa armada se reconheceu subdito da Corôa Portugueza, e se obrigou a pagar o tributo annual de dois mil meticaes d'ouro (*) sendo este o

(*) Metical era o pezo com que se avaliavão as perolas, o ambar, e outras drogas de semelhante natureza: valia uma oitava e meia das nossas, de sorte que os dous mil meticaes de ouro equivalião a 375 onças d'este metal.

primeiro 'Principe d'aquellas remotas regiões que pagou pá-reas a Portugal.

Chegando á Costa do Malabar encontrou o Meris, grande navio que o Soldão do Egypto expedia annualmente para o Indostão, donde d'ordinario voltava ricamente carregado por conta d'este Principe, e levava ao mesmo tempo muitos passageiros, que a devoção conduzia a Meca, onde existia o tumulto de Mafoma. D. Vasco da Cama se apoderou das riquezas que levava, e um desastre que occorreu deu origem a ser destruido este navio. Um moço do Almirante casualmente, ou por maldade dos Mouros, morreu arrebetado contra a murada do Meris, O Almirante ficou tão escandalizado que ordenou a Estevão da Gama, e outros capitães, mettessem a pique o navio, o que se effectuou depois de renhido combate, não se salvando de tresentas pessoas mais do que vinte rapazes, e um corcovado que era o piloto, os quaes forão recolhidos na Europa. (*)

A expedição fundeou em Cananôr, e o Almirante foi mui bem recebido pelo Rei; porém achando obstaculos para concluir um tractado de commercio, sahiu mui descontente para Calecut, e fundeando á vista d'esta Cidade esperou para observar o procedimento do Çamorim. Não tardou muito em apparecer um individuo que aproximando-se da Náo Almirante em trajes de franciscano, e annunciando-lhe o *Déo gratias*, se deu a conhecer por um Mouro deputado pelo Çamorim, para lhe apresentar suas desculpas, pelo que anteriormente se havia passado, e estabelecer novas proposições. O Almirante nada quiz ouvir em quanto o não indemnisassem de tudo o que fôra roubado aos Portuguezes, e dos mais prejuizos que estes haviam soffrido na feitoria de Calecut por occasião do massacre de Cor-

(*) Decadas de Barros.

rêa e dos outros. Trez dias se passaram em 'hidas e voltas; não tratando o Çamorim mais do que de justificar-se, e de fazer vêr que elle soffrêra ainda maiores damnos do que aquelles que elle motivára aos Portuguezes, e como o Almirante não quizesse desistir de sua primeira resolução, e o Çamorim tivesse já deixado passar o praso, que se lhe assignára para aquella satisfação, Gama á hora marcada, deu signal, e fazendo avisinhar seus navios o mais possivel da praia durante a noite, canhoneou a cidade, sem cessar todo o dia seguinte com um effeito tão destruidor, que além da gente que fez morrer, reduziu a ruinas grande numero de edificios, e damnificou consideravelmente um dos palacios do mesmo Çamorim.

A solidão, a que esta especie de bombardeamento havia reduzido a cidade, punha o Almirante em estado de emprehender mais alguma cousa; mas, ou porque ignorasse o que nella se passava, ou porque não quizesse ahi entrar, elle se contentou com o que havia feito, e tendo entregado ás chammas um grande navio, que tomára dentro do porto, e que por algum tempo conservára, afim de ver se por esta prêsa haveria motivo para alguma negociação, deu á vella para Cochim.

As difficuldades que o Almirante tivera com o Rei de Cananor não deixavam de produzir alguma inquietação no animo dos Portuguezes, e que mais se augmentou pelas suspeitas do Feitor Gil Gançaves, que sendo d'um genio inquieto, quiz persuadir o Almirante que o Çamorim ganhára secretamente os Reis de Cochim e de Cananor, pos intervenção de alguns Brachmanes; e que o objecto das duvidas que o ultimo originára afim de fazer obstar ás negociações, não erão mais do que um accordo entre os dois Principes com o objecto de demorarem estes negocios, e obrigar a expedição a invernar nas Indias, esperando pode

rem queimal-a toda nos portos para onde se retirasse. Estas suspeitas apoiadas por algumas conjecturas, forão fortificadas pela conducta do Rei de Cochim, que na primeira entrevista que teve com o Almirante, se mostrou tão difficil como o fôra o Rei de Cananor, de sorte que o Almirante sahiu d'este porto mui descontente.

O tempo mostrou que o coração d'estes dois Principes era sincero. O Rei de Cananor, inquieto pela pouca satisfação que o Almirante mostrára á sahida de seus portos, lhe mandou dizer pelos Portuguezes residentes em seus es-dos, « que elle preferiria a amizade d'El-Rei de Portugal « a seus proprios interesses ; que regulasse o Almirante as « condições do tratado, como bem quizesse, que elle se « compromettia a indemnisar os outros negociantes dos pre- « juizos que d'este tratado lhes resultassem, ajustando-se com « elles, e deixando-lhes parte dos direitos d'entrada e sa- « hida ; que d'esta fórma toda a perda recahiria sobre elle « sómente. » O Rei de Cochim ainda fez mais, porque tendo observado que o Almirante partira de sua cidade, agastado e mui descontente, immediatamente o seguiu n'uma almadia, e logo que se aproximou subiu á Não, e disse a D. Vasco da Gama, com aquelle ar de franqueza, só proprio d'um coração candido: « Bem observo que vós sois « um homem difficil de contentar, fazei o que vos agradar ; « sois o senhor ; e minha pessoa que eu venho depositar em « vossas mãos, será o garante de minha boa vontade. » O Almirante respondeu com a maior cortesia, e concluiu um tratado vantajoso para Portugal. O Rei de Cananor sabendo este acontecimento enviou logo dous Embaixadores ao Almirante sollicitando voltasse á sua Cidade em plena segurança, aonde todos os negocios serão regulados á sua vontade.

No tempo em que o Almirante se conservava ainda em Cochim, um Brachmane, homem de idade avançada, veio apre-

sentar-lhe dous de seus filhos, e um sobrinho para que os conduzisse a Portugal, onde queria que fossem doutrinados na religião, e nas sciencias europeas. Havendo-se depois pouco a pouco insinuado em seu espirito, lhe confessou ter sido alli mandado da parte do Çamorim, e tão habilmente se houve neste particular, que conseguiu persuadil-o a voltar a Calecut. Gama crendo se seguro, conservando o Brachmane e os trez jovens em refens, entregou o commando da esquadra a Estevão da Gama, e partiu contra a opinião de seus capitães, sómente com dois navios, dos quaes ainda expediu um para avisar Vicente Sodré que se achava em Cananor, para que se lhe viesse reunir a Calecut. O Çamorim nada decidia, e durante as negociações D. Vasco da Gama foi repentinamente investido por umas cem almadias, que favorecidas pela escuridão da noite haviam apprehendido queimar-lhe o navio; e tão bem dirigida foi a traição, que elle sómente a percebeu, quando já os Indios se apegavão á enxarcia do navio, de sorte que não houve mais tempo do que para picar a amarra, e cortar a cadêa de ferro que o atracára: felizmente levantou-se um fortissimo vento d'Este, de que elle se aproveitou; não obstante os inimigos obstinaram-se em o perseguir mesmo ao largo; mas mui a proposito se lhe reuniu então Vicente Sodré, que com suas caravellas, e o fogo de artilheria, tendo mettido a pique muitas almadias, bem depressa fez desaparecer o resto. O Almirante para pagar ao Brachmane a sua infame traição mandou enforcar nas vergas trez refens que elle deixou quando foi levar recados ao Çamorim, andando um pedaço á vista da Cidade partiu em direitura a Cochim.

Além dos Embaixadores do Rei de Cananor que vieram ter com o Almirante em Cochim, chegaram alli dous de Mangalôr que se dizião deputados dos antigos christãos Indios, descendentes d'aquelles que o Apostolo São Thomé

convertêra á Fé, antes de consumir suas viagens apostolicas, por um glorioso martyrio, os quaes depois de haverem exposto toda a sua tradição, relativamente a este Santo Apostolo, e ao actual estado do seu christianismo, que abraçavam perto de trinta mil fieis, governados, em quanto ao espirital, por bispos e sacerdotes, que reconheciam o patriarcha d'Armenia por seu pastor, declararam « serem « alli enviados pelos seus compatriotas para significar ao Almirante a grande alegria de que se haviam possuido pela « noticia da chegada ás Indias dos christãos, subditos d'um « dos mais poderosos Monarchas da Europa, e pela lisongeira esperança que elles, ao mesmo tempo, haviam posto « na sua idéa, de que os Portuguezes erão alli enviados por « Deus, a fim de os livrar da escravidão em que gemião, « sob a tyrannia de Principes infieis, gentios, e musulmanos, inimigos mortaes dos christãos; cujas riquezas, e « commercio os haviam em extremo acreditado naquelles paizes. Que d'esta sorte haviam recorrido á sua bondade, e a « fim de os tomar sob protecção do Rei de Portugal, a quem « elles querião desde logo reconhecer por seu verdadeiro e « legitimo Soberano. »

Nada podia haver mais lisongeiro para o Almirante do que esta embaixada, á qual respondeu « Que aceitava « em nome d'El-Rei de Portugal a proposta que se lhe fazia, e assegurava que os Generaes que nas Indias erão « Lugares Tenentes do seu Monarcha, e a quem deverião recorrer quando fosse necessario, os defenderião contra seus « inimigos. Que elle Almirante hia partir para a Europa, « porém affiançava em nome d'El-Rei que no General seu « successor encontrarião um efficaç e zeloso protector. » Os deputados despediram-se do Almirante encantados de suas maneiras officiosas, e de suas liberalidades.

Entretanto o Çamorim não dormia; vendo que seus

artifícios lhe não erão proficuos, recorreu a outros meios que suppoz mais seguros e infalliveis; tal foi o de escrever ao Rei de Cochim, seu tributario, e de o obrigar já por promessas, já por ameaças, a entregar-lhe os Portuguezes que se achavão em seus estados, ou a expulsal-os d'elles. Trimumpára que tinha tanto de resolutu, como de sincero, respondeu ás cartas do Çamorim com uma grandeza de animo, que devia fazer-lhe sentir a sua constancia, e sua decisão. Teve além d'isso, a delicadeza de não querer descobrir cousa alguma d'esta negociação ao Almirante, a fim de lhe poupar as suspeitas, e inquietações, que ella poderia ter-lhe causado, e sómente lhe fallou nella, quando se achou em estado de lhe fazer vêr com certeza, que tanto estimava a alliança d'El-Rei de Portugal que antes queria perder tudo do que abandonal-a.

Gama que estava de partida ficou maravilhado das disposições em que deixava este Principe, e não omittiu meio algum de lhe fazer sentir, que elle devia esperar tudo do reconhecimento dos Portuguezes; e despedindo-se, partiu para Cananor com treze navios. Em sua derrota encontrou junto de Pandarane uma frota de trinta e nove vellas inimigas, que o Çamorim enviára para o combater. Decidiu-se a acceitar o desafio. Sodré, Rafael, e Petreo, cujos navios estavam menos carregados, avançaram sobre dous grandes vasos mouriscos, que formavão a vanguarda inimiga; a maior parte dos que os devião defender, como não tivessem bastante coragem para sustentarem este choque, se lançaram ao mar, onde os Portuguezes saltando para as suas lanchas mataram mais de trezentos a golpes de lanças, e rêmos. O resto da frota fugiu cheia de terrôr, O Almirante, como os vasos mui carregados não podião seguir, limitou-se a dar saque aos navios que capturára, depois do que os fez queimar, e continuou em sua derrota. Entre os despojos feitos ao inimigo, conta-se que se achára um idolo

de ouro do peso de sessenta libras, cujos olhos são duas formosas esmeraldas, e em cujo peito havia um riquíssimo rubim. A capa do idolo era toda recamada de ouro, e embellecida com amudadas perolas, e outras pedrarias de grande valor.

O Almirante concluiu o seu tratado com o Rei de Cananor, com as mesmas condições que foram impostas ao Rei de Cochim, e tendo arranjado satisfatoriamente todos os seus negocios retomou o caminho da Europa, refrescou em Moçambique, e chegou a Lisboa em 10 de Novembro de 1503, deixando varias Nãos nas Indias para defeza das novas feitorias.

A entrada, que El-Rei quiz que D. Vasco da Gama fizesse na capital, póde ser olhada, como uma especie de triumpho, onde foram conduzidos com toda a pompa os presentes dos Reis do Cananor, e de Cochim, os despojos de Calecut, o sceptro dos christãos de São Thomé, e os dois mil meticaes de ouro, tributo do Rei de Quilôa, que se fizera feudatario da Corôa Portugueza, cuja memoria El-Rei D. Manuel quiz eternisar, mandando fazer de todo o ouro d'este tributô uma riquissima costodia, que doou ao magnifico mosteiro de Nossa Senhora de Belem.

CAPITULO VI.

ANNOS DE 1503 A 1504.



Çamorim aproveita-se da ausencia de D. Vasco da Gama e faz guerra ao Rei de Cochim, que se mantem fiel à Corôa Portugueza. O Çamorim não pode ganhar Cochim pelas armas, mas consegue-o pela traição. O Rei de Cochim retira-se com alguns portuguezes para a Ilha de Vaipem. O Çamorim projecta evadir esta Ilha, mas desiste do seu intento. Chegão mui opportunamente às Indias os dois Albuquerque, Francisco e Affonso, que batem, em diferentes recontros, os inimigos do Rei de Cochim e o restabelecem no throno. Suas gentilezas de valor e as de Pacheco. Edificão em Cochim uma fortaleza, e uma igreja em nome d'El-Rei de Portugal. Affonso d'Albuquerque, e Pacheco fazem

se temiveis ao Çamorim, que se vé obrigado a sollicitar a paz. Condições com que esta lhe é concedida. Affonso d'Albuquerque é convidado pela Rainha de Culam ahir alli; descripção d'esta cidade, aonde se estabelece uma feitoria portugueza. Rebenta de novo a guerra com o Çamorim, e por que motivos. Voltão os dois Albuquerques á Europa. Pacheco conduz-se de tal sorte em Cochim que se torna o terror do Indostão.



partida de D. Vasco da Gama para a Europa causou satisfação ao Çamorim, que achando-se vivamente irritado contra os Portuguezes, e desesperado pelas respostas do Rei de Cochim, persuadiu-se que era esta a occasião favoravel de se vingar de seus inimigos; porém desejando marchar com prudencia convocou um grande conselho, a que concorrêram os Principes seus subditos, e outros subditos do Rei de Cochim, de quem os tinha separado o temor. Neste conselho expoz o Çamorim as suas queixas com apparencia de grande moderação.

A maior parte dos aulicos que os mahometanos haviam corrompido, applaudiram os motivos de sua indignação, sómente Naubeadarem filho de sua irmã e herdeiro presumptivo do throno, Principe probo, emprehendeu combater aquelles pretendidos motivos, o que fez com tanto acatamento de uma parte, e tanta força e solidez da outra, que tendo justificado plenamente os Portuguezes em todos os casos, e mesmo inspirado a admiração a respeito do Rei de Cochim, cuja constancia e boa fé exaltou, commoveu

de tal sorte o animo de seu tio, que esta opinião de certo triumpharia se não fosse a opposição do Caimal (*) de Repelim; inimigo pessoal do Rei de Cochim, que combatendo com altivez todas as opiniões do concelho, fez perder a balança a favor da guerra.

Esta noticia causou em Cochim a maior perturbação, os Nouras estabelecidos, havia muitos seculos, nesta cidade, assim como em quasi todas as cidades maritimas das Indias, erão alli tão poderosos, que tornavão o mesmo Soberano seu dependente; elles havião interessado na sua causa a maior parte dos Ministros e dos Naires, ao contrario os Portuguezes erão odiados pelo povo, isto por instigação dos mouros, que erão inimigos tanto mais perigosos quanto sabião dissimular esta sua aversão.

Os Portuguezes residentes em Cochim conhecendo o perigo que os ameaçava, empregaram seus esforços para persuadir o Rei a que cedesse ás circumstancias do tempo; que fingisse têl-os abandonado e pozesse a salvo sua pessoa, e seus estados, permittindo-lhes o retirarem-se para Cananor onde ficarião seguros. Mas este Principe que apreciava mais a honra do que a sua corôa, e a propria vida, persuadido de que semelhante expediente feria sua delicadeza, não quiz attender a alguma d'estas proposições, e mantendo-se firme, deu aos Portuguezes uma guarda de Naires, para os impedir de se evadirem, e para os salvar da furia da população.

Nesta occasião chegou a Cochim Vicente Sodré com os navios do seu commando, e offereceu seus serviços ao Rei, este disse que era verdade ter o Çamorim resolvido

(*) Caimal era o titulo com que se designavam os Principes do Malabar.

atacar seus estados, mas como o inverno estava em principio era provavel que o ataque só tivesse lugar na primavera, por consequencia dispensava agora auxilio, e que era melhor crusar a costa, e na volta seria então occasião de o coadjuvar. Vicente Sodré effectivamente sahi em direitura á Ilha de Socotorá, passou o Cabo Guardafû, e atravessou para a costa d'Arabia por ser a mais frequentada dos navios Mouros que vinhão do estreito do Mar Roxo (*).

Desgraçadamente o Çamorim não esperou pela primavera, e veiu na força do inverno atacar Cochim com um exercito de 50:000 homens.

Trimumpára assustou-se, porque não era possivel ser soccorrido por Vicente Sodré, e não via em torno de si mais do que um ar sombrio e melancolico no rosto d'aquelles que lhe tinham ficado fieis, e isto só bastava para lhe annunciar sua futura ruina; mas nada o havia mortificado tanto como a deserção de dois transfugas europeos, fundidores de profissão e excellentes fabricantes d'armas, que prestaram grandes serviços ao Çamorim, o qual soube empregal-os convenientemente, para tirar d'elles grandes vantagens, e retel-os junto de si, fazendo-lhes saborear sua nova condição por meio de grossos estipendios.

A solemne declaração de guerra, que da parte do Çamorim se enviára ao Rei de Cochim, junta ás cartas d'este Principe, e ás vivas sollicitações de outros muitos senhores seus amigos, a que se compadecesse de si proprio e de seu povo, terrivelmente magoaram seu leal coração; porém inabalavel a tantos ataques, como um rochedo que de balde é batido pelas vagas do mar agitado, e confiando na justiça de sua causa, reanimou os brios tanto dos seus, como dos

(*) Decadas de Barros.

Portuguezes, e continuando com a serenidade de espirito que a segurança inspira, deu as convenientes ordens, e se collocou em estado de oppôr uma vigorosa resistencia.

A Ilha de Cochim é tão proxima do continente que se torna vadeavel no fim do baixa-mar, particularmente, n'um lugar, chamado o passo de Falurt. Era este realmente o ponto pelo qual o Çamorim pretendia penetrar com as suas tropas. Trimumpára que reconhecia a importancia d'este porto, o confiou a Naramuhem, filho de sua irmã, e herdeiro de seus estados, conforme a lei da gynécogracia estabelecida no Malabar (*), a cujas ordens poz cinco mil e quinhentos Naires, aos quaes se uniram Lourenço Moreno, e um pequeno numero de Portuguezes. Naramuhem deu decisivas provas nesta conjunctura, de que era bravo, porquanto tendo-se o Çamorim apresentado com o exercito para tentar a passagem, elle se comportou com tanto valor, que o obrigou a retirar com grande perda. No dia seguinte, o Çamorim duplicou suas forças, pondo-as ás ordens do Caimal de Repelim, o qual devia ser sustentado no Canal d'Agua por grande numero de paráos (**); o combate foi mais obstinado, e sanguinolento que na vespera. Naramuhem apparecendo em toda a parte onde sua presença era necessaria obrigou o inimigo a uma vergonhosa retirada. Todas as tentativas, que depois fez o Çamorim, lhe não foram mais proficuas. Naramuhem não podia ser enganado, arostava o inimigo de todos os lados, de maneira que o Çamorim sempre batido, desesperando do bom resultado de sua empreza, cemo de nada lhe servisse a força, recorreu á traição, conseguiu corromper por grossas sommas de dinhei-

(*) Gynécogracia é o estado em que as mulheres podem reinar.

(**) Paráo era uma especie de vaso de guerra do uso das Indias.

ro o thesoureiro do exercito de Naramuhem. O perfido seduzido fingiu achar-se enfermo, e se retirou para a cidade. Os Naires acostumados a receberem diariamente a sua paga e os seus viveres, desde logo começaram a murmurar de sua ausencia, e voltaram em chusma para Cochim. O thesoureiro, que bem previra este resultado, lhes differia de dia em dia os seus vencimentos sob diversos pretextos, o que mais augmentava a murmuração da tropa e a sua deserção no campo. Naramuhem viu-se bem depressa abandonado. O Çamorim que hia neste jogo com o traidor, e que d'acordo com elle permanecêra alguns dias sem praticar movimento algum, aproveitou então a occasião para tentar de novo a passagem. Naramuhem sendo advertido correu logo ao sitio do perigo, e sustentou durante um dia o combate, mas acabrunhado pelo numero, foi vencido e morto, bem como dois de seus sobrinhos, Principes ainda jovens e de grandes esperanças. os quaes só succumbiram depois de terem dado decisivas provas de seu valor.

Trimumpára não perdeu animo com a morte d'estes bravos Principes, e reunindo suas tropas fugitivas offereceu batalha ao Çamorim; porém foi batido, ferido, e constrangido a salvar-se na Ilha de Vaipem, sendo acompanhado dos Portuguezes.

O victorioso Çamorim tentou ainda a constancia do magnanimo Trimumpára pelas vias da doçura, mas não tendo a adversidade mudado um coração tão fiel, descarregou a sua cólera sobre Cochim; entrou na cidade, poz ahi tudo a ferro e a sangue, o ousou hir atacar o Rei fugitivo em seu proprio retiro, posto que a sua religião o tornasse um asylo sagrado. A Ilha porém achando-se bem fortificada, e de difficil accesso, resistiu aos seus esforços, e a vinda das chuvas o obrigou depois a retirar-se para seus estados. Não obstante elle proveu a defeza da Ilha de Cochim; deixou ahi

algumas tropas afim de assegurar a sua posse, e voltou para Calecut orgulhoso pelo feliz exito de sua empreza, e resolvido a renovar a guerra logo que começasse o bom tempo.

Na extremidade a que se achava reduzido o Rei de Cochim em vespas de perder tudo, a Providencia lhe ministrou soccorro. El-Rei D. Manuel persuadido que tudo estava tranquillo nas Indias, não havia posto no mar no anno precedente mais do que trez pequenas esquadras, cada uma composta de trez vellas. A primeira commandada por Antonio de Saldanha, devia guardar a entrada do Mar Vermelho, e as outras duas erão destinadas para as Indias, sob o commando de Francisco, e Affonso de Albuquerque.

Antonio de Saldanha deixou seu nome á Aguada do Saldanha, proximo do Cabo da Bôa Esperança, tendo ahi pelejado contra os barbaros. Neste lugar foi morto no dia 1.º de Março de 1810 o illustre D. Francisco d'Almeida como em seu lugar notaremos

Francisco d'Albuquerque chegou ás Ilhas Anchedivas, alli se lhe reuniram trez navios da esquadra de Vicente Sodré, commandados por Pedro d'Atayde, que o informou de que um furioso temporal fizera hir a pique o navio em que estava Vicente Sodré, e outro commandado por seu irmão Braz Sodré, morrendo ambos, bem como quasi toda a gente que se achava a bordo. Francisco de Albuquerque sabendo dos successos occorridos em Cochim, sahiu com a sua esquadra, e tocando em Cananor aonde soube o infeliz resultado da guerra de Cochim, foi fundear na ilha de Vaipem.

Trimumpára que foi dos primeiros que reconheceram o pavilhão, exclamou transportado de alegria : *Portugal, Portugal*, correu ao porto a encontrar o Chefe, e o recebeu como seu libertador. Francisco d'Albuquerque tendo-o cum-

primuntado da parte d'El-Rei, e agradecendo-lhe o zêlo com que elle se votára a seus interesses, fez trazer os ricos presentes que El-Rei lhe enviára, e em seguida lhe offereceu seus serviços, e prometeu restabelecêl-o no throno.

Esta promessa foi logo cumprida. Francisco d'Albuquerque tendo derrotado, e afugentado as guarnições que o Çamorim deixára na Ilha de Cochim, reconduzio em triumpho o Rei para a sua capital. Não satisfeito com este primeiro resultado, tendo distribuido seiscentos homens de sua frota, sob o commando dos capitães que com elle vierão, se assenhoreou de duas Ilhas visinhas pertencentes a Caimaes rebeldes; derrotou suas tropas, deixou morto em combate um d'estes Caimaes; incendiou seus palacios, assolou suas terras, bateu uma frota de cincoenta paráos pertencentes ao Çamorim, fez muitas excursões nas terras de Repelim, e com incrível celeridade voltou para Cochim coberto de gloria. O que mais se distinguio nestes primeiros combates, foi Duarte Pacheco, que tinha hido na primeira expedição do Almirante D. Vasco da Gama, e voltava agora segunda vez ás Indias commandante d'um dos navios da Esquadra de Affonso d'Albuquerque; mas como os temporaes o obrigassem a separar-se d'ella, elle o antecipou na sua chegada á India.

O Rei de Cochim estava tão satisfeito, que o general julgou aproveitar estes felices momentos para lhe propor, um nome d'El-Rei D. Manuel, o permittir-lhe edificar e na fortaleza na sua cidade. O Rei na situação em que se achavão os seus negocios não só consentiu, mas forneceu os materiaes e operarios para se acelerar a obra, e Francisco d'Albuquerque, receando que o Rei se arrependesse brevemente d'um consentimento dado sem ponderação, não perdeu tempo, escolheu um sitio alto, que dominava a Cidade, e o porto, delineou a planta da fortaleza, e na falta de

pedra e cal mandou cortar troncos de palmeiras, que o Rei deu francamente. Quatro dias depois de começada a obra, chegou Affonso d'Albuquerque, o qual, como trazia o mesmo regimento de Francisco d'Albuquerque, adiantou a obra de cuja direcção tomou cargo, e concluiu em breve tempo, assim como a igreja que successivamente se fundou.

Constava o forte de um quadrado de madeiros sobre madeiros bem unidos, e pregados com prégos, estava teraplenado e cercado de um grande fosso, onde entrava a agua do rio, nos dous augulos do quadrado se fizeram duas torres ou cavalleiros, em que se abriram boas baterias (*). A pressa que se davão os dous Albuquerquees, a fazerem suas carregações, e voltarem para Portugal, lhes não permittiu empregarem na construcção do forte e da igreja outra materia que não fosse madeira, nem de construirem uma obra de maior solidez. O remate dos trabalhos d'estes dous edificios foi logo seguido de uma cerimonia santa, e tão pomposa quanto o permittia a situação em que se achavão os Portuguezes. Esta cerimonia não deixou de agradar aos infieis, que admiraram os usos de nossa religião, e forão testemunhas da solemnidade com que foi sagrada a igreja, sob a invocação de S. Bartholomeu, e o forte que foi baptisado sob o nome de S. Thiago.

Terminado este negocio, não cuidaram os Albuquerquees em outra cousa mais do que em fazerem excursões no paiz inimigo, e de vingarem o Rei de Cochim de seus subditos rebeldes. Fizeram muitas correrias, umas sobre outras, invadiram as terras dos Caimaes de Repelim e Cambalam, e devastaram as povoações. Como a noticia d'estas irrupções corresse por todos os povos circumvisinhos, isto

(*) Esta foi a primeira fortaleza que os Portuguezes fundaram nas Indias.

fez com que , em mui pouco tempo , se reunisse um tão grande numero de Naires, que os Portuguezes se viram muitas vezes em vivíssimo aperto, e constrangidos a recolherem-se apressadamente ás suas embarcações. Duarte Pacheco como não tivesse achado a sua no mesmo sitio em que a deixára , esteve a ponto de ser morto pela multidão ; mas tendo feito esforços de bravura mais que humanos , conseguiu dar tempo aos Albuquerque de o livrarem. Pouco depois elle prestou igual serviço a Affonso d'Albuquerque, que assim como lhe devia a vida, da mesma sorte lhe deveu depois toda a gloria que adquiriu. Duarte Pacheco destruiu trinta e quatro paráos de Calecut , que andavão crusando naquella costa e perturbavão o commercio de Cochim

O Çamorim que não ignorava estes acontecimentos, e estava já aborrecido da guerra , excitado além d'isso pelo Principe Naubeadarim, cujo amôr á justiça , e estima para com os Portuguezes o fazião pender para estes , sollicitou a paz. Esta foi tratada e concluida tão secretamente, que os Mouros de Calecut o não souberão senão quando o tractado foi assignado. O Çamorim obrigou-se a viver em paz e amizade com o Rei de Cochim , a retirar seus navios dos portos d'este Reino, e a não perturbar seu commercio ; e comprometteu-se além disso a pagar aos Portuguezes mil e quinhentos bahares, (*) de pimenta e alguns quintaes d'outras mercadorias , a titulo de indemnisação , pelo que havia sido roubado por occasião do assassinio de André Corrêa ; e finalmente a não permittir que Mouro algum de Calecut commerciasse no Mar Vermelho. Francisco d'Albuquerque quiz que lhe fossem entregues os dous christãos transfugas, mas como este Principe não annuisse a semelhante clausula desistiu-se d'ella. Em consequencia des-

(*) Bahar, era uma especie de pezo Asiatico de 300 libras proximamente.

te tratado, foi desde logo restabelecida a feitoria Portugueza em Calecut, e por toda a parte se começou a desfructar as vantagens d'uma paz tão appetecida.

Affonso d'Albuquerque que tinha ordem positiva d'El-Rei D. Manuel para fazer suas carregações em Culam, e que recebêra da Rainha, Regente durante a menoridade do Rei seu filho, um convite para alli hir, havia já partido para aquelle destino. A estima que esta Rainha professava aos Portuguezes, e as vantagens que se propunha tirar de seu commercio, a tinham excitado a dar este passo. Culam era uma das cidades mais antigas da India, e donde se pretendem sahido as colonias que fundaram as capitães dos diversos Reinos do Indostão. O Commercio porém não podendo ahi fazer-se então com tanta vantagem como anteriormente, pela superioridade que adquirira a cidade de Calecut, a tinha feito decahir de seu primeiro esplendor, não obstante era ainda uma cidade bella e rica, e tinha um porto commodo n'um rio navegavel e bastante seguro, excepto em certos lugares onde o canal do rio se estreita. Affonso d'Albuquerque fez um tratado, e estabeleceu alli uma feitoria com um Feitor e dous Secretarios aos quaes deu vinte homens para lhes servir de guarda. Encontrando nesta cidade christãos de S. Thome suavizou a sua escravidão, e obteve do governo uma mui consideravel redução dos impostos que elles eram obrigados a pagar. Finalmente tendo concluido a sua carregação, deixou alli por missionario o Padre Rodrigues, religioso dominicano, que á sua instrucção juntava uma grande virtude; e extendendo o seu zêlo sobre os christãos ignorantes, e os Indios idolatras, produziu grandes fructos entre uns e outros.

A paz não foi de grande duração, por quanto havendo desintelligencias entre o Feitor e os Portuguezes de Calecut

com o Çamorim, este inquieto Príncipe começou novamente as hostilidades.

Affonso d'Albuquerque, sendo advertido por Coje-Bequi e pelo Feitor de Calecut, deu aviso a Francisco d'Albuquerque. O Rei de Cochim instruido de tudo por via de seus espias, e que previa que a borrasca hia cahir sobre elle, não omittiu cousa alguma afim de a desviar, tudo porém foi inutil. Francisco d'Albuquerque prometteu ao Rei de lhe dar alguma gente para o deffender; effectivamente elle deixou cincoenta homens no forte de S. Thiago, e um navio e duas caravellas com cem homens, ás ordens de Duarte Pacheco, que contra a opinião de todos os sacrificou nesta occasião pela honra nacional.

Francisco d'Albuquerque não querendo perder monção sahiu em direitura a Portugal, e morreu na viagem, naufragando o seu navio sem se saber aonde, nem de que maneira. Pedro d'Atayde, que commandava um navio da mesma Esquadra, naufragou na costa da alta Ethiopia, salvando-se porém a sua tripulação, que depois de muitos trabalhos e fadigas, se dirigiu parte a Moçambique, e o resto a Melinde.

Affonso d'Albuquerque, apesar dos temporaes que soffreu em sua derrota, chegou felizmente a Lisbôa, sendo muito bem recebido d'El-Rei D. Manuel, a quem fez presente de dous bellos cavallos persas (os primeiros que foram vistos em Portugal) e grande numero de perolas de valor.

Duarte Pacheco animado d'uma extraordinaria coragem começou a fazer preparativos para a defesa de Cochim. O Rei seguia o exemplo do heróe portuguez, porém um boato o consternou ao ultimo ponto. Os Mouros residentes na cidade persuadiram este Príncipe que Duarte Pacheco re-

conhecendo a impossibilidade de resistir ás forças do Çamorim, tencionava retirar-se com a sua gente para Culam, ou Cananor. O Rei a quem esta confidencia fez a maior impressão, não poudé deixar de fallar a Duarte Pacheco; este sciente da intriga produziu razões tão convincentes, que o Rei não só ficou satisfeito, mas ordenou que todos os seus subditos lhe obedecessem como a elle proprio, e prohibiu, sob pena de morte, a emigração da cidade.

Duarte Pacheco revestido d'esta authoridade convocou os principaes habitantes de Cochim, e depois de reanimar seus animos abatidos, lhe fez saber que estava na firme resolução de mandar enforçar a todos que fossem traidores aos Reis de Portugal e Cochim, ou abandonassem Cochim. Em seguida fez patrulhar a cidade de dia e de noite, porém niuguem se atreveu a contrariar ordens tão positivas.

O Çamorim constando-lhe que Duarte Pacheco entrára nas terras dos Caimaes seus alliados, e levava tudo a ferro e fogo, resolveu logo começar a campanha, e seguido dos Reis seus tributarios, ou seus alliados, e de cincoenta mil homens, de que se compunhão seus exercitos de terra e mar, dirigiu-se a marchas forçadas sobre Repelim, resolvido a entrar na Ilha de Cochim pelo passo de Cabalam. Duarte Pacheco conhecia a impossibilidade de pôder resistir a um tão prodigioso numero de inimigos, com cento e cincoenta Portuguezes. no entanto como a desesperação muitas vezes fornece forças, reunio a sua gente, e lhes representou d'uma maneira tão pathetica a conjectura em que se achavão, que todos elles obrigados pela necessidade de fazerem esforços mais que humanos, para defenderem seus bens, sua liberdade, suas vidas, e a honra de sua nação, ou de morrerem infamados; e além d'isso excitados pela vehemencia do seu discurso, abraçaram-se mutuamente e se obrigaram com os juramentos mais solem-

nes a prepararem-se com os sacramentos da igreja, para morrerem antes do que recuarem, ou fazerem ver o menor indicio de cobardia.

Satisfeito Duarte Pacheco da nobre emulação que abservava em todos os bravos que estavam sob suas ordens, os dividiu da seguinte maneira: postou no forte de Cochim trinta e nove homens commandados pelo Feitor Fernando Corrêa, vinte e cinco homens ficaram ás ordens de Diogo Pereira, capitão do navio, que destinou para guarda da cidade. Das duas carvellas que havia, uma precisava de concertos, e ficou no estaleiro fóra de serviço; pela outra caravella e mais duas lanchas distribuiu o resto de sua gente, devendo elle proprio commandar uma das lanchas para com este fraco soccorro hir postar-se no passo de Cambalam, que se propunha defender. Antes de partir, foi despedir-se do Rei, o qual poz á sua disposição quinhentos Naires sob o commando de dois Caimaes, que fez acompanhar dos thesoureiros de suas finanças. A affectada alegria de Pacheco não illudio este Principe, que dando-lhe os adeuses não ponde reter as lagrimas pela idéa de o vêr correr a uma morte certa, pela comparação que elle fazia d'esta pequena tropa com a inumeravel multidão de seus inimigos.

Duarte Pacheco logo que chegou ao passo de Cambalam afugentou oitocentos Naires, que pertendião embarçar-lhe o passo, em seguida fundeou na mesma passagem, de sorte que a caravella e as duas lanchas quasi que a obstruição, ficando amarradas umas ás outras com duplicados cabos, e estes ainda fortificados com cadêas de ferro para que as não podessem facilmente cortar.

Naquelle mesmo dia appareceu o exercito inimigo, e no principio da noite o Çamorim fez levantar, por intervenção dos dois christãos transfugas, um cavalleiro com

cinco bombardas em frente do passo de Cambalam. No dia seguinte marcado pelos agoureiros como dia feliz e decisivo, os inimigos ao romper da aurora se poserão em movimento para combate. A margem estava toda coberta de tropa que devião tentar a passagem do vau, e erão commandadas pelo proprio Camorim. A frota ás ordens de Nau-bearim e do Caimal de Repelim, seu commandante em segundo, occupava todo o canal, e se compunha de cento e sessenta navios de remo de trez diversas especies, a saber — de setenta e seis paráos levando cada um d'elles cinco bombardas, vinte e cinco archeiros, e cinco arcabuseiros; cincoenta e quatro catures (*) e trinta tones ou almadias tendo cada uma a sua bombardas, com deseseis combatentes diversamente armados. A'vista d'esta multidão d'inimigos, do brilhantismo de suas armas, do som de seus instrumentos bellicos, e dos seus gritos, assustaram-se tanto os Naires do Rei de Cochim, que se poserão todos em fuga, não ficando um só dos subditos d'este Principe, á excepção dos dois thesoureiros, que estando na caravella, forão retidos, a pesar seu, pelos Portuguezes, os quaes pela sua parte mostraram a maior firmeza e resolução.

Vinte paráos encadeados e armados de arpéos para aferrarem a caravella, principiaram o ataque. Uma nuvem de frechas e o fogo de mosquetaria e artilheria tornaram o combate terrivel; mas os inimigos estando muito apertados não podião fazer evolução alguma, e recebião um damno extraordinario com o fogo da nossa artilheria.

Duarte Pacheco tendo feito muito a proposito disparar dous tiros d'um dos maiores canhões que guarnecião a caravella, metteu quatro paráos a pique, e como despedaçasse

(*) Catur era entre os Indios uma especie de pequeno vaso de guerra.

a cadêa que os amarrava, obrigou os outros a retirarem-se. A segunda linha de parâos veio occupar o lugar da primeira, elle meteu do mesmo modo oito d'estes a pique; poz oito fóra de combate, e os restantes em fuga. O Caímal de Repelim que commandava a terceira linha, avançou para substituir as primeiras duas, e o exercito de terra entrou no váu. Então o combate tornando-se mais perigoso por este duplicado ataque, renovou com maior furor e durou até á noite sendo os inimigos destroçados e obrigados a retirar vergonhosamente com a perda de mil e quinhentos homens, sem que os Portuguezes tivessem pela sua parte mais do que alguns feridos.

O Çamorim recebendo reforços ordenou novo ataque, dividiu suas forças em dous corpos, um dos quaes devia atacar o navio que ficára de guarda á cidade, em quanto que o outro, como embuscado no rio de Repelim, viria postar-se na passagem do váu, na ausencia do Chefe portuguez, que elle previa não deixar de correr logo a defender o seu navio. Duarte Pacheco havia sido avisado por seus espias, do dia em que devia ter lugar o ataque, mas ignorava o estratagema que se projectára, e como se tivesse preparado para a defesa do váu; ficou muito admirado de que o inimigo não apparecesse naquelle ponto; mas pelas nove horas da manhã recebeu um expresso do Rei de Cochim, que o advertia do perigo em que se achava o navio portuguez. O nobre heróe toma a resolução seguinte: das duas caravellas que estavam ainda em estado de servir, deixa uma com uma das lanchas de guarda á passagem do váu, e com a outra caravella e a segunda lancha vóa em auxilio do navio, coadjuvado pela baixa-mar, e d'um vento de terra favoravel, sua presença poz os inimigos em fuga, apesar dos esforços dos chefes. Como Duarte Pacheco não podesse seguil-os, continuava seu caminho para o navio, quando o estrepito d'artilheria dos que atacavam e defendião

a passagem do váu de Cabalam o chamou para alli. Felizmente como tivesse mudado o vento á prêa-mar, se apresentou naquelle ponto em poucas horas, e chegou muito a proposito, posto que a caravella tivesse um rombo a flôr d'agua. O combate foi de uma e outra parte tão encarniçado que os Portuguezes já não podião mais; a vinda porém de Duarte Pacheco decidiu este novo ataque, por quanto os inimigos vendo-se investidos de flanco não pensaram mais do que em fugir, depois de terem perdido perto de tresentos homens, e desenove paráos, que os Portuguezes queimaram, não tendo estes mais prejuizo do que alguns feridos; ficando todos ensoberbecidos com tão extraordinarias façanhas, que encheram de terror os inimigos da inclita Nação Portugueza.

CAPITULO VII.

ANNOS DE 1504 A 1505.



Çamorim renova o combate, e é obrigado a retirar-se vergonhasamente. Duarte Pacheco o segue de perto. O Çamorim deseja a paz; é dissuadido pelos seus Agoureiros de a sollicitar; e tenta novamente entrar em Cochim por outras passagens. Rebenta a peste no exercito inimigo, a qual faz suspender suas operações. Duarte Pacheco aproveita-se d'este intervallo para dispor a defesa das passagens. O Çamorim entra novamente em campanha. Ordem em que marcha o seu exercito. Dispõe-se Duarte Pacheco a receber o inimigo, que tenta uma das passagens e é repellido. Perigo que corre Duarte Pacheco, e de que maneira o evita. O Çamorim é obrigado a retirar-se com grande perda e desesperando

a paz, recorre outra vez á guerra. Tenta incendiar os vasos portuguezes surtos na Ilha de Cochim; descobre-se este projecto, e é batido pela quinta vez. Lopo Soares chega ás Indias com uma poderosa armada. As condições de paz propostas por Lopo, Soares não são acceitas pelo Çamorim; rompem-se as negociações, e Calecut sofre um terrivel bombardeamento. O Çamorim prepara-se para recommençar a guerra. Lopo Soares trata de a prevenir. O inimigo é ainda outra vez batido, e dispersado. Lopo Soares entra violentamente em Cranganor, e lhe lança fogo. O Rei de Tanor subleva-se contra o Çamorim, allia-se com os Portuguezes, e o bate em diversos recontros. Lopo Soares bate, apresa, e queima desesete grandes navios mouriscos ricamente carregados, e volta, juntamente com Duarte Pacheco para Portugal. Distinções com que são recebidos na Capital por El-Rei D. Manuel. O ultimo é victima da inveja, e que galardão mereceram seus serviços. Parte para a India D. Francisco d'Almeida com uma esquadra de vinte e duas vellas. Grande ascendente que os Portuguezes adquirem em todo o Indostão. D. Francisco d'Almeida funda uma fortaleza na Ilha Anchediva, e parte para Cananor, aonde estabelece a sua residencia, tomando a titulo de Vice-Rei da India.



indignação do Çamorim pelo resultado d'aquelle seu estratagemma, não lhe permittiu differir a renovação do combate. Duarte Pacheco advertido de seus projectos, deu as convenientes ordens para que a sua gente estivesse prompta, e recommendou deixassem aproximar o inimigo o mais possivel. O silencio augmentou a confiança d'este, pois que

effectivamente veio em chusma e quasi desordenado, e logo que estiverão ao alcance da mosquetaria, se fez um tão vivo fogo de artilheria, e mosquetaria, que os Indios ficaram inteiramente descoroados. Debalde Námbeadarim, e o Caimal de Repelim, excitados pelas injurias, exprobrações, e insultos que lhes fez o Çamorim desesperado, procuraram repetidas vezes reconduzil-os ao assalto; o combate terminou por uma vergonhosa retirada, perda de uns vinte paráos, e perto de seiscentos homens fóra do combate. Esta retirada affligiu o Çamorim; e o obrigou a levantar o campo, e retirar-se precepidamente. Duarte Pacheco o seguiu, picando-lhe a retaguarda; incendiou-lhe dous pagodes, uma pequena aldêa, e bateu um corpo de tropas, que pretendia oppôr-se-lhe. Por mui fatigados que estivessem os Portuguezes, Duarte Pacheco não lhes dava tempo para descansarem, afim de que os inimigos não podessem respirar, e como era sempre avisado dos desígnios do inimigo, e além d'isso observára que os ataques eram assignalados pela superstição dos dias que elles tinham por felices, ou de máu agouro, elle se aproveitava d'aquelles intervalos, e apparecia nos lugares aonde menos o esperavão; ora incendiava uma povoação, ora saqueava outra, ora cahia sobre um destacamento da frota, marchava sempre com segurança, e jámais voltava d'uma expedição sem que tivesse combatido, e alcançado alguma vantagem consideravel.

O Çamorim teria sollicitado a paz da maneira que a proposera em conselho, se o Caimal de Repelim, os Mouros, e os Brachmanes o não tivessem affastado d'essa idéa, dando-lhe a esperança, de que se obteria mais feliz resultado, tentando as passagens de *Palinhard* e de *Palurt*, onde elle passára na primeira vez, quando entrára na Ilha de Cochim.

Resolvido o Çamorim a fazer esta nova tentativa, para alli fez conduzir as suas tropas. Duarte Pacheco, segundo os avisos que se lhe haviam feito, estava persuadido que este Principe se retirava para Calecut, mas tendo depois sido mais bem informado ácerca da sua marcha, que ja a vanguarda de seu exercito havia entrado na Ilha de Arail, e que este se occupava em cortar ramagens de arvores, o que entre os Indios era um signal de victoria, correu logo com tal rapidez sobre este corpo de tropas, que o poz em debandada, encravou a artilheria das baterias que ali haviam construido, e fez cortar as arvores que guarnecião a extremidade da Ilha.

As duas passagens de *Palinhard* e de *Palurt*, distantes meia legua uma da outra, tinham de vantajoso para os Portuguezes o não poderem ser atravessadas ambas ao mesmo tempo. A primeira só era accessivel á gente de pé, no fim da baixa-mar, e ainda então se tornava mui difficil, em consequencia da grande altura de lodo que ficava na vasante e da espessura das balsas que guarnecião a margem opposta; a segunda podia ser transitada em botes na prêa-mar, mas de nenhuma sorte quando abaixavão as aguas. Duarte Pacheco que havia attendido a esta circumstancia, conheceu logo que elle podia achar-se sempre ao alcance de defender ambas as passagens, e tendo postado as suas duas caravellas na passagem de *Palurt*, bem ancoradas e amarradas uma á outra com cadêas de ferro, elle se deixava hir nestas lanchas bem armadas, na corrente das marés, de sorte que chegava á passagem do *Palinhard* no fim da vasante, e voltava ajudado pela enchente para o passo de *Palurt*. Neste trabalho continuou sem interrupção de dia e de noite, por todo o tempo que o inimigo o ameaçava. Este não o fez esperar muito, atacou como da primeira vez, porém foi derrotado, declarando-se victoria pelos Portuguezes.

A peste fazia grandes estragos no exercito do Çamorim, e o obrigou a ausentar-se por algum tempo: d'esta maneira Duarte Pacheco teve occasião de poder concertar os seus navios, de fazer provisões de guerra e bôca, e fortificar as mencionadas passagens. Fez obstruir a que era vadeavel por gente a pé com vigas e pranchas guarneçadas de longas pontas de ferro, mas como estas vigas e pranchas, se entranhassem muito pelo lodo, mandou ali assentar grande numero de estacas de madeira rija bem aguçadas, as quaes não deixaram de produzir em tempo conveniente o seu effeito. Fortificou depois a frente do váu, e estabeleceu uma extensa estacada ao longo da margem que medeava entre uma e outra passagem, de cuja guarda encarregou os Naires do commando do Principe herdeiro de Cochim.

Como a peste tivesse diminuido e os agoureiros marcassem um dia feliz para a passagem do váu de *Palinhard*, o Çamorim fez avançar o seu exercito na seguinte ordem: trez mil Naires formavão as avançadas; seguia-se a vanguarda ás ordens do Principe Nambeadarim, composta de doze mil homens, entre os quaes se contavão duzentos archeiros, e trinta mosqueteiros. O Caimal de Repelim commandava outros doze mil homens. O Çamorim fechava a marcha do exercito com a retaguarda de quinze mil homens, entre os quaes havião quatrocentos porta-machados, destinados a destruir a estacada. Para oppôr a todas estas forças não tinha Duarte Pacheco mais do que quarenta homens com duas lanchas, em cada uma das quaes havião seis pedreiros, dous falconetes, e outro canhão de maior calibre. Esperou que o inimigo se aproximasse, e fez um fogo tão destruidor, que o compelliu a retirar-se; entretanto chegou Nambeadarim com a vanguarda, entrou no váu com bastante deliberação, e foi recebido pelos Portuguezes com um vivissimo fogo de artilheria, mosquearia, e granadas. A novidade do ultimo não deixou de

causar grande desordem e extraordinario espanto entre os inimigos, cujo ardor affroxou. Duarte Pacheco que receou que a sua lancha ficasse em sêco fez avançar Christovão Juzarte, commandante da segunda lancha, que era mais pequena, para occupar a entrada do váu, em quanto elle retrocedeu um pouco, afim de o sustentar, preparando-se a reunil-o logo na prêa-mar, a qual não podia tardar muito.

Este movimento não paralisou a acção dos Portuguezes, porém os Naires de Cochim encarregados de guardar a estacada, tomaram a fuga, por traição de um Caimal parente de Trimumpára, que tendo deixado o partido d'este Principe, para seguir o do Çamorim, havia tambem abandonado este para se congraçar com o Rei de Cochim, que elle outra vez trahia: d'esta forma Duarte Pacheco ficou só com os Portuguezes.

O Çamorim sabedor d'este successo fez avançar suas tropas, que effectivamente entraram no váu; mas logo que chegaram ás pontas aguçadas das estacas, atormentados de uma parte por estes dolorosos obstaculos, e seriamente encommodados pelo fogo que lhes fazião as lanchas portuguezas, tudo entre elles era confusão, e pretendendo retroceder viram-se embaraçados pelo lodo, em que alguns ficaram enterrados. Até então todas as vantagens estiveram da parte dos Portuguezes: mas a palissada que se achava indefesa, por ter sido cortada pelo inimigo, ministrou uma nova passagem, os inñmigos tomão coragem, e avançao. Duarte Pacheco estava quasi cercado, e julgando-se perdido, chamou de todo o coração o Altissimo em seu auxilio. A prêa-mar pareceu então voltar de proposito neste momento como em deferimento á sua supplica. Foi este effectivamente o instante decisivo; á medida que augmentava a agua, maior era a facilidade com que os Portuguezes manobravão; pelo contrario, os inimigos viram-se na necessidade

de cederem, até que tornando-se-lhes a passagem impossivel, o Çamorim fez tocar a retirar, e reconduzio suas tropas para o acampamento, tendo soffrido nesta occasião maior perda que em alguma das acções percedentes. Sua pessoa correu ainda grande perigo, porque ao tempo que elle caminhava ao longo da margem, Diogo Raphael que commandava uma das caravellas no passo de Palurt, tendo-o apercebido, lhe fez apontar um canhão, que descarregando, matou trez dos principaes senhores da sua côrte, e tão perto d'elle, que ficou todo salpicado de sangue; atterrado desceu de seu palanquim para poder salvar-se a pé.

Crescia a indignação no coração d'este Principe, á medida que se multiplicavão as suas desgraças; magoado pela perda de tantas batalhas, dizem alguns Historiadores que recorrêra ao artificio, e á traição, já que até então havia sido infructifera a força descoberta. Pretendem tambem que pelos perniciosos conselhos do Caimal de Repelim, elle posera em campo assassinos para tirarem a vida a Duarte Pacheco, e encarregára outros agentes de envenenar as aguas dos poços e das fontes. Duarte Pacheco a quem não erão occultas estas tramas, divulgadas talvez com o fim de o intimidarem, fingiu despresal-as, não deixando de tomar secretamente as necessarias medidas para as prevenir; e querendo depois lograr o inimigo, e atemorisal-o, fez correr o boato de que formára certo plano em virtude do qual seria infallivel a captura do Çamorim. Entretanto estes trabalhos reduziram-se a fortificar a passagem do váu em que se excavaram profundos fossos, e a construir um reducto sobre o qual mandou levantar uma especie de forca, supplicio então em uso entre os Indios, para a infima plebe. Interrogado pelos Naires de Cochim para que fim era destinada aquella forca, respondeu friamente, *para inforçar o Çamorim*. Este Principe ficou tão assustado com tal noticia que immediatamente enviou dois agentes encar-

regados de negociarem a paz. Duarte Pacheco desejava o fim d'esta guerra, porém como os deputados secretos lhe não apresentassem plenos poderes, e obrassem simplesmente em seu próprio nome, affectou não fazer caso d'elles, e declarou, *que se o Çamorim pessoalmente lhe sollicitasse a paz elle pensaria na resposta.*

Este desprezo apparente, sustentado pelo feliz exito das frequentes e sempre imprevistas correrias de Duarte Pacheco, acabou de affligir a Çamorim, e augmentou mais seus terrôres. Não obtendo a paz, resolveu tentar ainda uma vez a sorte da guerra, persuadindo-se que seria facil aniquilar seus inimigos com umas machinas de guerra, inventadas por um engenheiro arabe, as quaes consistião em oito tórres, cada uma levantada sobre dois paráos unidos, e podendo levar uns dez arcabuseiros, que ficando mais elevados que os navios dominariam a coberta, e os poderião bater com vantagem. Duarte Pacheco que poudo obter o plano d'estas machinas, dispoz-se a recebêl-as, e para este fim encostou as suas duas caravellas uma á outra com as popas para a margem, apoiadas sobre pequenas vigas a fim de que os paráos inimigos as não podessem investir, arranjou em cada uma das caravellas um castello de prôa, cada um dos quaes continha seis homens, e finalmente formou na frente um pontão construido de madeiros, o guarnecido de doze homens.

O Çamorim começou o novo ataque investindo o exercito o váu de Palinhard. Grande numero de jangadas carregadas de materias combustiveis devião ser incendiadas para hirem com a corrente da maré sobre os navios portuguezes e lançar-lhe assim o fogo. Seguiu-se depois a frota ordenada sobre trez linhas, a primeira era composta de vinte poráos parte encadeados, e parte soltos; a segunda de cem catures, e de oitenta tones ou almadias; depois d'estas vinhão

os oito castellos de que se esperavão tão grandes effeitos, mas todas as esperanças do inimigo se desvanecêram como o fumo, seus projectos não serviram senão de lhes causarem novas perdas e de os cobrir de maior vergonha e confusão.

As balsas inflamadas abandonadas á vasante da maré ficaram afastadas dos navios por causa do pontão e consumiram-se inutilmente. A frota inimiga permaneceu todo o tempo que durou este incendio, exposta a um vivo fogo da artilheria portugueza, que era de maior calibre e melhor servida que a dos Indios, de sorte que se não disparava um tiro que não fosse bem empregado. O rio estava coberto de centenaes de cadaveres, e destroços das embarcações, as quaes umas se afundavão, outras em extremo incommodadas, procuravão affastar-se, e não fazião mais do que augmentar a desordem. Das oito grossas e pesadas machinas, difíceis de manejar, sómente duas poderam aproximar-se, porém mandando Duarte Pacheco disparar alguns tiros de peça cahiram com grande estrondo no mar, morrendo todos os combatentes que nellas se achavão.

O Çamorim não foi mais bem succedido no passo de Palinhard. Simão d'Andrade, e Christovão Juzarte, que commandavão os bateis, Lourenço Moreno que tinha sob as suas ordens alguns parãos indianos, e o Principe de Cochim, que com seus Naires guardava a estacada, todos se defendêram com heroico valôr, até que subindo a agua pela prêa-mar, a victoria se decidiu pelos Portuguezes.

Algumas proposições de paz não tiveram o exito desejado, e em differentes ataques o Çamorim foi ainda rechaçado. Finalmente depois de cinco mezes empregados nesta guerra, foi obrigado a voltar a Calécut, tendo perdido, pela peste, ou pelo ferro do inimigo, dezoito a vinte mil homens. Caiu em tal abatimento, que pelo espaço de al-

guns dias esteve retirado n'um *Turcal* (*) resolvido a passar alli o resto de seus dias, no exercicio da penitencia, e serviço de seus deuses.

A noticia d'este retiro depressa correu por todo o Indostão e acabou por desordenar os seus negocios. Muitos Principes, incluindo o Caimal de Repelim, abandonaram sua causa, e congraçaram-se com o Rei de Cochim.

A Mãe do Çamorim conseguiu dissuadir este Príncipe de tão desesperada resolução; e alfim o resolveu a regressar a Calecut; porém sua causa estava completamente perdida, porque Lopo Soares, que El-Rei D. Manuel havia mandado neste anno para as Indias, chegou então a Cananor com uma armada composta das doze vélas com que sahira de Lisboa, e mais algumas que se lhe reuniram em Melinde, e Mombaça. (**)

Lopo Soares, informado em Cananor do resultado da guerra de Cochim, partiu a toda a pressa para Calecut. O Çamorim mandou cumprimentar o Chefe, e lhe enviou refrescos, porém este nada aceitou, e disse aos Enviados Indios: « Que exigia a entrega dos dous transfugas europeus, e que se fizesse um tratado de commercio. O Çamorim, seguindo os impulsos de seu traiçoeiro coração, oppoz varios obstaculos, e positivamente recusava entregar os dous transfugas, mas como as duas partes contratantes se obstinassem neste ponto, Lopo Soares deu signal para romper o fogo d'artilheria, que, durando dous dias successivos, destruiu muitos edificios, e matou mais de 1:500 pessoas.

(*) Tugal era uma especie de convento dos Brachmânes.

(**) Esta armada trazia mil e duzentos homens de pe-
leja fora a gente necessaria para marear.

A esquadra dirigiu-se depois a Cochim, onde foi acolhida com os maiores applausos. O Rei recebeu com muita alegria Lopo Soares, a quem apresentou Duarte Pacheco como seu libertador. Lopo Soares agradeceu a este Principe, em nome d'El-Rei D. Manuel, a sua constante afeição aos Portuguezes, e entregou-lhe os ricos presentes que lhe enviára este Soberano.

A cidade de Cranganor, de que já temos fallado, situada no Malabar, a quatro leguas de Cochim, era composta de muitas nações reunidas, e de diversas communhões, taes como idolatras, mahometanos, judeus, christãos, e formava, com seu territorio um pequeno Estado, que era governado á maneira de Republica, sob a protecção do Çamorim, a quem pagava certo tributo, para poder manter-se contra os Reis visinhos, e sustentar o seu commercio. Nesta ultima guerra, havia ella patenteado demasiado zêlo pelos interesses d'este Principe; zêlo promovido pela facção dos Mouros que alli erão os mais poderosos. Cochim havia soffrido muito pela visinhança d'esta cidade. Corria n'esta época que o Çamorim contando com a proxima partida da armada portugueza para a Europa, fazia preparativos de guerra, para tornar a atacar a Ilha de Cochim onde esperava entrar por outra passagem chamada o passo de Paliport. O Principe Nambeadarim ahi reunia um numerozo exercito de terra, e um Mouro por nome Maimane, habil maritimo, dirigia com a maior actividade a formação de uma nova armada, para a qual tinha já oitenta paráos, e cinco grandes navios.

Por este tempo Lopo Soares tendo feito armar vinte e cinco paráos, com estas e outras embarcações, em que embarcaram mil Portuguezes, e outros tantos Naires foi para Cranganor. Apesar do segredo, os inimigos tiveram tempo de se pôrem em defesa. Maimane apresentou-se com dous

de seus grandes navios amarrados um ao outro, bem guardados de artilheria, os quaes cobrião a sua frota. Cinco bateis que fazião a vanguarda dos Portuguezes, começaram desde logo o ataque com bastante resolução; por muito tempo se combateu com denodado valor de parte a parte. Mai-mane e seus dous filhos, defenderam-se como desesperados, e morreram como uns bravos. Capturados os dous navios, o resto da frota não tardou em ser destruida. Lopo Soares deu então o signal para desembarque. Nambeadarim se lhe oppoz com as suas tropas; o combate foi renhido e sangui-nolento, mas por fim vendo-se obrigado a ceder, e sendo pelos seus arrastado á fuga, entrou em Cranganor por uma porta, para sahir por outra. Os Portuguezes o seguiram pela cidade onde pozerão tudo a fogo e sangue. Lopo Soares tinha dado ordem para que se respeitassem as Igrejas, e as casas dos christãos, que tinham vindo reclamar a sua protecção; mas como no Indostão as casas são quasi todas formadas de madeira, e cobertas de caniçados ou de grandes folhagens, não poudo obstar-se a que muitas fossem devoradas pelas chammas.

Neste mesmo tempo, e Çamorim recebeu dous novos revezes, da parte, donde menos os esperava. O Rei de Tanor denodado e assaz poderoso em territorio, havia sido pouco a pouco despojado pelo Çamorim, o qual lhe não havia deixado mais do que Panana e Tanor. Tinha soffrido estas extorsões com paciencia, como d'ordinario acontece aos pequenos estados que se vêem obrigados a ceder a uma potencia maior, e durante a ultima guerra havia este Principe servido o Çamorim com o maior zêlo na esperança de que seus serviços o indusiriam a fazer-lhe mais justiça. O Çamorim longe de attender a seus bons officios, pelo contrario pensava ainda em invadir o resto de suas terras; pela commodidade que ellas lhe efferecião na guerra que projectava continuar contra o Rei de Cochim. Semelhante

proceder irritou o Rei de Tanor, que resolveu tirar a mascara: expediu Embaixadores a Lopo Soares a fim de solicitar a sua alliança e de obter algum auxilio; mas antes que este soccorro tivesse chegado, elle descarregou dous golpes mortaes e decisivos no Çamorim. Sabendo que este Principe avançava com dez mil homens, para reunir ás tropas que vinhão de Cranganor, esperou-o n'um desfiladeiro, e o derrotou completamente, matando-lhe mais de dous mil homens, e voltando rapidamente sobre as tropas do commando de Nambeadarim conseguiu nova victoria acabando d'aniquilar os restos do fugitivo exercito.

Lopo Soares. e Duarte Pacheco despediram-se do Rei de Cochim; Manuel Telles Barrêto ficou com quatro navios para defender os estados d'este Principe, e os do Rei de Tenor, bem como as feitorias Portuguezas.

Lopo Soares tendo aviso que em Pandarane se achavão dezesete navios dos Mouros ricamente carregados, e que sómente esperavão vento favoravel para se fazerem á vella pelo Mar Roxo, resolveu hir incendial-os, e nada disse sobre este particular ao Rei de Cochim. Fingiu não ter outra cousa em vista senão hir a Cananor, e partiu com toda a armada, fazendo-se ainda acompanhar da que elle deixava nas Indias.

Logo que chegou á altura de Pandarane, vinte parãos inimigos bem armados vendo as caravellas que se havião anticipado e que pouco avançavão por falta de vento, as assaltaram com bastante coragem, mas chegando a nossa armada logo fugiram. Os dezesete navios mouriscos estavam n'uma especie de circulo encadeados uns aos outros com a poupa para a margem, e a prôa ericada de canhões, com quatro mil homens para os defenderem. O circulo achava-se a coberto de um recife no alto do qual havia um re-

ducto com uma boa bateria. Os navios portuguezes como não podessem approximar-se muito da terra, por estarem carregados, Lopo Soares foi com a sua gente escolhida nas lanchas, e observando que nada obstava a que as caravellas entrassem as fez rebocar. Toda a difficuldade esteve em passar o recife. A bateria neste estabelecida e a dos navios produziram um tão terrivel effeito, que por pouco que continuasse os Portuguezes se virião obrigados a retirar. Os Capitães das lanchas excitados pelo perigo, forão abalroar ás dos vasos inimigos. Tristão da Silva subiu para o navio que aferrára; este exemplo foi seguido por todos os outros Capitães entre os quaes estava Duarte Pacheco, combateu-se então de parte a parte, braço a braço. Os Mouros cedêram e abandonaram seus navios, que sendo prêsa das chammas, forão consumidos com todas as suas riquezas, por ordem de Lopo Soares, que depois d'esta assignalada victoria, seguiu viagem para a Europa, entrando em Lisboa no dia 22 de Julho de 1505, isto é, quatorze mezes depois que d'aqui partira.

Lopo Soares tinha titulos capazes de lhe grangear a estima publica: filho do grande Chancellor do Reino, depois de haver effeituaado uma expedição gloriosa, não é para admirar que fosse acolhido com geral satisfação; no emtanto Duarte Pacheco, seu emulo em proesas, captivava a attenção de todos os habitantes de Lisboa. Succedeu pois que por este tempo El-Rei D. Manuel fez extrahir uma noticia circunstanciada das façanhas de tão grande heroe, a qual enviou ao Summo Pontifice e a todos os Soberanos da Europa. Após isto conduzio Duarte Pacheco até á Cathedral em procissão, hindo alli dar graças ao Altissimo. Por esta occasião o Bispo de Vizeu fez a apologia do vencedor das Indias em sua propria presença. A mesma cerimonia religiosa teve lugar em todas as Igrejas de Portugal.

E' bem de crer se deseje indagar se tantas honras não forão seguidas de revézes. Duarte Pacheco deve augmentar a lista muito numerosa de homens illustres, victimas de uma fatal desgraça. Não pensando mais do que na gloria e vantagens da sua patria, tinha obstinadamente recusado todos os presentes, que o Rei de Cochim lhe queria fazer. Depois do dia glorioso em que elle se vira publicamente elogiado em Lisboa, seja esquecimento, ou inveja, pareceu não se cuidar nelle durante longo tempo. Passados muitos annos, alguns Nobres tendo recordado o seu nome, lhe alcançaram o governo de S. Jorge da Mina. Activo, e pouco politico, Duarte Pacheco adquiriu numerosos inimigos, foi accusado de prevaricação, e o desinteresse de que havia dado provas tão evidentes, não poude obstar a que viesse prêso para Portugal. Sua prisão foi longa; e a final reconhecida a sua innocencia recobrou a liberdade, mas nem por isso deixou de ser o alvo aonde a malignidade dirigiu sempre os seus tiros. Finalmente aquelle que tinha triunfado com tão pouca gente de todas as forças de um poderoso Soberano, e tornado o nome Portuguez tão respeitavel na India, morreu reduzido á ultima indigencia.

(1505) El-Rei D. Manuel informado das machinas occultas, e pouco leaes da Republica de Veneza, e da manifesta opposição do Soldão do Egypto, ligado com os Reis de Calecut e de Cambaya, resolveu mandar á India um grande capitão, que com o titulo de Vice-Rei dirigisse, promovesse, e defendesse os negocios da navegação, e commercio d'aquellas partes. E escolheu para este importante cargo o illustre D. Francisco de Almeida, o qual acompanhado de uma poderosa armada de vinte e duas velas (*) sahio do Tejo em Março de 1505.

(*) Esta armada levava 1:200 homens de desembarque.

D. Francisco d'Almeida, devia residir nas Indias primeiramente na qualidade de Governador e Capitão general, e tomaria o título de Vice-Rei, logo que tivesse feito construir fortalezas nos lugares que El-Rei lhe designára. (*)

A esquadra seguiu sua derrota com feliz viagem, e veio lançar ferro a Quilôa. O Rei, a quem D. Vasco da Gama obrigára a prestar pleito e homenagem a El-Rei de Portugal, era usurpador do Throno d'este paiz, e sendo sempre inimigo dos Portuguezes, apenas D. Francisco de Almeida chegou, fugiu para o interior. Mahomet Ancossim ficou governando interinamente, e teria seguido o exemplo do usurpador se o chefe portuguez o não tranquilizasse.

O Vice-Rei, sabedor de quanto este individuo era bemquisto dos Portuguezes, fê-lo logo reconhecer Rei, entregando-lhe a purpura que o fugitivo usurpador maculára. As pompas e as festas para a aclamação do novo Rei foram luzidas, e não nos deteremos em as enumerar detalhadamente: basta que digamos que a corôa lhe foi posta na cabeça com o maior ceremonial por D. Francisco d'Almeida, havendo o novo Rei prestado antes juramento de fidelidade a El-Rei de Portugal, de quem se considerava subdito.

Viu-se então na pessoa d'este Principe um bello exemplo de probidade, porque levando o desinteresse até á abnegação, reputou-se tão sómente um depositario da realza, chegando a rogar ao general que fizesse reconhecer um dos filhos do Rei Abulfait, que fôra desthronado pelo usurpador, e isto com prejuizo de seus proprios filhos. Ainda que D. Francisco d'Almeida admirasse n'este Mahome-

(*) Estas fortalezas devião ser levantadas, segundo as instrucções da côrte, em Quilôa, Anchediva, Cananor, e Coulão.

tano tanta generosidade, tão pouco vulgar nos Principes da terra, annuo todavia ao que elle sollicitára com a condição que conservaria o sceptro em quanto viço fosse, governando os Estados do seu pupillo.

D. Francisco d'Almeida havendo edificado uma fortaleza em Quilôa, partiu para Mombaça, afim de castigar a audacia do Rei d'este paiz, e exigir-lhe satisfação do seu proeeder para com os Portuguezes. O piloto, que tinha sido encarregado de reconhecer a entrada do porto, foi recebido com tiros d'artilheria, e entre as peças notou-se que algumas tinham as armas de Portugal, as quaes tendo pertencido ao navio S. Raphael, que naufragára n'esta costa, o Rei de Mombaça conseguira tirar do fundo do mar.

O inimigo estava preparado para a defesa. Perto de quatro mil homens guarnecião a praça, e contava afóra isto com varios outros soccorros. D. Francisco d'Almeida não se acobardou: — atacou a cidade por duas diferentes partes com vivissimo fogo, e finalmente após um mal ferido combate, tomou-a. Pelejou-se ainda assim pelas ruas da cidade porfiadamente e por muito tempo. Fizerão-se duzentos prisioneiros; e para mais de setecentas pessoas succumbiram n'esta lucta sanguinolenta. O Rei refugiou-se para o interior, e d'ahi fez algumas propostas de paz, que se regeitaram completamente. A cidade foi saqueada, e obteve-se um consideravel despojo, de que o Vice-Rei não guardou para si mais do que uma frecha. Na tomada da praça distinguio-se sobremaneira D. Lourenço d'Almeida — D. Francisco d'Almeida não quiz perseguir mais o Rei fugitivo, e mesmo a sua gente estava tão cansada que mal podia manobrar. Contentou-se em tomar a artilheria inimiga, e proseguio na sua derrota para Anchediva, onde mandou edificar uma fortaleza, e assim que esta se achou em estado de resistir a qualquer assalto, foi nomeado seu governador

Manuel Pessanha , a quem ficaram sufficientes munições e petrechos de guerra.

Concluidos estes trabalhos, D. Francisco d'Almeida partiu para Cananor, onde mal que chegou assumiu o titulo de Vice-Rei da India.



CAPITULO VIII.

ANNOS DE 1505 E 1506.



Francisco d'Almeida, o primeiro Vice-Rei da India appresenta-se com um fausto digno do alto emprego que exerce. Recebe a bordo de seus navios uma pomposa embaixada do Rei de Narsinga que sollicita a sua alliança. Descrevem se os extensos estados d'este Principe. O Vice-Rei vai para Cochim, onde acha reinando um sobrinho do antigo Rei do paiz; firma este no throno, repara e augmenta a cidadella aqui estabelecida, e expede para Portugal a frota ricamente carregada. Imprudente proceder do Feitor, Antonio de Sá, em Coulão, que dá causa a serem massacrados os Portuguezes alli residentes. Vingança tomada pelo Vice-Rei por aquelle attentado. O Camorim instiga os Reis

seus alliados e dependentes, e clandestinamente se prepara para atacar todos os vasos portuguezes que se achassem exulados. O Vice-Rei encarrega seu filho, de hir encontrar, e bater o inimigo, que é desbaratado, perdendo muitos vasos. A cidadella de Anchediva é atacada pelas forças do Sabaio, ou Senhor de Góá, que são repulsadas com perda; D. Francisco d'Almeida conhece a pouca utilidade que esta fortaleza presta ao Estado, e a faz arrazar. O proceder de Gonçalo Vaz de Góes para com um navio mourisco de Cananor revolta a população d'esta cidade contra os Portuguezes. Lamenta a de Cochim a perda de varios vasos que lhe são capturados pelas forças do Camorim. O Rei de Cananor procura render a cidadella, já por ardis, já de viva força, mas sempre com desvantagem. Prolonga o assedio da mesma por mais de quatro mezes. E' levantado pela chegada inesperada da frota de Tristão da Cunha ás Indias.



U novo Vice-Rei de dia para dia procurava augmentar o lustre do seu nome. Se apparecia em publico era sempre com as maiores pompas e gallas; e como tivesse uma entrevista com El-Rei de Cananor, quiz ahi demonstrar até onde chegava o luzimento da sua côrte, e por isso a nada se poupou quanto podesse accrescentar sua fama em riquezas, e dotes moraes que o tornassem preclaro. Tractou ao principio este Principe como seu subdito, depois renovou com elle a antiga alliança, e obteve poder construir uma fortaleza, que em breve espaço se concluiu, fornecendo El-Rei os materiaes, e trabalhando todos os Portuguezes sem distincção de classe, na obra para que se concluisse com a maior diligencia.

Ferio porém mais o amor proprio do Vice-Rei a circumstancia de vêr-se ao mesmo tempo sollicitado pelo Rei de Narsinga ou de Bisnagar. Este Principe, além dos extensos estados que possuia para o interior das terras, extendia ainda o seu poderio por toda a costa de Coromandel d'além do cabo de Çamorim, e d'aquem, pelo territorio tocava Canará, d'uma parte no Malabar, e da outra, no Reino de Decan. Elle se appellidava o *Rei dos Reis*; e effectivamente contava muitos d'elles seus feudatarios especialmente o Rei de Onor. Como seus interesses o indusissem a procurar a amizade dos Portuguezes, tanto que lhe constou a chegada de D. Francisco d'Almeida a Anchedi-va apressou-se a enviar-lhe um Embaixador que o foi encontrar em Cananor. O Vice-Rei lhe deu pomposa audiencia a bordo. O Embaixador disse por esta occasião « Que a affeição que El-Rei seu amo tributava á Nação Portuguesa, obrigando-o a alliar-se com ella, era tão grande de que não duvidava acceitar voluntariamente quaesquer condições que podessem favorecer o commercio entre El-Rei de Portugal e seus subditos; e para prova da sua boa vontade consentia desde já que se estabelecessem fortalezas em nome do Rei de Portugal nos portos de seus Estados, que o Vice-Rei julgasse mais convenientes, excepto no de Baticala, por haver já este porto sido concedido a outros. Finalmente, que para mais estreitar os laços da união que aquelle Principe desejava contrahir com El-Rei de Portugal, elle lhe offerecia para esposa do Principe de Portugal, sua irmã, Princeza de rara formosura. » Estas offertas erão acompanhadas de riquissimos presentes. O Vice-Rei respondeu ao Embaixador cavalheira e dignamente, e regulou temporariamente as condições que lhe pareceram mais convenientes aos interesses de Portugal, promettendo fazer quanto podesse para firmar cada vez mais a alliança que se lhe propunha estabelecer, e a final despediu o Embaixador summamente satisfeito, en-

carregando-o igualmente de magníficos presentes tanto para El-Rei seu amo, como para elle proprio.

O Vice-Rei, tendo deixado Lourenço de Brito governador da fortaleza de Cananor, partira para Cochim, onde se propunha praticar uma brilhante acção. Trimumpára, este tão fiel, constante, e generoso amigo dos Portuguezes já não existia no throno. A sua devoção o havia levado a abdicar, afim de procurar, segundo um mui ordinario costume dos Reis Indios, a solidão, e alli terminar seus dias no exercicio das mais santas praticas de sua religião: mas ao retirar-se do throno, quiz dar aos Portuguezes um testemunho irrefragavel de sua afeição para com elles; porque tendo de escolher um successor entre seus sobrinhos, recusou aquelle que mais inclinado se mostrára ao Çamorim, e nomeou de preferencia Nabeadora, que fôra sempre affecto á Nação Portugueza, não obstante o primeiro ser, conforme o uso do Malabar, o mais proximo herdeiro da corôa. Esta troca não deixou de produzir ao Vice-Rei algum receio, mas reflectindo nesta circumstancia, achou ser a mais favoravel ao seu projecto.

El-Rei D. Manuel mandára uma magnifica corôa de ouro ao Rei de Cochim, e o Vice-Rei tomou a deliberação de coroar solemnemente este Principe. O Rei cercado da sua côrte, recebeu o Vice-Rei, que foi acompanhado de todos os seus officiaes, ao palacio, e depois dos cumprimentos do estillo, começou este o seu discurso « Exaltou
« primeiro os importantes serviços que Trimumpára, seu antecessor prestára á Corôa Portugueza, a ponto de ter arriscado seus estados, e sua propria pessoa pela conservação, e bem estar dos seus alliados. Accrescentou depois que El-Rei de Portugal se mostrava por tal circumstancia tão agradecido, que desejando dar-lhe um testemunho não vulgar de sua gratidão, lhe recommendára trez cousas que elle

« passava a executar, a respeito do Principe reinante de
 « Cochim, pois que Trimumpára, por sua abdicação, se
 « não podia aproveitar d'ellas. Que era a primeira, pôr-lhe
 « na cabeça uma corôa de ouro, como signal distinctivo
 « da authoridade real que elle lhe conferia, sob a protecção
 « de Portugal, exemptando-o desde aquelle momento de
 « toda a dependencia do Çamorim, ou de outro qualquer
 « soberano, permittindo-lhe o cunhar moeda de ouro, pra-
 « ta ou qualquer outro metal, como é da pratica dos Reis,
 « obrigando-se Portugal a defender o novo Rei, e seus suc-
 « cedores contra quaesquer inimigos. »

Dizendo isto o Vice-Rei toma a corôa, que põe na
 cabeça do Principe ao som d'instrumentos guerreiros, col-
 loca-o no throno, e proclama-o Rei.

Poucos instantes depois proseguio assim: « Que con-
 « sistia a segunda cousa em lhe offerecer uma taça d'ou-
 « ro, e que em testemunho do reconhecimento e protecção
 « que El-Rei de Portugal lhe outorgava, todos os annos lhe
 « enviaria uma taça como aquella. » O Vice-Rei levantou-
 « se e entregou a taça ao Rei.

« Que era, enfim, a terceira edificar uma segunda
 « fortaleza mais forte do que a primeira, afim de que a
 « pessoa do Rei e a cidade de Cochim ficassem a coberto
 « de qualquer insulto que se premeditasse. »

Lavrou-se um auto, em duplicado, do acontecido. Al-
 guns escriptores affirmão que Nabeadora se declarára des-
 de então vassallo da Corôa Portugueza, e que os Portugue-
 zes assim e reconheceram; porém é ponto que não pode-
 mos dar por inteiramente esclarecido.

O Vice-Rei satisfeito de tão bem haver empregado o

seu tempo, deu-se pressa em accelerar os trabalhos de fortificação: expediu para Portugal oito navios grandes, cuja carga se achava já prompta nos depositos portuguezes de Cochim e de Cananor, e encarregou o commando d'esta frota a Fernando Soares.

Em consequencia dos infortunios acontecidos ao Camorim pelo valor de Duarte Pacheco, aquelle Principe, desgostoso, parecia não desejar outra cousa mais do que a paz; mas, ou por que o orgulho o impedisse de ser elle o primeiro que a sollicitasse, ou porque o receio o privasse da coragem necessaria para emprehender alguma cousa, conservava-se em inacção, não pedindo a paz, nem fazendo a guerra.

Em Coulão occorreram por este tempo desordens de graves consequencias. Antonio de Sá, Feitor nesta Cidade, determinou que ninguem podesse carregar generos do paiz em quanto os depositos portuguezes não estivessem cheios. Este facto havia tido lugar no tempo em que Duarte Pacheco commandava só nas Indias, o que o obrigára a transportar-se a Coulão; mas por mui activo que fosse, elle pensou dever então dissimular prudentemente o passado, occultar este negocio, e assegurar seus direitos para o futuro. Logo que D. Francisco d'Almeida fundeou em Anchediva, na sua chegada á India, João Homem Capitão da Caravella, que se despachára para participar a vinda do novo general, tendo chegado a Coulão, Antonio de Sá, soberbo de se considerar reforçado por este novo auxilio, renovou as suas instancias e diligencias. Estavam então surtos no porto de Coulão grande numero de navios mouros, que sollicitavão o Rei para que os fizesse carregar, pois que nenhuma outra cousa esperavão para se fazerem de vêla. Antonio de Sá o havia até então impedido de os satisfazer, posto que lhe não faltasse para isso a

vontade; temendo porém que o Rei cedesse aquellas instancias, expoz a João Homem o objecto de seu receio: e este respondeu-lhe pouco mais ou menos nos seguintes termos: « Que melhor seria não se expor a que o Rei faltasse á sua palavra, e para o collocar na necessidade de « cumprir suas promessas, o seu parecer era, que se mandassem tirar aos vasos estrangeiros os lemes e as velas, « guardando-as na Feitoria.» Este projecto teve prompta execução, e em seguida João Homem sahiu d'este porto para hir fazer junção com a esquadra do Vice-Rei.

Esta acção motivou grande descontentamento entre os Mouros e os Indios; e decorridos alguns dias em contestações, a populaça correu ás armas, e os Portuguezes foram todos mortos; sendo a maior parte queimados na sua propria igreja, que havião procurado, como um asylo seguro, ou assassinados tentando evitar as chammas.

O Vice-Rei logo que teve noticia de tão desagradavel acontecimento, ordenou a seu filho de hir tomar vingança d'elle. D. Lourenço d'Almeida, posto que ainda joven, era um dos mais esforçados varões que Portugal então possuia; parte a toda a pressa para Coulão, e observando que nem da parte do Rei, nem da Regencia do paiz, se tratava de se lhe dar satisfação, e que ao contrario, os navios que ahi se achavão começavão a encadear-se uns com os outros para opporem vigorosa resistencia, faz saltar a sua gente nas lanchas; e os ataca; depois de um encarniçado combate, mandou lançar fogo aos navios inimigos, em numero de vinte e quatro, ricamente carregados, os quaes todos foram presa das chammas.

Como todos aquelles navios pertenciam aos Mouros de Calcut; o Çamorim ressentiu-se vivamente d'esta perda. Este Principe permanecia em perfeita inacção, não era is-

to mais do que uma affectada tranquillidade, por quanto no Indostão lá predominava a sua politica doble, e preparava-se uma reacção geral contra os Portuguezes, tractando-se occultamente de todos os preparativos de guerra para que os seus projectos tivessem bom exito.

Achava-se então em Calecut, certo Romano da nobre familia dos Potrizzi, mais conhecido pelo nome de Luiz Barthêma, Bolonez, que elle proprio se dera nas suas memorias. A sua curiosidade, e desejo de viajar o tinham levado do Levante até ás Indias, disfarçando seu nome, seu estado, e sua patria. Tendo a habilidade d'observar o que se passava na côrte do Çamorim, achou meio de sabir da cidade, e vir relatar fielmente tudo a D. Lourenço d'Almeida. O seu relatorio foi precisamente o que se segue: « Que o Çamorim exasperado por ver seu commercio interrompido, tendo reunido o maior numero de calafates possivel, havia feito apromptar, uma armada a mais numerosa de quantas elle até então havia posto no mar; afim de fazer comboiar todos os vasos mercantes que viessem para seus portos: Que esperava surprehender os navios portuguezes que andassem dispersos em differentes pontos: Que se servira com vantagem dos dois transfugas christãos, de que se tem fallado: Que estes lhe havião fundido, grande numero de canhões de diversos calibres, e apresentado a planta de muitos navios, de que a sua armada se compunha. Que estes dois renegados, que se haviam tornado tão nocivos aos Portuguezes, estavam vivamente atormentados em suas consciencias, continuavam a servir aquelles infieis por necessidade; e voluntariamente se entregarião aos Portuguezes, se podessem obter o seu perdão. »

Sabedor o Vice-Rei de todos estes promenores, enviou immediatamente o Italiano a seu filho D. Lourenço de
VOL. II 21

Almeida, com instrucções para que o fizesse passar a Calcut, e auxiliasse a evasão dos dois transfugas, reunindo ao mesmo tempo todos os seus vasos que andassem dispersos, e sahisse ao encontro da armada inimiga, para a bater, Não deixou D. Lourenço d'Almeida d'executar á risca as ordens de seu pai; mas a ambição dos transfugas foi causa da sua perda. O desejo que elles tiverão de transportarem para bordo suas mulheres, seus filhos, e bens moveis, e os movimentos que para isso fizeram produziram a suspeita de quaes fossem seus designios, pelo que a população amotinou-se e os fez em pedaços. O fidalgo romano, mais habil, salvou-se, não sem grande difficuldade.

Não tardou a armada inimiga em apparecer, na conformidade do aviso que recebêra. Compunha-se esta de mais de duzentas vélas; a saber: de oitenta e quatro navios, e cento e vinte e quatro paráos. Os numerosos vãos pareciam cobrir o mar. A esquadra de D. Lourenço d'Almeida constava apenas d'onze vasos, a saber: tres galloões, cinco caravélas, duas galéras, e um bergantim; o Joven Chefe resollvido a combater, segundo as ordens que havia recebido de seu pai, collocou toda a sua confiança no auxilio do Céu, e fez voto de edificar um templo em honra de Nossa Senhora da Victoria. Os inimigos, não obstante suas grandes forças, não deixaram igualmente de possuir-se de algum mêdo, e mesmo de o dar a conhecer pedindo que se lhes desembaraçasse a passagem. Pode ser que elles pretendessem dissuadir os Portuguezes do combate, significando-lhes que tinham ordens positivas de não combaterem os christãos, mas tão sómente de comboiarem os navios que erão por elles escoltados.

No primeiro dia não se fez mais do que pairar por falta de vento. No seguinte dia porém tendo-se levantado um vento fresco, D. Lourenço d'Almeida, que não que-

ria ser envolvido pelo inimigo, ganhou o largo, e tomou a barlavento. As duas esquadras começaram então a bater-se com artilheria; mas com bem diverso resultado; porque a artilheria inimiga era mal servida, e como tal, produzia pequeno effeito nos vazos portuguezes, que se achavão mui afastados uns dos outros; pelo contrario estes não perdião um só tiro, sobre aquella multidão de vélas apertadas e unidas, de sorte que as suas mesmas evoluções os prejudicavão. Logo que D. Lourenço d'Almeida percebeu a desordem na frota inimiga, correu a dar abordagem ao navio principal; trez vezes lhe falharam os arpêos, e só á quarta conseguiu abalroá-lo. Foi D. Lourenço d'Almeida o primeiro que saltou dentro, seguido de João Homem, que posto que se não mostrasse satisfeito do Vice-Rei, comtudo quiz seguir o filho d'este, como voluntario, e repartir com elle a honra d'este dia. Saltaram ao mesmo tempo Philippe Rodrigues, Fernando Peres d'Andrade, e Vicente Pereira, que forão seguidos de outro muitos. Guarnecião o navio seiscentos Mouros escolhidos, os quaes se bateram com denodo, mas atterrados dos grandes golpes que os Portuguezes descarregavão lançaram-se ao mar, deixando a coberta juncada de mortos.

Nuno Vaz Pereira, a exemplo do seu Chefe, havia tambem dado abordagem a outro navio, quasi do tamanho do primeiro, e que era guarnecido por uns quinhentos homens, mas com mui differente resultado. A sua caravêla, como fosse pequena, não lhe dava lugar a manobrar com vantagem. Os Golpes que ella recebia do navio inimigo, parecião metê-la a pique, e os adversarios reunidos no castello de prôa ficando-lhe sobranceiros, lançavão seus dardos de cima para baixo, e combatião com maior vantagem. D. Lourenço d'Almeida que se apoderára do navio que abalroára, voou em auxilio de Nuno Vaz Pereira, e depois d'um vigoroso combate, se assenhoreou tambem d'es-

te. A prêsa d'estes navios lançou o terror na frota inimiga, que constava pela maior parte de vasos mercantes, os quaes fugiram voltando uns para Calecut, e seguindo outros seus respectivos destinos. Os parâos e demais navios das escolta, esses avançaram para envolverem os vasos portuguezes, e praticaram esta manobra com tal resolução e felicidade, que o seu resultado ficou por algum tempo duvidoso. A coragem era extrema d'ambas as partes. Combateu-se com incarniçamento. Os Portuguezes fizeram prodigios; entre estes, se distinguiram João Serrano, e Simão d'Andrade, que combateram como heróes. Finalmente, depois de ter durado a acção um dia inteiro, e parte da noite, com a claridade da Lua, a frota inimiga retrocedeu e retirou-se com perda de mais de trez mil homens, de muitos vazos metidos a pique, e de nove apresados, os quaes o vencedor fez entrar no porto da Cananor, onde foi recebido com grandes applausos, tanto do Rei como do povo que havia presenciado o combate.

Entretanto o Sabaio, Soberano de Gôa cioso da alliança que os portuguezes haviam contrahido com o Rei de Onor, seu adversario, esperando occasião de os hostilizar, expediu enfim uma frota para Anchediva por lhe constar que D. Lourenço d'Almeida partira a combater a frota de Calecut. Compunhão-se as forças maritimas do Sabaio de sessenta vasos a rêmos. A frota do Sabaio atacou a praça d'Anchediva com bastante vigor; mas o governador Manuel Pessanha a soube defender com tal coragem, que obrigou o adversario a levantar o sitio, e a voltar mui mal tratado para Gôa. Observandô o Vice-Rei, que a conservação d'esta praça, por ficar muito affastada, motiváva grandes despezas, e que por outro lado a mesma de pouco servia, fêl-a demolir, alguns dias depois, em consequencia da determinação de seu conselho.

Um novo acontecimento veio excitar a cólera dos Indios. Golçalo Vaz de Goes, tendo sahido de Cananor, affirmou de se reunir á frota de D. Lourenço d'Almeida, cahiu sobre um navio mourisco, que também sahia do mesmo porto e aprisionou-o. Succedeu que o capitão do navio, que casualmente fôra morto e arremçado o seu cadaver ao mar, foi levado pela maré ás praias de Cananor. Bastou isto só para pôr tudo em alarme, accrescendo que Cananor mudára de senhor, e o Çamorim conseguira fazer uma substituição assaz desvantajosa para os Portuguezes.

O capitão do navio, morto, era sobrinho de um Mouro de grande consideração, que logo se transportou á presença de Lourenço de Brito, governador da fortaleza, pedindo reparação. Este prometeu-lh'a; porém o ancião não contente com a promessa, amotina o povo, vai á presença do Rei, que sendo mortal inimigo dos Portuguezes, aproveitou o ensejo, para ainda mais exaltar os amotinados.

Os elementos de revolta contra os Portuguezes pareciam combinar-se entre si. D. Lourenço d'Almeida tendo á sua disposição uma esquadra de dez vasos, tinha ordem de guardar a costa para favorecer o commercio d'El-Rei de Cochim, que então tinha muitos navios no mar, promptos a fazerem-se de retorno. D. Lourenço d'Almeida tendo chegado a Dabul (*), recebeu aviso de que se achavão alli muitos navios de Cochim, sitiados pela frota do Çamorim. Esta frota que permanecia no rio, não podia escapar-lhe, e depois de ter libertado os seus alliados, esteve a ponto de alcançar uma nova victoria sobre a mencionada frota. Desejava D. Lourenço d'Almeida combater, mas reunindo seus

(*) Hoje grande cidade do Indostão, no Reino de Visapur na Costa do Malabar, ao sul do golfo de Cambaya. Consiste seu principal commercio em pimenta preta e em sal.

capitães em conselho, forão a maior parte d'elles de opinião contraria. Por consequencia, D. Lourenço d'Almeida sendo vencido em votos, viu-se obrigado, a seu pesar, a abandonar a empréza. Os inimigos, aproveitando-se d'esta circumstancia, queimaram, ou aprisionaram os vasos que estavam bloqueados. Esta noticia logo que chegou a Cochim, encheu de pranto toda a cidade. O mesmo Vice-Rei se mostrou afflicto, e prometeu ao Rei a punição de seu filho, caso que se achasse culpado. Effectivamente logo que este chegou, o fez responder a conselho de guerra, mas D. Lourenço d'Almeida, que tivera ordem de não praticar cousa alguma, que não fosse do parecer da maior parte de seus capitães, e que tivéra o cuidado de que lhe dessem estes pareceres por escripto, levava comsigo a sua justificação, e se livrou assim de todo o embaraço.

O Çamorim, jurou o perda dos Portuguezes; o vendo que o Rei de Cananor estimava cometer contra elles uma empreza de guerra, offereceu-lhe desde logo trinta mil homens com vinte peças d'artilleria.

Os Portuguezes não estavam em boa posição, porque não lhes tendo chado frota alguma, tinham forças desiguaes, do que seus adversarios deduzião grandes esperanças, fundados nas predições de seus agoureiros, os quaes lhes annunciavão, por este anno, grandissimas vantagens. Effectivamente D. Lourenço d'Almeida havia lançado sessenta homens na cidadella, e abastecido a praça. O inverno se aproximava, e não havia apparencia de se poder soccorrer a praça, até que voltasse a primavera, e o Çamorim, fazendo marchar suas tropas por terra, podia movêl-as qualquer que fosse a estação do anno.

Um acaso inesperado, ou antes a Providencia salvou os Portuguezes. Um sobrinho do Rei, avisa-os do que se

premeditava, subministra-lhes auxilios conforme a occasião e as suas precisões, e alfim consegue dar animo aos desalentados, livrando das insidias dos mouros a flôr da gente de Portugal.

A Fortaleza de Cananor estava situada sobre uma ponta de terra, que o mar banhava d'ambos os lados, e tinha um defeito essencial, que era a falta de agua potavel, que só se podia obter d'um poço entre a cidade, e a Praça, na qual o mesmo não podêra ser incluído. O Rei de Cananor, que bem previa, deverem os Portuguezes ficar á sua descripção, se conseguisse cortar-lhes a communição do mencionado poço, antes mesmo de alli se hostilisarem os dois partidos, fez, sob diversos pretextos, excavar d'uma margem á outra, um profundo fosso, não deixando senão uma passagem mui estreita, para hir ao poço; e guarneceu depois toda esta linha de reductos e de bôa artilheria. O governador Lourenço de Brito advertido, praticou pela sua parte os mesmos trabalhos, não deixando para se poder hir ao poço situado entre estas duas linhas, mais do que uma simples ponte levadiça. Logo que de uma e outra parte esteve concluída a obra rompêram as hostilidades. O Rei de Cananor apresentou-se com sessenta mil homens, os quaes fizeram nesta primeira demonstração de sua força, maior ruido do que obras. O poço foi durante um mez, o campo de batalha onde os mais bravos dos dois partidos derão provas não equivocas de seu valor. Posto que os inimigos obtivessem alli menos vantagens, os Portuguezes comtudo estavam reduzidos á triste necessidade de não poderem tirar agua, senão á custa de seu sangue, e para a obter era necessario pôr-se toda a guarnição em armas, o que extremamente a fatigava. O Governador que não tinha mais de quatrocentos homens, entre Portuguezes e Malabares, para conservar a sua gente, evitava, as sortidas, o que tornava a agua ainda mais

rara, e obrigava os infelizes a quem apertava a sêde, a passarem por cima das obras, e a exporem a sua vida, illudindo a vigilancia das sentinellas.

Achando-se na Praça Thomaz Fernandes, que de Portugal havia sido mandado ás Indias, na qualidade de Engenheiro; este formou um bello plano que deu a victoria aos Portuguezes. Mandou abrir um caminho subterraneo, alto e espaçoso, que conduzia ao poço mesmo ao nivel d'agua, e para que os inimigos não podessem envenenar a agua, fez construir, com o maior segredo possivel, uma abobada por cima da agua, concluida a qual, o Governador n'uma sortida ordenou se arrasasse, e entulhasse o poço. Este resultado de tal sorte espantou o Rei de Cananor, e os Indios, que não duvidando, de que os Portuguezes tivessem encontrado agua dentro da cidadella não pensaram que tivesse havido nisto algum ardil, ou artificio.

Como os inimigos, por esta parte, tivessem perdido a esperanza, resolvêram atacar a Praça com um assedio regular, e derão logo repetidos assaltos aos entrincheiramentos que o Governador formára. A artilheria portugueza, porém, tendo produzido continuos estragos nos sitiadores, estes de tal sorte afrouxaram em seu ardor, que não ousavão mostrar-se. Para obviarem a este inconveniente, os Mouros suggeriram ao Rei, o fazer apromptar grande quantidade de gabiões ou saccas cheias de lâ, bem calcada ao abrigo das quaes, como d'um parapeito, elles podessem estar a coberto da artilheria portugueza. Taes preparativos não forão ignorados pelo Governador, que tambem foi avisado das precauções do inimigo pelo Principe de Cananor, que lhe enviára durante a noite, um de seus confidentes com dois bateis carregados de viveres. O artificio dos inimigos não deixou de lhe produzir um grande resultado.

As ballas expedidas pelos canhões que então se chamavão *sphas*, e camelos, perdião a sua velocidade e força naquelles muros de lã, o que intimidava os sitiados, e ao contrario offoutava tanto os Indios, que sahindo de seus entrincheiramentos, e apresentando-se em chusma para escalar o dos Portuguezes, chegaram a agarrar-se ás estacas da palissada que sustentava as terras. O governador mandou então conduzir com a maior rapidez para o terrapleno algumas colombrinas, das que se chamavão basiliscos, e fazendo um terrivel fogo não poderam os gaviões manter-se, de sorte que deixando descobertos os inimigos que antes abrigavão, as cargas a metralha difundiram entre elles o terror e a desordem.

Como se fosse prolongando o assédio houverão outros ataques: o mais celebre foi dirigido por um cavalheiro castelhano, conhecido pelo nome de Guadalaxara, sua patria. Para esta operação escolheu uma noite mui escura, fria, e chuvosa, e tendo cahido sobre um abarracamento inimigo matou uns trezentos homens, e voltou carregado de despojos e de viveres.

Aproveitando tão mal aos inimigos os seus esforços, parecia que a fortuna se apresentava para combater em seu auxilio. Um fiel d'armazem tendo por descuido posto o fogo á Feitoria, este pegou com tal violencia, que não achando alli mais do que materiaes combustiveis, em poucas horas a consumiu com quasi todos os viveres, e muitas das casas visinhas.

Os Portuguezes ficaram na maior consternação, e apesar dos soccorros que o Principe de Cananor secretamente lhes enviára, viram-se reduzidos a tal penuria, que forão obrigados a nutrirem-se de ratos e de toda a sorte de imundice. A volta do bom tempo como tivesse feito receiar

ao Çamorim e ao Rei de Cananor pelos soccorros que poderiam então chegar da Europa aos Portuguezes, resolveram prevenil-os, reunindo todas as suas forças e fazendo o ultimo esforço para tomarem a Praça. Effectivamente o Çamorim fez partir a sua armada, logo que ella poude navegar livremente. A ordem do ataque estava bem disposta. Devia este naturalmente começar pelo entrincheiramento interior, afim de attrahir a esta parte toda a attenção dos sitiados, que de modo algum desconfiariam da ficção, mas quando tivesse empenhada a acção, a armada, até então occulta, devia hir desembarcar na lingua de terra, e apoderar-se da Praça por escalada sem receio de resistencia alguma. Como o governador fosse advertido d'este projecto dos inimigos tomou as devidas precauções. No dia em que a acção, devia ter lugar apresentando-se a esquadra inimiga, conforme se tinha determinado, foi recebida com tanto valor, que os chefes pasmados d'uma resistencia que não esperavão retiraram-se quasi sem combaterem. Os Portuguezes que defendião este posto, tendo então corrido aos entrincheiramentos onde os Indios de Cananor principiavão a ter alguma vantagem, os repetiram tão vigorosamente que os sitiadores, não podendo sustentar a impetuosidade dos sitiados, viram-se obrigados a retirar, deixando muitos dos seus mortos no campo.

Os sitiados, não obstante seus triumphos, estavam reduzidos á ultima extremidade, e terião succumbido se a Providencia não conduxisse a esquadra de Tristão da Cunha a Cananor. (*) Os inimigos pediram a paz, que lhes foi concedida, e assim terminou este memoravel sitio, que durou quatro mezes, ficando Lourenço de Brito, e todos os que serviram debaixo das suas ordens cobertos de gloria.

(*) No Capitulo seguinte trataremos da viagem, e descobertas d'este illustre Portuguez.

CAPITULO IX.

ANNOS DE 1506 E 1507.

Diogo Fernandes Pereira descobre a Ilha de Socotorá. O Rei de Zamzibar e o chefe de Bravá tornão-se tributarios da Corôa Portuguesa. Pedro Anaia occupa Sofala, hindo de Portugal para a Asia. Descrição d'esta Ilha; levanta-se aqui uma Fortaleza em nome d'El-Rei de Portugal: descobre-se uma traição que se urdia contra os Portuguezes; morre o Chefe da ilha. Em Quilóa disputa-se a posse do throno; disturbios que esta contenda traz consigo. Por intervenção de Nuno Vaz Pereira é elevado Hocem ao throno: o seu máu proceder faz com que Nuno Vaz chame em seu lugar o usurpador Ibrahim. Tristão da Cunha descobre algumas Ilhas, a que dá o seu proprio nome. Faz o reconhecimento da Ilha de Madagascar, que fôra descoberta por Ruy Pereira e Fernando Soares. Descrição d' sta Ilha.

Tristão da Cunha declara a guerra aos Reis de Hoya, e de Lamo, prestando auxilio ao de Melinde. O primeiro é morto e sua cidade saqueada, e faz-se o segundo tributário de Portugal. Bravá é também saqueada. Circumstancias que promoveram este acontecimento. Descreve-se a Ilha de Socotorá, usos, costumes e religião de seus habitantes. É occupada por Tristão da Cunha, depois de expulso o Rei de Cacheu, que d'ella se apoderára. O Vice-Rei e Tristão da Cunha atacam, tomam, e incendiam alguns rasos mouriscos no porto de Panana alliado do Çamorim. O Vice-Rei volta para Cochim, e Tristão da Cunha parte com o comboio para Portugal.



El-Rei D. Manuel se por um lado empregava diligencias e dinheiro para que os negocios da India tivessem bom exito; por outro não desperdiçava quanto ao seu alcance estava para a boa fortuna na Africa, pois quer n'uma quer n'outra parte o interesse era reciproco. Em quanto pois se guerreavam os Mouros de Fez e de Marrocos, mandava El-Rei repetidas esquadras ao Oceano, afim de dilatar as conquistas e descobertas, fazendo n'estas costas novos estabelecimentos para interesse e accrescentamento do lustre das façanhas dos Portuguezes.

D. Manuel já havia chegado até ao cabo de Guardafú; em quanto que da parte do mar Atlantico tudo permanecia tranquillo e socégado; e este principe disfructava pacificamente as suas possessões e o fructo do seu commercio. A piedade era caracteristica d'El-Rei D. Manuel, e por isso nenhum outro objecto tinha elle mais a peito do que a

religião christã; pelo que não cessava d'enviar missionarios para que ella se arraigasse profundamente entre estes povos. Não se deixou de colher bom fructo de taes missões, especialmente no Reino de Congo, onde o piedoso Rei D. Afonso empregara identicos esforços com feliz resultado.

Por estes tempos El-Rei D. Manuel expediu trez vélas sob o commando de Antonio de Saldanha, que acoçadas pelos temporaes, viram-se na necessidade de se separar. Diogo Fernandes Pereira, commandante d'uma d'ellas descobriu a Ilha de Socotorá (*) até então desconhecida aos Europeos; invernou ahi e passou depois ás Indias. Rodrigues Lourenço Ravasco, que commandava a terceira, fez viva guerra ao Rei da Ilha de Zamzibar, não obstante ser alliado de Portugal; aprisionou-lhe muitos navios, metteu seu filho n'uma desavença, e obrigou este Principe a fazer-se tributario, pagando annualmente cem meticaes de ouro, e trinta carneiros para o capitão que fosse buscar o tributo: e impoz igualmente um tributo de quinhentos meticaes de ouro cada anno á cidade de Bravá. (**) Tendo reunido Antonio de Saldanha, intimidaram o Rei de Mombaça e o obrigaram a effeituvar uma paz, posto que simulada, com o Rei de Melinde, e passaram depois ás Indias.

Como grassára então a idéa de que Sofala era o Ophir de Salomão, d'onde se transportára quasi todo o ouro, El-

(*) Socotorá, Ilha d'Africa, no mar das Indias á entrada do estreito de Bal-el-Mandel a umas 60 leguas ao Nordeste do cabo de Guardafú. Tem 27 leguas de comprimento sobre 9 de largura. Abunda em fructos e gados, sendo as tamaras o principal alimento de seus habitantes. Suppõe-se ser a Dioscorida dos antigos geographos.

(**) Cidade d'Africa na costa d'Ajan, hoje capital d'um pequeno estado independente; 25 leguas ao sul de Mogadoxo.

Rei D. Manuel não perdia de vista um ponto tão importante, em consequência do que, pouco tempo depois da partida de D. Francisco d'Almeida para as Índias, expediu para aquella Ilha uma esquadra, sob o commando de Pedro Anaia, o qual devia ser o Governador d'ella. Esta esquadra era composta de seis vasos, trez dos maiores devião empregar-se no serviço das Índias logo que Anaia não precisasse mais d'elles. Os trez que restavão servirião de guarda costas na baixa Ethiopia, commandados por Francisco Anaia, filho de Pedro Anaia.

Sofala abrange debaixo do mesmo nome uma cidade, uma Ilha, e um Reino, situado no paiz dos Cafres, muito além do Cabo de Boa Esperança, sahindo para o Equador, entre o Cabo das correntes e Moçambique. A Ilha de Sofala é formada pelos dois braços do rio Cuama que é um ramo do Zambese. Seus habitantes erão negros e encarapinhados, supersticiosos como todos os demais negros mas menos simplicies, grosseiros, e um tanto mais industriosos que elles. Não obstante erão pobres, no meio da abundancia, e esta sua pobreza se manifestava não somente nas suas habitações, e nas suas pessoas, mas também em tudo o mais que lhes pretencia. O paiz era realmente rico pelas minas d'ouro que ahi abundavão, e ainda mais pelas avultadas particulas d'ouro que se encontravão nos lagos, e nos rios que corrião por vastas campinas; e onde navegavão, segundo se affirmã, alguns barcos tão bem contruidos, que resistião á inclemencia dos tempos, e datavão de eras tão remotas, que com quanto esta se manifestasse por certos caracteres n'elles gravados, todavia como erão quasi descochecidos e denotavão grande antiguidade, por isso parecião ser dos primeiros seculos.

Este Reino fôra outr'ora dominado pelo soberano de Monomotapa, cujo Imperio ainda hoje se estende por to-

das as vastas regiões da baixa Ethiopia Oriental. Mas estes povos erão incapazes de se aproveitarem das vantagens de suas terras, que pareciam destinadas para extranhos mais habeis. Os Mouros havião-se apoderado d'ella em ultimo lugar, e alli se estabeleceram desde logo pacificamente. Alguns dos generos que o commercio leva a toda a parte, forão o engodo que os fez ser acolhidos com prazer. Affirmase terem sido os Mouros de Mogadoxo os primeiros que alli forão, os quaes tendo sido expulsos pelos Reis de Quilôa, estes se apossaram do paiz, e ahi estabeleceram Cheques ou governadores, em seu proprio nome. O que então se achava, quando os Portuguezes alli aportaram, por nome Isuph, aproveitando-se das desordens que motivara a ultima revolução de Quilôa, constituiu-se Soberano independente. Foi porém tarde, pois que não disfructou do titulo por muito tempo.

Tendo Pedro Anaia conseguido aportar a Sofala, depois de ter aplanado algumas difficuldades que lhe obstavão apresentar-se no palacio do Cheque, situado n'uma aldêa, mui affastada, tomou a deliberação de alli se dirigir com toda a sua gente ao som de tambores e de trombetas. O Cheque, que de bom grado teria dispensado semelhante visita, dissimulou, e recebeu-o agradavelmente. Estava recostado n'um sophá na parte mais retirada do palacio. A seu lado via-se collocado um molho de frechas. Tudo o mais, posto que elegante, era modesto; em toda a sua côrte nada havia notavel senão a sua propria pessoa, e posto que fosse homem d'uns oitenta annos, mostrava ainda um ar que bem indicava a superioridade, e sustentava a reputação, que adquirira.

Pedro Anáia expoz-lhe o objecto de sua commissão, exaltou-lhe o poder d'El-Rei de Portugal, e as grandes vantagens que se lhe seguirião de sua alliança, e concluiu por

pedir a permissão de edificar uma fortaleza que podesse servir de emporio aos navios destinados para as Indias, de armazem seguro de deposito para as suas mercadorias, e mesmo de baluarte contra os inimigos d'elle Cheque, cuja amizade os Portuguezes ambicionavam.

Isuph nenhuma necessidade tinha do commercio dos Portuguezes e não ignorava que havia mais lugar de os temer do que de os estimar, mas foi esta mesma idéa a que o tornou facil em satisfazer todas as exigencias de Pedro Anáia.

A permissão de se construir uma fortaleza, em nome d'El-Rei de Portugal, irritou os Mouros, e principalmente Musaph genro do Cheque, que se tinha atrevido a fallar com altivez a seu sogro. Este ancião, experimentado nos perigos e nas guerras, era dotado d'uma grande agudeza de espirito, e por isso sabia refrear os impetos da sua co-lera, e respondeu tranquillo a seu genro, fazendo-lhe reflectir os motivos da sua politica. « Já não é tempo, lhe
« diz elle, de querermos oppôr-nos ao que não podêmos im-
« pedir. Nada resiste a estes novos hospedes. Bem sabeis o
« que elles fizeram em Moçambique, Qnilôa, Mombaça e
« mesmo nas Indias. Confesso que são hospedes encommo-
« dos e máus vizinhos. Dou-lhe tempo para se fortificarem
« e para se estabelecerem. Mas onde estão as forças que te-
« mos para começar as hostilidades ou para nos defender-
« mos, se elles quizerem opprimir-nos? Esperemos pois;
« demos tempo ao tempo; esta gente não ha-de sempre fi-
« car aqui; deixemos partir aquelles cujo destino os deve
« conduzir a outra parte. O ár d'este paiz, pestifero a todo
« o estrangeiro, como nós mesmos o experimentamos, os
« destruirá. Quando fôr diminuto o seu numero, e elles es-
« tiverem enfraquecidos pelo ár infecto d'estas regiões, en-
« tão nós os teremos á nossa discripção, e livrar-nos-hemos
« de tão impertinentes hospedes. »

Pedro Anáia não perdeu tempo algum em levantar com a maior actividade a sua fortaleza, sendo coadjuvado neste trabalho pelos Cafres indigenas, que elle empregou mediante modicos salarios. Concluida a obra, expediu Barrêto para as Indias com os trez navios de carga, e destinou seu filho com os outros trez para crusarem naquella costa até Moçambique. Foi este tão infeliz, que depois de ter perdido dous de seus navios, teve summa difficuldade em se salvar em Quilôa, ficando assim tão reduzida a guarnição, ainda mais foi dizimada pelas doenças, que o ar contagioso d'estes paizes pantonosos produzia, o qual se tornára ainda peor por se haver revolido a terra na construcção da fortaleza, e os measmas que ella exalava erão summamente prejudiciaes. A guarnição ficou limitada a quarenta homens, muitos dos quaes estavam em tal fraqueza que com difficuldade se sustinhão.

Os Portuguezes attrahião a si sós todo o commercio do ouro. Estabeleceram aqui os mesmos regulamentos, que n'outras partes, e os fazião observar com tal rigôr que os Mouros scandalizados, e apoiados na protecção de Musaph, obrigaram finalmente o Cheque a aproveitar-se da actual conjunctura para os exterminar.

A fim de melhor assegurar o golpe, e de multiplicar as suas forças, Isuph fez convidar um Principe visinho tributario do soberano de Monomotápa, expondo-lhe as offensas que dos Portuguezes haviam recebido, e exhortando-o a tomar parte na derrota, e nos despojos d'elles. Representou-se-lhe esta empreza, como cousa facillima, d'uma parte, e como objecto vantajosissimo da outra. Não era necessario mais nada para excitar a avidez do Cafre, que immediatamente se poz em marcha com numerozo exercito.

Havia então junto ao Cheque um grande do paiz mui
VOL. II. 23

acreditado, Abexim de nascença, que sendo captivo pelos Mouros, na idade de dez annos, havia por elles sido circumcidado, e instruido na sua religião. Era homem de merito, e que havia sabido ganhar a confiança do Cheque. Desde o momento em que vira Pedro Anáia na primeira audiencia que a este se concedêra, logo o seguiu, e com elle travou estreita amizade, e para lhe dar um testemunho, fez-lhe presente de vinte portuguezes, que haviam cahido em suas mãos, pertencentes á tripulação de um dos vasos de sua esquadra, que tendo-se amotinado contra o seu capitão, preferiram expôr-se a todos os perigos n'um paiz desconhecido, e serem captivos, do que tornarem a embarcar.

Esta amizade de Abexim tinha crescido prodigiosamente com o tempo; no conselho havia sempre sustentado o partido dos Portuguezes; como porém alli o seu voto não fosse o de maior pêsso, veio avisar Pedro Anáia do que se havia resolvido para sua ruina, e metteu-se elle proprio na fortaleza com cem homens de seu partido, e isto pouco antes do instante em que começára o ataque, tendo Pedro Anáia tido sobejo tempo para se preparar para elle.

Era o projecto dos inimigos, lançarem fogo á fortaleza, que era formada de madeira, e isto por meio de frechas inflamadas, e fachinas incendiadas. Effectivamente lhe lançaram grande numero das primeiras, e as segundas forão em tanta quantidade que igualavão quasi á altura da muralha. Pedro Anáia, que tomára as necessarias precauções contra o fogo, deixou aproximar os inimigos e então fez jogar sobre elles a artilheria tanto a proposito, que os Cafres que não estavam acostumados ao estrepito e ao effeito d'estas maquinas de guerra, poserão-se desde logo em debandada, e retiraram-se para um bosque de palmeiras proximo; mas o fogo da artilheria tendo lançado

por terra muitas arvores, e as estilhas que destacavão d'estas, produzindo ainda maiores estragos; os Cafres indignados, de terem sido chamados para fazerem a guerra não contra homens, dizião elles, mas contra Deus, empregaram todo o seu furor contra os Mouros, roubaram-lhes as suas aldéas, e retiram-se para as suas terras.

Pouco satisfeito de que os inimigos não ficassem ainda por esta vez bem castigados, Pedro Anáia quiz escaramentar-os por um golpe de vigôr, e pôl-os em estado de o não prejudicarem mais. Para esse fim levou consigo quinze Portuguezes, e vinte homens do Abexim, seu leal amigo, e appresenta-se ao romper do dia, na aldêa em que residia o Cheque, penetra no palacio d'este, lançando por terra quantos se lhe oppunhão á passagem, entra na camara do Principe, a quem nem a sua velhice, nem a sua cegueira perturba; este põe-se em defeza, lança ao accaso suas frechas, uma das quaes fere Pedro Anáia, posto que muito ligeiramente no pescoço. A vingança d'esta ferida foi mui prompta. O Feitor Manuel Fernandes, homem forte, e bom soldado, aproximando-se do velho, lhe corta a cabeça, que foi exposta na ponta de uma lança sobre os muros da fortaleza, para que servisse de espectaculo de terrôr.

Esta morte, posto que de um lado tivesse accelerado a conclusão da paz, por outra parte lançou a discordia entre os Mouros, ácerca da successão. Como cada um dos filhos do Cheque tivesse seu partido, Pedro Anáia fez pender a balança a favôr de Solimão, que se mostrara sempre mais inclinado aos Portuguezes, e que de bom grado se sujeitou á condição de se fazer tributario da Corôa de Portugal. Pedro Anáia falleceu pouco tempo depois, tocado do contagio do ar pestilento do paiz. Tomou o governo da fortaleza Manuel Fernandes, na esperança de ser confirmado, em consideração a seus serviços; mas o Vice-Rei, a

quem esta nomeação pertencia, e a cujo conhecimento tinha chegado a noticia da morte de Pedro Anáia, por via dos dous capitães de navio, que El-Rei D. Manuel havia expedido em busca de Francisco d'Albuquerque, o fez render por Nuno Vaz Pereira, com ordem de passar a Quilôa, onde as desordens que alli se haviam suscitado requerião a sua presença, e um remedio prompto.

Com effeito Vaz Pereira, achou em Quilôa as cousas em grande desconcerto. Mahomet Anconim, que por sua bondade alli mantinha o socêgo, depois de ter escapado ás ciladas dos partidarios de Ibrahim, foi victimia da sua propria generosidade. Pedro Ferreira, feitor e governador em Quilôa havia aprisionado um filho do Rei de Tirendiconde, e o tratava mais como escravo, do que como prisioneiro. Mahomet, que não era homem de humilde nascimento, e que queria adquirir para si proprio um protector, libertou este joven Principe, e o mandou entregar a seu pai juntamente com alguns presentes. Este, fingindo-se mui sensivel a tal testemunho de grandeza d'alma, procurou attrahir Mahomet a uma conferencia, sob o pretexto de tratar com elle ácerca dos negocios da paz, e tanto que o teve em seu poder, o fez cruelmente assassinar durante o somno.

Morto Mahomet, e provavelmente o joven Principe que elle designára por legitimo herdeiro do Reino, foi o throno disputado por Hocem filho de Mahomet, e por Micante sobrinho do usurpador Ibrahim. Estes dois competidores desuniram tanto os Mouros como os mesmos Portuguezes. A inclinação que Mahomet tivera aos estrangeiros não sendo no conceito dos principaes um motivo de merito para Hocem, pois que além d'isso, o tinham em desprezo por causa de seu baixo nascimento, quasi todos elles se declararam por Micante. Mas não era nisto que exis-

tia a origem do maior mal. Havia El-Rei de Portugal, por mal informado, feito publicar uma ordem para que nenhuma pessoa* podesse transportar para fora d'esta cidade generos alguns dos que ordinariamente se levavam para Sofala, cujo commercio elle reservava só para os Portuguezes. Semelhante ordem que era á risca observada, de tal sorte revoltou todos os animos que, em pouco tempo, a cidade ficou quasi inteiramente deserta, por se terem retirado todas as principaes familias d'ella para Mombaça, Melinde, e outras cidades proximas; Vaz Pereira porém antes mesmo de chegar a Quilôa, derogou esta ordem, e fez constar em sua derrota esta derrogação. Tão salutar effeito produziu esta medida que elle chegou áquelle porto, seguido d'uns vinte navios carregados das familias fugitivas que alegremente voltavam para seus lares. D'esta sorte a cidade reassumio sua primeira magnificencia. Vaz Pereira fez advogar a causa dos dois competidores na sua presença, e poz Hocem de posse do sceptro, depois do que partiu para Sofala.

Como uma victoria, obtida um pouco depois por Hocem, lhe tivesse adquirido a estima do povo, se tornou por isso tão insolente, que tendo-se novamente as facções posto em movimento, o Vice-Rei mandou desapossal-o e substitui-o por Micante: este como se conduzisse ainda peor que o seu rival, e cada dia dêsse novos motivos de queixas pela brutalidade de seus costumes, foi da mesma forma desapossado; afinal se recorreu ao usurpador Ibrahim. Este a principio com difficuldade se confiou nos Portuguezes, tendo porém vencido a sua desconfiança, reinou pacificamente, e viveu depois na melhor intelligencia com elles.

N'este estado de cousas havia Tristão da Cunha partido de Portugal para as Indias com ordem de pôr em pratica, mesmo durante a sua derrota, algumas medidas uteis

na Costa d'Africa. El-Rei D. Manuel, que o estimava do coração, o tinha nomeado para residir nas Indias na qualidade de Vice-Rei; porém tendo cegado repentinamente foi nomeado para o substituir D. Francisco d'Almeida. Como se applicassem todos os soccorros que a medicina podia fornecer, Tristão da Cunha recuperou a vista, e El-Rei nomeou-o então General, commandante da esquadra que enviava ás Indias, e o fez partir com uma frota de dezesseis velas, seis das quaes erão commandadas por Affonso d'Albuquerque.

Tristão da Cunha, tendo navegado muito ao largo, fez a descoberta de algumas Ilhas a que poz seu proprio nome, e aportou depois felizmente a Moçambique. Como tivesse perdido muito tempo na derrota, por não ter seguido os conselhos d'Affonso d'Albuquerque, achou a estação já demasiado adiantada para passar ás Indias. Quiz indemnizar-se d'esta perda, hindo reconhecer a Ilha de Madagascar ou de São Lourenço, que Ruy Pereira havia reconhecido pela parte occidental, e que depois foi descoberta pela oriental por Fernando Soares, que alli tocou voltando das Indias.

Acha-se esta Ilha situada na Zona Torrida e sob o Tropico de Capricornio, no mar da Ethiopia, correspondendo ao paiz dos Cafres, e tem perto de trescentas e cincoenta leguas de comprimento, sobre umas cento e trinta e seis de largura. Seus habitantes erão parte nêgros, e parte brancos, ou baços: habitavão as ultimas margens do mar e pareciam ser de colonias arabes. Os negros que erão os mais antigos do paiz, provavelmente descendião dos Cafres aos quaes se assemelhavão tanto nos costumes como na religião. A Ilha era assaz abundante em todos os generos necessarios á vida, e uteis ao commercio; mas Tristão da Cunha não encontrou as grandes riquezas com que o tinham lisongeados. Os povos não o receberam aqui bem, senão pa-

re o atraçoarem, o que elle não tardou em castigar; mas vendo que havia pouco que fazer voltou, perdeu alguns de seus vasos na restinga da Ilha, que se estende muito ao largo, e esteve elle mesmo a ponto de perecer.

Tendo achado tudo tranquillo em Quilôa, passou a Melinde. O Rei d'este paiz trazia então guerra com os Reis d'Hoya e de Lâmo por interesses particulares e antigas pretenções. Mas tendo persuadido a Tristão da Cunha, que a guerra fôra motivada pelo favôr, e amizade que elle sempre prestára aos Portuguezes, com isto obrigou este general, a tomar parte em sua contenda; consequentemente Hoya foi saqueada, e seu Rei morto. O de Lâmo, instruido da desgraça de seu visinho, affastou de si o mesmo infortunio submettendo-se e fazendo-se tributario da Coroa Portugueza.

A cidade de Bravá, situada trinta leguas mais acima de Hoya, e que imitára o exemplo da primeira d'aquellas cidades, teve igual sorte. Era esta, grande, rica, populosa, circumdada d'uma muralha, d'um fosso, e de muitas torres defendidas por seis mil Mouros bem armados, e que fizeram vêr que erão corajosos. Ella havia sido feita tributaria de Portugal por alguns dos Chefes que se achavão em Quilôa, mas tinha-se revoltado.

Quando Tristão da Cunha alli se appresentou, enviaram os habitantes uma mensagem insolente, porém pouco depois mudaram de plano, e pediram a paz: o General desconfiando dos embaraços que se offereceram para se assignar o tratado, procurou saber a verdade dos Embaixadores, e usando com elles de rigôr, veio no conhecimento que se tratava de o entreter com o unico fim de o perder, porque se aproximava a estação em que costumava reinar alli uma rajada de vento tão forte, que nenhum navio escapava de perecer naquella costa.

Tristão da Cunha vendo a traição, convocou o conselho e resolveu atacar a cidade no dia seguinte. Fez embarcar a sua gente nas lanchas, dispostas em duas linhas. Affonso d'Albuquerque commandava a primeira composta de cem combatentes, e Tristão da Cunha a segunda de uns seiscentos. Elles chegaram á terra ao romper do dia, e apesar de todas as precauções necessarias para que o inimigo se não apercesse de esta marcha, foi descuberta, porque haviam dois mil homens postados sobre a margem para se opporem ao desembarque; todavia este fez-se com feliz resultado, posto que com algum derramamento de sangue. Os inimigos combateram com vigôr, mas sendo repellidos dirigiram-se para a cidade, onde entraram, e apenas tiveram tempo para fechar as portas. Os Portuguezes se estenderam então ao longo das muralhas. Affonso d'Albuquerque tendo percebido uma especie de abertura na muralha na parte onde esta era mais baixa, deu logo por aquelle ponto o assalto, e se apoderou da cidade. O combate pelas ruas foi longo, e violento, mas Tristão da Cunha que ao mesmo tempo dirigia o seu ataque por outro ponto, tendo igualmente entrado por essa parte na cidade, os Mouros passaram a occupar a praça maior e a mesquita. Alli se renovou o combate ainda com maior vigôr. Alfim depois de ter durado até ao meio dia, os Mouros retiraram e sahiram da cidade, deixando ahi mil e quinhentos mortos.

Não consentiu Tristão da Cunha que se perseguisse o inimigo além da cidade; fez fechar as portas d'ella, e não querendo demorar-se mais, pelo receio da rajada de vento de que estava ameaçado, a entregou ao saque, dando ordem para que esta operação se fizesse com presteza, por que queria fazer lançar-lhe o fogo. Encontraram-se alli grandes riquezas de todas as especies, mas a cobiça do soldado, e do marinheiro foi descomedida a ponto, que alguns não podendo retirar-se a tempo, ficaram envolvidos nas chamas.

Magadaxo, outra cidade situada a dez leguas de Bravá, tão rica e poderosa como ella, não quiz ceder-lhe em coragem, posto que tivesse a receiar o mesmo infortunio. Logo que a esquadra portugueza appareceu, se poz em defeza. Lionel Coutinho que o General mandára para a intimar, vendo a praia toda guarnecida da multidão do povo tanto de pé como de cavallo, não ousou arriscar-se, e sómente desembarcou um escravo, o qual foi incontinentemente despeçado. Esta má estrêa como o obrigasse a voltar para bordo, afim de fazer o seu relatório ao General, Tristão da Cunha, reuniu immediatamente os seus Capitães em conselho, os quaes seguindo antes as leis da prudencia, do que os impetos da sua coragem, forão de opinião que se differisse o resultado d'este negocio para melhor occasião, e que se continuasse a derrota para Socotorá onde aportáram com feliz viagem.

Socotorá, que se julga ser a Deoscorida dos antigos geógrafos, era uma Ilha á entrada do Mar Roxo no estreito de Meca, cuja entrada é formada do lado d'Africa pelo Cabo de Guarda, e pelo de Fartaque da parte da Arabia. A Ilha fica precisamente entre estes dous cabos, quasi a igual distancia d'elles; tem vinte e sete leguas de comprimento sobre nove de largura. A temperatura é quente, porém saudavel por ser modificada por um vento de mar que d'ordinario ali gira. O terreno elevado, montanhoso, arido, e estéril, á excepção de alguns valles proprios para sustentar gados. Encontra-se alli o vermelhão, e em ambas colhe-se grande quantidade de tamaras, que com os lacticinios formão o sustento d'aquelles insulares.

Erão estes originariamente Arabes, e vivião em casas subterraneas, á maneira dos antigos Troglodytas. Andavão nós á excepção do que o pudor exigia que estivesse coberto, e tudo o mais tinha relação com a sua nudez. Timidos,

perguiçosos, frouxos, pouco espirituosos, parecião não ter nascido senão para serem escravos e miseráveis. A sua religião não era mais do que uma miscellanea monstruosa de judaismo, de mahometismo, e de christianismo, de que pôde dizer-se que não tinham mais do que as apparencias exteriores; quão perfeita era a sua ignorancia! Ha tradição, de que São Thomé hindo ás Indias, ahi annunciára o christianismo que os Jacobitas alteraram depois. Como christãos sem serem baptisados, trasião ainda os nomes de Maria, e dos Apostolos; prestavão grande respeito á cruz que tinham collocada em differentes lugares, e que mesmo trazião ao pescoço. Resavão as snas resas em Hebraico, posto que não tivessem conhecimento alguma d'esta lingua; Erão monógamos; observávão os jejuns e os dias sanctificados, e d'esta sorte tinham outros muitos vestigios de uma religião, cujas verdadeiras noções estavão inteiramente apagadas em seu espirito e em seu coração.

O Rei de Kacen no paiz dos Fartaquins, aproveitando-se da fraqueza d'estes pobres insulares, se tinha assenhoriado d'elles impondo-lhes durissimo jugo, e a fim de que o não podessem sacudir, havia feito levantar uma fortaleza na Ilha, de que nomeára Governador seu filho Ibrahim, joven de uma grande resolução, e de esforçada coragem, da qual soube dar grandes provas.

El-Rei D. Manuel tendo em vista arruinar o commercio dos Mouros pelo Mar Roxo, pois que este lhe era assaz nocivo; e não havendo cousa que aquelle Monarcha tomasse mais a peito do que assenhorear-se d'aquelle ponto, por isso que anhellava apoderar-se do estreito, e além d'isso via que lhe prestava ás frotas um asylo seguro, fez partir Tristão da Cunha com instrucções para expulsar d'aquella Ilha os Fartaquins, a fim de se apoderar da fortaleza, e de edificar outra n'um local conveniente: para o que fez car-

regar nove navios dos da frota com os materiaes necessarios para uma fortaleza, a qual toda se achava construida em peças separadas nos arsenaes de Lisboa, de sorte que não havia mais do que ajustarem-se as differentes peças para ficar levantada no sitio que se escolhesse.

Tristão da Cunha mandou intimar Ibrahim para que se rendesse: este deu uma resposta propria de um bravo, foi necessario virem ás mãos. Logo que o General tomou esta resolução, mandou reconhecer a costa, afim de ver o ponto em que seria mais proprio o fazer o desembarque; como então fazia preamar, não se achou sitio mais commodo, do que em frente de um pequeno bosque de palmeiras, a pequena distancia do forte. O General devia commandar a primeira linha com os Capitães de sua esquadra, cada um em sua lancha, e Affonso d'Albuquerque a segunda linha com os Capitães da sua.

No dia seguinte, Tristão da Cunha poz-se em movimento, e foi direito ao lugar qua na vespera se designára. Ibrahim, attento a tudo, sahio á testa de seus Fartaquins, para sustentar um entrincheiramento que fizera construir no bosque, durante a noite, e se oppoz ao desembarque. Affonso d'Albuquerque penetrando a intenção do inimigo, em lugar de seguir o General, foi desembarcar no porto, mesmo defronte da fortaleza, onde o mar estava menos agitado, do que na vespera, e o desembarque mais facil. Ibrahim, que por esta manobra que o mesmo General não percebêra, receou ser tomado de flanco, ou cortado, repartiu a sua força; e de cem homens que tinha, mandou oitenta para o entrincheiramento, e correu com os restantes para o porto, afim de fazer frente a D. Affonso de Noronha, sobrinho de Affonso d'Albuquerque, que já havia desembarcado, e occupava o caminho para a fortaleza.

Ibrahim foi morto, e os da cidadella, vendo-se sem chefe, tocaram a retirada, seu unico recurso. Tristão da Cunha havia forçado o entrincheiramento, e posto em fuga os Mouros que o guarnecião; muitos d'ellos tornaram a entrar na fortaleza, outros se entranharam pelos bosques. Os Portuguezes aproximando-se das muralhas, esforçaram-se por penetrar na fortaleza; fizeram vir escadas para darem o assalto, e os petardos para lhe arrombar as portas. Os sitiados defendem-se do alto das muralhas, lanção materias inflamaveis, e pedras, uma das quaes de tal sorte atordou Affonso de Albuquerque, que permaneceu por algum tempo sem poder fallar; mas recobrando os sentidos, e tendo-se os Portuguezes aproximado das muralhas, e aberto as portas da fortaleza, praticou então como todos os demais, prodigios de valor. Tanto que os Fartaquins viram a fortaleza occupada pelos inimigos, retiraram-se para um reducto na parte mais elevada da mesma. Tristão da Cunha lhes fez propor a vida e a liberdade, se se réndessem. Aquelles bravos, porém, excitados pela vista de seus companheiros mortos, que se havião batido como heróes, responderam: «Que os Fartaquins não costumavão capitular: Que «o filho de seu Rei lhes déra o exemplo de morrer combatendo valorosamente, e que lhe não sobreviverião; que estavam resolvidos a defenderem-se até á ultima pinga de seu «sangue.» Effectivamente o reducto foi forçado e tomado, e todos os que o defendião passados á espada, á excepção de um só. Era este um piloto mui habil, que ao depois prestou relevantes serviços a Affonso d'Albuquerque.

Tristão da Cunha mandou então annunciar aos insulares; «Que não viera alli, senão para os libertar do jugo «insuportavel que os Fartaquins lhes imposserão: Que El-Rei de Portugal vindo no conhecimento que erão christãos, que gemião sob a tyrannia dos Musulmanos, nenhuma outra cousa tivêra mais a peito, que a sua instrucção: que

« finalmente estavam livres, pois que as armas Portuguezas « havião occupado a fortaleza, e que se lhes deixaria um « virtuoso missionario, que de bom grado se encarregaria « de sua instrucção. » Era este um religioso da Ordem de São Francisco, por nome e Padre Antonio Loureiro, o qual não deixou de colher grandes fructos entre este pobre povo. A mesquita foi convertida em Igreja, e consagrada sob o nome de Nossa Senhora da Victoria. Alfonso de Noronha foi nomeado Governador da fortaleza.

Eis qual era a situação dos negocios Portuguezes em Africa, quando Tristão da Cunha d'alli partiu para as Índias, onde não permaneceu por muito tempo. A sua presença, como já indicámos, contribuiu para accelerar a paz de Cananor, e fazer levantar o sitio d'esta cidade. Dirigiu-se depois directamente a Cochim onde achou já prompta a sua carregação; resolveu pois regressar sem demora a Lisboa, mas antes de seguir viagem quiz presenciar uma bella empresa que o Vice-Rei dirigia pessoalmente, o qual ficou mui satisfeito em o ter por commandante em segundo, e de repartir com elle as honras d'aquella empresa.

O Vice-Rei tendo sido avisado de se acharem em Pananá, a quatorze leguas de Cochim, quinze ou dezeseis vasos Mouriscos, que estavam quasi a ponto de carregarem e de partirem, resolveu incendial-os, e pôr a ferro e fogo esta cidade, que então se achava na alliança do Camorim. A empresa era arriscada, Pananá estava situada na margem d'um pequeno rio, que ahi forma um ponto commodo, uma legua acima da embocadura do mesmo. A sua entrada era difficil por causa das aréas alli amontoadas. Os inimigos que esperavão ser atacados, não sómente havião fortificado a praça, mas tambem a entrada do rio, construindo d'uma e outra parte um reducto guarnecido de grossa artilheria. Além d'isso havião alli nu-

merasas tropas sob o commando d'um Mouro, por nome Cutial, que gosava da reputação de grande guerreiro, e os Mouros que constituíam a flôr d'estas tropas, achavão-se tão irritados pelas perdas que os Portuguezes lhes accarretavão, que mais de setenta d'entre elles, pela maior parte Capitães de navios, havião rapado a cabeça e a barba, como signal usado entre elles, de que se obrigavão por juramentos a vencer ou morrer.

A esquadra Portugueza, tendo apparecido na fôz do rio em força de doze vélas, não deixou de surprehender os inimigos, posto que não abatesse a sua coragem. Estes trabalharam, toda a noite, em fortificar os seus entrincheiramentos, e prepararem-se para o combate. Os Generaes Portuguezes convocaram o conselho. D. Francisco d'Almeida tendo apresentado uma planta exacta do lugar, a qual obtivera de seus espias, foi resolvido no dito conselho que no principio da maré, em quanto os navios de maior porte fechassem a barra, afim de que os inimigos não podessem entrar, Pedro Barrêto, e Diogo Peres subissem cada um no seu batel, levando oitenta homens dos mais decididos das forças Portuguezas: que o primeiro desembarcaria no lugar em que os vasos inimigos, proximos da margem, estavam amarrados uns aos outros; e que Diogo Peres tomasse terra junto ao reducto que defendia a foz do rio, e cuja defesa se reputava a mais mortifera: que D. Lourenço d'Almeida e Nuno da Cunha, filhos dos Generaes, conduzirão o corpo de batalha nas lanchas, pelos quaes se repartirão, pela maior parte, os Capitães e mais officiaes das esquadras de seus respectivos pais. Nuno da Cunha devia sustentar Pedro Barrêto, e D. Lourenço d'Almeida apoiaria Diogo Peres. Seguir-se-hião depois os Generaes, conduzindo uma terceira linha nas galéras.

Tudo isto foi pontualmente executado, conforme se

projectára. Logo que começou o prêamar, Pedro Barrêto e Diogo Peres se poserão em movimento, e passaram por entre os dois reductos com os soldados deitados de bruços, sem que a artilheria inimiga que atirava demasiado alto, podesse attingil-os, nem prejudical-os. Mas tanto que principiou o desembarque, os Mouros sahiram de seus entrincheiramentos, saltão n'agua que lhes dava pela cintura, apoderam-se dos bateis, e causão tão grande embaraço aos soldados, que estes ficando demasiadamente apertados, a ponto de não poderem bater-se, vêem-se obrigados a saltar para o mar, onde o combate foi então obstinado. D. Lourenço, e Cunha chegaram cada um ao posto que se lhe designára, e os soldados cobraram animo. O combate se tornou então ainda mais sanguinolento, pois que todos se batião como desesperados. Diz-se que nesta acção D. Lourenço d'Almeida matou seis inimigos a golpes de pique, que manejava com bastante habilidade e vigor. Como fosse o joven de maior estatura e de melhor apparencia de todos os Portuguezes, um dos inimigos o tomou por um dos chefes, e se unio com elle occultando-se debaixo do seu escudo, para lhe cortar as pernas. D. Lourenço d'Almeida que era agil, desviou o golpe, e voltando sobre o seu inimigo, lhe descarregou sobre a cabeça tal golpe que logo o matou; mas tendo sido por outro ferido no braço, afrouxou um pouco seu ardor. Os Generaes que não havião podido chegar mais cêdo, porque as galéras não tendo agua sufficiente, não tinham por isso podido entrar com os outros vasos, apparecendo agora e animando seus respectivos filhos, e a sua gente, Nuno da Cunha poz fogo aos vasos inimigos, e as tropas de D. Lourenço d'Almeida ganharam o reducto. Como os inimigos tivessem sido mortos pela maior parte ás cutiladas, os restantes tomaram a fuga. Os vasos inimigos forão todos consumidos pelas chammas, bem como a cidade com quasi todas as suas riquezas: pois que o Vice-Rei temendo que a cobiça dos soldados pelo saque viesse a ser-lhes

funesta, deu as mais rigorosas ordens, afim de o evitar. Ganhados os reductos, toda a artilheria que os guarnecia foi conduzida para bordo da esquadra portugueza.

Os inimigos perderam trezentos homens, entre mortos e feridos; e os Portuguezes dezoito mortos, e trinta feridos, entre os quaes se contaram os dois filhos dos Generaes. Esta acção encantou de tal modo o Vice-Rei que resolveu armar muitos Cavalleiros sobre o campo da batalha, depois do que elle, e Tristão da Cunha, tendo hido a Cananor, acabaram de fazer a carregação nos navios de retorno. O Vice-Rei regressou para Cochim, e Tristão da Cunha seguiu viagem para Portugal aonde deu a agradável noticia d'estes acontecimentos.

Voltemos para a costa d'Arabia, onde a gloria do grande Affonso d'Albuquerque nos chama, sigamol-o em suas primeiras façanhas, cujo projecto por si só parece annunciar-nos, d'antemão, as maravilhas que este novo conquistador obrou depois na India. Seus trophéos quasi que o igualaram aos heróes mais celebres da antiguidade,

CAPITULO X.

ANNO DE 1507.



Affonso d'Albuquerque projecta a conquista do Reino d'Ormuz. Descreve-se este Reino, a sua capital e o caracter de seus habitantes. Affonso d'Albuquerque dirige-se ao Cabo Rosalgate. Cajalate lhe abre as portas. Curiata e Mascate são occupadas pelas armas portuguezas. Soor rende-se. Orphasam resiste; é saqueada e incendiada: entra no porto d'Ormuz, e faz significar ao Rei por meio de um emissario o objecto da sua vinda. Resposta activa de Coge Atar ministro do Rei. Rompem-se as hostilidades, e combatesse de parte a parte com obstinação e denodo. Os inimigos são completamente derrotados. Os navios protegidos pelos fortes são todos incendiados. Coge Atar aceita a lei que se lhe dictára. A paz é concluida, e solememente publicada. Affonso d'Albuquerque faz levantar uma fortaleza na parte

mais dominante do porto. Coge Atar por meio de seus espias conhece o diminuto numero dos Portuguezes e intenta destruil-os. Os Capitães portuguezes requerem formalmente a Affonso d'Albuquerque que abandone a empresa d'Ormuz; resposta que este lhes deu. Chegada dos Embaixadores do Sophi da Persia exigindo o tributo annual que o Rei d'Ormuz lhe pagava. Affonso d'Albuquerque é consultado sobre este objecto por Coge Atar, sua heroica reposta. Maquinações de Coge Atar contra os Portuguezes, descobre-se a traição, e rompem-se as hostilidades. A cidade é atacada por oito dias consecutivos pela artilheria portugueza, e depois bloqueada. Affonso d'Albuquerque faz incendiar as réllas inimigas que encontra. Intenta interceptar a agua que abastecia a cidade; malograda esta empresa é obrigado a levantar o bloqueio, em consequencia da deserção d'Alguns Capitães da sua esquadra, e logo em seguida sai do porto d'Ormuz; para a Ilha de Socotorá. Duarte de Mello funda a fortaleza de Moçambique. D. Lourenço d'Almeida descobre as Ilhas Maldivas e termina um tractado de paz para Portugal na Ilha de Ceilão. Diogo d'Azambuja entra á força d'armas na Cidade de Azaafi (que nós chamamos Casim) na Mauritania Tingitana.



Affonso d'Albuquerque pensava de noite e de dia em dilatar as fachas dos Portuguezes. El-Ikei tendo-o encarregado de cruzar na entrada do Mar Roxo, elle soube conciliar o dever com a honra, recusando-se, pois mal lhe hia o labéo de cruzeiro; impaciente de se assignallar por algum feito grandioso, e de que o seu Monarcha tirasse

maior utilidade concebeu o projecto de tomar Ormuz, e prestes poz em execução o seu plano.

O Reino d'Ormuz, assim chamado do nome da sua capital, começava no cabo de Rosalgate na Arabia Felix, e extendia-se ao longe pela Germania, onde abrangia uma vastissima extensão de paiz; porém o que o tornava consideravel, era a situação da cidade d'Ormuz, collocada na Ilha de Gerum, á entrada do golfo Persico, a pouco mais de meia legua de distancia da terra firme d'uma parte, e a quatro leguas da outra. A Ilha não tinha mais do que cinco ou seis leguas de circumferencia, mas formava dous portos magnificos, separados entre si por uma estreita lingua de terra e tão vantajosamente situados, que parecião ter sido feitos, para servirem de emporio geral de todo o Oriente. Parece que a natureza, satisfeita de ter concedido a esta Ilha uma tão aprazivel posição, fôra esteril em tudo o mais, a agua escaceava, e a verdura a custo vegetava, todavia estas faltas não erão sensiveis, porque a cidade vasta, bella, rica e sumptuosa, juntava á profusão das immensas riquezas que o commercio d'Asia, d'Africa, e mesmo da Europa lhe trazia, uma abundancia espantosa de tudo o que pode servir de utilidade, e de commodidade á vida, como se todos os outros paizes não tivessem sido creados senão para supprirem a sua esterilidade.

Esta Cidade, engrandecida pelo commercio, reunia no seu seio um grande numero de estrangeiros de todas as Nações, no emtanto os Arabes e os Persas dominavão alli com a religião de Mafoma, que tambem era a do Soberano. Os habitantes, robustos e bem apessoados, união a coragem, que se ressentia da sua origem bellicosa e d'uma seita que á força de conquistas ganhára nomeada, ao amor das sciencias e das bellas artes, que são os fructos da paz e da tranquillidade.

Affonso d'Albuquerque tendo arranjado os negocios de Socotorá, e reprimido as facções dos Fartaquins, que haviam ficado naquella Ilha, partiu d'alli com seis navios, e uma fusta commandados por officiaes de bravura, e em que hião quatrocentos e setenta Portuguezes. Com este pequeno corpo ganha o alto mar, tirando para o cabo de Rosalgate, onde principião os estados d'Ormuz; apresenta-se diante de Cajalate que lhe abre as suas portas. Curriata mais orgulhosa, experimenta a sorte das armas; a confiança que ella deposita em suas proprias forças origina a sua ruina. Mascate, mais consideravel submette-se pela prudencia de seu governador, porém entrando alli dous mil Arabes a sublevão novamente. Os dous mil Arabes foram batidos, e attrahiram sobre a Cidade os males de que querião livra-la. O governador ali pereceu combatendo como um bravo.

As cidades de Soor, e Orphasam, ambas opulentas, e fortificadas com boas muralhas e cidadellas, não ousaram de fender-se. Soor sujeitou-se ás condições que se lhe impozerão. Os habitantes porém de Orphasam possuiram-se de tão grande terror, que por mais que se esforçasse o seu governador, official de reputação, elles abandonaram a cidade fugindo para os bosques. Os Portuguezes não encontraram nem resistencia, nem submissão, saquearam-na, e queimaram-na, depois do que o victorioso Affonso d'Albuquerque foi fundear á vista d'Ormuz, e mandou logo dizer ao Rei:

« Que vinha alli, não para trazer a guerra, mas sim a paz.
 « Que não haviam outros meios d'obtel-a senão sujeitando-se
 « a El-Rei de Portugal, e pagando-lhe o tributo annual que
 « os Reis d'Ormuz pagavão aos Sophis: Que El-Rei de Portugal era um Principe tão poderoso que mais ditosos ficavam os que lhe obedecião do que os que região grandes
 « imperios. Que logo que se sujeitassem a ser seus vasallos
 « tudo poderião esperar da sua protecção contra os inimigos,

« assim como tudo tinham a temer das suas armas victoriosas ; se porém fossem tão cegos que recusassem as vantagens d'esta protecção, que lhes offerecia, então não se responsabilisava pelo resultado. »

Achava-se no throno de Ormuz Ceifadim, segundo do nome, que o havia herdado de seus pais, seus fundadores, mas como a tenra idade d'este Principe lhe não permitisse governar por si mesmo, estava ainda sob a tutella de um eunucho por nome Coje-Atar, homem astuto e experiente, o qual havia sabido ganhar o ascendente sobre todos os seus competidores.

A proposição de Affonso d'Albuquerque era extraordinaria, e devia parecer bem nova, porém Coje-Atar temia a fama dos Portuguezes, e receoso de que os descendentes do actual governo, se não aproveitassem d'aquella conjunctura, para effectuarem alguma mudança no estado, tomou desde logo o partido da dissimulação, procurando ganhar tempo, a fim de que podessem chegar á Cidade as tropas de terra e mar que não estavam longe. Coje-Atar enviou ao Chefe Portuguez um de seus officiaes, com cartas e presentes consideraveis. Affonso d'Albuquerque recebeu a carta, mas recusou os presentes, dizendo que os não podia receber em quanto não soubesse se devia tratar com amigos ou inimigos.

Coje-Atar não se julgou menos offendido por esta resposta, do que o fôra pela primeira proposição, não obstante elle continuou a dissimular, até que tivesse obtido o fim a que se propozerá ; mas logo que se viu com vinte mil homens de tropas, com a sua frota, junta a mais de sessenta navios de transporte, e mais de duzentas vélas entre canoas, lanchas e outros pequenos vasos, que d'antes se achavam no porto ; arremecendo então de si a mascara, come-

cou por fazer prender os Portuguezes que com demasiada confiança tinham ousado desembarcar, e mandou dizer a Affonso d'Albuquerque: « Que se admirava muito da petulancia de suas proposições e da injustiça de suas exigências: Que os Reis d'Ormuz longe de pagarem tributos aos estrangeiros que vinhão a seus portos, costumavão, pelo contrario, exigi-los d'elles: Que se os Portuguezes querião commerciar como as outras nações, se lhes concederia a permissão e a liberdade com as mesmas condições; mas que se se propunhão a violental-os, conhecerião brevemente, e á sua custa, que mui enganados estavam, se suppunhão estarem tratando com Cafres e com miseraveis nêgros. »

Esta resposta, e as disposições observadas no porto, derão a conhecer a Affonso d'Albuquerque que era indispensavel o pelear; e convocando o conselho, este deccidiu que se atacassem os vasos inimigos. Affonso d'Albuquerque occupou a barra, dispoz as suas vélas com os convenientes intervallos, a fim de poderem manobrar com facilidade, e fazerem um uso proprio de suas baterias, e em seguida fez jogar toda a sua artilheria. Os inimigos distribuidos por todos os seus pequenos vasos, dispostos em duas linhas commandadas pessoalmente por Coge-Atar, fazendo-se por ordem d'este ao largo para investirem a esquadra portugueza, não se atemorisão pelo continuado estampido e avanção affoutos, apesar do mortifero fogo da artilheria portugueza. O mesmo fumo, que por algum tempo esconde todos os objectos á vista, lhe permite o aproximarem-se tão perto d'aquella que depois de terem despedido em muito boa ordem uma espessa nuvem de frechas, vierão á abordagem. Os portuguezes, grande numero dos quaes havião ficado feridos pela innumeravel multidão das frechas, tiveram grande difficuldade em se defenderem da actividade d'este primeiro assalto, em que foi necessario combater

braço a braço, a golpes de lanças, de machados e de sabres; a final as baterias inferiores que estavam ao lume da agua, fizeram tal destroço naquelles pequenos vasos, que Coge-Atar, vendo-os despedaçar-se ou pela maior parte afundarem-se, tomou o partido de se retirar; cujo máu exemplo em pouco tempo foi seguido por todos os seus subordinados.

Affonso d'Albuquerque vendo-se livre da importunidade d'estas embarcações, correu logo a atacar os navios de grande lote entre os quaes havia dous de oitocentas toneladas com quinhentos a seiscentos homens de tripulação, um dos quaes, por nome Principe, pertencia ao Rei de Cambaia, outro, denominado Meris, era de Melique-As, Senhor de Diu, de quem ainda muito nos occuparemos. Affonso d'Albuquerque accommetteu a ambos successivamente, e depois d'um combate assaz porfiado, os mettu a pique. Os demais Capitães, imitando o exemplo de seu Chefe, atacaram diversos navios. De pressa o mar ficou coberto de destroços. Foi tal a desordem entre os inimigos, que se combatião uns aos outros julgando-se mutuamente adversarios. Finalmente os inimigos abandonaram os seus navios, e se lançaram ao mar para se salvarem a nado, e como fossem perseguidos pelos Portuguezes que se achavão nas lanchas, a mortandade cresceu a um ponto extraordinario.

Terminado o combate, que durára oito horas, o victorioso Affonso d'Albuquerque aproveitando-se de sua vantagem, fez lançar fogo a todos os navios que o inimigo abandonára, os quaes sendo por um vento da terra arrojados para longe do porto, forão servir d'um novo espectáculo de horror sobre as costas da Caramania e da Arabia, onde se consumiram ou naufragaram. Affonso d'Albuquerque mandou igualmente pôr fogo a cento e oitenta va-

nos de toda a especie, que se achavão ainda nos estaleiros, promptos para se lançarem á agua, e que foram prêsa das chammas. Ao passar a esquadra por baixo de uma especie de fortim ou pequeno palacio em que se achava o Rei, e d'onde sem embargo da consternação em que todos estavam, se despedião nuvens de frechas, Affonso d'Albuquerque ficou ferido, bem como muitos officiaes, e soldados.

A animosidade dos Portuguezes era inconcebivel, alguns d'elles desembarcando tinham posto fogo a um arrabalde, em que havia uma mesquita, que foi prêsa das chammas, e deixando-se dominar de seu ardor impetuoso, hião entrar na cidade de involta com os fugitivos; porém Affonso d'Albuquerque attendendo a seu pequeno numero, e ao cansasso, fez tocar a retirar, satisfeito do resultado d'uma tão bella victoria.

A presumpção de Coge-Atar, tornou-se n'um descorçoamento extremo: entregue pois ás suas crueis inquietações, e tendo muito a receiar tanto do interior como do exterior do Reino, elle mostrou uma excessiva impaciencia de concluir a paz; consequentemente fez arvorar, em um dos torreões do Palacio Real, uma bandeira branca, e mandou parlamentarios ao vencedor.

Dirigiram-se a elle com as maneiras mais submissas, demorando-se em relatar as desgraças que a Cidade, e seus habitantes haviam supportado, fructo da sua inutil resistencia, e concluíram entregando quasi á discripção o Principe e o seu Reino.

Affonso d'Albuquerque aproveitou-se do terror geral, e concluiu, ou antes dictou um tratado, em que Ceisadim, Rei de Ormuz, se reconhecia tributario d'El-Rei de Portugal, pagava as despesas d'aquella guerra, e concedia

nesta cidade terreno para se coustruir uma fortaleza, para cuja coustrucção forneceria os materiaes e os trabalhadores que fossem necessarios; destinando-se na cidade os quartéis proprios para os Portuguezes, até que ficasse concluida a fortaleza. Que pela sua parte El-Rei de Portugal tomava o Rei d'Ormuz sob a sua protecção, e se obrigava a defendê-lo contra todos os seus inimigos. Fizeram-se d'este tratado duas cópias gravadas em laminas de ouro; uma em lingua Persa, e outra em Arabo. A bandeira portugueza foi arvorada no mais elevado dos torreões do Palacio do Rei. Este Principe e Affonso d'Albuquerque se avistaram, e conferenciaram; e finalmente foi publicada a paz com todas as demonstrações de alegria, que a afflicção em que então se achava a cidade permittia.

O terreno para a nova cidadella foi marcado no extremo da lingua de terra, que está entre as duas barras, e não podia ficar mais bem collocada, pois que dominava ambas as barras, e o Palacio do Rei. Não se perdeu tempo na sua coustrucção, todos ahi trabalhavão desde o proprio General até ao ultimo grumete de navio; cada um se occupava no genero de trabalho que se lhe designára. Os trabalhadores estavam divididos por esquadras, que se rendião umas ás outras a determinadas horas; de sorte que não se interrompia o trabalho nem de dia nem de noite. Apesar de todas as precauções, Cogo Atar veio no conhecimento do pequeno numero dos Portuguezes, e envergonhou-se das concessões feitas a Affonso d'Albuquerque, resolvendo retractar-se do que promettêra; todavia era tal o terror que os Portuguezes continuavão a inspirar, que julgou dever empregar a astucia com preferencia á força. Alliciou para fugirem carpinteiros, e fundidores de artilheria, que effizamente reclamou Affonso d'Albuquerque, mas em vão. Outros forão encantados pela generosidade do Ministro, e em pouco tempo fez nascer a discordia entre aquelles mesmos

que subjugavão seu paiz. Os officiaes, e soldados fatigavão-se de um trabalho, que não offerecia um resultado conforme aos seus desejos. Pertendião continuar os cruzeiros, e a severidade do chefe assás os descontentava; porém elles não conhecião bem a firmesa que tinha o seu caracter. Declararam-lhe em um requerimento, que era essencial ao serviço de El-Rei abandonar Ormuz, para cruzar em o golfo Arabico, ou regressar ás Indias junto do Vice-Rei. Affonso d'Albuquerque leu esta representação com ar alegre, e para lhe testemunhar a sua indignação a deu logo a um pedreiro que estava assentado o limiar de uma das portas da fortaleza, mandando que a pozesse debaixo do dito limiar, dizendo por irrisão: = *« Este é o despacho! »* = por cujo facto se ficou aquella porta chamando = *Porta do Requerimento*.

Permittiu o accaso que ao mesmo tempo viessem a Ormuz os Embaixadores do Sophi da Persia. Coje Atar mandou então dizer a Affonso d'Albuquerque, que na terra firme, em um porto que se chamava Bandez Angou, onde costumavão vir as caravanas da Persia, erão chegados dous Embaixadores, que vinhão pedir o tributo que os Reis de Ormuz ha muitos annos pagavão aos da Persia, e como Ormuz estava debaixo da protecção d'El-Rei de Portugal, e lhe pagava tributo, desejava saber o que se devia fazer nestas circumstancias.

Replicou Affonso d'Albuquerque que de muito boa vontade daria a resposta, e que Coje Atar lhe enviasse pessoas d'authoridade para lh'a enviar por ellas.

Vindo dous emmissarios de Coje Atar ante Affonso de Albuquerque, este lhes mandou prestar juramento conforme o uso da religião do seu paiz, e dando-lhes uns poucos de pelouros, varias lanças, e molhos de settas, lhes disse: « Que

« pelo juramento que haviam prestado os obrigava a appre-
 « sentar aquelles objectos aos Embaixadores do Sophi, a
 « quem dirião, que os Reis e Príncipes tributarios d'El-Rei
 « de Portugal, quando d'outros erão requeridos por algum
 « tributo, n'aquella moeda é que pagavão. Assegurai aos
 « mesmos, acrescentou, de que logo que se ache conclui-
 « da a fortaleza d'Ormuz entrarei no golfo Persico, afim
 « de submetter á Corôa Portugueza todas as praças depen-
 « dentes do Sophi. Abstendo-vos pois de lhe pagar outro
 « tributo que não seja o que eu lhe envio, se não quizer-
 « des ser demittidos do vosso cargo, e mui severamente
 « punidos. »

Esta altivez impoz aos Ormuzienses ; porém augmen-
 tou cada vez mais o numero dos Portuguezes descontentes.
 Comtudo, Coge Atar, sempre activo e prudente, havia
 feito construir peças de artilheria por aquelles que fizera
 desertar. Por ordem sua, tinham entrado tropas na Cidade ;
 e nas cazas proximas á fortaleza se haviam tomado muitas
 medidas hostis ; porém Affonso d'Albuquerque foi advertido
 a tempo, e tomou as cautelas necessarias.

Todos os Portuguezes que se achavão dispersos na ci-
 dade, occupados na construcção da fortaleza, receberam
 ordem de reembicar em segredo, e obdeceram. Coge Atar
 vendo-se descoberto faz tocar a rebate, põe suas tropas em
 movimento, lança fogo a um navio que Affonso d'Albuquer-
 que havia feito entrar no estaleiro para se concertar, e vôa
 ao porto, d'onde se arrojaram contra a armada, posto que
 inutilmente, toda a sorte de projectis.

Affonso d'Albuquerque tendo-se queixado d'esta infrac-
 ção e não recebendo satisfação alguma, ataca com a ar-
 tilheria a cidade pelo espaço de oito dias consecutivos, e
 incendeia os navios que Coge Atar se persuadia ter posto a

cobertó; porém observando que assim pouco adiantava, concebeu o designio de render pela fome os habitantes da cidade, pondo-lhes um rigoroso bloqueio. Como a Ilha não produzisse, como temos mencionado, mais do que alguns vegetaes, que com difficuldade alli se davão, e os habitantes não tivessem outra agua potavel que a da chuva, que conservavão em algumas cisternas, o negocio não era difficil. Affonso d'Albuquerque cerca o melhor que pode com a sua esquadra a Ilha, e sendo informado depois, de que havia n'um lugar por nome Torombac, a uma legua da cidade, alguns poços d'agua potavel, guardados por um destacamento de duzentos homens e viute e cinco cavallos, destaca de noite para aquelle sitio Jorge Barreto de Castro com oitenta homens. Castro comette o ataque, um pouco antes de amanhecer, desbarata o destacamento inimigo, e faz entupir os poços com os cadaveres dos homens e dos cavallos.

Aquelle ponto era importante, e Affonso d'Albuquerque, que o pertendia conservar, mandou para esse fim, vinte homens commandados por um bravo castelhano por nome Lourenço da Silva, com instrucções de fazer postar um canhão n'uma eminencia, aonde se não podia hir senão por uma veréda muito estreita; esta ordem não se poudo executar por terem para alli concorrido os inimigos em força. Nestas circumstancias tendo Affonso d'Albuquerque chegado por mar, com perto de cento e cincoenta homens escolhidos, empregou todos os seus esforços para collocar o canhão no posto que determinára, porém os inimigos, tendo-se reforçado, pelas tropas commandadas pelo Rei e Coge Atar, começaram o ataque, no qual ficaram feridos quasi todos os Portuguezes, sendo este, como elle proprio depois affirmou, um dos maiores perigos que corréra sua vida; não obstante conseguiu salvar-se nos bateis com quasi toda a sua gente, deixando a seus inimi-

gos a gloria de o terem obrigado a fugir, e a seus Capitães, que lhe havião contestado esta empreza, o maligno prazer de o verem mortificado pelo mallôgo d'ella.

Entretanto a Ilha estava strictamente bloqueada, de sorte que soccorro algum podia passar, e a Cidade reduzida a uma penuria quasi extrema, estava a ponto de sublevar-se. Todos os dias uma multidão de mulheres, e creanças, cercavão o Palacio do Rei e com supplicas pedião a paz, ou o pão. Na esquadra de Affonso d'Albuquerque sabia-se o critico estado a que a Cidade estava reduzida, e a necessidade em que ella se achava de recorrer á sua clemencia: este momento estava proximo, quando Affonso d'Albuquerque viu ser-lhe arrebatada uma tão bella preza por trez de seus Capitães, que antepondo em seu coração o odio, e o ciume ao seu dever, vergonhosamente o abandonaram, e se dirigiram ás Indias, aonde o forão criminar ao Vice-Rei. Um d'elles levou consigo os viveres da esquadra, e Affonso d'Albuquerque se viu por tanto na mesma necessidade que os sitiados soffrião; comtudo, elle tentou, e fez novos esforços; mas depois de algumas brilhantes acções de armas, julgou dever retirar-se á Ilha de Socotorá.

Antes d'entrarmos em outros detalhes mais minuciosos, retomando os successos de um pouco mais longe, concluiremos o presente Capitulo dizendo que n'este mesmo anno Duarte de Mello fundou a fortaleza de Moçambique, e n'ella uma Igreja e um Hospital. D. Lourenço d'Almeida fez a celebre descoberta das Ilhas Maldivas, e em Ceylão celebrou um tractado de paz com o Rei de Cale, que se tornou tributario d'El-Rei de Portugal. Finalmente os Portuguezes, commandados por Diogo d'Azambuja, entraram na Cidade de *Azaafi* (que nós chamamos *Casim*) na Mauritania Tingitana, da qual se assenhorearam completamente no anno de 1508.

CAPITULO XI.

ANNOS DE 1508 E 1509.



Çamorim colligado com os Reis de Cambaia, d'Ormuz, d'Achem, e outros, sollicitão a intervenção do Soldão do Egypto, afim de expulsarem os Portuguezes da India. Artificios do Soldão para aterrar os christãos. Queixa-se ao Papa Alexandre VI. dos Reis de Castella e de Portugal. O Papa persuade estes Monarchas suavisem a colera do Califa. El-Rei D. Manuel patentea a sua resolução de continuar a fazer a guerra aos Musulmanos. O Soldão envia uma armada ás Indias, sob o commando d'um de seus Emires. Este, chegando á India, accomette D. Lourenço de Almeida nas aguas de Chaul, sendo obrigado a retirar e a pôr-se na defensiva. E' inopinadamente atacado por D. Lourenço d'Almeida. As forças de Melique-As fazem sua junção com as do Emir. O combate torna-se geral; morre D. Louren-

ço d'Almeida, e declara-se a victoria a favor do inimigo. Affonso d'Albuquerque dirige-se a Cananor, onde apresenta a Carta Regia que o nomeára successor de D. Francisco d'Almeida no governo das Indias. Este se subtrahê a entregá-lho. Volta Affonso d'Albuquerque a Ormuz, sabe que o seu proceder em quanto áquella Ilha fóra desapprovado pelo Vice-Rei, e não obstante prosegue em suas prêsas. Sahe o Vice-Rei com numerosa armada de Cananor, para atacar o Emir nas aguas de Diu. Nesta derrota asim de castigar o Cabaio, hostiliza a cidade de Dabul, que é incendiada, depois de passada toda a sua população á espada. Dirige-se em seguida a Diu a atacar o Emir. Trava-se o combate; os Portuguezes praticão gentilezas de valor, e a victoria se declara a seu favor, com grande perda dos adversarios. Sollicita Melique-As a paz. O Vice Rei volta para Cochim, e de caminho exige o tributo de varios Principes. Affonso d'Albuquerque continua no desagrado do Vice-Rei, que o manda encerrar na cidadella de Cananor. D. Fernando Coutinho com uma numerosa armada chega ás Indias. Dá liberdade a Affonso d'Albuquerque e leva-o para Cochim: toma posse do Governo das Indias, e D. Francisco d'Almeida parte para Portugal com alguns descontentes de Affonso d'Albuquerque. E' morto na sua derrota o Vice-Rei conjunctamente com alguns Capitães, na Aguada de Saldanha junto ao Cabo da Bôa Esperança pelos cafres indigenas.



penas os Mouros viram a prosperidade e boa fortuna que hão alcançando os Portuguezes no Indostão, logo pensaram que estes estrangeiros não vinhão alli com outras vistas

que não fosse arruiná-los, e ainda mais se convenceram da realidade d'este pensamento, quando os viram egrossar suas esquadras; guardarem os mares, e darem a Lei a diversos Reis Indios; construirem por toda a parte cidadellas; exigirem que se não fizesse carregação alguma dos generos da India, sem que elles primeiramente tivessem concluido a sua, prohibirem a navegação d'aquelles mares, a não ser com sua permissão, e finalmente praticarem todos estes actos sem rebuço, o que tudo fazia acreditar ser sua intenção o anniquilarem absolutamente o seu commercio no Mar Roxo e no golfo Persico.

Os Mouros pois, não se julgando assaz fortes para poderem livrar-se d'um inimigo, que desde seus primeiros passos, déra a conhecer o ascendente que havia adquirido, determinaram recorrer a um poder superior, cujos interesses, juntos aos seus, podessem constituir um motivo capaz de o obrigar a operar grandes esforços. Com taes vistas elles persuadiram o Çamorim a que mandasse uma embaixada ao Soldão do Egypto, que sendo a parte mais prejudicada, tomaria o negocio a peito, e se achava em estado de applicar ao mal commum um poderoso remedio. Escutou o Çamorim a proposição que se lhe fizera, e a esse fim mandou por emissario ao Cairo um santão (especie de monge mahometano) por nome Maimane, homem prudente, e entre os seus sectarios em reputação de grande santidade. Este tendo-se posto a caminho tomou ainda durante este, cartas de recommendação dos Reis de Cambaia, d'Ormuz, d'Adem, e de outros Principes musulmanos, que reconhecião o Califa, ou Soldão do Egypto, como chefe de sua religião, e que possuindo os melhores portos d'aquellas costas, erão lesados pela interrupção do commercio, e tinham todos elles queixas que fazer-lhe contra os Portuguezes.

Estava então sobre o throno Campsão, que pode considerar-se como o ultimo dos Mamelucos, que se estabeleceram no Egypto no tempo das Cruzadas. Os estados d'este Principe erão vastos, e comprehendião, além do Egypto, o d'uma parte d'Africa Septentrional, toda a Syria até ao Euphrates, e uma parte d'Arabia. O transporte das mercadorias das Indias, e d'outras partes d'Asia para a Europa, não se podia fazer senão pelas terras de sua dominação, por meio de frotas ou caravanas. Em todas as Cidades em que ellas tocavão lhe pagavão pelo menos cinco por cento de direitos de entrada e sahida, e nos portos do Mediterraneo elle percebia o dobro da parte dos Venesianos, dos Genovezes, e dos Catalães, que erão os unicos que fazião o commercio do Levante. Os principaes rendimentos d'este Principe consistindo por tanto no producto das alfandegas, devião necessariamente desfalcar-se pela interrupção d'este commercio; e como os Mouros estabelecidos nas Indias tivessem seus correspondentes em todos os portos do Egypto e da Syria, as bancas rotas que se tornavão mui frequentes, havião exasperado os espiritos contra os autores de semelhante calamidade.

Neste estado de cousas Maimane tendo chegado ao Egypto, achou ahi já todos os meios para poder ser atendido. O Soldão, que era um Principe pacifico e moderado, quiz primeiro que tudo tentar os meios da doçura, e por consequencia fez destramente correr em seus estados o boato de que elle se propunha destruir em Jerusalem os lugares santos, e apagar mesmo os vestigios dos sanctuarios e monumentos consagrados pela presença de Jesus-Christo, prohibir todo o commercio com os estrangeiros christãos, e expulsar todos os que estavam estabelecidos nas terras de seus dominios, ou constrangel-os a fazerem-se mahometanos. O guardião do convento de S. Francisco do Monte Sinai, por nome Mór, tendo ouvido esta

noticia acreditou-a, e se transportou logo ao Cairo todo assustado: era justamente o que pretendia o Califa, o qual depois de ter affectado as maiores difficuldades, consentiu por fim em suspender os effeitos de sua justa vingança, caso que se lhe desse uma satisfação; e como este religioso promettesse obter tudo, por sua mediação junto do Papa, e mesmo d'El-Rei de Portugal, o Califa approvou que elle viesse a Roma, e o encarregou d'uma carta para Sua Santidade.

Esta carta foi aberta e lida em pleno Consistorio. Começava ella pelos magnificos titulos que o Califa se attribuia, e pelos que dava ao Papa, que quasi não erão menos honrosos, e que merecem ser mencionados, taes erão: « O grande Rei, Senhor dos Senhores, Rei dos Reis, Espada do Mundo, Herdeiro dos Reinos, Rei da Arabia, de Gemia, da Persia, e da Turquia, Sombra do Altissimo, e sua imagem sobre a terra, Distribuidor dos Imperios, Acoute dos rebeldes e hereges, Summo Sacerdote dos templos que estão sob o seu poder, Explendor da fé, Pai da victoria, Canaço Algauri (era este o nome de Campsão) cujo reinado Deus perpetue, e cujo throno estabelece acima do Signo de Geminis; Ao Papa Romano, excellentissimo e espirital, grande na antiga fé dos christãos fieis de Jesus, &c. O Califa punha mui extensamente os justos motivos das queixas que tinha de fazer aos Reis Catholicos Fernando e Izabel, e a El-Rei de Portugal, os quaes se manifestavão os mais cruéis inimigos d'uma religião, de que elle era o Chefe, e que elles perseguião a fogo e a sangue até ás extremidades da terra, sem que elle lhes tivesse jámais dado o mais leve motivo para semelhante proceder. Que a sua honra, e o seu zêlo por esta religião o obrigavão a vingal-a com todas as suas forças, por isso o advertia, que se pela influencia que elle Papa exercia sobre todos os Prin-

«cipes sectarios da Lei de Jesus; os não obrigasse a mudar de vida; elle se viria na necessidade de usar de represalias; destruiria os lugares Santos, expulsaria todos os christãos de seus estados, ou os obrigaria a abraçar a lei de Mafoma.»

O Papa Alexandre VI., que então occupava a cadeira de S. Pedro, e o Sacro Collegio, assustado d'uma ameaça, que elle receava vêr realisada, enviou logo o mesmo religioso para Hespanha com uma cópia da carta que este trouxera do Cairo. Ignora-se o que responderão os Reis Catholicos; pelo que respeita a El-Rei D. Manuel, este teve summo prazer de ver o Califa recorrer a queixas, do que concluiu mui justamente, serem ellas um testemunho evidente de fraqueza, e neste sentido escreveu ao Papa. «Que se tranquillisasse Sua Santidade pois lhe assegurava que o Califa não ousaria executar cousa alguma de quanto parecia projectar contra os Lugares Santos, por se não privar d'um de seus mais consideraveis rendimentos. Que era claro que o zêlo de religião nenhuma parte tinha nos motivos de sua embaixada; pois que havia deferido por mais de vinte annos suas queixas, pelo que os Reis Catholicos Fernando e Izabel praticaram contra os Mouros de Granada: que elle unicamente tinha a queixar-se dos prejuizos que lhe causava a interrupção de seu commercio, assim longe de affrontar no que já estava feito, elle se confirmava cada vez mais na resolução de fazer uma viva guerra a esses inimigos da religião christã, pois que era justo que depois de terem trazido a desolação á Europa, cujos terribes effeitos a Hespanha sentira por tantos seculos, se lhes levasse tabem ás suas terras a mesma guerra.»

El-Rei D. Manuel redobrou desde logo os seus esforços, enviando mais forças para a India. O religioso de S. Francisco, depois de ter por duas vezes hido a Roma, voltou pa-

ra o Egipto, onde não poudo dar mais do que uma má conta de sua negociação. O Califa, vendo que era necessario recorrer a meios mais efficazes, decidiu-se a fazer passar ao Mar das Indias uma armada, em que fez uma despesa immensa, porque como no Egipto e nas margens do Mar Roxo não havia matas de madeiras de construeção, foi preciso mandal-as vir da Asia menor. A frota egypcia que transportava as madeiras para Alexandria, composta de vinte e cinco vélas, foi encontrada pelo Balio de Portugal André do Amaral, Chanceler mór da Ordem de São João de Jeruzalem, que havia sahido de Rhodes com uma esquadra de seis caravellas e quatro galéras da mencionada Ordem, e hateu o inimigo, apresando-lhe seis vasos, mettendo-lhe a pique cinco, e dispersando o resto, os quaes forão aportar a Alexandria e Damietta. O Califa mandou transportar as madeiras para o Cairo em camêlos, construiu-se uma frota de quatro Nãos, um galião, duas galéras, e trez galiotas, e nomeou para a commandar um de seus Emires por nome Hocem (ou segundo outros Mirocem) homem de merito, e que possuia a sua confiança. Nesta esquadra embarcaram mil e quinhentos Mamelucos, todos Christãos renegados, Hocem atravessou o mar Roxo, costeou a Arabia, e foi fundear em Diu, no Reino de Cambaia.

Melique-As Senhor de Diu o acolheu com a maior alegria, pelo olhar já como o Libertador da India. Melique-As Sarmata de origem nascido de pais Christãos era um homem de fortuna, havia sido capturado pelos Turcos que o tinham educado na religião mahometana, e pela continuação do tempo o venderam como escravo ao Rei de Cambaia. Ganhou Melique-As affeição do Principe pela habilitade que possuia de atirar bem ao arco, e de tal sorte soube insinuar-se no seu animo que obteve a sua confiança. Alcançando o governo de Diu e de algumas outras praças

no continente, tão habilmente manejou o espirito dos Mouros Asiaticos, e Europeos que fez de sua cidade um dos mais celebres emporios das indias, e se poz quasi ao nivel dos Reis do Indostão tanto pelo seu credito, como por suas riquezas.

Hocem, e Melique-As tendo unido suas forças, resolveram hir demandar os Portuguezes, e D. Lourenço de Almeida estava em Chaul, onde esperava vinte navios de Cochim que elle devia escoltar. Era então Chaul uma cidade de grande commercio, situada na margem d'um grande rio, duas leguas mais acima da sua foz, e a cincoenta da cidade de Diu; pertencia a Nizamoluc, um dos tyrannos, que tendo-se sublevado contra o Rei de Decan, se haviam erigido em pequenos soberanos nos districtos de seus respectivos governos. Era este Principe mui curioso de attrahir os estrangeiros a seus dominios e pela estima que lhe haviam merecido os Portuguezes, elle lhes abria seus portos.

D. Lourenço d'Almeida, que se persuadia não ter inimigos a temer, vivia alli em grande segurança, e passava o tempo em festas, correrias, e outros exercicios militares e de praser, quando correu o boato de ter chegado uma armada de Rumes a soldo do Califa, e que esta se achava já em Diu. Chamavão então na India Rumes aos Turcos Europeos, que se haviam estabelecido sobre os destroços do Imperio dos Gregos, que affectaram de chamar á sua capital a nova Roma, do mesmo modo que se appellidavão Francos, indistinctamente, todos os Latinos desde o tempo das empresas dos Francezes na Terra Santa, então das Cruzadas, cuja fama corrêra até ás extremidades da Asia.

Esta primeira noticia, que a principio não fôra mais do que um boato surdo e duvidoso, foi bem depressa confirmada a D. Lourenço d'Almeida por Lourenço de Brito, go-

vernador da cidadella de Cananor, a quem fôra participado por Timoja e pelo mesmo Vice-Rei, o qual para esse fim, fez partir para Chaul Pedro Cão com ordens para D. Lourenço d'Almeida hir combater esta armada, antes que ella podesse chegar a Calecut. D. Lourenço d'Almeida parecia-lhe inconcebivel que o Califa tivesse podido fazer passar uma esquadra do Mediterraneo para o Mar Roxo; sendo que o ultimo não comportava navios de grande porte, pelos muitos baixos que nelle existem, o muito menos acreditava que tivesse esta esquadra rodeado a Africa. Não obstante, D. Lourenço d'Almeida ordenou aos navios de Cochim, que activassem a sua carregação.

Entretanto a esquadra do Emir appareceu. D. Lourenço d'Almeida e seus Capitães nem ainda ao divisal-a se persuadiram que fosse a esquadra egypcia, antes acreditavão ser Afonso d'Albuquerque, que todos os dias era esperado; mas logo que ella começou a dobrar certo cabo, foi reconhecida por suas flamulas e pavilhões vermelhos e brancos semeados de meias luas escurecidas: Estava toda empavesada com bandeirólas de seda, como para uma divertida festa. Foi então que tudo se preparou seriamente, e houve ainda sufficiente tempo para se pôrem em estado de bem a receber. Os oito ou nove navios da esquadra de D. Lourenço d'Almeida convenientemente intervallados uns dos outros, tinham todos a popa voltada para a terra. D. Lourenço d'Almeida os deixou ficar nesta disposição, contentando-se em fazer avançar a capitania mais para o largo, e de collocar na sua frente um pouco mais longe no meio do rio Pedro Barrêto, não ficando entre os dous mais que o espaço sufficiente, por onde podesse passar a frota inimiga.

O Emir sobre as informações fieis que tivera da situação da frota portugueza se collocou na vanguarda para atacar o navio de D. Lourenço d'Almeida; o resto da sua es-

quadra o seguia. Aproximado ao inimigo deu uma terrivel descarga de artilheria, materias combustiveis, e de frechas; mas os Portuguezes lhe corresponderam tão vigorosamente, que elle se abrigou junto á cidade, esperando que Melique-As, que se achava na embocadura do porto, viesse auxiliá-lo.

O numero dos feridos era consideravel em ambas as esquadras; tanto o combate, ainda que de pouca duração, tinha sido vigoroso. A noite foi empregada em cural-os; e de manhã ao romper do dia, D. Lourenço d'Almeida se dirigiu aos inimigos. Batido por este e por Pedro Barrêto, um dos seus Capitães, Hocem se aproximou de terra, e como o seu navio era de borda mui alta, a guarnição fazia fogo a coberto, e de cima para baixo sobre o de D. Lourenço d'Almeida, que foi ferido por duas frechas. Tornou-se indispensavel afastar-se de um inimigo tão vantajosamente postado; mas os seus Capitães meteram a pique muitas galéras inimigas, e se serviram com tanta superioridade da sua artilheria, que obrigaram um grande numero de Mouros a deixar os seus navios lançando-se a nado para se salvarem em terra. Neste momento a victoria estava decidida a favor dos Portuguezes, o valor inconsiderado de Francisco de Nhaya lh'a fez perder. Elle saltou em seu batel, e perseguiu com a lança os Mouros que fugião. Daqui resultou que os outros não os imitaram, e que a maior parte d'aquelles mesmos que haviam abandonado os navios, voltaram com firme resolução de combater como desesperados. Por outro lado D. Lourenço d'Almeida não deu ouvidos aos Capitães que lhe aconselhavão mandasse incendiar os navios inimigos, mas sim os poupou na esperança de os apresentar a seu pai.

Foi então que appareceu a esquadra de Melique-As, com mais de quarenta embarcações de remos, e bem pro-

vida de artilheria. Elle tinha querido deixar soffrer a Homem os primeiros esforços dos contrarios, e não se apresentar senão em o momento decisivo.

A vista d'esta numerosa esquadra sobresaltou os Portuguezes; e para augmentar a sua critica situação, a cidade que até alli se conservára neutra, se declarou a favor dos inimigos.

Tendo a noite suspendido o ardor dos combatentes, D. Lourenço d'Almeida chamou seus Capitães a conselho; forão todos elles de opinião, que attendendo a seu pequeno numero e á multidão dos inimigos, á quantidade de feridos que tinham, e ao cansaço e fadiga dos outros, era de absoluta necessidade o retirarem-se. Foi a opinião mais geral do conselho, que tudo isto tivesse lugar logo no principio da noite. D. Lourenço d'Almeida, porém, e alguns outros de seus Capitães, não querendo que tal retirada tivesse visos d'uma fuga, obstinaram-se em não partir, senão um pouco antes de amanhecer. Os navios mercantes passaram sem novidade; seguiram-se-lhes os de guerra, porém D. Lourenço d'Almeida, que devia formar a retaguarda, tendo-se obstinado em querer levantar o ferro da capitania que estava junto da do Emir, em lugar de picar a amarra, os inimigos lhe perceberam o designio, e a sua lancha que levantava a ancora foi metida a pique. Então o piloto da capitania picou a sua amarra, mas já era muito tarde. O medo se apoderára d'elle, e do desejo que tinha de se afastar o mais possível do inimigo, que lhe fez perder o rumo da Náo, e hir direito á costa e encalhar. Melique-As que o perseguia de perto com as suas fustas, lhe fez um rombo á flor d'agua por baixo do leme; forão então inúteis os esforços de Pelagio de Sousa para a rebocar.

Nesta extremidade a gente de D. Lourenço d'Almei-

da só pensando na sua conservação instava para que se retirasse no batel, pois ainda era tempo; mas elle rejeitou esta proposição como ultrajante, e declarou mesmo que atravessaria com a lança quem lhe dêsse uma unica palavra a semelhante respeito. No entanto o seu navio hia soçobrando, e tinha setenta homens já fóra de combate; dividiu em trez corpos os trinta que lhe restavão, resolvido a fazer por toda a parte face aos inimigos, que raivosamente combatião aquella embarcação.

O ataque e a defeza erão igualmente terríveis, quando uma balla partiu uma perna a D. Lourenço de Almeida, e o arrojou por terra. O Joven heróe mandou que o levantassem, e o sentassem em um banco junto ao mastro grande. Só pensava em animar a sua gente, quando uma segunda bala veio varar-lhe o peito. O seu corpo foi escondido para não desanimar os soldados, que ainda sustentaram quatro consecutivas abordagens. A quinta os Mouros conseguiram tomar pé sobre a embarcação, a qual já se afundia, e aonde todos os homens que se achavão entre pontes, Christãos ou Musulmanos, morrêram afogados. Melique-As teve em fim piedade de uns inimigos tão valentes, e fez cessar a carnagem.

Nesta horrorosa acção distinguem-se mais, entre tantos rasgos de valor, dous Portuguezes; o primeiro era um môço pagem de D. Lourenço d'Almeida, o qual ferido em um olho por uma frecha, jámais abandonou o corpo de seu amo, e morreu sobre um montão de inimigos que sacrificára. Um marinheiro Portuguez natural do Porto por nome André Fernandes, ferido e privado da mão esquerda, se defendeu em uma gávea por largo espaço de tempo, até que Melique-As admirado de tão excessiva coragem, debaixo de juramento, lhe offereceu a vida que ac-

ceitou. O Vice-Rei não se esqueceu depois de o premiar, como era do seu dever.

Os vencedores foram muito mais maltratados que os vencidos; perderam seiscentos homens, e sómente cento e quarenta os Portuguezes; porém a morte de D. Lourenço de Almeida foi reputada como um acontecimento decisivo. Entre aquelles que os Mouros prantearam mais, foi o Santão Maimane, elle invocava Mafoma, e lhe pedia a victoria para os seus, quando foi atravessado de uma bala.

Hocem queria hir em seguimento dos vencidos; Melique-As não consentiu, e tratando os prisioneiros com a maior attenção, deu todas as providencias a favor d'aquelles que tinham ficado feridos. Tinha tenção de fazer enterrar D. Lourenço d'Almeida, mas nunca se poudo achar. Melique-As escreveu ao Vice-Rei, e intentou consolal-o pela consideração da gloria que seu filho espirando havia adquirido.

O desventurado Pai, entregue aos mais pungentes cuidados, tinha até alli esperado que seu filho ficasse em o numero dos prisioneiros; quando soube o seu fatal destino, conservou-se pelo espaço de trez dias na mais profunda tristeza, mas resignou-se, na deliberação de tomar uma justa e necessaria vingança. Os Mouros no entanto, odiando os Portuguezes, trahordavão d'alegria. Toda a India ressoava com a fama de sua victoria, e não se fallava de outra cousa senão do Emir e de Melique-As. Seus nomes eram celebrados em canticos, que se compunhão em seu louvor: todos os Reis e Principes do Indostão lhes enviavam Embaixadores para os cumprimentarem. Os povos exaltavão seus triumphos por meio de festas e de divertimentos; olhavão-nos como deuses tutelares, e acreditavão que estava chegado o momento de se libertarem dos Portuguezes.

O Vice-Rei fez immediatamente reunir as embarcações que se achavam em diversos pontos, e resolveu hir pessoalmente combater os inimigos da Nação Portuguesa. Felizmente permittiu o accaso que nesta occasião chegassem as fro-
tas dos dous annos antecedentes.

Foi em taes circumstancias que Affonso d'Albuquerque fundeou em Cochim com a sua esquadra. O Vice-Rei o recebeu com polidez, mas recusou entregar-lhe o governo da India, dizendo differia essa entrega para quando voltasse da expedição contra o Emir. Affonso d'Albuquerque se lhe offerceu para o acompanhar na qualidade de voluntario, e de-
baixo das suas ordens; elle lhe agradeceu friamente, e não condescendeu a este pedido.

D. Francisco d'Almeida sahiu finalmente de Cochim com 19 vasos de guerra, levando 1:300 Portuguezes e 400 Malabares. Depois de ter na derrota incendiado alguns navios de Calecut, logo que chegou á altura de Dabul, resolveo a castigar o Sabaio, a quem esta cidade pertencia, o qual mostrara em todas as occasiões sua parcialidade contra os Portuguezes, e havia ultimamente manifestado a maior alegria pela victoria do Emir, dirigiu-se de repente sobre a cidade, e veiu fundear em seu porto. Dabul situada junto de uma aprasivel e fertil montanha, sobre um rio largo e navegavel, a duas leguas de sua embocadura, era uma cidade vasta, bem construida, commercial, e populosa. O Sabaio a havia cercado de uma boa muralla e de um profundo fosso, e lhe tiuha addicionado em differentes pontos outras obras de fortificação, guardadas de boas baterias. Havia nella um governador, homem de reputação, com uma guarnição de seis mil homens, entre os quaes se contavão uns quinhentos Rumes Turcos ou Christãos renegados.

D. Francisco d'Almeida effeituou o desembarque; o Governador veio sahir-lhe ao encontro fóra da cidade com toda a sua guarnição, e se bateu corajosamente, morrendo como um bravo. O combate foi terrível; a final os inimigos forão completamente derrotados, e os Portuguezes levaram a cidade d'assalto. Alli se commetteram excessos de vingança, nem sexo nem idade forão exceptuados, e a esposa querida do Governador não poudo comprar a vida offerecendo o sacrificio de todos os seus thesouros. A lembrança se prolongou na India por largo espaço de tempo, e deu lugar a esta maldição proverbial: « *A cólera dos Europeos se estenda sobre vós como foi sobre Dabul.* » Para fazer acabar o saque e reunir os soldados, o Vice-Rei não viu outro partido mais do que incendiar a cidade.

Depois d'esta empresa e da destruição dos lugares vizinhos, o Vice-Rei foi procurar a esquadra de Hocem e da Melique-As.

No dia 3 de Fevereiro de 1509 teve lugar a grande batalha naval. Dado o signal começou o renhido combate. Nuno Vaz Pereira commandava a vanguarda das forças Portuguezas, e o Vice-Rei estava d'observação com metade da esquadra. As descargas de artilheria eram feitas com muita rapidez, e Hocem recebeu Nuno com desmedido valor. Tinha-o collocado entre dous fogos, quando Nuno fez atirar ao navio que auxiliava o de Hocem, e o varou de parte a parte á flôr da agua. Os Portuguezes conseguiram saltar em o navio inimigo: ao mesmo tempo Nuno tendo desatado o capacete para melhor respirar, foi por uma frecha ferido na garganta, e trez dias depois expirou. A sua ferida não causou consequencia alguma infeliz no valor da sua guarnição, e Francisco de Tavora saltou com a maior parte da gente em o navio de Hocem.

Combatia-se com o mesmo ardor em toda a parte. Os navios Portuguezes estavam atracados aos dos inimigos, excepto o de Jorge de Mello e o do Vice-Rei; comtudo, estes dous guerreiros não deixavão por isso de combater com valor. Mello perseguia em distancia duas embarcações de Cambaya, e D. Francisco d'Almeida metteu um navio a pique. Ainda que os Portuguezes tinham alcançado vantagem, a sua victoria comtudo não estava decidida, pois que de terra Melique-As fornecia ao seu alliado tropas frescas, e mutava ou feria aquelles que se lançavão a nado para escapar do combate.

Apesar de todas as precauções que se havião tomado para ter em segurança a vida do Vice-Rei, elle comtudo se viu em perigos imminentes. A cidade lhe desfechava a sua artilheria, em quanto muitos navios de Calecut, e de Melique-As o circulavão. Por longo tempo se configurou o seu navio abrasado, não cessando de fazer fogo de todas as baterias. D. Francisco d'Almeida corria de um extremo ao outro animando a equipagem, e dando-lhe o exemplo da maior intrepidez.

A victoria começou emfim a declarar-se pelos Portuguezes, logo que foi tomada a embarcação de Hocem. Elle conseguiu ganhar terra com a maior parte da sua gente, e se dirigiu á Côte de Cambaya, porque receava, não se sabe o motivo, que Melique-As o entregasse ao Vice-Rei. Os navios de Calecut, e os de Melique-As fugiram. Ruy Soares que os perseguia, fez uma acção corajosa, da qual foi testemunha toda a esquadra Portugueza. Lançou duas ancoras sobre dous navios inimigos, e os rebocou assim para a Náo do Vice-Rei. Aquella de Melique-As resistiu por longo tempo, e achando-se por toda a parte coberta de couros azeitados, não poudo ser tomada de abordagem; mas a caravella de Garcia de Sousa a metteu a pique, tendo-a varado á flôr d'agua.

Assim acabou esta sanguinolenta e porfiada batalha, aonde os Musulmanos perderam quatro mil homens. De mil e quinhentos Mamelucos de Hocem vinte e dous sómente conservaram a existencia; os outros combateram até serem feitos em pedaços. Sete navios forão tomados pelos Portuguezes, os quaes tiveram pequeno numero de mortos, e trezentos homens feridos.

No dia immediato á acção Melique-As pediu e obteve que se acabasse a guerra, entregando os prizioneiros de que se achava senhor, cedendo algumas galeras, e promettendo não facilitar mais asylo aos navios do Califa; porém foi de balde que os Portuguezes instaram para que lhes fossem entregues os soldados de Hocem que alli ficaram. Melique-As allegou sempre que não trahiria a sua palavra, e esta lealdade prova que Hocem suspeitando-o tinha pensado mal.

D. Francisco d'Almeida victorioso voltou a Cochim, e nesta viagem confirmou as pazes que tinhamos com o Rei de *Chaul*, de quem recebeu as páreas, dando-lhe carta de vassallagem: avistou-se com o Rei de *Onôr*, augmentou o tributo, que já pagava a Portugal: fez vassallo de Portugal o Rei de *Baticala*, e lhe impoz tambem tributo.

Os felizes acontecimentos do Vice-Rei não suavizaram seu animo respectivamente a Alfonso d'Albuquerque, pelo contrario tudo parecia tendente a exasperal-o mais, e não poucas scenas desagradaveis se passaram entre estes dois chefes: as cousas chegaram a ponto que o Vice-Rei deixando-se levar dos perniciosos conselhos de seus aduladores, lhe deu a voz de prêso, e o mandou assim para Cananôr. Havia já trez mizes que Alfonso d'Albuquerque se achava nesta situação, quando D. Fernando Coutinho, Marechal da Portugal, chegou a Cananôr com uma esquadra de quinze vélas e trez mil homens de peleja.

Acontecimento algum poderia ser mais agradável a Affonso d'Albuquerque. O Marechal era seu parente e amigo, e levava novas ordens d'El-Rei em seu favor. E' facil de conjecturar a indignação do Marechal, quando soube da propria bocca de Affonso d'Albuquerque a exposição circumstanciada d'estes acontecimentos; elle fez com que immediatamente fosse reconhecido Governador Geral da India, pois que levava para isso ordem d'El-Rei; em seguida o tomou a seu bordo, e o conduziu a Cochim.

O Vice-Rei recebeu o Marechal com demonstrações da maior estima, e não oppoz então difficuldade alguma em obedecer ás ordens da Côrte; pela sua parte, o Marechal fez quanto lhe foi possivel por congruar estes dous grandes homens, aos quaes sómente erão exprobraveis suas dissensões. Affonso d'Albuquerque pareceu esquecer o passado proceder de seus subalternos para com elle; mas mostrou-se difficil em reconciliar-se com o Vice-Rei, o qual não deixou de o conhecer; por que desde o momento em que lhe fez entrega do governo, retirou-se para bordo da sua Náo, e não tornou a desembarcar.

A maior parte dos Officiaes que se havião declarado contra Affonso d'Albuquerque seguiram o Vice-Rei para Portugal.

A esquadra de D. Francisco d'Almeida seguiu sua derrota com feliz viagem, e no 1.^o de Março de 1510 lançou ferro na Bahia da Aguada de Saldanha, proxima do Cabo da Boa Esperança.

Tendo alguns soldados hido a terra para tratarem com os Cafres a compra de gado e outras provisões, infelizmente por esta occasião promoveram-se rixas, sendo os Portuguezes pela pequenhez do numero obrigados a fugir para

bordo, perseguidos pelos Cafres com páus pedras e frechas.

D. Francisco d'Almeida mandava já levantar ferro para continuar sua derrota; porém instado pelos officiaes consentiu em desembarcar a tropa para castigar os Cafres. Travou-se o combate, os Portuguezes tendo que marchar debaixo d'um sol abrasador sobre areâes, bem depressa se viram fatigados ao ultimo ponto; pelo contrario os inimigos movião-se com a maior agilidade, e sendo continuamente reforçados envolveram os Portuguezes. Finalmente o vencedor de Hocem e de Melique-As, o Vice-Rei, que tinha por tantas vezes feito respeitar a nação Portugueza na India, foi victima d'esta empreza; uma lança d'arremesso sem ferro lhe atravessou a garganta. Perdeu-se nesta infeliz acção o Estandarte Real, e ficaram sobre aquelles areâes o Vice-Rei, 11 Officiaes, e 50 soldados mortos ás mãos dos Cafres os mais selvagens d'aquella costa, e sómente armados de pedras páus e frechas, de maneira que esta mal projectada acção foi mais fatal, que muitas outras em que se tratava de conquistar Reinos na India, sustentando o credito adquirido pelos Portuguezes.

FIM DO VOLUME II.

